UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

SAMIRA ADEL OSMAN

ENTRE O LÍBANO E O BRASIL: DINÂMICA MIGRATÓRIA
E HISTÓRIA ORAL DE VIDA

ORIENTADOR:
PROFº DRº JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY

São Paulo

2006

Vol. I

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**ENTRE O LÍBANO E O BRASIL: DINÂMICA MIGRATÓRIA E
HISTÓRIA ORAL DE VIDA**

SAMIRA ADEL OSMAN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: PROFº DRº JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY

São Paulo

2006

125 Anos da Imigração Libanesa para o Brasil

Selo Comemorativo dos Correios - 2005

Para o Camilo, pelo amor incondicional e cúmplice.

Para a Mayra, que é expressão desse amor infinito.

Agradecimentos

Como não poderia deixar de ser, os primeiros agradecimentos vão para o orientador desta pesquisa, Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, pela convivência alegre e prazerosa nesses dezesseis anos, num “mesmo barco, de ida e de volta”, no cruzamento de nossas histórias de vida permitido pela experiência da imigração e pela História Oral. Sua seriedade, competência acadêmica e compromisso estão refletidos na realização e conclusão dessa pesquisa. Nunca é demais agradecer pela oportunidade, confiança e apoio que me permitiram trilhar um caminho próprio, ao mesmo tempo em que tive em seu papel de orientador o porto seguro nos momentos de dúvidas e angústias.

Os agradecimentos se estendem aos colegas do NEHO, Núcleo de História Oral da USP, pela oportunidade de compartilhar a paixão pela História Oral. Em especial, agradeço à amiga Ana Maria Dietrich, companheira dessa jornada.

Da mesma forma, agradeço aos colaboradores dessa pesquisa que se dispuseram a ajudar-me relatando suas histórias de vida. Agradeço especialmente a Widad Ismail Mohamad El Kaderi, por me acompanhar nas entrevistas em Ghazzi; ao casal Alouan, em Sultan/Loussi; ao casal Pierre e Rita Riachy, pela indicação de colaboradores em Zahlé, assim como a Hannah Mustapha Ali Abou Jokh, por outras indicações nesta cidade. Em especial deixo meus agradecimentos a Salmen Ali Moussa El Kaderi, Nasser Alouan, Osman Kassim Abou Mrad e Ramiz Osman Abou Mrad por ativarem a ponte Brasil-Líbano sempre que necessitei.

Agradeço também ao casal Tatiana Jensen e Bruno Alves, pela acolhida durante o período de pesquisa realizada em Paris.

Oportunamente, deixo meus agradecimentos ao Instituto do Mundo Árabe, em Paris, pela oportunidade de pesquisa e acesso ao seu rico acervo.

Gostaria de deixar meus agradecimentos ao Centro Universitário SENAC, pelo apoio institucional, em especial à Biblioteca do Campus Santo Amaro, pela riqueza do acervo e gentileza dos funcionários. Agradeço à aluna Talitta dos Reis Araujo pelo apoio técnico na parte de informática.

Agradeço também à Jandira Lobo pela cuidadosa revisão do texto e pelas palavras de carinho e incentivo.

Não poderia deixar de agradecer à Família Osman, que também é uma família que vive nas contradições da imigração, pelo interesse e apoios constantes. Agradeço a

Soraia Adel Osman pelo apoio na tradução dos textos franceses; ao Iossef Ghassan Zeitoun e Carla Mancuso pelo auxílio na transcrição das entrevistas; ao Ali Ghassan Zeitoun pela confecção dos gráficos das redes de entrevistas; à Jalili Osman Zeitoun, pelo apoio durante a viagem ao Líbano. E, claro, agradeço especialmente a minha mãe, Sara Toufic Abou Jokh, pelo incentivo constante, por ter me acompanhado na viagem de pesquisa, e pelos dias de convivência inesquecíveis em nossa casa no Líbano. Conhecer o Líbano, *al bilad*, em três gerações (mãe, filha, neta) é o desejo de muitos imigrantes em relação a sua terra natal e tivemos a oportunidade de concretizá-lo.

Finalmente, devo agradecer à minha família: ao meu marido Camilo, pelo carinho, companheirismo, preocupações, incentivos e opiniões sempre pertinentes, que têm reforçado nossa união. E à minha filha Mayra, que nasceu e cresceu junto com essa tese, e me acompanhou durante as várias fases da pesquisa. Que o Líbano permaneça para ela como uma marca de memória e identidade.

“Eis-nos chegados ao fim do ciclo”, diz o Astrolábio. “Tuas pupilas pesam e teus membros se entorpecem . Deixa-me ninar teu sono próximo com uma história doce como o círculo do Eterno Regresso, como a promessa da aurora, sem cessar recomeçada após o Império das Trevas.”

“Embaralha esse monte de cartas, escolhe a Dama de Espadas e o Valete de Copas e deixa-me contar a sua história de morte e ressurreição...”

O Astrolábio do Mar

Chems Nadir

RESUMO

Essa pesquisa tem como tema central a História Oral de Vida de imigrantes libaneses e seus descendentes nascidos no Brasil, bem como de brasileiras não-descendentes, que empreenderam o retorno ao Líbano, cujo fluxo foi verificado com maior intensidade ao final da década de 1980. A problemática geral dessa pesquisa é verificar e analisar a concretização do retorno, a partir da análise dos fenômenos de readaptação e adaptação, reinserção e inserção, destacando-se as dificuldades, os dilemas e os conflitos decorrentes desse ato. Mais do que a ocupação de um espaço geográfico, devemos considerar que o retorno e restabelecimento nos vilarejos de origem significam uma apropriação (ou criação) cultural do lugar (aqui entendido em sua dimensão subjetiva), construindo-se sentimentos de identidade, de pertencimento ao grupo que, por meio de suas ações, controlam e influenciam pessoas, estabelecem relações, determinam valores e normas a serem seguidas. Considerando identidade e cultura como processos dinâmicos, em constante elaboração e reelaboração, há que se verificar que a reinserção e inserção ao país implicarão renúncias, escolhas e seleções, que serão negociadas pelo migrante em relação ao grupo de origem.

Palavras-Chave: Imigração Libanesa, Retorno, História Oral de Vida, Família, Líbano.

ABSTRACT

This research has as central subject the Oral History of Lebanese immigrants and their descendants borned in Brazil, as well as of Brazilians not-descendants, who had undertaken the return to the Lebanon, whose flow was verified with more intensity to the end of 1980's. The general problematic of this research is to verify the achievement of the return, from the analysis of the phenomena of readjustment and adaptation, (re) insertion and insertion, in order to distinguish the difficulties, the dilemmas and the decurrent conflicts of this act. More than the occupation of a geographic space, we must consider that the return and reestablishment in the villages of origin mean a cultural appropriation (or creation) of the place (understood here in its subjective dimension), constructing identity feelings, belonging to the group that, by of its action, controls and influences people, establishes relations, determines values and norms to be followed. Considering identity and culture as dynamic processes, in constant elaboration and rework, it is important to verify that the (re) insertion and insertion to the country will imply resignations, choices and elections, that will be negotiated by the migrant in relation to the group of origin.

Key-Words: Lebanese Immigration, Return, Oral History, Family, Lebanon.

SUMÁRIO**ÍNDICE****LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E FOTOS****RESUMO****ABSTRACT****INTRODUÇÃO****PARTE I****CAPÍTULO I****CAPÍTULO II****PARTE II****CAPÍTULO III****CAPÍTULO IV****CAPÍTULO V****PARTE III****CAPÍTULO VI****CAPÍTULO VII****CAPÍTULO VIII****PARTE IV****CAPÍTULO IX****CONSIDERAÇÕES FINAIS****REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS****ANEXO: ENTREVISTAS**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
Ponto de Partida.....	1
O Tema do Retorno.....	4
O Projeto de Pesquisa.....	6
A Opção pela História Oral	15
Estrutura da Tese.....	21
PARTE I: DO BRASIL PARA O LÍBANO.....	23
Jamil Moussa Yachouh.....	24
I- LÍBANO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	28
1.1 Identificações Geográficas.....	30
1.2 Breve Histórico.....	37
1.3 Movimento Emigratório e Retorno.....	42
II- TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	46
2.1 A Viagem para a Realização da Pesquisa: uma experiência inusitada.....	47
2.2 Percurso das Entrevistas.....	50
2.2.1 Ghazzi.....	52
2.2.2 Sultan/Loussi.....	65
2.2.3 Zahlé.....	74
2.2 Reordenamento das Redes.....	78
PARTE II: NO BRASIL.....	84
Emni Ahmad Ghazzaoui.....	85
III- O RETORNO: UM FÉRTIL CAMPO DE ESTUDO.....	90
3.1 Definição e Tipologias do Retorno.....	93
3.2 Outras Abordagens.....	103
3.3 O Retorno como Mito.....	105
IV- DO LÍBANO PARA O BRASIL: A EMIGRAÇÃO.....	108
V- DO BRASIL PARA O LÍBANO: OS MOTIVOS DO RETORNO.....	125
PARTE III: NO LÍBANO.....	157
Salmen Ali Moussa El Kaderi.....	158
VI- RETORNO E NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO.....	162
6.1 A Necessidade de Readaptação e Adaptação.....	164
6.2 O Papel da Família no Processo de Adaptação.....	185
6.3 Divisão Familiar.....	203

6.4 O Cotidiano.....	209
----------------------	-----

VII- O RETORNO COMO EXPERIÊNCIA: INSERÇÃO E REINSERÇÃO.....221

7.1 A Inserção Econômica.....	221
7.2 A Inserção Escolar.....	240
7.3 A Língua.....	246
7.4 A Religião.....	251
7.5 Casamento nas Gerações.....	263

VIII- A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA NO LÍBANO275

8.1 A Questão das Diferenças.....	277
8.2 A Questão do Preconceito.....	288
8.3 Construção de uma Identidade Brasileira no Líbano?.....	295
8.4 A Construção de uma Imagem do Brasil no Líbano.....	303

PARTE IV: ENTRE O LÍBANO E O BRASIL.....316

Enizete Aparecida de Souza Orra.....	317
--------------------------------------	-----

IX- LÍBANO OU BRASIL: UM NOVO RETORNO?.....324

9.1 A Memória do Lugar: o Brasil visto do Líbano.....	324
9.2 Um Novo Retorno?.....	327
9.3 O Brasil nos Sonhos.....	334

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....337

Ponto de Chegada.....	340
-----------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....343

ANEXO: ENTREVISTAS.....	352
Rede I- Libaneses: 1ª Geração.....	352
Rede II- Mulheres Descendentes: 2ª Geração.....	382
Rede III- Jovens Descendentes: 2ª e 3ª Gerações.....	424
Rede IV- Brasileiras não-descendentes.....	476

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E FOTOS

FIGURA 1: O LÍBANO.....	29
FIGURA 2: REGIÕES GEOGRÁFICAS DO LÍBANO.....	31
FIGURA 3: REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO LÍBANO.....	33
FIGURA 4: DIVERSIDADE RELIGIOSA DO LÍBANO.....	36
FIGURA 5: O GRANDE LÍBANO.....	39
FIGURA 6: O LÍBANO NO CONTEXTO MUNDIAL.....	46
FOTO 1: VISTA GERAL DE GHAZZI.....	52
QUADRO 1: ENTREVISTAS REALIZADAS- <i>GHAZZI</i>	63
GRÁFICO 1: REDE I- <i>GHAZZI</i>	64
FOTO 2: VISTA GERAL DE SULTAN/LOUSSI.....	65
FOTO 3: CASA EM LOUSSI.....	68
QUADRO 2: ENTREVISTAS REALIZADAS- <i>SULTAN- LOUSSI</i>	72
GRÁFICO 2: REDE II- <i>SULTAN/LOUSSI</i>	73
FOTO 4: VISTA GERAL DE ZAHLÉ.....	74
QUADRO 3: ENTREVISTAS REALIZADAS- <i>ZAHLÉ</i>	76
GRÁFICO 3: REDE III- <i>ZAHLÉ</i>	77
QUADRO 4: LIBANESES: 1ª GERAÇÃO.....	80
QUADRO 5: MULHERES DESCENDENTES- 2ª GERAÇÃO.....	81
QUADRO 6: JOVENS DESCENDENTES- 2ª e 3ª GERAÇÕES.....	81
QUADRO 7: BRASILEIRAS NÃO-DESCENDENTES.....	82
FOTO 5: ESTABELECIMENTO COMERCIAL.....	315
QUADRO 8: RETORNO DOS COLABORADORES AO BRASIL.....	340
FOTOS 6: COLABORADORES <i>GHAZZI</i>	552
FOTOS 7: COLABORADORES <i>SULTAN/LOUSSI</i>	554
FOTOS 8: COLABORADORES <i>ZAHLÉ</i>	555

INTRODUÇÃO

Ponto de Partida

*Fugindo da guerra que atingiu sua aldeia, a caravana seguiu temerosa.
As famílias juntaram seus pertences (tapetes, vestes, potes e vasilhas) e
atravessaram o Afeganistão rumo ao exílio.
Para trás ficaram seus mortos queridos, suas casas e plantações queimadas.
Na fronteira com o Paquistão a caravana parou porque o Velho não quis
continuar a fuga; ele se deteve e sua decisão foi irrevogável. Ninguém ousou
contradizer o ancião que desejava ficar à sombra das montanhas de sua
terra.
Ele se instalou num estrado, como o contemplamos agora, na sua solidão
evocativa.
Quis ficar apenas com o Alcorão e poesia.
(...)*

*O Velho ficou ali na fronteira entre dois mundos, entre o exílio e a guerra.
Continua lendo os livros sagrados e os poetas de seu povo. E aconselhando
os que o procuram.
O que ele diria a cada um de nós?
Ele nos convida a uma reflexão profunda sobre o tempo... Mestre da lentidão
e do silêncio.*

*O Velho aconselhou a um exilado:
-“Tua casa, teu país e tua história estão dentro de ti se os deixas entrar. Eles
te seguirão onde estiveres.”*

Ecléa Bosi (Universidade Aberta à Terceira Idade, 2004)

Essas palavras do “Velho Sábio” me tocaram no primeiro momento em que as li e me fizeram refletir profundamente sobre minha história pessoal, dividida desde sempre entre dois mundos: o Líbano, pátria de meus pais e de meus ancestrais, e o Brasil, minha pátria de nascimento e de criação.

Membro da segunda geração de imigrantes árabes muçulmanos, provenientes da região do vale do Bekaa, no interior do Líbano, estabelecidos no Brasil desde a década de 1950, convivi com familiares, parentes, amigos e outras pessoas dessa comunidade cujo ponto em comum era preservar hábitos, tradições e costumes numa terra estranha e

culturalmente diferente. Manutenção da língua, da religião, da educação, da alimentação e de casamentos internos foi a solução encontrada por esse grupo para evitar que sua origem, história, cultura desaparecessem durante o longo tempo que os distanciou de sua pátria.

O peso dessa dupla cidadania, de uma experiência vivida entre dois mundos culturalmente distintos, pesou sobre minha vida e marcou, inclusive, minhas opções acadêmicas de pesquisa. Durante o Mestrado, cuja dissertação intitula-se *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar*, realizado entre os anos de 1993 e 1998, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, essa influência fez-se sentir, profundamente, da concepção do projeto aos resultados alcançados. Nessa pesquisa estive preocupada em abordar o processo migratório árabe em relação às questões de assimilação e adaptação à nova pátria, como também manutenção e preservação de marcadores culturais de origem, tanto do grupo cristão quanto do muçulmano, em duas gerações aqui estabelecidas.

Os resultados da pesquisa foram positivos, dos pontos de vista acadêmico e pessoal. Foi a partir desses resultados que também surgiu uma idéia inicial para a continuidade da pesquisa, aprofundamento e a elaboração de um projeto para o Doutorado. Se a preservação dos valores culturais foi uma preocupação constante para esse grupo, retornar ao seu país para alcançar esse objetivo foi intenção de alguns desses membros e concretização por parte dos outros.

Em minha família a idéia do retorno ao Líbano sempre esteve presente, já que a imigração era vista como uma etapa provisória, com a finalidade acumular recursos econômicos para voltar ao país e se restabelecer e se reinserir novamente na comunidade.

Várias viagens foram empreendidas, terras foram adquiridas e - concretização maior da idéia do retorno - uma ampla casa foi construída no Líbano. No entanto, os sucessivos conflitos civis e externos em que o Líbano esteve envolvido por longas décadas, o enraizamento cada vez mais profundo no Brasil com o casamento das filhas mais velhas e o nascimento de netos, além do investimento na educação de outros filhos levaram ao adiamento do retorno provisoriamente até que, aos poucos, pudesse se tornar definitivo.

A ligação com o Líbano, entretanto, permanecia presente, tanto pela existência de parentes e pela preocupação com os conflitos em que o país mergulhava, como ainda por retornos ocasionais de familiares. Essas viagens foram marcadas pela nostalgia, pelo

lazer, pela realização do casamento do único filho, pelo término da construção da casa, e até por uma intenção cada vez mais presente de viver novamente em sua pátria, mesmo que os filhos, crescidos, já não os acompanhassem.

O Líbano sempre foi, para minha família, um espaço paradoxal. Distante pela questão geográfica e pela divisão oceânica entre os dois mundos. Distante pelos relatos maravilhosos feitos sobre essa terra que a situavam no reino do longínquo e do fantástico, como um verdadeiro conto de fadas... *Era uma vez, numa terra distante...*, bem poderia ser o início desses relatos feitos sobre a terra natal. A distância fazia dela também uma terra maravilhosa, única, especial, de pessoas hospitaleiras, de segurança e de calma para se viver entre os iguais com mais liberdade, de cheiros e sabores especiais e únicos, de uma natureza privilegiada, de uma fartura alimentar e de uma alegria infinita.

Ao mesmo tempo uma terra próxima, marcada pelos conflitos internos, pelas sangrentas guerras, pelos violentos massacres. Próxima pelo movimento de pessoas que traziam informações vivas, que iam além dos rápidos e frios noticiários. Próxima pela correspondência e gravações em cassete feitas entre os dois lados, demonstrando a afeição, a saudade e a nostalgia, e mesmo resolvendo mal entendidos e conflitos¹.

Proximidade e distância também marcaram o intervalo de tempo entre o Mestrado e o Doutorado. Em 1998 finalizei meu Mestrado e só retornei ao Doutorado em 2002, por questões pessoais e profissionais. Ter adiado minha pesquisa acadêmica não significou estar distante de leituras pertinentes, de seleção de material, dos debates cada vez mais profundos no campo da História Oral. Ao contrário, permitiram-me o amadurecimento de minha proposta e a concretização de um projeto mais elaborado.

O ano de 2002 marcou meu retorno efetivo à Universidade, como aluna regularmente matriculada, e ainda ao grupo de pós-graduação do NEHO-USP (Núcleo de Estudos em História Oral), cujas leituras, debates, sugestões têm sido um sólido e fértil espaço de discussão. Clássicas e novas leituras, a partir de outro olhar e com outras perspectivas e preocupações, colocaram em destaque o dinamismo da História Oral e ampliaram sua relação com outros campos de estudo. Destaco aqui duas obras que nortearam esse trabalho, da autoria de Bom Meihy: *Manual de História Oral*², em

¹ Sayad aponta que os grupos emigrantes dispõem de uma série de instrumentos de interlocução entre os indivíduos, destacando-se as mensagens orais entregues aos intermediários, cartas e a mensagem gravada em cassete. Ver: SAYAD, Abdelmalek. "Da mensagem oral à mensagem gravada: a comunicação com o ausente". In: Idem. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: EDUSP, 1998, pp. 137- 171.

² BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. SP: Loyola, 2005, 5ª ed.

suas sucessivas edições e com o objetivo a que se propõe de ser um manual, e *Brasil Fora de Si*³, que põe em questão as várias possibilidades de se trabalhar com História Oral numa comunidade de brasileiros no estrangeiro.

A partir daí passei da elaboração de um projeto de pesquisa para a concretização deste trabalho, a tese ora apresentada.

O Tema do Retorno

Na mitologia grega encontram-se as melhores referências relacionadas à questão do mito que cerca a idéia do retorno, sobretudo na história de Ulisses, herói da Guerra de Tróia.

A *Odisseia*, de Homero⁴, narra as viagens e as aventuras de Ulisses em duas etapas principais, divididas cada uma em nove episódios: a primeira trata dos acontecimentos que afastam o herói de casa, enquanto a segunda descreve as aventuras e as dificuldades para o seu retorno ao lar. Paralelamente a esse enredo principal é desenvolvido um tema secundário sobre a vida na casa de Ulisses durante sua ausência, e o esforço de sua família para trazê-lo de volta a Ítaca.

A figura de Ulisses representa o mundo masculino cercado de aventuras, dificuldades e destreza, enquanto a figura de sua esposa Penélope, que se mantém fiel ao marido e à crença de seu retorno, representa o mundo feminino e sua responsabilidade na manutenção da união da família e da integridade do lar.

A ausência de Ulisses durou vinte anos, tendo permanecido por dez em Tróia e durante os outros dez singrou os oceanos, naufragou, perdeu seus companheiros e, sozinho, enfrentou tempestades, monstros, feiticeiras, deuses irados, deusas apaixonadas, num périplo composto de azares, obstáculos e atitudes heróicas, até alcançar seu objetivo: retornar a Ítaca, onde o esperavam sua esposa, seu filho e seu pai.

Seu retorno também foi marcado por uma prova para seu pleno reconhecimento e aceitação. O retorno de Ulisses não significou poder prontamente reassumir seu lugar e seus domínios: foi colocado à prova, foi testado e teve que demonstrar que era parte daqueles domínios.

Disfarçado de mendigo, Ulisses participou de desafios e os venceu para merecer a mão da paciente e intrigante Penélope, que assediada por inúmeros pretendentes

³ Idem. *Brasil Fora de Si*: experiências de brasileiros em Nova York. SP: Parábola, 2004.

⁴ HOMERO. *Odisseia*. SP: Abril Cultural, 1979.

tornou-se criadora de uma série de artifícios para burlar essas intenções. Ulisses, por meio de heroísmos e atitudes burlescas, foi pouco a pouco vencendo seus inimigos, sendo finalmente reconhecido, aceito pelos familiares (pai, esposa, filhos, e até mesmo seu cão, que o aguardava para morrer) e reinserido ao seu lugar por direito.

Por que Ulisses voltou em vez de se deixar seduzir e se entregar ao canto das sereias? Por que Ulisses teve que passar por tantas provas para ser reconhecido, aceito e reintegrado ao lar, se já era parte dele? Tais provas são formas de autopunição pela culpa tanto pela partida quanto pelo prolongamento da ausência?

Compreender o retorno em sua complexidade, e não apenas como um movimento entre ponto de partida e ponto de chegada, tanto como possibilidade quanto impossibilidade, como esperança ou frustração, como inserção ou exclusão, faz o estudo dessa temática um homérico desafio.

O tema da volta, do ponto de vista do herói na concepção mitológica grega, é um reencontro com o local de origem, é o direito de reassumir sua posição diante dos seus e de sua comunidade, é a possibilidade de retomar o lugar deixado vago pela partida, e é também a compensação pela ausência provocada por essa mesma partida. É a volta à normalidade, a um passado que se pensa ser possível alcançar, ao atendimento das expectativas daqueles que esperam pelos que partiram e a expiação da culpa.

A necessidade que tinha Ulisses de provar quem ele era sugere que aquele que volta já não é mais o mesmo, nem para si próprio, nem para aqueles que o esperavam, familiares, amigos, companheiros. O retorno é a comprovação dessa mudança, de que nada mais é como era antes, e pode também se traduzir como uma experiência de desengano, de fracasso, de melancolia, de desencantos e de perdas irreversíveis.

O retorno, como projeto, é sonho, desejo, esperança, necessidade. Como realidade pode se converter em desilusão, decepção, engano, falha, ou até mesmo em impossibilidade de concretização.

Não seriam os retornados da imigração de nossos dias os modernos Ulisses, que vivem entre o mundo da ausência de sua terra e o desejo de reintegração à sua família? Quantas modernas “Penélopes” aguardam o retorno de seus companheiros lutando pela união de sua família, zelando por sua casa, honra e nome? Quantos deles devem lutar para plenamente serem aceitos e reintegrarem-se à sua comunidade?

Não poderia deixar de realizar um paralelo com outro retorno: o de Martin Guerre, na celebrada obra de Natalie Zemon Davis, cujo relato divide-se no retorno de um falso e de um verdadeiro protagonista, numa disputa recheada de deserção, desejos,

decepção, luta pela identidade, e as escolhas e as decisões de uma mulher num mundo masculino.

O retorno do falso Martin Guerre leva-o a forjar uma nova identidade e a construir uma nova vida em “sua” aldeia por meio da aceitação de sua presença pela comunidade, familiares, esposa e filhos.

A aceitação inicial pela família e vizinhos do falso Martin era justificada, pois:

...desejava-se seu retorno a Artigat, de uma maneira talvez ambígua, pois aqueles que voltam sempre frustram certas esperanças e desfazem o equilíbrio de poder, mas, de um modo geral, sua aparição respondia a uma expectativa. O herdeiro e chefe de família Martin Guerre retomara seu lugar.⁵

Em que momento ocorrem a decepção, a desconfiança e a rejeição do “falso” Martin e sua substituição pelo “verdadeiro”? Passadas as surpresas e alegrias iniciais, é necessário viver a realidade, driblar o cotidiano, aceitar as diferenças e integrar-se à ordem estabelecida. Como os nossos modernos “Martin Guerres” enfrentam essa expectativa inicial da plena aceitação e caem na dura realidade do dia-a-dia, deixam de ser novidade e passam a ser colocados constantemente à prova de que de fato fazem parte dessa comunidade? Como essa volta é vivida e interpretada pelos que aceitaram esse desafio?

Essas são algumas das questões que pretendo abordar ao longo da presente pesquisa, cuja questão da volta, inaugurada na tradição literária ocidental com as aventuras de Ulisses, marca uma temática atual: o retorno, tanto dos pródigos quanto dos previdentes.

O Projeto de Pesquisa

Durante a realização da Dissertação de Mestrado, defendida em 1998 no Departamento de História da FFLCH- USP, sobre o tema “Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar”, sob orientação do Profº Sebe, contemplou-se o estudo da imigração desse grupo, na primeira e na segunda gerações, a partir dos aspectos que compuseram a peculiaridade desse processo imigratório, a saber: a divisão religiosa (cristãos e muçulmanos), os processos de adaptação e integração à sociedade brasileira, a reorganização da vida familiar no país da imigração, entre outros.

⁵ DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. SP: Paz e Terra, 1987, p. 62.

Dentre muitos aspectos levantados com a análise das entrevistas, o que se destacou particularmente como um ponto comum dos relatos tanto na primeira como na segunda geração, dos dois grupos religiosos, foi a questão do **retorno**, seja do ponto de vista do imigrante que concretizou esse projeto em forma de visitas (ou apenas em uma única), seja em tentativas de se restabelecer em seu país de origem, ou ainda como um sonho nunca concretizado.

O retorno também se apresentou como possibilidade para a segunda geração, que viu nesse processo, num caminho inverso ao de seus pais, a reedição dos projetos iniciais de uma imigração provisória, de um retorno garantido, de permanência e continuidade das tradições na terra de origem, de uma forma de amenização dos conflitos culturais entre as gerações, vividos tanto da primeira para a segunda geração, como também da segunda para a terceira.

Pouco depois da conclusão da dissertação, chamou-me a atenção na Seção Pánel, do jornal Folha de S. Paulo, de 5 de dezembro de 1998, uma pequena nota. O texto “Esforço Inútil” é transcrito a seguir:

O deputado federal Ricardo Izar (PPB-SP) foi na semana passada ao Líbano, como representante brasileiro na posse do presidente Emile Lahoud.

Izar chegou ao país no domingo, dois dias antes da cerimônia, e soube que passaria o dia seguinte em uma cidade com cerca de 5.000 habitantes, Sultani, perto da capital, Beirute. Ao saber que não teria intérprete, Izar, que só fala um pouco de árabe, desesperou-se e disse ao embaixador Sérgio Teles:

— Em que língua vou falar? Vai ser difícil achar alguém que fale pelo menos inglês lá.

Ainda exausto da viagem, Izar resolveu varar a noite revendo seu livro de árabe.

Quando chegou a Sultani, foi recebido pelo prefeito, que falava um português claro.

— Onde o senhor conseguiu essa fluência? — perguntou surpreso.

E o prefeito:

— Nasci no Brasil. Eu e meia cidade (repleta de ex-emigrantes e filhos que voltaram do Brasil).

Tal nota, que bem poderia passar por anedota, levou-me a questionar: como vivem “o prefeito e meia cidade de Sultani” e de outras tantas cidades do Líbano, repletas de retornados e seus filhos que voltaram do Brasil? Essa situação remeteu-me imediatamente à questão do retorno, presente em todas as dezessete entrevistas realizadas com os imigrantes e seus descendentes para minha Dissertação de Mestrado, como um projeto remoto, embora sempre desejado, ou como tentativas concretas de reinserção ao país de origem.

Se nenhuma imigração é igual a outra, embora aparentemente ela assim pareça em relação aos motivos que a engendraram, cabe aqui dizer que a imigração árabe caracterizou-se desde a sua concepção como um ato provisório, e a intenção do retorno como condição para a concretização desse ato.

A migração desse grupo apresentou-se como uma etapa transitória visando ao acúmulo de capital no Brasil e ao retorno ao país de origem para aplicar os recursos obtidos na melhoria das condições de vida da família. No entanto, as dificuldades apresentadas a esses imigrantes logo de início levaram à conclusão de que a imigração tornava-se um caminho de mão única, enquanto o retorno passava de projeto inicial para uma remota possibilidade. O retorno possível, o restabelecimento na terra natal, a reorganização familiar se traduziram como sonhos impossíveis de ser alcançados à medida que a permanência no novo país se transformava de provisória para definitiva.

Os que migraram com toda a família e mais tarde trouxeram outros membros, como pais idosos e irmãos solteiros, se conscientizaram desde o princípio de que a vinda era definitiva, pois a falta de raízes ou de familiares que solicitassem a presença impossibilitava o retorno e a reinserção ao país. Mesmo o retorno, em forma de visitas, foi impossível em alguns casos, quer pelas dificuldades econômicas quer pela inexistência de um elo que servisse de fator atrativo:

"Do Líbano também só me restam as lembranças, que são muito boas... Não tive oportunidade de voltar para lá, mesmo porque já não há ninguém mais da minha família que eu pudesse rever..."

Georges Hanna Khamis (Rede II- 1ª Geração)⁶

Apesar dessa constatação, o desejo, não mais que uma saudade doída, alimenta uma possibilidade mesmo que remota de retornar ao país, num sonho idílico de volta às raízes, de um último desejo a ser concretizado ao final da vida:

"Eu tenho vontade de voltar um dia para o Líbano, a minha terra querida que sempre me enche de saudade... O meu filho Sabbah sempre me dá esperança de que esse dia vai chegar... Mas o tempo vai passando, passando e esse dia continua sempre tão distante..."

Chafica Aboumekana Mouiakel (Rede II- 1ª Geração)

⁶ Os trechos das entrevistas identificadas como Rede I e Rede II fazem parte de minha Dissertação de Mestrado, e foram compostas da seguinte forma: Rede I, imigrantes libaneses muçulmanos (1ª Geração) e seus descendentes (2ª Geração) e Rede II, imigrantes libaneses cristãos (1ª Geração) e seus descendentes (2ª Geração). OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar*. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, 1998, 2 volumes.

Para os que vieram jovens e solteiros, essa consciência das dificuldades do retorno e do restabelecimento no país tardou um pouco a se concretizar. À medida que esse sonho se distanciava, acabava-se por optar pela organização de uma estrutura familiar no país de imigração, através do casamento e da criação dos filhos.

Embora o projeto de retorno imediato, devido às dificuldades encontradas, tivesse sido adiado por um longo período, o objetivo inicial permaneceu latente e nas primeiras oportunidades esses retornos ocorreram.

O retorno desses imigrantes vinha acompanhado do desejo de viver novamente no país natal, levando a uma viagem de um dos membros para avaliação dessa possibilidade ou para a aquisição de propriedades, numa tentativa de reintegração ao local deixado e como forma de melhor criar os filhos:

"Em 1969, o meu marido resolveu ir ao Líbano... Era a primeira vez que ele voltava e estava indo com a intenção de ver como estava a situação e se havia condições de viver em nossa terra novamente... Investimos nosso dinheiro comprando lotes de terra em Ghazzi..."

Sara Toufic Abou Jekh (Rede I- 1ª Geração)

Mesmo com essa intenção de restabelecimento no país, a realidade se apresentou como um dificultador da permanência: a escassez econômica, a falta de perspectivas, os conflitos político-religiosos foram problemas que continuaram existindo e impossibilitando a reintegração.

A própria organização de uma estrutura familiar no país de imigração era mais uma impossibilidade que se apresentava ao imigrante, pois a preocupação com a educação dos filhos, a estabilidade econômica alcançada, a aquisição de propriedades e o trabalho dificultavam e ressaltavam a desestruturação na organização familiar (no caso, da família grande) provocada pela imigração:

"Para mim esse retorno foi como mexer numa ferida que estava cicatrizada e fazê-la sangrar novamente... Porque eu tinha que voltar para o Brasil, onde estava a minha família, e mais uma vez abandonar os parentes... Eu me sentia dividido entre meus pais e irmãos, de um lado, e minha esposa e filhos, de outro..."

Mohamad Toufic Abou Jekh (Rede I- 1ª Geração)

A própria falta de identificação com o local e com as pessoas demonstrava que o desenraizamento era uma realidade dura a ser enfrentada:

"Foi bom voltar para o lugar de onde você é, mas depois que você saiu nunca mais é a mesma coisa... Pelo seguinte: eu não conhecia mais ninguém que vivia lá, porque os meus amigos, da minha faixa de idade, eram imigrantes também que vieram na mesma época que eu..."

Ahmed Ali Kadri (Rede I- 1ª Geração)

O desenraizamento, a falta de identificação, a sensação de não pertencer mais à cultura de origem evidenciaram a desestruturação da organização familiar original. Foi essa falta de referência entre o imigrante e os que permaneceram que impediu o retorno e mesmo a integração definitiva ao novo país:

"Uma coisa muito engraçada, e triste ao mesmo tempo, que eu constatei em meu retorno, foi uma perda de identidade, uma sensação que você, como imigrante, não faz parte de lugar algum... Quando cheguei aqui no Brasil me chamavam de 'turco' e quando voltei para o Líbano me chamavam de 'brasileiro'... De uma forma ou de outra, você é isso: um estrangeiro..."

Mustapha Mohamad Rajab (Rede I- 1ª Geração)

Se na primeira geração o retorno significou uma tentativa frustrada de reintegração ao país, na segunda geração significou uma forma de buscar esse contato em forma de visitas para conhecer o país e os parentes, para a realização de casamentos, e mesmo como tentativa de viver no Líbano, reeditando os projetos iniciais dos pais:

"Eu e meu marido também temos um projeto de viver no Líbano (...) Às vezes achamos até que será mais fácil para criar nossos filhos lá, longe de tantos problemas de violência e drogas, como também para estar mais perto desses costumes que nós prezamos tanto..."

Não sei se isso é o melhor ou não e quanto mais o tempo passa nos vemos enraizados aqui... Eu penso até que estou cada vez mais parecida com os meus pais nessa questão, mas assim como eles eu vou adiando sempre esse projeto..."

Noah Osman Turk (Rede I- 2ª Geração)

Além de concretizar o desejo de conhecer a terra natal dos pais, esse retorno pode também ter um caráter de "retorno às origens" como forma de buscar o mito da descendência e de um passado distante, apenas ouvido em relato, nunca vivenciado:

"...A vontade da minha mãe é que um dia possamos ir juntos ao Líbano, para que ela nos mostre a terra natal, conhecer sobre a origem dos meus avós, percorrer as belezas da região, provar da uva, das avelãs e das nozes... Ela fala tanto nisso que o meu interesse por conhecer o Líbano sempre foi muito grande!"

Fábio Nader Azar (Rede II- 2ª Geração)

Nos primeiros contatos da segunda geração com o Líbano, os sentimentos que afloraram foram tanto de decepção de encontrar um país procurando cuidar de suas feridas após ter sido devastado por uma longa guerra, como da emoção de vivenciar os relatos ouvidos na infância e conhecer muito mais da terra natal, oportunidade que os próprios pais não tiveram:

"... você quer conhecer as suas raízes, as terras dos seus pais e avós, ver os parentes dos quais você só ouviu falar, visitar os lugares que sempre nos foram contados com muito carinho e saudade..."

Lamia Mustapha Rajab (Rede I- 2ª Geração)

Esse contato com a terra natal proporcionado à segunda geração levou também a uma compreensão da experiência do desenraizamento vivida pelos pais e à necessidade decorrente de se preservar na imigração esse modo de vida tão distante mas sempre presente:

"Nesse momento, eu me coloquei no lugar do meu pai e fiquei pensando como a vida dele foi extremamente triste... Largar a mãe que nunca mais voltou a ver, ficar a maior parte da vida longe da sua terra, sufocar a saudade e as lembranças... É muito duro..."

Mohamad Nassib Saleh Kadri (Rede I- 2ª Geração)

A questão do retorno ao país de origem, tanto na primeira quanto na segunda geração, parece ser o elo mais contundente no diálogo entre essas gerações e as expectativas criadas para as gerações futuras. O que podemos verificar é que a imigração levou a um enraizamento desses membros e seus descendentes no novo país, sem que ocorresse, ainda assim uma ruptura total com o cordão que os unia ao país de origem. E o que dizer sobre aqueles que realizaram o sonho impossível, concretizando o retorno? Como vive "o prefeito e meia cidade de Sultani" e de outras tantas cidades do Líbano, repleta de imigrantes retornados e seus filhos que voltaram do Brasil?

Para esta pesquisa, a **problemática geral** levantada foi verificar e analisar a concretização do retorno empreendido por imigrantes e seus filhos e ainda apenas pelos filhos de imigrantes, a partir da análise do fenômeno de reinserção e inserção,

destacando-se os dilemas e conflitos decorrentes desse ato. Interessa-me particularmente verificar o retorno a partir da perspectiva levantada por Sayad:

O retorno é para o próprio imigrante, mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva; portanto, uma temática da memória que não é somente uma temática da nostalgia no sentido primeiro do termo, a algia do *nostos* (a dor do retorno, a saudade da terra), um mal cujo remédio se chama o retorno (*hostos*). A nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado descobre-se que ele não é a solução: não existe verdadeiramente retorno ao idêntico...⁷

E mais adiante:

Só se deixa o grupo para melhor reencontrá-lo; e, se possível, no mesmo estado, ‘tal como a eternidade o congelou’, fixou-o de uma vez por todas. Reencontrá-lo como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse mudado durante a ausência – é a ilusão da qual se alimenta a nostalgia- e sobretudo, como se ter partido por tanto tempo não houvesse mudado em nada o emigrante que retorna, no fundo, não para reencontrar, como imagina, as coisas como as tinha deixado, mas para se reencontrar a si mesmo, tal como era (ou acreditava ser) quando partiu: é desta outra ilusão que freqüentemente participa a decepção engendrada pelo retorno...⁸

Será este o caso dos imigrantes que retornaram e não se adaptaram ao seu país? Um número razoável de imigrantes que, ao retornar à terra natal e não se adaptar (por diversos motivos), retomou o processo de emigração reeditado na divisão da família (agora deixando mulher e filhos na terra natal) e na busca de melhores condições de vida expressas, sobretudo, na questão econômica.

A imigração impôs a necessidade de adaptação à sociedade receptora e, ao mesmo tempo, de preservação dos valores culturais trazidos da sociedade de origem, mas como entender o processo de reemigração? Adaptação à sociedade de origem e preservação de valores adquiridos na sociedade receptora, num processo reverso? Imigrante em seu próprio país? Estrangeiro em sua terra natal? A reinserção ao seu país como uma realidade ou como ilusão impossível de ser concretizada?

Como apagar as influências, mudanças, transformações decorrentes de uma vida em outro país? Como apagar a vida vivida em outra sociedade, em outro mundo, com outros códigos e valores, para se reintegrar novamente na vida anterior à emigração? As marcas deixadas pela imigração, incontáveis e inevitáveis, conscientes ou inconscientes, estarão presentes também nessa tentativa de reintegração à terra natal. E o que dizer

⁷ SAYAD, Abdelmalak. “O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante”. *Travessia: Revista do Imigrante*. Publicação do CEM, ano XIII, número especial, jan/2000, p. 12.

⁸ *Idem*, p. 12.

então dos filhos de imigrantes, que se criaram entre as duas culturas, que se sentiam brasileiros mesmo sendo filhos de árabes, vivendo agora na terra de seus pais, seja por imposição do retorno destes, seja por um retorno como uma escolha própria? Semelhante ou diferente? Nacionais ou imigrantes? Viver o mesmo processo de integração e assimilação, com os mesmos conflitos e as mesmas dimensões já vividos e sob quais impactos?

Os temas levantados em relação à primeira geração de imigrantes que retornaram à sua terra natal se concentraram nos seguintes aspectos:

- o retorno como a concretização do desejo ligado ao próprio ato de emigrar e/ou como decorrente de outras necessidades (econômicas, familiares);
- o retorno concretizado e/ou uma nova emigração;
- o retorno como intenção de reabilitação do imigrante, à sua cultura, sua linguagem, sua religião, sua família, suas tradições, sua pátria, numa redescoberta de si e de seu país;
- a reintegração ao país de origem como uma facilidade ou uma dificuldade;
- o processo de reinserção ao país: modos de vida, modos de pensar e agir, comportamentos, atitudes, sobretudo do ponto de vista das experiências cotidianas;
- a reorganização da vida familiar, tanto da família conjugal quanto da família grande e da parentela;
- o retorno como afirmação da identidade.

O retorno é um dilema presente para os imigrantes, mas como pensar nesse processo para os filhos de imigrantes, brasileiros, membros da segunda geração que retornaram à pátria de origem de seus pais? Neste caso, para a segunda geração os temas levantados se concentraram nos seguintes aspectos:

- os motivos do retorno como um desejo pessoal, como imposição dos pais (o retorno como forma de correção aos “desviados”) e/ou ainda como um projeto para a terceira geração;
- o retorno de filhos e filhas a partir de uma perspectiva profissional e/ou familiar (casamento);

- as dificuldades de adaptação encontradas, do ponto de vista das semelhanças e diferenças em relação ao grupo;
- os conflitos culturais: acomodação, assimilação, aceitação ou rejeição;
- a questão da identidade: brasileiros ou árabes?, nacionais, imigrantes ou estrangeiros?;
- a terceira geração: dilemas e conflitos, aspectos dificultadores e/ou facilitadores de inserção, aceitação e/ou rejeição ao novo modo de vida.

Um ponto em comum analisado em ambas as gerações é a questão da identidade e memória. O imigrante que retornou ao seu país não encontrou as mesmas condições e características culturais que deixou ao partir e nem retornou da mesma forma. Vivendo num país de imigração, com toda resistência às mudanças, o imigrante fez renúncias, escolhas e seleções de valores culturais levados e adquiridos.

Como o retorno ao país de origem foi sentido e vivido por essas pessoas? Considerando identidade e cultura como processos dinâmicos, em constante elaboração e reelaboração, há que se considerar que a reinserção ao país implicou novamente renúncias, escolhas e seleções, que foram negociadas pelo imigrante em relação ao grupo no qual se inserirá novamente.

E no caso da segunda e da terceira gerações? Talvez o processo tenha sido semelhante ao vivido pelos pais na imigração e implicou as mesmas dificuldades? Considerando que foram criados como filhos de árabes no país natal, com todas as implicações decorrentes (manutenção dos costumes, negociação de valores, adaptação de hábitos e costumes, vida entre duas fronteiras culturais) é inevitável que estes grupos estejam também passando por esse mesmo processo de elaboração de sua identidade, a partir de impactos e de choques culturais entre o “velho” (vividos na pátria de origem, o Brasil) e o “novo” (a ser adquirido na pátria de seus pais).

No diálogo entre as gerações, preocupou-me também verificar a questão familiar, tema norteador de minha Dissertação de Mestrado, do ponto de vista dos projetos desejados, da possibilidade de sua concretização, das dificuldades encontradas e, sobretudo, da definição de qual é esse projeto.

Trata-se, portanto, de compreender o retorno como um fator intrínseco ao projeto de imigração, e não somente motivado por dificuldades conjunturais no país adotado pelo imigrante. O retorno, como condição inerente ao próprio ato de

emigrar/imigrar, apresenta-se como um objeto de estudo de grandes dimensões, merecedor das atenções dos estudiosos dos assuntos relativos à migração.

A Opção pela História Oral

Os estudos sobre a problemática do retorno ainda são relativamente recentes no contexto da produção mundial das pesquisas dedicadas ao tema, mas já se pode delinear uma preocupação com as questões metodológicas, de acordo com as diferentes áreas de conhecimento.

Inicialmente ressalto que o tema do retorno tem sido contemplado do ponto de vista dos estudos sociológicos, antropológicos e da geografia humana, cuja preocupação de análise concentra-se no processo de retorno em si, ou seja, na experiência do deslocamento e do estabelecimento no país de origem. Há ainda uma preocupação com as questões referentes ao processo de mobilidade social dos retornados, participação política e transformações culturais.

Também o campo das ciências econômicas tem concentrado sua atenção para tratar do tema do retorno na perspectiva das motivações de ordem econômica (sucesso/fracasso) para a efetivação desse movimento, na disponibilidade de recursos a serem aplicados no lar (enviados anteriormente ou levados pelo migrante no retorno) e ainda sobre os efeitos do retorno sobre a economia local.

As contribuições do ponto de vista historiográfico, embora ainda limitadas, constituem-se em importante dimensionamento, sobretudo ao se preocupar em vincular a migração do retorno com o processo migratório como um todo, buscando esse contexto histórico nos movimentos de ida e vinda.

As questões referentes ao imaginário social sobre a migração do retorno também é uma importante abordagem do ponto de vista historiográfico. A elaboração de um discurso mítico sobre o retorno, construído pelos diversos sujeitos envolvidos no processo, incluindo aí até mesmo o papel do Estado na construção desse discurso⁹, aponta para a problemática da elaboração das identidades coletivas dos retornados, a

⁹ Para Monteiro, em referência ao retorno de emigrados portugueses, o Estado tem um papel fundamental na construção ideológica do mito do retorno pois, ainda que os emigrantes não retornassem, deveriam se sentir suficientemente ligados ao seu país de origem para lá enviar seus recursos. Além de fazer se sentirem sentimentalmente ligados à pátria, o Estado é responsável pela elaboração de políticas de enquadramento que realimentassem essa idéia de retorno. MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, 1994.

partir dos estudos baseados na história cultural, na literatura, nos testemunhos e na história oral, conforme salienta Nuñez Seixas.¹⁰

Este mesmo autor observa ainda que, de um modo geral, os estudos sobre o retorno têm concentrado esforços para direcionar a problemática geral numa questão de fundo, que é a de verificar se o retorno exerce um papel como agente de inovação ou modernização, ou se é um fator de reação e estagnação no país de origem.

Três pontos também são considerados nessas análises, separada ou conjuntamente, no que se refere à compreensão do fenômeno migratório e de retorno como uma corrente interligada: a questão das redes sociais na migração (no país de destino), das redes sociais do retorno (no país de origem) e das redes sociais entre os indivíduos (retornados/não migrantes).

Ressalto ainda que essas pesquisas, já realizadas ou em andamento, abordam a temática do retorno sob três aspectos principais: 1. saída do lugar de origem; 2. chegada; 3. permanência no país de destino e o momento do retorno, incluindo aí questões referentes ao projeto de retorno, os motivos para retornar e todo um processo de adaptação do retornado e de sua família ao país de origem.

Do ponto de vista das fontes documentais e do seu tratamento de acordo com a tipologia de pesquisa (quantitativa ou qualitativa), constata-se uma grande expectativa pela informação numérica, refletindo uma preocupação com a representatividade estatística em relação aos dados coletados, como também à quantificação dos retornados em relação à porcentagem total dos que emigraram. O que se espera com isso é a confirmação da existência de uma migração de retorno que seja de fato significativa.

A problemática concentra-se, portanto, em saber quantos retornam, e a partir desse número, traçar um perfil do retornado baseado em dados objetivos, como idade, sexo, estado civil, país de destino, emprego e inserção econômica, questão educacional e profissional, entre outros da mesma natureza. Além de traçar esse perfil, procura-se também comparar tipos de retorno e suas motivações, num mesmo período ou em épocas diferentes.

Na pesquisa em que se privilegia a análise quantitativa, as técnicas mais empregadas são os questionários e as *surveys*. Outros dados são obtidos e analisados a partir dos registros de entrada e saída realizados por órgãos oficiais, quando existentes.

¹⁰ NUÑES-SEIXAS, Xosé-Manoel. "Visible and Invisible Remittances: some notes on transatlantic return migration and its effects on Iberian societies". In: *Review of Polish Diaspora*, 2005, vol: 31, nº 1 (115), pp. 117-142.

Sem desconsiderar a relevância do aspecto demográfico para a compreensão do fenômeno do retorno, devemos observar que esta é uma categoria restritiva na medida em que não possibilita explicar, ou ao menos trazer à luz o significado social, histórico, e principalmente subjetivo, do processo de retorno. Além do mais, a mobilidade da população decorrente dos movimentos migratórios supera as possibilidades de análise dos métodos quantitativos e da criação de grandes modelos explicativos para a compreensão dessa dinâmica.

O que quero ressaltar é a importância da trajetória das histórias de vida dos que retornam, superando a questão do número de pessoas que tomam essa difícil decisão. Importa menos verificar o número de retornados e de sua representatividade do que compreender o processo como fruto de uma experiência subjetiva, por vezes dolorosa ou conflituosa.

Os pesquisadores que tratam do retorno têm denominado esse tipo de pesquisa de qualitativa, incluindo aí as entrevistas orais, as entrevistas escritas, as entrevistas em profundidade, os testemunhos, as histórias de vida, a observação participante, as narrativas, a autobiografia, os guias semi-estruturados, entre outras denominações¹¹.

Essas técnicas/metodologias de pesquisa têm em comum a preocupação em valorizar as histórias de vida, como vivências únicas e particulares, sobre as quais, em forma de números, índices e taxas, tem se realizado um grande número de investigações. Significados, processos sociais e individuais, experiências de vida, elaboração de uma identidade individual e coletiva, sentimentos, dificuldades, frustrações, não são dados quantificáveis e, por isso, não podem ser traduzidos em números e dados estatísticos. A experiência subjetiva do retorno, a complexidade da vida cotidiana, a construção e reconstrução de uma identidade e memória coletiva só podem ser registradas de uma forma, que é por meio das histórias de vida, por mais que também sejam diferentes as formas de contá-las e registrá-las.

É importante notar que, se essas experiências de vida são únicas e particulares, quase exclusivas, pode parecer então contraditório que se estabeleça um limite para a quantidade de relatos de vida. Fala-se em ponto de saturação ou lei dos rendimentos

¹¹ Não vem ao caso aqui explicar cada uma dessas técnicas/metodologias de pesquisa, mas ao menos é importante identificar que todas elas baseiam-se na concepção de que o sujeito deve se expressar livremente na construção de sua história de vida, de suas experiências, dos significados do retorno, bem como em relação às dinâmicas implicadas nessa experiência, à própria percepção desse processo, e na construção e reconstrução da identidade e da memória. Essas técnicas/métodos procuram evidenciar o modo como a vida é vivida por cada um dos sujeitos, protagonistas de sua história pessoal.

decrecentes¹² para determinar um fim nesse trabalho de campo que pode se basear tanto nos pressupostos da pesquisa como no fator tempo, ou para efetivar o trabalho de campo ou para realizar a pesquisa como um todo. Quaisquer que sejam as justificativas apontadas, com certeza, muitas histórias ficarão sem se conhecer.

As entrevistas gravadas são um meio de registrar essas histórias de vida. Sayad, que realizou um trabalho de entrevista (mas não de História Oral)¹³ com os imigrantes argelinos vivendo na França, considera que esta é um meio de comunicação e autocomunicação, um meio de análise e de auto-análise, baseada sobretudo na confiança estabelecida entre o entrevistado e o entrevistador, que se expressa no alívio e na alegria do momento em que as “palavras mais dolorosas, mais escondidas foram soltas”¹⁴. Para o sociólogo, o entrevistador assume uma posição de confidente em relação ao entrevistado, como se a partir do depoimento ambos compartilhassem de um segredo, de uma carga, de um pesado fardo aliviado pela fala.

Sayad assim se expressa em relação ao momento da entrevista:

...nunca é sem emoção, e neste caso mais do que em qualquer outra circunstância, que recebemos as confidências mais íntimas de um entrevistado, marca da extrema confiança que acabou depositando no entrevistador, esse eterno questionador, curioso de tudo, fuçador do passado e do presente de todos, nos comportamentos visíveis, manifestos e patentes, bem como nas razões de ser desses comportamentos e em sua finalidade última, todas essas coisas secretas ou latentes; esse “importuno” que tem a pretensão de construir e, por conseguinte, de possuir a verdade dos sujeitos melhor do que esses mesmos sujeitos que a carregam em si, que a fazem agir e a executam (sem os quais ela não existiria); e que, no fim de seu trabalho de espectador e de analista externo, intervindo sempre a posteriori, *post festum*, pretende querer ensiná-la a ser seus próprios autores, adotando assim sobre as coisas, e até mesmo sobre as coisas do mundo social (sobre as coisas dos entrevistados e sobre os próprios entrevistados), um ponto de vista divino.¹⁵

Ao verbalizar essas angústias no momento da entrevista, o entrevistado ganha uma liberdade pessoal e, ainda, passa a ter uma existência “socialmente atestada”. Ao

¹² Segundo Meihy: “Alguns autores aplicam à história oral uma lei comum na matemática: a regra dos chamados ‘rendimentos decrescentes’. Quando um determinado argumento começa a se tornar repetitivo, as indicações a ser as mesmas, significa que está na hora de acabar com a iniciativa”. MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. SP: Loyola, 2005, 5ª ed., p. 139.

¹³ Para Meihy: “Uma preocupação importante no entendimento da história oral diz respeito a sua integração no conjunto de outras expressões, como oralidade e as chamadas fontes orais. Isso implica dizer que nem tudo que é oral e gravado remete ao campo da história oral”. *Idem*, p. 20.

¹⁴ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 134.

¹⁵ *Idem*, pp. 131-132.

autorizar e incentivar o uso dessas entrevistas, tornando-as públicas¹⁶, vai-se além do mundo da confidência, da experiência pessoal para a dimensão social, objetivo do trabalho do sociólogo, do antropólogo ou do historiador.

Bourdieu, em Prefácio da obra de Sayad, define o sociólogo argelino como o escritor público, pois:

...dá voz àqueles que dela são mais cruelmente despossuídos, auxiliando-os por vezes, tanto com seus silêncios quanto com suas perguntas, a encontrar as palavras, a reencontrar, para contar uma experiência que a contraria completamente... Isto sem jamais instituir-se como porta-voz, sem jamais se valer da palavra dada... para dar lições ou exibir bons sentimentos... ele está presente, e escuta, e grava, e transcreve, e transmite, sem frases, as palavras que atrai e acolhe... com uma simpatia sem *pathos*, uma cumplicidade sem inocência, uma compreensão sem complacência ou condescendência.¹⁷

A relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador, além da confiança já citada, circula entre o mundo da admiração, da fascinação e da sedução, mas não por isso deixa-se de lado o esforço e a lucidez decorrentes do recolhimento do relato do entrevistado, entregue “com toda afeição..., ‘fraternalmente’... marcado por uma profunda sinceridade e inegável autenticidade”.¹⁸

As pesquisas que ligam história oral e migração destacam a importância da experiência subjetiva na mudança de um lugar (país de origem) ao outro (país de destino). Tais estudos, entretanto, deveriam ir além da experiência da passagem de um lugar ao outro que, embora de extrema importância para o processo como um todo, não abarca questões tão relevantes como a experiência migratória em si, os conflitos decorrentes do encontro de velhos e novos padrões culturais, a necessidade de adaptação, reinserção e inserção a uma nova sociedade, além da perspectiva da construção e manutenção de um projeto familiar que engendra e sustenta a migração em todas as suas dimensões.

Para Thomson, o fenômeno migratório tem se constituído em um campo vasto e fértil para a pesquisa em história oral. Isto porque

¹⁶ Entre as diferentes etapas que compõem o projeto de História Oral está a conferência das entrevistas: “momento em que depois de trabalhado o texto, quando se supõe que este está em sua versão final, o autor entrega a versão par ser autorizada”. MEIHY, José Carlos Sebe, *op.cit.*, p.184. Da mesma forma autorização do uso da entrevista, gravação ou texto final, deve ser feito por meio de Carta de Cessão; “documento fundamental para definir a legalidade do uso da entrevista. *Idem*, p. 214.

¹⁷ BORDIEU, Pierre. “Um analista do inconsciente”. In: SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração... op. cit.*, pp. 9-10.

¹⁸ SAYAD, Abdelmalek. *Idem*, p.134.

o testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram a “complexidade real do processo da migração” e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades.¹⁹

O autor ressalta ainda que a história da migração (ou a história do migrante) sofre da falta de registro e de documentação adequada ou, problema ainda mais grave, pode ser “mal documentada”, no sentido em que tais registros não alcançam a dimensão do fenômeno que deve ser entendido em toda a sua complexidade. Tal complexidade refere-se, sobretudo, à experiência pessoal e coletiva do migrante, transcendendo os aspectos de ordem econômica que, por vezes, é o mais abordado nessa análise.

A migração, que não pode e nem deve ser desconectada dos fatores econômicos que também a provocaram, pois envolve fatores múltiplos, motivos variados, experiências complexas, renúncias, negociações e escolhas de diferentes padrões culturais, articuladas tanto num diálogo familiar, envolvendo gênero e geração, quanto num diálogo comunitário entre os dois lugares (origem e destino), que uma possível documentação escrita não daria conta de registrar. De acordo com Thomson, “a evidência oral é necessária para se examinar o funcionamento interno da comunidade imigrante”.²⁰

A questão da família, das gerações e o papel das mulheres no processo migratório são questões de forte cunho cujas sutilezas a história oral pode dar conta de abordar, revelar e desvendar. A família assume o papel chave na migração, pois é a partir dela que se engendram os projetos de partida, estabelecimento e possível retorno, que se formam as redes sociais e de sociabilidade, que se mantêm ou se modificam os padrões culturais do grupo. Além disso, é por meio da família que se evidenciam e se preservam as questões identitária e mnemônica, como um processo conflituoso entre as gerações.

Outra importante abordagem permitida pela história oral nos estudos da migração refere-se aos imaginários culturais transportados pelos migrantes em seus deslocamentos e estabelecimentos em diferentes lugares, do ponto de vista da construção de uma imagem, idealizada ou concretizada, dessas diferentes culturas, da dinâmica do retorno como o mito de reencontro com a pátria idealizada. Ao mesmo tempo, a história oral permite registrar a experiência e o impacto de quem se depara com outra e dura realidade.

¹⁹ THOMSON, Alistair. “Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração”. In: *Revista Brasileira de História*. SP, vol. 22, nº 44, 2002, p. 344.

²⁰ *Idem*, p. 345.

Thomson afirma ainda que

a história oral é uma ferramenta importante para entender... “os mundos internos” dos imigrantes, para explorar como a “subjetividade” – conhecimento, sentimentos, fantasias, esperanças e sonhos – de indivíduos, famílias e comunidades informa e molda a experiência da migração em todos os seus estágios, e é por sua vez transformada por essa experiência.²¹

O processo migratório e de retorno devem ser, então, analisados do ponto de vista das experiências subjetivas, dos seus significados para aqueles que participaram do processo, numa perspectiva que não é individual, mas, sobretudo, familiar. É necessário compreender os projetos anteriores e as concretizações possíveis, os desejos e a realidade, as intenções e as negociações feitas nesse projeto familiar, no qual cada membro participa conforme as categorias de geração, gênero e papéis sociais. Nesse sentido que a História Oral contribui para esse estudo.

Estrutura da Tese

Esta tese está estruturada em quatro partes. A Primeira Parte, Do Brasil para o Líbano, compõe-se de dois capítulos: Capítulo 1- Líbano: algumas considerações, em que abordo brevemente a geografia, a história e o movimento migratório no país; Capítulo 2- Trajetória da Pesquisa refiro-me à pesquisa de campo, à realização das entrevistas, redes e tratamento das entrevistas.

A Segunda Parte, No Brasil, compõe-se de três capítulos: Capítulo 3- O Retorno: um fértil campo de estudo, no qual analiso as discussões no campo teórico do retorno; Capítulo 4- Do Líbano para o Brasil: a emigração, trato da vida dos retornados no Brasil; e Capítulo 5- Do Brasil para o Líbano: os motivos do retorno, discuto os fatores que engendram o retorno.

A Terceira Parte, No Líbano, compõe-se de três capítulos: o Capítulo 6- O Retorno e a Necessidade de Adaptação aponto os problemas do retorno em relação ao enfrentamento da mudança, as dificuldades cotidianas e a reestruturação familiar; o Capítulo 7- O Retorno como Experiência: inserção e reinserção avalio a inserção ao país do ponto de vista do trabalho, escola, língua, religião e casamento; e o Capítulo 8- A Construção de uma Identidade Brasileira no Líbano considero as questões referentes à memória e identidade e a construção de uma imagem do Brasil no Líbano.

²¹ *Idem*, p. 347.

Finalmente, a Quarta Parte, Entre o Líbano e o Brasil, compõe-se do Capítulo 9- Líbano ou Brasil: um novo retorno?, no qual registro os dilemas dos colaboradores desta pesquisa na escolha entre os dois países e a possibilidade ou não de um novo retorno.

DO BRASIL PARA O LÍBANO

Come with me from Lebanon, my bride, with me from Lebanon. Look from the top of Amana, from the top of Senir and Hermon, from the lions' dens, from the mountains of the leopards.

You have ravished my heart, my sister, my bride. You have ravished my heart with one of your eyes, with one chain of your neck,

Songs of Salomon.

Eu gosto do Brasil, eu gosto muito do Brasil, e não é de hoje, é paixão antiga...

Eu me chamo **Jamil Moussa Yachouh**, nasci no Líbano, na cidade de Zahlé, no dia 25 de outubro de 1948 e vivi aqui até meus vinte e quatro anos... A vida nessa época era muito simples, sem estudos, pouco trabalho, só plantar e plantar.

Aí chega uma hora que dá uma vontade de mudar isso. Você é jovem, fica cansado de toda dia a mesma coisa, mesma coisa... Não sei o que me deu e veio a idéia de viajar. Eu queria ir para qualquer lugar, sair, tentar a vida em outro mundo. Como eu tinha uma irmã morando no Brasil, eu consegui o visto e não quis nem saber: fui embora.

Acho que foi junho, julho ou agosto de 1972 mais ou menos que eu cheguei lá. Fiquei dois dias em São Paulo e já fui para o Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, onde minha irmã morava. No começo, acho que uns dois anos, eu fiquei trabalhando sem documentos certos, era ilegal, mas fui ficando, ficando...

Eu trabalhei de mascate nas ruas, como todo mundo daqui que foi para o Brasil. Eu vendia roupas, vendia qualquer coisa que caía na minha frente... A vida era ruim, muito dura, difícil mesmo. Eu viajava para Corumbá, para Pontaporã, até vender um pouco de mercadoria, mas era muito duro conseguir vender.

Aí eu estava nessa vida dura, veio um patrício lá e me falou que tinha chegado uma menina de São Paulo, que eu tinha que conhecer, que era muito bonita, que era muito boa, não sei o quê, não sei o que lá... Eu conheci a moça, conversei com ela, me interessei. Mas já avisei: "olha, eu não tenho nada, eu só tenho essa roupa no meu corpo e se sua mãe me ajudar, a gente casa, se não ajudar não adianta casar". Vou casar e largar na rua? Não está certo, né?

Eu conversei com a mãe dela, expliquei tudo direitinho e ela aceitou me ajudar. Eu namorei uma semana, pedi a mão dela em casamento, ficamos noivos e casamos em três meses. A minha sogra cumpriu a palavra e me ajudou comprando um ponto de loja de roupas feitas e calçados, para a gente começar a tocar a vida sozinhos. A minha sogra entrou com o dinheiro e o crédito para abastecer a loja de mercadorias e eu entrei com o meu trabalho.

No começo minha mulher me ajudava na loja, mas aí ficou grávida, nasceram os gêmeos e tive que dar conta de tudo sozinho. Mas estava indo tudo bem, não tinha problema, ia trabalhando, trabalhando, comprava mercadoria, vendia mercadoria, ia para São Paulo, trazia novidades, vendia aqui, vendia ali, uma vez pagava prestação, outra vez atrasava e assim foi indo a vida.

Tinha que trabalhar mesmo, porque a família foi crescendo, crescendo, até chegar a quatro filhos, os gêmeos e mais duas meninas. A despesa era grande, mas o dinheiro era sempre curto, porque tem que vestir, dar comida, médico, isso e aquilo. Mas, estava bem, todo mundo ia bem e com muita saúde, graças a Deus.

Depois de uns cinco, sete anos que eu estava vivendo no Brasil, eu conheci lá um compadre, ele ficou sendo padrinho de uma das meninas, e começou a me ajudar nos negócios. Resolvemos construir casas e vender, comprava o terreno, construía e vendia. Uma casa dava lucro e outra casa não dava lucro, quanto dava lucro comprava um lote outra vez e construía na dívida. Eu acho que nós fizemos juntos umas quinze casas, mas eu perdi tudo, não fiquei com nada, até a minha casa tive que vender para pagar as dívidas. Não deu certo.

Eu acabei voltando para o comércio, mas o comércio já não ia bem naquela época, era mais ou menos em 1985. O comércio começou a morrer, começou a voltar para trás, se eu vendia a mercadoria a um preço, quando eu ia repor já era mais caro, então eu só estava queimando o capital. Então não tinha mais lucro nenhum...

A família era grande, tinha minha mulher e quatro filhos para sustentar, tinha o aluguel da casa, tinha o aluguel da loja, tinha a escola, tinha não sei o quê... Então não tem mais jeito de viver. Até começaram a me falar para eu trocar o ramo do comércio mas eu não quis e decidi fazer pão árabe para vender. Eu nunca tinha feito pão na minha vida, a massa dava errado, eu me queimava, estragava o pão mas fui aos poucos acertando.

Depois de dois anos, paramos de fazer pão e abrimos um barzinho, mas no outro ano trocaram a moeda de cruzeiro para real, e tudo começou a piorar de novo. A vida era difícil, e ia dando para sustentar todo mundo sem luxo, sem mordomia, mas sem passar necessidades.

Eu acho que foi por essa época que mandei minha mulher e minha filha mais velha, a Melissa, para cá. Eu já tinha combinado com o meu irmão e com a minha cunhada para ver se dava certo o casamento da minha filha com o meu sobrinho.

Não sei, eu ainda tinha uma cabeça meio dura, mentalidade do Líbano de não querer que minhas filhas se casassem com brasileiro. Não é por nada, mas brasileiro casa e depois de dois, três anos, larga tudo: a mulher, os filhos, a família toda. Eu tenho a cabeça meio grossa mesmo, atrasada, de antigamente, então nunca iria aceitar que as meninas se casassem com um brasileiro, entendeu?

Elas adoraram o Líbano, tanto minha mulher quanto minha filha. E elas gostaram tanto que começaram a falar que aqui era melhor para viver, que a vida era muito boa, que a minha família poderia nos ajudar e tal, e tal. Queriam me convencer para vir ao Líbano com o resto da família.

Na verdade, se fosse só por mim mesmo eu não teria vindo de jeito nenhum. Não queria, não queria... Mas foram me convencendo, fui aceitando e eu fui mandando aos poucos a outra menina e os meninos. Ela queria ir, mas eles não, queriam ficar no Brasil. Acabei convencendo e eles aceitaram a idéia. Fiquei sozinho, vendi o ponto, fui me desfazendo das coisas. Vendi, dei, joguei muita coisa fora, e vim para o Líbano me juntar ao resto da família.

Quando eu voltei foi como chegar de novo a outro país... Acostumar, estabelecer a família, arranjar trabalho. Casa, pelo menos, eu já tinha. Junto com os meus irmãos eu construí esse prédio no terreno do meu pai, na época em que eu estava no Brasil. Mande dinheiro, ajudei, e cada um ficou com um apartamento onde moramos agora.

O problema aqui é que todo mundo sabe dar opinião... Cada um fala uma coisa, cada um fala esse serviço é bom, faz isso, faz aquilo. Começa daqui, tenta dali, perde um pouco aqui, perde mais um pouco ali... Comecei vendendo verdura, que era o que eu sabia fazer, e até que me dei bem. Mas quando investi num pick-up para melhorar o serviço, pedi emprestado e ninguém quis me ajudar, me endividei e quando fui ver já estava queimando capital de novo.

Fiquei com tanta raiva que pensei: quer saber, vou voltar para o Brasil, de onde nunca deveria ter saído. Se no Brasil eu tinha as minhas dificuldades, aqui era bem pior. Sinceramente, eu acho que eu nunca deveria ter saído do Brasil, deveria ter ficado ali, quietinho no meu canto que eu estaria bem melhor hoje, tenho certeza disso.

Os meninos tinham voltado um pouco antes para resolver o problema do Exército. Quando cheguei ao Brasil, eu queria que eles voltassem para o Líbano, achava que seria melhor para eles. Um eu consegui convencer, o outro acabou se casando com uma moça brasileira e teve dois filhos lá.

Eu fiquei acho que uns dez meses no Brasil trabalhando entre Pontaporã e Campo Grande, vendendo cigarro e uísque que chegavam de contrabando. Mandava dinheiro para a minha mulher que continuava no Líbano com os nossos três filhos. Então a minha mulher começou a falar que ela voltaria para o Brasil, mas as meninas não queriam voltar... A família metade aqui, metade lá não estava dando certo... E eu vou fazer o quê? Resolvi voltar.

Quando eu voltei, casei as duas meninas: a Melissa com o meu sobrinho, e a outra com um primo que tinha vindo da Suécia. Os dois se casaram e foram embora em um mês. Um ano depois, meu filho solteiro também foi para a Suécia tentar a vida e continua lá até hoje.

Um dia, o Márcio, meu filho que tinha ficado no Brasil, me ligou para dizer que queria vir com os filhos e a mulher para o Líbano... Eu mandei as passagens para eles, abri minha casa, comprei um pick-up maior para ele trabalhar comigo, e fui ajudando em tudo que podia para eles viverem bem aqui.

Não fazia nem três meses que eles estavam aqui, cheguei a casa e não estavam mais nem meu filho, nem a minha nora, nem as crianças. Oito horas da noite chegou meu sobrinho para dizer que eles tinham voltado para o Brasil. Fugiram! Fugiram daqui sem me dar satisfação... Até hoje não sei o porquê, mas desconfio que a minha nora não gostou de eu ter chamado a atenção dela para ela ajudar minha esposa nos serviços de casa.

Na verdade, o casamento deles é que não estava dando certo. Eles se separaram logo depois, meu filho voltou para cá e daqui foi para a Suécia trabalhar com o irmão. A minha nora até quis voltar para cá com a minha ajuda, mas eu cortei, e eles acabaram se separando mesmo.

Meus filhos estão bem, estão vivendo cada um a vida deles. As meninas estão casadas, já têm os maridos para olhar por elas. Os meninos já têm vinte oito anos, já são homens, podem se virar muito bem, estão todos criados, graças a Deus. Cada um deles tem dois filhos, então eu já tenho oito netos: dois no Brasil, dois no Líbano e quatro na Suécia. Um pouquinho em cada lugar do mundo...

Eu falo para eles: "cuidem de sua vida, criem os seus filhos e não se preocupem comigo". Aqui, com pouco, eu me viro com a minha esposa. Eu tenho meu serviço, tenho minha freguesia, vai indo bem, graças a Deus, dá para pagar as contas e viver. Eu prefiro que eles arrumem a vida deles, que eles consigam o melhor possível, para mim dinheiro é só o necessário para viver. Eu só quero que eles saiam de cima de mim, que não dependam mais de mim e isso já está ótimo. Assim é a vida, né?

A minha vida hoje é bem simples. Eu trabalho com a minha pick up, um dia em Beirute, um dia aqui em Zahlé, um dia lá em cima, um dia no outro lado... Não, não fico dentro da casa, parado, fico livre de um lado para o outro... Isso é bom para distrair a cabeça, não ficar pensando em bobagem...

Agora se minha mulher falasse para mim hoje, vamos voltar para o Brasil eu voltaria amanhã, rapidinho, correndo, sem pensar duas vezes. Eu não quero ir para a Europa, eu não quero ir para os Estados Unidos, mas para o Brasil, sim, eu iria.

Eu gosto do Brasil, eu gosto muito do Brasil, e não é de hoje, é paixão antiga... Eu gosto do Brasil, pode ser que a vida lá esteja dura, e essa época agora pode ser mais difícil porque dinheiro está fogo para conseguir, mas a situação está ruim para todo mundo.

Eu não queria vir morar aqui, não queria mesmo, mas no final ainda bem que nós voltamos de lá porque a vida ficou muito dura no Brasil. De 1991 para cá a vida ficou muito dura, muita gente quebrou, perdeu dinheiro, fechou o negócio e não tem dinheiro para viver. Eu acho que se nós tivéssemos ficado lá, a nossa situação estaria muito complicada também.

Pelo menos aqui, graças a Deus, a gente não está precisando de ninguém, eu trabalho, e dá para viver. Não dá mais para voltar e começar da estaca zero, eu já tenho cinquenta e cinco anos, não sou mais jovem, não vou começar do nada trabalhando em qualquer coisa. Minha mulher também nunca trabalhou e não seria agora que ela iria começar, né?

Eu guardo o Brasil no meu coração. Tenho saudade daquela terra, do calor gostoso, das pessoas, das mulheres, daquelas mulatas bonitas. Quando eu cheguei ao Brasil, rapidinho me acostumei com tudo. Apreendi a falar, recebi muita ajuda dos brasileiros que é

um povo muito bom, muito bom mesmo. Eu lembro que no hotel onde eu morava quando cheguei, a família do dono me tratava bem, sempre tinha o meu almoço e minha janta garantidos. A gente sabe reconhecer essa bondade, né?

Eu acho que para mim foi mais difícil me readaptar aqui no Líbano quando eu voltei, do que quando eu fui para o Brasil. Aqui é a minha terra, o lugar onde eu nasci, a minha família está toda aqui, mas não sei, não sei, não gostava daqui. Para mim cada dia vivendo aqui se arrastava como um mês, não tive um dia de tranquilidade, de paz, como tinha no Brasil.

Viver com os parentes é muito difícil, todo dia tem intriga, tem fofoca, tem briga... Depois que passaram os primeiros meses, que a novidade da nossa chegada acabou, aí começou um a falar mal do outro, falar mal da minha mulher, reclamar de qualquer coisa, intrometer na minha vida, e isso eu não aceito de jeito nenhum, pode ser pai, mãe ou irmão.

Olha, eu já estava acostumado com uma coisa no Brasil e aqui o costume já era diferente... Tem diferença. Se você senta assim, "ah, ele senta assim". Se você usa bermuda, como a gente está acostumado no Brasil, já falam mal porque o homem aqui não usa bermuda curta. Se a gente fala alguma coisa, "oh, como ele fala"... Eu já ficava nervoso na mesma hora, se alguém olhava torto para mim ou para a minha mulher, eu já explodia, parecia que via o diabo na minha frente. É difícil também acostumar de novo com o serviço, começar tudo de novo é muito duro.

Eu não saio de casa, não saio para visitar ninguém. Nove horas eu coloco minha cabeça no travesseiro, durmo e acabou. No Brasil não, a gente não dormia antes da meia-noite, uma hora, vinha visita, ia visitar os outros. Mas aqui não gosto de visitar nem de receber visitas, porque aqui o povo tem língua muito comprida, se você vai à casa de fulano, começa falar de fulano, de beltrano, de sicrano. Eu não gosto disso, não quero esquentar minha cabeça com isso, entendeu? Então é melhor ficar em casa e dormir.

O libanês que acostumou no Brasil vinte, trinta, cinquenta anos já é muito difícil de ele vir viver aqui, é muito difícil se acostumar aqui. Não acostuma. Em Loussi, tem muita gente que voltou do Brasil, estão todos daquele lado de lá. Eles vêm, fazem suas vilas, mas o serviço continua tudo lá no Brasil, só ficam dois, três meses, passam férias e vão embora. Mas para ele vir morar aqui, acostumar aqui, eu acho muito difícil, isso aí é tudo mentira... Não acostuma, não acostuma.

Olha, aqui a situação está muito difícil, a gente trabalha um ano está bom o outro pode não estar. O Líbano é um país bom para passear, ficar por dois, três meses, e voltar onde está o serviço. Aqui a vida é muito cara, tem que ter muito dinheiro para viver bem.

Tem outra coisa aqui que é diferente do Brasil. No Brasil você pode ser muçulmano, pode ser cristão, pode ser druso, pode ser o diabo, tanto faz, não interessa a religião, cada um com a sua religião, cada um que se vire com ela. Eu tenho freguês cristão, muçulmano, não importa, e isso eu aprendi no Brasil. No Brasil, ninguém te pergunta qual é a sua religião...

Eu sinto saudade de tudo isso do Brasil. De tudo, de tudo... Tudo do Brasil faz falta. Acho que é porque eu morei lá mais tempo do que aqui, eu morei lá quase vinte e cinco anos, a maior parte da minha juventude. Fui sem pai, sem mãe, sem ninguém para mandar em mim, para falar o que eu deveria ou não deveria fazer. Lá fiquei solto, livre, para fazer o que eu quisesse, então por isso eu gostei de lá e tenho saudade daquele tempo bom.

Aqui eu tento lembrar do Brasil como posso. A gente ainda fala português em casa, assiste à televisão brasileira, aqui tem a Record, tenho a bandeira do Brasil, torço pelo Brasil quando tem jogo da Seleção. Engraçado que quando eu estava no Brasil, se tinha jogo eu torcia contra, mas aqui não, aqui eu torço como um fanático.

No Líbano eu me sinto brasileiro...

I- LÍBANO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Julguei pertinente neste capítulo apresentar alguns dados referentes às características geográficas e históricas do Líbano, bem como situar o processo migratório no país, como uma importante etapa para compreender o retorno empreendido pelos que migraram e por seus descendentes.

A opção deveu-se ao desconhecimento por boa parte dos colaboradores, evidenciado durante as entrevistas, sobre o país para onde essas pessoas se dirigiam, expresso em afirmações como “eu não sabia nada do Líbano”, “eu só sabia o que ouvia falar na televisão”, “eu achava que o Líbano era...”, e assim por diante.

Os aspectos geográficos permitem esclarecer e situar as vilas de onde saíram e para onde voltaram essas pessoas, a necessidade de adaptação às novas condições, além de apresentar dados básicos referentes à população em sua divisão religiosa, e todas as suas decorrências.

Os aspectos históricos, cujo recorte escolhido foi a formação do Líbano moderno, visam a situar o processo migratório libanês em relação aos conflitos religiosos e civis na região, e o processo de retorno como decorrência da reconstrução do país.

A compreensão do fenômeno migratório e a questão do retorno têm por objetivo caracterizar a peculiaridade desse processo no contexto de outras migrações.

FIGURA 1: O LÍBANO

Fonte: ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord). *Atlas du Liban: géographie, histoire, économie*. Beirute, Presses de L'Université Saint-Joseph, 2003 e HOURANI, Albert. *Political Society in Lebanon: a historical introduction*. London, Centre for Lebanese Studies, 1986, p.11.

1.1 Identificações Geográficas

Líbano, ou do aramaico *Lubnan*, significa “branco” e é uma referência às neves eternas que cobrem os mais altos picos de suas cadeias de montanhas. O Líbano é um pequeno país que ocupa uma superfície de 10.452 km² ²², tem 210 km de litoral na costa oeste, onde se localizam as principais cidades de origem fenícia: Beirute (a capital), Biblos (*Jbeil*), Sidon (*Saïda*), Tiro (*Sur*) e Trípoli (*Troblous*).

O país localiza-se numa posição estratégica no extremo leste do Mediterrâneo, no ponto de encontro de três continentes: Ásia, África e Europa, sendo considerado a porta de entrada para o mundo árabe. Faz fronteira ao Norte e a Leste com a Síria, ao Sul com Israel e a Oeste com o Mar Mediterrâneo.

A população é composta por aproximadamente 4 milhões de habitantes, sendo 60% majoritariamente urbana²³. País de emigração, por excelência, existem 14 milhões de libaneses e seus descendentes espalhados pelos cinco continentes. Desse total, estima-se que 6 a 7 milhões vivam no Brasil, constituindo-se na maior comunidade libanesa fora do Líbano²⁴.

Geograficamente, o Líbano divide-se em três regiões principais, localizadas paralelamente à planície costeira do Mediterrâneo: o Monte Líbano, o Vale do Bekaa e o Anti-Líbano.

O Monte Líbano, localizado a 30 km a oeste do Mediterrâneo, é uma cadeia de montanhas que possui 170 km de extensão, numa altitude média de 2.200 m e tem seu ponto culminante ao Norte, em *Qurnet El Sauda* (3.088 m). Divide-se em três setores:

²² Corresponde à metade do tamanho de Sergipe, o menor Estado brasileiro.

²³ Dados obtidos no site oficial da Embaixada do Líbano no Brasil, www.libano.org.br e www.emigrants.gov.lb.

²⁴ Não há dados oficiais e estatísticos que corroborem esta afirmação, pois a imigração deste grupo foi registrada de várias formas em diferentes períodos (turcos, libaneses, sírio-libaneses, árabes). Esses números têm sido utilizados por diversos autores e amplamente divulgados pela mídia em relação aos noticiários sobre o tema ou acontecimentos direta ou indiretamente ligados a essa comunidade (viagem do presidente Lula ao Oriente Médio em 2003, comemoração dos 125 anos da imigração libanesa para o Brasil em 2005, a invasão israelense ao Líbano em julho de 2006), sendo também reiterados por associações ligadas a essa comunidade, e como se trata de uma estimativa a partir de dados referentes ao número de imigrantes dessa nacionalidade, aponto os dados divulgados pela Confederação Nacional das Entidades Líbano-brasileiras (www.confelibra.org.br). Para Abdulkarim, “malgrado as contradições e os exageros que existem devido à ausência de estatísticas oficiais baseadas em critérios científicos, as estimativas ilustram, apesar de tudo, o caráter espetacular da dispersão libanesa, não apenas por se reportar à população libanesa residente mas também em relação às outras dispersões no mundo”. Da mesma forma, para o autor, as estimativas se baseiam no movimento de um grupo que se lançou no processo emigratório há quatro gerações e que ainda mantém novas partidas. ABDULKARIM, Amir. *La diaspora libanaise em France: processus migratoire et économie ethnique*. Paris: L’Harmattan, 1996, p. 27.

entre 100 e 1.000 m de altitude é o domínio das vinhas e das oliveiras, além do tabaco; entre 1.000 e 1.600 m é a zona privilegiada e rica, com densidade humana mais elevada e as maiores florestas do país; acima de 1.600 m encontram-se as famosas estações de esqui e locais para a prática de outros esportes de inverno (*Cedros, Laqlouq, Zaarour, Faraya, Faqra*).

FIGURA 2: REGIÕES GEOGRÁFICAS DO LÍBANO

Fonte: ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord). *Atlas du Liban: géographie, histoire, économie*. Beirute, Presses de L'Université Saint-Joseph, 2003 e HOURANI, Albert. *Political Society in Lebanon: a historical introduction*. London, Centre for Lebanese Studies, 1986, p.13.

O Vale do Bekaa (*Bicaq*) é uma extensa planície de 125 km, tendo ao sul 8 km de largura e ao norte 20 km, situada entre duas cadeias de montanha, com altitudes aproximadas de 1.000 m acima do nível do mar. Banhado pelos rios Litane e Orantes, entre muitos outros que regam o terreno e fazem da região um vale fértil, o Bekaa é responsável pelo abastecimento agrícola do país, sendo conhecido desde a Antigüidade como um “celeiro”. Também está dividido em três regiões produtoras: o centro da planície, onde se localiza *Zahlé*, que é especializada na indústria alimentícia, além da avicultura e do gado bovino; ao sul, na região de *Jeb Janine*, encontra-se a produção mecanizada de cereais; ao norte de *Baalbeck* e nas proximidades de Hermel, regiões mais áridas, encontram-se pastagens de cabras e ovelhas.

O Anti-Líbano é a outra cadeia de montanhas do país, localizada a leste do Vale do Bekaa, possui 120 km de extensão e compõe-se de dois maciços: *Jabal Qalamoun*, ao norte, e *Jabal al Sheikh* (monte Hermon), ao sul, o ponto culminante, com 2.814 m. É considerado a barreira do deserto, de clima mais árido, sendo a região menos habitada do Líbano, mas possui importância estratégica pois é o ponto de encontro do país com a Síria e Israel.

Além da agricultura, que corresponde a 20% das atividades econômicas do país, existe uma atividade industrial, também respondendo por 20% da economia, concentrada na região do Monte Líbano, dedicada ao setor alimentício, movelar, produtos metálicos e vestuário. No entanto, o grande setor econômico do Líbano, respondendo por 60% dos investimentos, concentra-se no Turismo e nos Serviços Bancários, que fizeram a fama internacional do país e cuja posição pretende ser recuperada após os desgastes provocados por sucessivos conflitos²⁵.

²⁵ Dados estatísticos referentes ao Líbano são sempre desconstruídos, uma vez que a longa guerra, na qual esteve envolvido o país, paralisou os registros de qualquer natureza. Para as porcentagens referentes às características econômicas do país, estou me baseando em: ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord.). *Atlas du Liban: géographie, histoire, économie*. Beirute: Presses de L'Université Saint-Joseph, 2003 e HOURANI, Albert. *Political Society in Lebanon: a historical introduction*. London: Centre for Lebanese Studies, 1986. Esses dados também coincidem com os verificados no site: www.libano.org.br.

FIGURA 3: REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO LÍBANO

Fonte: ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord). *Atlas du Liban: géographie, histoire, économie*. Beirute, Presses de L'Université Saint-Joseph, 2003 e HOURANI, Albert. *Political Society in Lebanon: a historical introduction*. London, Centre for Lebanese Studies, 1986, p.45.

Politicamente, o Líbano está dividido em seis províncias ou *mohafazat*²⁶: Beirute, capital do país, localizada num promontório do Mediterrâneo; Bekaa, que tem como capital a cidade de Zahlé, é onde se localizam as principais zonas arqueológicas do país (Niha, Aanjar, Hermal e Baalbeck), e está dividida em algumas regiões administrativas; Sul do Líbano, cuja capital é Saída, destacando-se também a fenícia Tiro; Monte Líbano, capital Baabda, destacando-se ainda Biblos e Beitddine; Norte do Líbano, capital Trípoli, é onde se localizam os famosos cedros; e Nabatiyé, com a capital do mesmo nome.

Tal divisão corresponde à ocupação geográfica e inserção econômica ligadas à questão religiosa do Líbano. Existem no país dezenove comunidades religiosas oficialmente reconhecidas, sendo quinze delas (as com maior número de adeptos) organizadas por leis e decretos. Embora não existam dados estatísticos oficiais concernentes ao número de habitantes por religião, estima-se, sobretudo pelos votos, que os muçulmanos representem 60% da população e os cristãos 40%²⁷.

As comunidades cristãs, reconhecidas pela Igreja Católica Romana, são em sua maioria de origem oriental, destacando-se os maronitas, originários da pregação de São Marón efetuada no Norte do Líbano, a partir do século VII; os gregos católicos ou melquitas, separados da Igreja Grega Ortodoxa em 1724; os católicos armênios, descendentes dos que sobreviveram aos massacres do Império Otomano; os sírios católicos, ramificação dos sírios ortodoxos; os caldeus, uma cisão dos nestorianos provenientes da Síria.

Existem as comunidades cristãs não reconhecidas pelas autoridades eclesiásticas romanas. Destacam-se os gregos ortodoxos da Síria e do Líbano, provenientes do cisma de 1054; os sírios ortodoxos (jacobitas) doutrina monofisista do século V; os coptas ortodoxos, igreja autônoma monofisista; os armênios gregorianos (ou ortodoxos), considerados como heréticos pelas autoridades católicas e ortodoxas; os nestorianos,

²⁶ Os *mohafazat* surgiram na época do Império Otomano, a partir do domínio das famílias locais em cada uma das regiões, e foi o reconhecimento do poder exercido por elas. ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord.) *Atlas du Liban...* op. cit., p. 46.

²⁷ Com certeza, os dados referentes à questão religiosa são os mais difíceis de serem analisados. As diversas fontes consultadas (sites oficiais e não-oficiais, livros, atlas) não apresentam a mínima proximidade, podendo inclusive existir fontes que igualam o número de muçulmanos ao número de cristãos, ou que ora apresentam os sunitas como maioria, ora os xiitas. Duas explicações são possíveis: a falta de registros oficiais, como já apontado, e a questão religiosa ainda não resolvida. Para essa pesquisa, baseio-me em HOURANI, Albert. *Political Society in Lebanon...* op. cit., além de dados obtidos no Instituto do Mundo Árabe (www.imarabe.org).

condenados pelas autoridades romanas no século V; e os evangélicos, que agrupam as doze igrejas protestantes do Líbano e da Síria.

As comunidades muçulmanas dividem-se em três. Os sunitas são os que reconhecem a legitimidade dos quatro primeiros califas eleitos por um conselho, após a morte do Profeta Muhammad. Além das orientações e preceitos do Alcorão, seguem a Suna (tradições, ditos e ensinamentos do Profeta).

Os xiitas reconhecem a legitimidade do quarto califa, Ali, primo e genro do Profeta, e reivindicam a descendência familiar na sucessão. Esse movimento também dividiu-se em várias seções, mas a mais importante no Líbano é a do Duodécimo que reconhece a legitimidade dos doze Imans. A comunidade é dirigida por um Conselho Islâmico Superior presidido por um *ulemá* (doutor da lei).

Os drusos remontam sua origem ao califa fatimida do Egito, Hakim Ibn Nizar, do século X. Seita hermética, só é acessível aos iniciados e é dirigida por um chefe espiritual, *sheikh*, que detém um poder pessoal de direito sucessório e de gestão dos bens da comunidade.

Ainda podem ser citadas as comunidades menores como a dos ismaelitas, xiitas que reconhecem a legitimidade de Ismail Ibn Jaafar, e dos alawitas, seguidores de Ibn Nassir, separados dos ismaelitas no século XIX.

O Líbano é esse mosaico religioso, onde diferentes crenças e seitas floresceram, buscaram refúgio e procuraram sobreviver numa região onde as condições geográficas contribuíram para tal.

FIGURA 4: DIVERSIDADE RELIGIOSA DO LÍBANO

Fonte: ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord). *Atlas du Liban: géographie, histoire, économie*. Beirute, Presses de L'Université Saint-Joseph, 2003 e HOURANI, Albert. *Political Society in Lebanon: a historical introduction*. London, Centre for Lebanese Studies, 1986, p..

1. 2 Breve Histórico

Para atender aos objetivos dessa pesquisa, optei por um recorte que privilegiasse a formação do Líbano moderno, sobretudo destacando sua formação política marcada pelas disputas religiosas que recaíram nas guerras civis, a inserção do Líbano no mundo árabe e os decorrentes conflitos externos que destroçaram o país, como pano de fundo que explica o contexto emigratório em sucessivas ondas. Além disso, a reconstrução empreendida nas últimas décadas também contextualiza o processo de retorno dos emigrados.

O Monte Líbano pode ser considerado o embrião do Líbano geográfico e histórico, pois foi nessa região que se deu o estabelecimento de grupos cristãos maronitas e drusos em busca de segurança e paz para estabelecer suas comunidades e professar suas religiões. Integrado ao Império Otomano em 1516, a região gozou de certa autonomia e privilégios administrativos, na condição de Emirado Libanês, e a partir da divisão em duas zonas controladas por cada uma das comunidades religiosas e suas famílias locais.

Disputas entre esses grupos religiosos pelo controle econômico e político da região deram a oportunidade para o governo otomano extinguir o Emirado, impor seu poder, reprimir a oposição e provocar migrações internas dos maronitas do Norte para o Sul do Líbano, alcançando o Bekaa e, externamente, escolhendo destinos como o Egito e a América.

Diante desse quadro, e já demonstrando os interesses europeus na região, em 1861 os otomanos cederam às pressões da França e da Inglaterra para elaborar uma nova reorganização política no Monte Líbano, que passou a ter estatuto de província (*Moutassarifiyat Lubnan*). Essa região passou a ser beneficiária de uma administração otomana direta, confiada a um funcionário cristão estrangeiro à região e supervisionada por uma guarda local otomana para manter a ordem e a ligação com o Império. Os poderes locais foram distribuídos entre as diferentes comunidades confessionais do Monte Líbano, de acordo com sua importância demográfica.

A partir daí, o termo Líbano (historiograficamente referenciado como Pequeno Líbano) passou a ser usado oficialmente: de uma simples referência geográfica ao uso oficial, reconhecido internacionalmente, a um território que possuía caráter administrativo particular. Ao mesmo tempo, a presença francesa tornou-se cada vez mais consolidada por meio de investimentos econômicos e de modernização da região

(energia elétrica, rodovias, porto) que criaram uma burguesia urbana local de origem cristã (industriais, comerciantes e banqueiros) e agravaram as diferenças sociais e econômicas entre as comunidades religiosas. Investimentos no setor cultural, com a criação de escolas confessionais e universidades e impressão de jornais e livros, marcaram ainda o renascimento cultural árabe (*Nahda*).

O fim da Primeira Guerra Mundial e o declínio do Império Otomano levaram as províncias árabes subjugadas a se aliarem a ingleses e franceses confiando na vaga promessa da constituição de um Estado árabe independente mas que, em termos reais, se concretizou na garantia do domínio da região pelas potências européias. Em 1920, do antigo Império Otomano criaram-se cinco entidades: Estado Independente de Damasco, o Governo de Aleppo, o Território Autônomo dos alawitas e dos drusos , e o Grande Líbano.

Ao Pequeno Líbano foram anexadas as regiões costeiras do norte de Trípoli ao sul de Tiro, o Aakkar, o Bekaa (apesar da recusa dos habitantes, que reclamavam sua união com a Síria).

FIGURA 5: O GRANDE LÍBANO

Fonte: ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord). *Atlas du Liban: géographie, histoire, économie*. Beirute, Presses de L'Université Saint-Joseph, 2003 e HOURANI, Albert. *Political Society in Lebanon: a historical introduction*. London, Centre for Lebanese Studies, 1986, p.49.

Com essa ampliação geográfica, o Líbano permaneceu sob mandato francês durante o período de 1920 a 1943. Em 1926 foi promulgada a Constituição que instituiu a República confessional, representando proporcionalmente as comunidades religiosas dentro das funções públicas e dos diferentes conselhos.

O contexto da Segunda Guerra Mundial incentivou as lutas pela independência e o aumento da oposição à presença francesa, levando à proclamação em 1943. O Líbano tornou-se um país árabe, com os cristãos aceitando o fim da tutela estrangeira e os muçulmanos reconhecendo a soberania libanesa. Em 1945 o Líbano obteve o reconhecimento do mundo árabe, como membro fundador da Liga Árabe; mais tarde, com a criação da ONU, em 1948, obteve também o reconhecimento internacional.

A história do Líbano independente pode ser dividida em três períodos principais: de 1943 a 1975, com a edificação do Estado e a disputa pelo poder; de 1975 a 1991, correspondendo ao período das guerras; e a partir de 1991, com a reconstrução do país.

Do ponto de vista político, o primeiro período (1943-1975) foi marcado pela divisão equilibrada do poder entre as duas principais comunidades religiosas, baseado na repartição dos postos administrativos, sendo 50% para os cristãos e 50% para os muçulmanos; o número de deputados na proporção de 6 cristãos e 5 muçulmanos; o presidente da república, cristão maronita; o primeiro-ministro, muçulmano sunita; e o presidente do parlamento, muçulmano xiita. De um modo geral, essa divisão deu ao Líbano uma especificidade no contexto regional e uma riqueza político-cultural única, mas em termos regionais acabou se traduzindo em concentração do poder nas mãos do presidente da república, no clientelismo e na corrupção, na dominação administrativa pelos partidos políticos confessionais.

A conjuntura econômica foi extremamente favorável ao país, uma vez que os conflitos da região (golpes na Síria, Nasser e o pan-arabismo, Guerra Fria e presença soviética na região, questão palestina), aliados à lei de sigilo bancário de 1956, fizeram com que o Líbano recebesse a fuga de capitais provenientes do Oriente Médio, incentivando o crescimento dos setores bancário e terciário. O Líbano passou a ser reconhecido como centro financeiro do Oriente Médio.

Apesar disso, problemas ligados ao êxodo rural, urbanização descontrolada, má distribuição de renda, concentração da riqueza entre a burguesia urbana da capital, acirraram as diferenças religiosas culminando na aceitação da presença de marines americanos, ferindo a política libanesa autônoma.

A derrota árabe na Guerra de 1967, as incursões dos palestinos pelo território libanês, a formação de campos de refugiados provocaram as sucessivas presenças dos exércitos israelense e sírio na região. Um arranjo político levou os partidos de direita de maioria cristã a se unirem contra a arabização do regime, e os partidos de esquerda liderados pelos drusos a preconizarem uma política socialista para resolver os problemas libaneses, refletia a situação de exacerbação dos antagonismos religiosos e a disputa pelo controle do poder na região. Essa situação culminou na Guerra Civil de 1975 que durou até outubro de 1991.

A longa guerra civil, cujos combates, pilhagens e destruição concentram-se sobretudo em Beirute, levaram à destruição de portos, aeroporto, centro histórico, hotéis, centro comercial. A população local empreendeu um processo de fuga que se traduziu em migrações internas ou para destinos já consolidados.

Do ponto de vista político, mais uma vez, ocorreu a liquidação ou relocação dos diferentes grupos confessionais, mas se mantendo a concentração em duas principais tendências político-partidárias: de um lado os partidos de centro-direita cristãos, que apoiaram a invasão israelense de 1982, e de outro os partidos islamo-progressistas e palestinos, contando com o apoio sempre duvidoso da Síria.

O ano de 1989 marcou a chamada “guerra de liberação” contra a presença síria e os acordos do Taëf, com o apoio da Arábia Saudita, Argélia e Marrocos, baseados, sobretudo, na busca de um processo de paz baseado na Constituição de 1926. Buscava-se um reequilíbrio do poder executivo a ser exercido não mais pelo presidente da república, mas pelo Conselho de ministros; aumento da representação parlamentar para 128 membros sob uma base partidária entre cristãos e muçulmanos; retirada das tropas sírias.

A resistência dos partidos cristãos aos acordos do Taëf provocou a invasão síria aos redutos cristãos, impondo-se a paz, anistia geral e acordo de fraternidade com a síria. Em 1992, Rafic Hariri foi designado presidente do Conselho de Ministros e se estabeleceu uma nova política baseada num vasto projeto de reconstrução do país, principalmente no centro de Beirute, como símbolo da reunificação do país e do reflexo da prosperidade de outrora.

A paz da década de 1990 colocou a nação diante de inúmeras dificuldades a serem enfrentadas, tais como a reabilitação das instituições públicas e o mecanismo do Estado; a capacidade do Líbano em enfrentar os desafios da globalização; a necessidade de corrigir as distorções econômicas e sociais herdadas do período bélico.

A partir de recursos financeiros provenientes dos mais diferentes setores (instituições européias, Banco Mundial, fundos árabes para o desenvolvimento econômico e social, instituições sauditas, italianas e francesas) e da criação do *Solidere*²⁸ (Sociedade Libanesa para o Desenvolvimento e Reconstrução do Centro de Beirute) o país busca sua reconstrução interna e reabilitação mundial.

O *Solidere*, uma sociedade anônima, é o resultado de uma associação que agrupa os titulares de direitos imobiliários dentro do centro de Beirute e os investidores, cujas contribuições tornam possível o financiamento de trabalhos de infra-estrutura e de reconstrução. Atualmente, 66 hectares de ruínas estão em transformação; o centro de Beirute é um espaço moderno dotado de centros comerciais, bancos, residências, restaurantes, hotéis, além de 250 imóveis de interesse histórico e turístico. Tal é a importância da ação desta companhia que o centro histórico restaurado passou a ser referenciado como *Solidere*.²⁹

A retirada das tropas israelenses do sul do Líbano no ano 2000 marcou definitivamente a consolidação do processo de paz, no entanto a presença de 14 mil soldados sírios mantinha o Líbano como uma espécie de protetorado. Em decorrência do assassinato do ex premier Rafic Hariri³⁰ e da pressão dos Estados Unidos, as tropas do Exército sírio foram retiradas definitivamente em abril de 2005, marcando o fim de quase trinta anos de ocupação.

1.3 Movimento Migratório e Retorno

Paradoxalmente o Líbano pode ser visto como um país de imigrantes e de emigrantes. Suas montanhas, por muitos séculos, serviram de abrigo aos mais diferentes grupos que sofreram perseguição política e religiosa, sendo um destino para os refugiados da região.

A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, o fenômeno emigratório se espalhou pelo Líbano, provocado pelos mais diferentes fatores: perseguição política e

²⁸ Ver: “BEIRUTE renasce dos escombros”. *Revista Veja*. SP: Abril, 1.10.03, pp. 84-87 e ASSAF, Raoul e BARAKAT, Liliane (coord.) *Atlas du Liban... op. cit.*, p. 106.

²⁹ As placas indicativas na cidade apontam o uso desta dominação, bem como é o modo como as pessoas fazem referência aos estabelecimentos localizados neste espaço.

³⁰ Rafic Hariri ocupou o cargo de premier em dois mandatos, de 1992 a 1998 e de 2000 a 2004. Seu assassinato, em 14 de fevereiro de 2005, levou à especulação da volta da guerra civil ao Líbano e, embora isso de fato não tenha ocorrido, permanece um clima de tensão política.

religiosa, superpopulação e falta de empregos, crise econômica, desejo de buscar novas oportunidades. Para Abdulkarim, “a emigração no Líbano é uma prática ancestral”.³¹

O movimento emigratório, de acordo com Hourani³² e Abdulkarim, deve ser entendido não como um fenômeno conjuntural, mas sim como resultado decorrente de circunstâncias históricas locais e regionais, aliados aos acontecimentos exteriores, e pode ser dividido em seis períodos principais. O primeiro período (1860 a 1900) ocorreu em direção aos países vizinhos do Oriente Médio e do norte da África e além oceano, alcançando a América e a Austrália. O início do movimento foi decorrente dos conflitos comunais entre maronitas e drusos, provocados pela situação paradoxal da alta taxa populacional e exigüidade de terras disponíveis para atender às necessidades econômicas de cada grupo.

No segundo período (1900 a 1914) o direcionamento dos emigrados se deu principalmente para os Estados Unidos e Brasil. Coincidindo com a presença do Império Turco-Otomano na região, essa fase foi marcada pela saída de intelectuais e de uma classe social relativamente abastada (médicos, professores, poetas, escritores) para se contrapor à presença otomana, como também para evitar o alistamento militar, do qual estavam isentos os cristãos e imposto a eles a partir de 1903. A presença turca na região também se intensificou nesse período, o que significou uma perda de privilégios dos quais gozavam esse grupo religioso desde o domínio do Império nessa região.

No terceiro período (1920-1943), durante o mandato francês, os emigrantes partiram para a América do Sul e às colônias francesas e inglesas da África do Norte. Se nas duas primeiras fases do processo emigratório a saída de cristãos foi mais notada, a partir desse período cresceu a saída de muçulmanos, sobretudo provenientes da região do Vale do Bekaa e do sul do Líbano. Os motivos dessa saída podem ser identificados principalmente como decorrentes da pobreza dessas áreas rurais e da falta de perspectiva econômica na região. Além disso, a presença francesa, inversamente às fases anteriores, beneficiou principalmente as populações cristãs, que lhes deram seu apoio. De 1929 a 1934 houve um retorno provocado pela crise econômica mundial.

O quarto período (1943 a 1975) foi marcado pelos contextos da Independência do Líbano e da Segunda Guerra Mundial. O fim do conflito apenas intensificou e evidenciou problemas latentes na região desde décadas anteriores: dificuldades

³¹ ABDULKARIM, Amir. *La diaspora libanaise em France... op. cit.*, p. 15.

³² HOURANI, Albert e SHEHADI, Nadim. *The Lebanese in the world: a century of emigration*. London: The Centre for Lebanese Studies e IB Tauris & Co Ltd. Publishers, 1992.

econômicas, falta de perspectiva, falta de oportunidade profissional e alto crescimento vegetativo, sobretudo em relação aos grupos muçulmanos. Enquanto Beirute, cidades litorâneas e Monte Líbano, habitadas pelos cristãos, ofereciam melhores condições econômicas, a região do Bekaa, marcada pela pobreza e baixo desenvolvimento econômico, expulsava a população majoritariamente muçulmana. A partir de 1960 as regiões do golfo passaram a ser uma alternativa, além dos tradicionais destinos como a África do Norte, Austrália e América (incluindo o Brasil), em razão do desenvolvimento econômico verificado nestas regiões.

A guerra civil, o medo e a insegurança, a substituição do poder do Estado pelas milícias, a divisão do país em guetos religiosos, as invasões de sírios e israelenses, aliados aos problemas econômicos latentes marcaram o quinto período (1975 a 1990), alimentado por um fluxo constante tanto de cristãos como de muçulmanos.

Finalmente no sexto período (a partir de 1990) identifica-se uma manutenção do fluxo emigratório em tempos de paz, ainda provocado pelas dificuldades econômicas, falta de emprego, deficiência no sistema social. Contraditoriamente também foi o período marcado pelo retorno de um número considerável de emigrados.

O retorno dos imigrantes ao seu país tem sido verificado como uma realidade entre pesquisadores do tema, mas não há fontes nem estudos específicos que tenham verificado o fluxo do retorno e o número de retornados. A construção de casas nas vilas de origem e o envio de recursos aos familiares que permaneceram no Líbano, bem como os grandes investimentos feitos por empresários de origem libanesa radicados no exterior para sua reconstrução são apontados como forma de manutenção de laços dos emigrantes com o país, que ainda se concretizam com o retorno temporário (em forma de breves visitas) ou definitivo (com o restabelecimento no país).

Karam e Abdulkarim consideram ainda que o retorno ao Líbano só não tenha se efetivado em maior proporção devido à fragilidade da situação política e econômica do país, que gera desestabilização e desconfiança, e adia a concretização efetiva do retorno. Enquanto as possibilidades para um retorno efetivo e seguro não são apresentadas, os libaneses se movimentam entre um país e outro, constroem suas casas, ensaiam alternativas de investimentos e se mantêm numa postura “ansiosa, instável e portanto ativa”.³³

³³ ABDULKARIM, Amir. *La diaspora libanaise em France... op. cit.*, p. 31

A manutenção de laços com a pátria de origem é entendida por Abdulkarim como “responsabilidade moral ou sentimental”³⁴, por Hourani como “persistência de uma memória ancestral”³⁵ e, por Karam como peculiaridade do movimento emigratório libanês, pois “o retorno está permanente e profundamente estabelecido no coração do libanês. Dessa forma, a emigração libanesa difere dos esquemas de emigração tradicionais.”³⁶ Nesta perspectiva é que o tema do retorno será considerado nessa pesquisa.

³⁴ *Idem*, p. 30.

³⁵ HOURANI, Albert e SHEHADI, Nadim. *The Lebanese in the world... op.cit.*, p. 11.

³⁶ KARAM, Shadi. “Libanais de l'étranger: les conditions de retour”. In: *Cahiers de L'Orient*. Paris: Revue d'étude et de réflexion sur le monde arabe et islamique, 3^e trimestre 1992, n° 28, p. 64.

II- TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A proposta deste capítulo é discorrer sobre a pesquisa de campo, realização das entrevistas, composição das redes, bem como de seu reordenamento para a posterior análise, explicitando os critérios utilizados.

FIGURA 6: O LÍBANO NO CONTEXTO MUNDIAL

Fonte: Encyclopaedia Britannica Inc, 2001. In: www.avis-int.com/.../direlebanon_combo.html

2.1 A Viagem para a Realização da Pesquisa: uma experiência inusitada

Viajar para o Líbano pela primeira vez, para realizar as entrevistas com os que empreenderem o retorno, foi uma experiência única que, com certeza, marcará minha história de vida.

A escolha do período de viagem, entre dezembro de 2003 e fevereiro de 2004, causou inúmeras reações antes e durante todo o período, pois essa época do ano corresponde ao inverno no hemisfério norte e nessa região especificamente. As viagens ao Líbano basicamente concentram-se nos meses de julho a setembro, correspondendo ao verão intenso, às férias escolares, à época da colheita, aos muitos casamentos. Constantemente tive que explicar que o meu período de férias não correspondia ao do país, daí a escolha de um período tão “inadequado”. Ainda assim, os contatos tornaram-se mais fáceis, as pessoas estavam mais disponíveis para me atender, sendo o momento da entrevista considerado uma novidade diante de uma rotina de inverno já conhecida.

Chegar numa madrugada gelada, com seis horas a mais de fuso horário em relação ao Brasil, e deparar-me com a língua árabe (mas com um sotaque diferente ao que estava acostumada), lidar com a imigração representada pelo exército libanês e enfrentar a burocracia constituíram-se experiências exacerbadas pelo imaginário da guerra que assolou o país. O que é comum em qualquer aeroporto internacional pareceu-me mais difícil no Líbano, mesmo com todas as facilidades de minha ascendência, sobretudo pela compreensão da língua.

Ao mesmo tempo, pude verificar que o país de fato se reconstruía das feridas da guerra, e o aeroporto moderno, mas com todos os esquemas de segurança possíveis, era o primeiro sinal dessa reconstrução e desse ressurgimento, tal qual uma fênix moderna.

Saindo do aeroporto, percorri o caminho de Beirute para Ghazzi no Vale do Bekaa, em mais de duas horas de viagem de carro. Ao longo das montanhas, as marcas da guerra encontram-se presentes nos prédios destruídos e abandonados, nos escombros, nos sinais de balas, nas barricadas do exército libanês e do exército sírio. Ao mesmo tempo, à medida que adentrava no país, percebi a mudança de paisagem, de construções e que a guerra, se passou por ali, já perdia seu impacto, e seus sinais se tornavam quase inexistentes, não fossem os soldados a nos lembrar que a paz é recente.

O maior impacto foi chegar à casa de meus pais, construída na década de 1980 com a intenção do retorno que seria empreendido pela família, caso a Guerra Civil não tivesse eclodido na intensidade em que eclodiu. Foi para mim uma experiência inusitada

reconhecê-la interna e externamente, pois a referência que tinha dela era por poucas fotos ou descrições feitas pelos meus pais e irmãos.

Mesmo sentindo-me à vontade por ocupar um espaço familiar em terra tão distante (estar em casa era a sensação sempre presente), tive que lidar com tantas coisas diferentes, como a *súbia*, uma espécie de aquecedor movido a diesel que cumpre bem o seu papel, mas requer certa experiência em manipulá-lo; o aquecedor do chuveiro, também a diesel, revelou-se outra dificuldade; assim como as constantes quedas de energia elétrica, o que nos fez optar pela contratação de um serviço particular de abastecimento.

Essas situações cotidianas chamaram-me a atenção desde o início da viagem, pois se para mim, que estava no país provisoriamente, era necessário compreender e me adaptar a esses detalhes, como seria a vida daqueles que usufruíram de tantas "modernidades" no Brasil e se viam diante dessas dificuldades, que podem ser ainda mais exacerbadas? Esse me pareceu um importante viés de análise a ser explorado oportunamente.

Na primeira semana, como de praxe, recebi constantes visitas, a qualquer hora do dia e da noite, para as boas-vindas, para ser apresentada a familiares e parentes, para entregar cartas e dinheiro enviados do Brasil. Dos mais próximos, recebíamos frutas, conservas, geléias, molhos, leite e outros tantos produtos, que simbolizavam a hospitalidade, e é a marca de uma região que sabe se preparar para um rigoroso inverno. O impacto maior talvez tenha sido o de abrir a porta dos fundos da casa e deparar-me com um cenário espetacular: o contraste entre o verde dos campos e o branco das montanhas do Anti-Líbano.

Lidar com outra forma de marcar o tempo também foi um aprendizado interessante. Embora acostumada aos horários das orações diárias, ouvir o chamado do *sheik* em som amplificado partindo dos minaretes das mesquitas de várias cidades visitadas no país, e ainda na Síria e na Jordânia, revelou-se uma experiência singular. Os habitantes guiam-se em suas atividades diárias por esses chamamentos e rapidamente aprende-se a fazer o mesmo.

Surpreendente também foi verificar a concretização da diversidade religiosa do país em seu patrimônio edificado. Nas cidades muçulmanas imperam as mesquitas, grandes e brancas, com seus altos minaretes e cúpulas; nas cidades cristãs as diversas igrejas, correspondendo a cada comunidade, com suas torres e sinos a nos lembrar que o Líbano é um mosaico religioso e cultural por excelência. O mais inusitado talvez tenha

sido verificar a convivência de ambas as comunidades, num mesmo espaço, como é o caso de Beirute e de Biblos, onde aí especificamente, lado a lado, encontram-se mesquita e igreja.

Outra impressão foi verificar a diversidade étnica e lingüística do país. Além das cidades marcadamente muçulmanas ou cristãs, é possível ainda encontrar vilas exclusivamente ocupadas por armênios; os campos de refugiados palestinos; comunidades curdas imigradas do Iraque; os ciganos que ocupam sazonalmente determinadas regiões; uma minoria judaica instalada anteriormente aos conflitos na região; vilas ocupadas por aqueles que retornaram do Brasil, da Venezuela, da Colômbia e de tantos outros destinos; além de trabalhadores braçais e domésticos provenientes do Sri-Lanka, das Filipinas, da Somália e do Senegal.

Isso faz com que o Líbano tenha o árabe como língua oficial, mas ouvem-se pelos quatro cantos do país francês e inglês (ensinado nas escolas), armênio, curdo e já apontado como a quarta língua do país, português. As ruas e outras placas indicativas são, no mínimo, bilíngües no árabe e no francês, resquício da dominação cultural.

A diversidade lingüística está presente também na publicação de dez jornais diários e de mais de cem revistas, enquanto a mídia audiovisual também se adapta a essa diversidade. Ligar a televisão e selecionar o canal é uma experiência inusitada. Com a ponta dos dedos percorrem-se tradições seculares, ouvem-se cantos e preces em variados idiomas, comemoram-se diversas datas e festividades religiosas.

Da mesma forma as escolas públicas ou particulares (confessionais) adaptam-se a essa diversidade, e constantemente as aulas são suspensas em todas elas em respeito ao Natal dos cristãos ou dos armênios, do *Eid*³⁷ dos muçulmanos, e assim por diante. Os dias de descanso semanal não são unificados; nas escolas cristãs, o sábado e o domingo; nas muçulmanas, a sexta-feira e o sábado; nas escolas mistas a sexta-feira e o domingo; e outras soluções criativas.

Entender essa situação foi fundamental para compreender o país e a necessidade de adaptação dos que retornam. Outros códigos, regras e normas devem ser compreendidos, aceitos e praticados por aqueles que encararam a mudança para o país.

Com tempo exíguo de pesquisa organizei-me já nos primeiros dias para dar início às entrevistas. Ambientar-me, circular sozinha, falar algumas vezes

³⁷ O *Eid al Fitr* é uma das principais festas religiosas do calendário muçulmano, marcando o fim do mês de *Ramadã* (o mês do jejum sagrado, no qual foi revelado o Alcorão). A comemoração ocorre no primeiro dia de Chawwal, mês do calendário lunar muçulmano. ABDALATI, Hammudah. *Lucas sobre el Islam*. Madrid, Mesquita M- Trenta, s/d, p. 183.

exclusivamente em árabe, estabelecer os contatos, adaptar-me ao frio e ao ritmo da região tiveram que ocorrer rapidamente. Ir além do pequeno vilarejo de Ghazzi, percorrer o Bekaa, descer para Beirute várias vezes, atravessar as fronteiras da Síria e da Jordânia com documentação libanesa, lidando com os funcionários de cada país, marcaram a experiência dessa viagem.

Desde o início nossa chegada gerou expectativas e curiosidades. A pesquisa e o meu interesse pelos retornados levaram a uma série de sugestões e indicações e a chegada dali a uma semana de meu marido *barasili, barasili*,³⁸ aumentou ainda mais as especulações sobre a minha vida pessoal.

Responder sobre essas questões e explicar sobre a pesquisa foram constantes, dos mais distantes aos mais próximos, dos parentes aos recém- apresentados, em Ghazzi ou na Jordânia, entre cristãos ou muçulmanos. De qual vila, de qual família, com quem é casada, são perguntas que vão além de uma simples curiosidade. *Ibn/bint min?* (filho/a de quem), *Bait min?* (de qual família) marcam a identificação dos que vêm de fora.

Outra questão constante referiu-se às minhas impressões sobre o país e se pretendia retornar e viver lá. Retornos rápidos, em férias, sim; definitivo, não.

2.2 O Percurso das Entrevistas

É possível considerar que o início desta pesquisa remonta à Dissertação de Mestrado, uma vez que foram nas entrevistas realizadas para esse trabalho que detectei a questão do retorno como tema recorrente em todas elas.

Para dar início efetivo a esse projeto necessitava de um ponto de partida que, num primeiro momento, parecia estar vinculado à realização da viagem ao Líbano. Por sugestão do orientador deste trabalho, no entanto, foi possível realizar uma entrevista prévia³⁹ no Brasil, tendo como critério de escolha pessoas que estivessem morando no Líbano e que tivessem retornado ao Brasil por um breve período, marcando o trânsito nos dois destinos, quase uma constante nessa comunidade.

³⁸ Uma referência comum aos brasileiros não descendentes de árabes. Para os descendentes utiliza-se a expressão *barasili, ibn arab* (brasileiros, filhos de árabes).

³⁹ De acordo com Meihy, essa entrevista é denominada “ponto zero”: “Há casos em que o ponto zero se transforma na primeira entrevista, mas, normalmente, isso ocorre não porque esse encontro é mais informativo e não se conforma aos padrões regulares do andamento de uma gravação, mas sim porque, muitas vezes, ele se transforma em guia capaz de orientar o andamento das entrevistas”. MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. SP: Loyola, 2005, 5ª ed., p. 178.

Já que estas idas e vindas não se apresentam como algo tão distante nesse grupo, isso seria perfeitamente possível de se concretizar, bastando, por exemplo, ter escolhido o Aeroporto de Cumbica ou o Consulado do Líbano para selecionar algum membro que estivesse nessas condições. Essa ida ao aeroporto, ao consulado, ou qualquer outra forma aleatória de busca e seleção de um primeiro entrevistado não foi necessária, pois bastou ter usado o mesmo critério já utilizado durante as pesquisas do Mestrado: a própria família.

Essa decisão constituiu-se numa opção para realizar o “ponto zero”. **Monira Mohamad Abou Jokh**, filha de Mohamad Toufic Abou Jokh, participante da Rede de Imigrantes Muçulmanos da Primeira Geração, daria continuidade direta ao trabalho de Mestrado. Monira teve sua vida marcada pela questão do retorno empreendido por seus pais desde sua infância, passando pela adolescência e entrando na fase adulta. Brasil-Venezuela-Líbano e Brasil-Líbano-Brasil foram e continuam sendo seus caminhos de trânsito constante, sem que tenha tido a possibilidade de se estabelecer em nenhum desses países, seja pela realização profissional seja pela opção do casamento.

Foi esse o ponto chave que marcou seu relato, perpassando pelas dificuldades de convivências familiares, dificuldades de adaptação e readaptação a cada um dos países em que viveu e tem vivido, a busca incessante pela concretização de um projeto de vida. Interessante observar a sua estrutura familiar: o pai, os irmãos solteiros e a irmã casada vivendo no Brasil; a mãe e outra irmã casada vivendo no Líbano, e Monira percorrendo esses espaços sucessivas vezes, em curtos períodos.

A entrevista foi realizada às vésperas de seu retorno para o Líbano em setembro de 2003 e nosso reencontro se deu nesse país em dezembro. A partir de Monira, realizei minha primeira entrevista no Líbano, a segunda deste projeto, com sua irmã **Noá Mohamad Abou Jokh**. Além de ter dado continuidade à rede, Monira me acompanhou diversas vezes à casa de outros entrevistados, não por uma questão de distância, mas sim como forma de driblar o frio intenso.

Essa decisão marcou mais um ponto importante do procedimento de pesquisa: estando no Líbano, por onde começar? Com família em Ghazzi, no Vale do Bekaa, de onde minha mãe é natural e onde possuímos uma casa, esse ponto de partida acabou se estabelecendo naturalmente. Para o orientador dessa pesquisa, a opção não só seria válida, mas bastante oportuna.

Um importante aspecto logo observado é a questão do retorno empreendido pelos imigrantes libaneses provenientes de diferentes destinos da América. Os pequenos

vilarejos do Vale do Bekaa, ponto de partida desses migrantes, é também o ponto de chegada dos retornados. Assim, os que emigraram para o Brasil retornaram para *Ghazzi*, *Sultan/Loussi*, *Haush al Harimi*, *Khiara*, *Kamed al Laoz* e *Baaloul*; os que emigraram para a Venezuela retornaram para *Ghazzi*, *Lela*, *Baaloul*, *Karaon*, *Kamed al Laoz* e *Khiara*; os que emigraram para a Colômbia retornaram para *Lela*, *Baaloul* e *Karaon*; os que emigraram para os Estados Unidos e Canadá retornaram para *Lela*, *Karaon* e *Khebert Rouha*.⁴⁰

A partir desse ponto estabeleci as redes⁴¹ partindo do critério territorial, articulado com a divisão religiosa, e realizei as entrevistas⁴² em *Ghazzi*, *Sultan/Loussi* e *Zahlé*.

2.2.1 Ghazzi

FOTO 1: VISTA GERAL DE GHAZZI

Fonte: Foto da Autora, 2003.

⁴⁰ Interessante observar que a maioria desses vilarejos não é identificada nos mapas do país, diluindo-se na nomeação genérica Vale do Bekaa.

⁴¹ É importante aqui extrair dois conceitos de Meihy: colônia e rede. Segundo o autor, “a colônia é sempre o grupo amplo, da qual a rede é a espécie ou parte menor que possa caber nos limites de um projeto plausível a ser executado” e “a rede, como subdivisão da colônia, funciona como indicativo do modo de articular as entrevistas”. MEIHY, José Carlos Sebe, *op.cit.*, p. 177.

⁴² Para recompor essa etapa da pesquisa foi imprescindível o uso do Caderno de Campo que, segundo Meihy, deve funcionar como “um diário em que o roteiro prático seja arrolado – quando foram feitos os contatos, quais os estágios para se chegar à pessoa entrevistada, como ocorreu a gravação, eventuais incidentes de percurso”. Além do mais, “o caderno de campo se torna um referencial obrigatório nas finalizações dos trabalhos. A validade dele como elemento de registro garante a trajetória da evolução do trabalho, que varia em vista do projeto inicial”. *Idem*, pp. 187-188.

Ghazzi é um pequeno vilarejo cortado por uma estrada principal que o liga com outros pontos do Bekaa e onde estão estabelecidos um pequeno comércio (farmácia, açougue, sapatarias, moda, quitanda, supermercado), serviços (posto de gasolina, lava-rápido) e duas *lan-houses*. Por um labirinto de ruas e becos que se abrem por essa via principal, encontram-se casas humildes e suntuosas, mais estabelecimentos comerciais, mesquitas, cemitérios, escolas e o campo destinado ao plantio e ao pastoreio. De um lado, as planícies cobertas ora pelo verde do trigo ora pelo branco da neve; de outro, os picos gelados do Anti-Líbano.

Logo nos primeiros dias de minha chegada ao país, enfrentando o frio e escapando das visitas incessantes, dei início à realização das entrevistas.

O contato com **Noá Mohamad Abou Jokh** havia ocorrido dias antes, em minha casa, quando ela fora me dar as boas-vindas. Já sabendo da intenção de minha viagem e do meu interesse em entrevistá-la, colocou-se à disposição, embora argumentando que não podia entender como sua vida tão monótona pudesse me auxiliar na pesquisa. Este argumento não me surpreendeu, pois tive que lidar com ele diversas vezes, na pesquisa de Mestrado e na de Doutorado. Perguntas do tipo: “Por que eu?”, “Que importância tem minha história?” ou ainda “Como posso ajudá-la?” foram recorrentes, nessas e em outras entrevistas.

Vencida essa primeira barreira, com dia e hora marcados, fui à casa de Noá, numa tarde fria, escura e chuvosa, como foram quase todos os dias do inverno intenso do Líbano em minha estadia. A entrevista ocorreu na presença de sua irmã Monira, que vez ou outra realizou algum comentário para reforçar pontos de vista semelhantes entre os dois relatos, dos filhos que rondavam a sala com muita curiosidade por aquele momento tão diferente em suas rotinas, e do marido, que não impediu que Noá desse continuidade ao seu relato por vezes crítico, uma vez que o idioma escolhido foi o português, incompreendido por ele.

A escolha do idioma foi um aspecto interessante dessa e das outras entrevistas. Vale ressaltar que para os imigrantes retornados e seus filhos, falar português a maior parte do tempo foi uma opção natural ao darem entrevista a uma “brasileira” (como às vezes eu era identificada), embora vez ou outra com o esquecimento de algumas palavras ou intercaladas com expressões, palavras e frases em árabe, o que até passava despercebido ao se reportarem a uma descendente.

A entrevista fluiu naturalmente, talvez pela proximidade familiar, talvez pela familiaridade com o tema. Reforçar seu interesse e seu carinho pelo Brasil, considerar-

se brasileira e não árabe como os outros, policiar-se para não cometer erros no idioma deram o tom de sua entrevista.

Com Noá testei uma nova experiência, sugerida pelo orientador, em nossas trocas de mensagens eletrônicas: fotografar os entrevistados, não apenas como um ato mecânico de registro, mas observando a reação, a aceitação imediata ou a resistência reticente, a preparação, onde, como e com quem queriam ser fotografadas.

Noá sugeriu ainda alguns nomes de pessoas que eu poderia entrevistar, como Maria Abdul Kadri, que chegou ao Líbano na mesma época e por quem cultivava uma grande e recíproca amizade. O contato com Maria foi feito alguns dias depois e sua entrevista marcada logo em seguida.

Seguindo-se à entrevista de Noá, realizei a segunda, com **Widad Ismail Mohamad El Kaderi**, conhecida de minha família e com quem eu já tivera contato no Brasil. Widad desde o início mostrou-se interessada pela pesquisa e preocupada em me auxiliar, tendo sido ela posteriormente a me acompanhar e indicar várias pessoas para entrevistas, inclusive estabelecendo contatos com uma rede de brasileiras não descendentes. Foi ela também a maior divulgadora de meu trabalho, contagiando as pessoas com seu entusiasmo, e como ela mesma declarou por diversas vezes, com orgulho de ver uma descendente de árabe que tenha conseguido concretizar seu maior sonho frustrado: o estudo e a formação profissional.

Sua entrevista foi marcada por um tom bem humorado, descontraído, talvez como forma de enfrentar as inúmeras dificuldades que se sucederam em seu estabelecimento no Líbano, do ponto de vista das restrições econômicas e dos projetos fracassados em relação aos filhos. Nas entrevistas, e em diversos momentos, fez questão de reafirmar sua preferência pelo Líbano apesar dos problemas enfrentados, acreditando com veemência que todos os outros também pensem como ela.

Widad colocou-me em contato com sua filha **Sana Ali Moussa El Kaderi Smaile**, com quem realizei minha terceira entrevista, embora ela também me apontasse a necessidade de entrevistar um de seus filhos que tinha uma visão bem diferente de Sana, que gosta e pretende viver no Líbano e não retornar mais ao Brasil.

Sana vive com o marido e um casal de filhos num amplo apartamento do último andar de um prédio do qual são os únicos moradores e que pertence ao avô materno de seu marido. Na parte inferior encontram-se alguns imóveis alugados para pequenos estabelecimentos comerciais e o “Lava Rápido Brasil” de seu marido.

Falando quase que totalmente em português, Sana foi bem receptiva e aberta para apontar certas dificuldades enfrentadas, embora tenha sido reticente ao falar de algumas questões relacionadas ao casamento e à permanência no Líbano. Seu marido, também filho de libaneses, recusou-se a conceder-me uma entrevista, mesmo havendo entre nós uma certa proximidade familiar.

Alguns dias depois realizei duas entrevistas por indicação de Widad, com seu marido **Ali Moussa El Kaderi** e com seu filho **Salmen Ali Mussi El Kaderi**. Ali Moussa resistiu e adiou a entrevista por algumas vezes e, ao contrário da esposa, foi bastante reticente. O que marcou seu relato foram as expressões faciais e os gestos com a cabeça que fazia ao falar do Brasil, misto de lamento e saudade, num coração dividido entre a terra natal e a terra escolhida para viver na imigração.

Salmen foi, desde o início, uma pessoa receptiva e muito carinhosa, aceitando fazer a entrevista, mas sutilmente fez-me entender que não queria fazê-la na presença do pai. Sentia-se mais à vontade para expor suas idéias e sentimentos para a mãe, tanto nesse momento como em vários outros de conflitos familiares, e mesmo para mim. Salmen não fuma na frente do pai, não assume para ele não gostar de viver no Líbano e nem tem coragem de contar-lhe o seu maior projeto de vida: voltar a viver definitivamente no Brasil. Conseguimos realizar a entrevista a sós, não obstante sua mãe tenha estado presente em certos momentos, inclusive opinando sobre o assunto discorrido pelo filho. A entrevista foi feita em bom português, sem sotaque, o que é incomum para aqueles que chegaram ao país na adolescência, como é o caso de Salmen.

Além de sua família conjugal, Widad estendeu suas indicações para a família grande, tendo sugerido que eu entrevistasse sua concunhada, **Neide Maria Paplovskis Pinto (El Kadri)**. Essa indicação surpreendeu-me, pois Neide é brasileira não descendente de árabes, possibilidade não prevista em meu projeto de pesquisa inicial. Este e tantos outros apontamentos para as “*barasilie, barasilie*” que vivem no Líbano fizeram-me rever meus caminhos iniciais, tendo sido prontamente apoiada pelo orientador da pesquisa que, inclusive, lembrou-me que “o campo estimula e muda o plano feito alhures”.

Apesar de ter sido avisada por Widad sobre meu interesse em entrevistá-la, Neide mostrou-se um pouco receosa e intimidada quando marquei a entrevista. Numa bela casa, uma *villa*, rodeada pelos filhos, nora e neto, Neide esquivou-se de iniciar o relato preferindo que seu filho, **Samir Ahmad El Kadri**, o fizesse.

Ao contrário de sua mãe, Samir aceitou de imediato participar do projeto, compreendeu perfeitamente o sentido da entrevista e não se inibiu em falar na presença de outras pessoas de sua família. Apesar da pouca idade, da timidez e da ida ao Líbano entrando na adolescência, Samir manteve um relato coerente, maduro, com um posicionamento crítico sobre as limitadas possibilidades de vida no Líbano, e assim como seu primo Salmen, tem como projeto retornar ao Brasil para construir uma vida melhor, enfrentando também a resistência de seu pai.

Seu relato foi feito basicamente em português, embora já com um forte sotaque, natural aos falantes da língua árabe, mas que passa despercebido para eles. Ao acompanhar o relato do filho e elogiar sua desenvoltura e confiança, Neide sentiu-se mais à vontade para conceder a entrevista, mostrando-se bastante esclarecida quanto aos objetivos da pesquisa. Ao final e vencidas as resistências iniciais, Neide disse que gostou muito de ter participado do projeto pois o via como uma forma de desabafo, podendo expressar suas opiniões, ressentimentos e angústias, mas sobretudo como forma de colocar em evidência as dificuldades enfrentadas por uma brasileira numa terra tão diferente.

O uso da língua portuguesa, mesmo com algumas expressões e palavras em árabe, constante no seu cotidiano e na entrevista, para Neide é um fator fundamental na manutenção de sua identidade. Por isso, disse se preocupar em falar corretamente e até mesmo em corrigir aqueles lá estabelecidos há mais tempo, às voltas com o sotaque e com os vícios de linguagem.

A entrevista com Neide abriu a possibilidade de uma rede composta por brasileiras, não descendentes de árabes, que chegaram ao Líbano em decorrência de casamentos com imigrantes, acompanhando-os e aos filhos nesse restabelecimento na pátria de origem.

A indicação de Neide recaiu sobre a baiana **Maria Neuza Farias (Kadri)**, esposa de um sobrinho de seu marido, **Abdul Ali Kadri**. Maria, que é costureira e já vive no Líbano há muito tempo, foi constantemente citada por pessoas envolvidas direta ou indiretamente no projeto, e pareceu-me bastante oportuno entrevistá-la.

Para chegar até ela, fui acompanhada de minha mãe que já a conhecia de outras viagens ao Líbano. Antes de iniciar sua entrevista, sugeriu que eu entrevistasse também seu marido, afinal fora por causa dele que vivia agora nesse país.

Num relato breve e reticente, como foi a maioria das entrevistas feitas com homens, imigrantes retornados, Abdul Ali fez questão de falar em português e de estar

rodeado carinhosamente pelas três filhas mais velhas e orgulhosamente pelo filho caçula. Sua breve estada no Brasil, em torno de cinco anos, deixou para ele marcas positivas do país que considera sua segunda pátria e de desejar manter a língua portuguesa aprendida às duras penas e praticada com a esposa e filhas.

Maria Neuza preferiu conversar reservadamente e convidou-me a acompanhá-la a outro cômodo da casa, onde pôde fazer seu relato e expor suas opiniões. Maria disse sentir-se bem adaptada no Líbano, reconhece ter uma vida mais tranqüila com seu marido, que respeita sua opinião quanto à limitação da interferência da família grande na vida da família nuclear, ao contrário do que acontece com suas cunhadas e suas amigas brasileiras. Para ela a prova disso é, de um lado, viver numa casa separada com seu marido e filhos, mesmo dividindo o quintal com os demais membros da família, e de outro, poder opinar sobre a educação das filhas incentivadas para o estudo acima do casamento.

Com Maria Neuza pude dar continuidade às entrevistas por três vertentes. Uma de suas indicações foi **Marlene Vieira Lima (Abdo Fateh)**, cuja entrevista eu realizara um dia antes, quando esta me procurara em minha casa. Sabendo que havia brasileiras que tinham acabado de chegar ao Líbano, e que eram irmãs de uma conhecida, fez questão de nos visitar como uma forma de retomar contato com seu país de origem e, ao saber de minha pesquisa, quis prontamente colaborar, convidando-me para nesse mesmo dia ir visitá-la em sua casa.

Num prédio cujos apartamentos, um por andar, vivem membros de uma mesma família, Marlene ocupa o último andar, o que talvez simbolicamente represente o seu isolamento da família grande, do marido, dos filhos, dos poucos amigos e até do país em que vive. Em plena crise conjugal, sem o apoio de familiares, distante do Brasil, incompreendida pelas filhas adolescentes, sente-se rejeitada e não se vê como parte do país em que vive.

A entrevista foi um desabafo, e falar com uma “brasileira”, um alívio. Para ela, o primeiro momento em que pôde conversar com uma pessoa do mesmo nível intelectual, de igual para igual, trocando idéias e informações que fossem além do limitado mundo doméstico no qual se encontrava aprisionada. Sente falta de livros escritos em português, de músicas brasileiras, de exercer sua profissão, de ser útil.

A entrevista foi realizada à noite, entre os afazeres domésticos, ocupada com os filhos, procurando ser atenciosa comigo, num relato triste e solitário, onde lágrimas e

lágrimas não faltaram. Marlene citou uma única amiga, embora um pouco distanciada, para que eu pudesse continuar a realização das entrevistas: a própria Maria Neuza.

A segunda vertente da entrevista de Maria Neuza foi estabelecida com sua concunhada **Emni Ahmad Ghazzaoui**. Emni quis participar do projeto tão logo soube de meus objetivos e gostaria de ter gravado entrevista nesse mesmo dia, mas as obrigações familiares e as exigências do marido para receber suas visitas a impediram.

Dois dias depois fui visitá-la num horário mais propício, quando a casa, dividida com outros membros da família grande, estava vazia. Escolheu um cômodo que funcionava como sala e quarto e que dividia privativamente com seu marido e filhos.

Emni fez questão de reforçar suas dificuldades de adaptação ao país, (embora seja filha de árabes e tenha sido criada com todas as restrições dessa condição), as dificuldades de convivência com os familiares e a interferência em sua vida conjugal, as diferenças no modo de criação dos filhos e no tratamento dispensado às mulheres em comparação ao Brasil.

Emni sente-se dividida entre esses dois mundos, mas vê a necessidade de se adaptar quanto antes ao modo de vida e ao modo de pensar e agir do mundo árabe, inclusive optando pelo uso do lenço, o que causou reação e espanto por parte dos pais e dos irmãos que vivem no Brasil. Para ela a entrevista, feita num português quase sem erros, foi a primeira oportunidade de se comunicar com alguém de outro nível intelectual, diferente do qual estava convivendo nos últimos anos. Além disso, reconheceu nessa pesquisa uma importante análise sobre a vida de brasileiros, especialmente brasileiras, procurando se adaptar num país culturalmente diferente.

A terceira vertente da entrevista de Maria Neuza foi com **Maria Abdul Kadri**, já indicada por Noá. Ao encontrá-la na casa de Maria, retomamos contato pois já nos conhecíamos do Brasil e marcamos entrevista para o dia seguinte em minha casa.

Maria considera-se privilegiada em relação às outras mulheres brasileiras ou descendentes, pois avalia ter uma vida tranqüila com o marido; ter a oportunidade de criar três filhas de uma forma mais próxima, reforçando a identidade brasileira e ensinando-lhes o idioma; trabalhar; ter seu próprio carro e casa.

Apesar disso, tem em conta o peso da imposição da vinda ao Líbano, a divisão familiar decorrente dessa mudança, todas as dificuldades de adaptação ao país, mormente em relação ao idioma, a frustração em seus projetos pessoais em relação aos estudos e à profissionalização, entre tantos outros problemas apontados.

Maria sugeriu-me que entrevistasse seu pai, **Abdul Majid Ali Kadri**, para ela o responsável pelos rumos de sua vida, e sua mãe, **Dibi Mustafá Kadri**, também vítima desse processo de mudanças drásticas.

O senhor Abdo Majid resistiu inicialmente em conceder-me a entrevista, abreviando seu relato e simplificando os motivos para o retorno ao Líbano por necessidade de cuidar de seus pais em idade avançada. Queria que eu entrevistasse um de seus filhos, o mais novo e o único dos homens que permaneceu no Líbano.

A esposa, que acompanhava seu depoimento, impaciente por não estar de acordo com a versão dada pelo marido para o retorno, acabou por assumir os rumos da entrevista. Avaliou o retorno como um grande fardo de adaptação, um sofrimento reforçado pela divisão familiar, apontando uma série de dificuldades enfrentadas, num tom sofrido e amargurado e, ao mesmo tempo, simpático e carinhoso.

Mais uma visita em minha casa deu continuidade às entrevistas com a família Abou Jokh. **Iman Hussein Abou Jokh**, prima de Noá, esteve desde o início disposta a colaborar com a pesquisa, prontificando-se em realizá-la naquele momento. Sua preocupação maior foi em procurar atender às expectativas do entrevistador e, inevitavelmente, seu relato era acompanhado de “O que mais você quer saber?”

Em seguida a essa entrevista, entrei em contato com **Fadel Mohamad Abou Jokh**, tio paterno de Iman, que a princípio hesitou em participar da pesquisa, considerando que pouco teria a dizer e que a língua portuguesa lhe era um pouco dificultosa; apesar disso seu relato foi quase todo nesta língua. Em seu ambiente de trabalho, uma pequena quitanda abarrotada dos mais variados produtos, localizada na estrada principal do vilarejo, realizamos a entrevista, interrompida pela entrada de fregueses e tendo ao fundo o som da televisão sintonizada com o Brasil. Do Brasil, apenas elogios, saudade, lembranças...

Aproveitando ainda as possibilidades abertas pela entrevista de Iman, realizei mais duas entrevistas: com seu tio materno, **Ahmad Abdo Latif Ahmad**, e com seu avô, **Abdo Latif Mohamad Ahmad**.

Ahmad quis imediatamente realizar as entrevistas, “ainda mais se era para falar do meu Brasil”. O tom de sua narrativa, exclusivamente em português, foi marcado por uma grande saudade de sua terra natal e pelas dificuldades de adaptação ao Líbano, pois, segundo ele, há uma grande distância nos modos de pensar e agir e comportamentos entre esses dois povos.

Em seguida, realizei a entrevista com seu pai, que sente muito orgulho de ainda falar o português, embora com algumas dificuldades em se lembrar de certas palavras. Aceitou prontamente realizar a entrevista, muitas vezes divagando em memórias distantes e pequenos detalhes, não faltando um tom saudosista em relação ao Brasil. Além disso, sua fala foi marcada por um grande ressentimento em relação aos filhos que retornaram ao Brasil, e praticamente romperam relações mais comprometidas com o resto da família.

Sua esposa, Khadija, também foi convidada para participar da entrevista, mas recusou-se pois não se sentia bem para tal e considerou que pouco acrescentaria aos relatos do filho e do marido. Informalmente, fez questão de reforçar que o Brasil era o melhor lugar para se viver, que o povo brasileiro era o melhor do mundo em termos de colaboração, fraternidade e de aceitação a todos que lá se estabelecessem. Voltar a viver no Líbano, para ela, foi uma grande decepção. Vale notar que Iman, Ahmad e Abdo Latif moram em outra vila, Haushe al Harimi, próxima a Ghazzi, onde foram feitas as entrevistas.

Concluída essa etapa, retomei contato com Widad, que me colocou em contato com a sobrinha de seu marido, **Soraia Sami El Kadri**. Soraia, por sua vez, indicou-me mais dois sobrinhos, filhos de sua irmã que vive no Brasil, **Daniel Ahmad Rajab** e **Wafá Ahmad Rajab**.

Soraia fez questão de entender primeiramente todo o projeto e como se daria a sua participação nele. Preferiu dar a entrevista em outro cômodo da casa para manter a privacidade e para evitar que outras pessoas ouvissem alguns detalhes, inclusive a filha, em relação ao seu envolvimento com um brasileiro, o que provocou sua ida ao Líbano e seu decorrente casamento.

Com um português fluente e correto, sua entrevista teve um tom bem distinto das demais, sobretudo por sua formação política ligada ao Partido dos Trabalhadores e por seu interesse nas questões relacionadas aos conflitos árabe-israelenses. No mesmo dia realizei as entrevistas com seus sobrinhos. Com Daniel, tive que vencer a resistência inicial de não querer dar a entrevista, se intimidar com o gravador e com a máquina fotográfica. Para a irmã, foi um grande mérito ter conseguido isso, e ela entendeu ter havido uma empatia entre entrevistadora e entrevistado.

Um pouco reticente, Daniel falava menos com palavras do que com gestos, expressões e silêncios, pelos quais deixava transparecer tristeza, decepção, infelicidade

com o destino imposto pelos pais, que o levaram a um casamento, filho e emprego numa terra que não escolheu para viver.

Por sua vez, Wafá foi extremamente atenciosa e simpática, atendendo prontamente à solicitação da entrevista. Quis entender todo o projeto, considerando-o importante e pertinente. Apesar da pouca idade, é madura, esclarecida e tem plena consciência e certeza das opções feitas em relação ao casamento, continuidade dos estudos e uso do lenço.

Widad, mais uma vez, estabeleceu os últimos contatos que finalizaram a rede de Ghazzi, acompanhando-me nas entrevistas com as brasileiras: **Laudicéia Maria da Silva (Majdoub)**, **Alvira de Vargas (Abou Mourad)**; **Antônia Alves Cardoso (Abou Chahim)**; **Maria Luíza Areias (Majzoub)** e sua filha **Sharifa Ahmad Al Majzoub**. Estas mulheres foram citadas repetidas e constantes vezes tanto pelos habitantes do vilarejo que acompanharam o desenvolvimento da pesquisa, como umas às outras, o que nos levou a concluir que elas se assemelhavam entre si e se diferenciavam dos demais entrevistados.

Laudicéia, conhecida como Célia, foi a mais resistente à entrevista e diferenciase das demais pela origem humilde, pelas dificuldades enfrentadas no casamento e na adaptação ao país, o que a faz ter como grande objetivo de vida retornar ao Brasil, tão logo as filhas se casem e sua missão de mãe na sociedade árabe esteja cumprida.

Destacou-se ainda Alvira, a brasileira mais conhecida e referenciada sucessivas vezes por diferentes pessoas. Malgrado as dificuldades, o abandono do marido, o sofrimento, considera-se uma grande vitoriosa por ter sustentado e criado os filhos sozinha, ter aprendido a língua e os costumes as duras penas, ter mantido a coragem e a integridade em meio a tantas adversidades. É isto que fez com que a filha Dunia⁴³ a visse como uma grande batalhadora e vencedora, sentindo-se orgulhosa e privilegiada em tê-la como mãe.

Este foi o caso também da relação entre Maria Luíza e Sharifa. Viúva, Maria Luíza optou por continuar a viver no Líbano sustentando os filhos com seu ofício de costureira, procurando adaptar-se ao país e criar os filhos de acordo com os costumes e

⁴³ Algumas entrevistas acabaram ocorrendo com a participação de outros membros familiares, que acompanharam o relato, e por vezes opinaram sobre determinado assunto. Meihy alerta que “às vezes ocorre de uma pessoa chegar ou querer participar. Nesses casos, deve-se sempre avaliar as conseqüências. Caso haja comprometimento, torna-se necessário sugerir a privacidade. Em certos casos, os acompanhantes podem integrar o projeto e, assim, pode-se flexibilizar a proposta e agregar, separadamente outras pessoas”. *Idem*, p.181. Levando esse aspecto em consideração, incorporei às entrevistas principais a fala de outros colaboradores: Alvira e Dunia; Maria Luíza e Sharifa; Alia e Helena, cujas breves participações foram apresentados na forma de pergunta e resposta, conforme Anexo.

tradições da comunidade. Foi com os filhos que resolveu a barreira da língua, e por meio deles também aprendeu a religião, decidindo-se inclusive pelo uso do lenço. Para Sharifa, a mãe não é apenas motivo de orgulho filial, mas também de admiração por parte de seus amigos que invejam a relação de confiança, amizade e respeito existente entre as duas.

Antônia, que preferiu ser chamada de Michele, é a mais jovem delas e chegou ao Líbano por um caminho que não foi o do casamento, como as demais. Foi trabalhando como acompanhante e enfermeira de um senhor do vilarejo de *Sultan/Loussi* que conheceu seu marido, mudou de vila e vive hoje em *Ghazzi*. Michele ressaltou o preconceito existente em relação às brasileiras, particularmente em *Sultan/Loussi*, onde vive a maior parte de seus conterrâneos.

Concluída essa rede, é interessante mencionar as relações familiares existentes entre os entrevistados, nos mais diferentes graus de parentesco, diretos ou indiretos. Destaco três famílias: Kadri, Abou Jokh e Rajab, que mantêm laços estreitos com o Brasil, e com cujos membros realizei as entrevistas do Mestrado. Essas famílias, dentre outras, mantêm entre si relações de parentesco, reforçadas pelos casamentos que ocorrem entre seus membros. De certa forma, e em algum grau, essas famílias estão ligadas pela parentela, havendo a proximidade familiar mais comum entre elas: os primos. Esta relação foi transposta para as terras de migração, criando-se o mito do “primo” que, neste grupo, não é só uma palavra, mas reafirma e reforça as ligações que se pretendem manter.

QUADRO 1: ENTREVISTAS REALIZADAS- GHAZZI

ENTREVISTADO	DATA
Monira Mohamad Abou Jokh	21.9.03
Noá Mohamad Abou Jokh	16.12.03
Widad Ismail Mohamad El Kaderi	17.12.03
Sana Ali Moussa El Kaderi Smaile	18.12.03
Samir Ahmad El Kadri	19.12.03
Neide Maria Paplovskis Pinto El Kadri	19.12.03
Marlene Vieira Lima Abdo Fateh	20.12.03
Abdul Ali Kadri	21.12.03
Maria Neuza Farias Kadri	21.12.03
Maria Abdul Kadri Abou Kaiss	22.12.03
Emni Ahmad Ghazzaoui	23.12.03
Abdul Majid Ali Kadri	23.12.03
Dibi Mustafá Kadri	23.12.03
Iman Hussein Abou Jokh Ahmad	27.12.03
Fadel Mohamad Aboo Jokh	27.12.03
Ahmad Abdo Latif Ahmad	28.12.03
Abdo Latif Mohamad Ahmad	28.12.03
Ali Moussa El Kaderi	28.12.03
Salmen Ali Mussi El Kaderi	28.12.03
Soraia Sami El Kadri	3.1.04
Daniel Ahmad Rajab	3.1.04
Wafá Ahmad Rajab	3.1.04
Laudicéia (Célia) Maria da Silva Majdoub	4.1.04
Alvira de Vargas Abou Mourad	4.1.04
Maria Luíza Areias Majzoub e Sharifa Ahmad Al Majzoub	5.1.04
Antônia (Michele) A. Cardoso Abou Chahim	5.1.04

Fonte: Elaboração da Autora.

2.2.2 *Sultan/Loussi*

FOTO 2: VISTA GERAL DE SULTAN/LOUSSI

Fonte: Foto da Autora, 2003.

Se a origem familiar facilitou a pesquisa em *Ghazzi*, e em poucos dias todos já sabiam de minha presença e de meus objetivos, o mesmo não ocorreu em *Sultan/Loussi*. Além da nota do jornal que fazia uma referência direta a esse local, todos que souberam ou participaram do projeto sugeriram que eu fosse visitar “a cidade mais brasileira do Líbano”. Mas, como estabelecer esse contato inicial?

Um primo ofereceu-se para me acompanhar à vila e me apresentar a um conhecido seu que, por sua vez, poderia me ajudar nesse contato inicial. Primeiramente, tive a oportunidade de percorrer a região e surpreender-me com as exuberantes e ostensivas mansões, uma delas conhecida como a *White House*, construídas em uma área planejada como num amplo quarteirão. Minaretes da mesquita e bandeiras do Brasil fixadas no alto das casas destacavam-se entre os telhados vermelhos. Duas importantes ausências foram notadas: não havia, à primeira vista, nenhum estabelecimento comercial entre as casas, e, mais surpreendente, nenhuma pessoa circulando, num belo e frio dia de sol.

Em um ponto alto da estrada que corta a montanha, pude notar a geografia natural e urbana da região, além da denominação *Sultan/Loussi*. *Sultan Yacoub* é o nome oficial dessa região que compreende o vilarejo encravado nas montanhas do Anti-Líbano, conhecida especificamente como *Sultan*, e a planície, outrora pastos e

plantações, ocupada pelos que retornaram do Brasil e adquiriram essas terras, batizada de *Loussi*, “a cidade brasileira”, por definição⁴⁴.

Loussi é quase um território autônomo dentro do Líbano, pois por meio dos investimentos econômicos de seus moradores 80% provenientes do Brasil, é que foi construída a rede de esgoto; foi pavimentada a única estrada que liga o vilarejo ao resto do país; foram abertos os poços artesianos particulares que abastecem todas as casas ao mesmo tempo em que distribui água para outras trinta vilas; além de se garantir o abastecimento de energia elétrica em toda a vila de forma ininterrupta, algo excepcional na região. Todas essas vantagens são citadas pelos diversos moradores, que apontam nessas qualidades os facilitadores da adaptação ao país.

Meu primeiro contato foi feito de uma forma mais inusitada e ferindo todos os procedimentos formais da pré-entrevista⁴⁵, sugeridos num projeto de História Oral. De porta em porta, até encontrar com alguma das mulheres da região que estivesse em casa, acabei chegando à casa de **Márcia Elisa Fermiano (Taha)**, envolvida com os afazeres domésticos antes da chegada dos filhos da escola e do marido, cunhado e sogro de Beirute.

O inusitado ficou pior quando os dois senhores que me acompanhavam decidiram nos deixar a sós, alegando que as “brasileiras se entenderiam bem” e, mais tarde, me buscariam. Meu constrangimento só não foi maior graças à gentileza de Márcia, que me acalmou dizendo estar acostumada com a intempestiva informalidade árabe.

Márcia surpreendeu-me em seu relato ao reforçar que pretende continuar vivendo no Líbano, tendo que enfrentar o desejo de seu marido de retornar ao Brasil, considerando-se bem adaptada e acreditando ser este o melhor lugar para criar os três filhos. Sente-se resolvida em termos de aprendizagem da língua árabe e da religião muçulmana, da adequação aos costumes e mesmo no exercício da hospitalidade árabe.

Márcia estabeleceu dois contatos importantes, responsáveis pela formação dessa rede: no mesmo dia de sua entrevista, com a senhora Valda Legut e seu marido, e no dia

⁴⁴ Essa mesma característica foi notada em outros vilarejos, como *Khebert Rouha*, dividida entre as montanhas e a planície recém ocupada pelos investimentos provenientes da imigração para o Canadá e para os Estados Unidos.

⁴⁵ “A pré-entrevista corresponde à etapa da preparação do encontro em que se dará a gravação. É importante que haja, sempre que possível, um entendimento preparatório para que as pessoas a serem entrevistadas tenham conhecimento do projeto e do âmbito de sua participação”. MEIHY, José Carlos Sebe Bom, *op. cit.*, p. 179.

seguinte com Vanda Luiz (Alauan) e, a partir desta, com seu marido Nasser Mohamad Alauan.

Vale destacar que Márcia me indicou duas brasileiras, não descendentes de árabe, o que em *Loussi* tem um significado especial. As brasileiras natas consideram-se como as “verdadeiramente” brasileiras, pois a falta de ascendência implicou uma série de dificuldades de adaptação em relação à língua, à religião e aos costumes em geral, não sofridas, pelo menos não na mesma intensidade, pelas filhas de árabes nascidas no Brasil.

Essa condição (ser brasileiro não-descendente), inclusive, era reivindicada para justificar a participação em entrevistas e programas de televisão sobre brasileiros no Líbano, e mesmo o direito de participar da recepção organizada pela Embaixada do Brasil por ocasião da visita do presidente Lula ao Líbano⁴⁶ deveriam ser exclusivamente voltadas às **brasileiras**.

O **casal Legut** foi um caso interessante na trajetória da pesquisa, pois sua ida para o Líbano foi decorrência da mudança de país por parte de sua filha Telma, casada com o imigrante libanês Mohammed Orra. O tom do relato de Valda foi marcado pela sinceridade em dizer que só estava no Líbano em função da filha, mas considerava-se adaptada ao país, aos costumes e às pessoas. A necessidade de se inserir na comunidade e ser bem aceito levou o marido a freqüentar a mesquita, e mesmo a realizar o jejum no mês sagrado do *Ramaddã*.

O senhor Legut não quis gravar entrevista, mas acompanhou o tempo todo o relato da esposa, expressando vez ou outra suas opiniões. A continuidade desse contato teria sido extremamente interessante, pois sua filha Telma foi apontada como uma pessoa dinâmica e atuante na comunidade, mas problemas de saúde com seu marido impossibilitaram a realização de outras entrevistas.

Também por indicação de Márcia, o **casal Alauan**, marcou a formação dessa rede. Donos de um açougue, cujo sucesso estava no corte da carne de boi no padrão brasileiro, Vanda e Nasser conheciam “quase toda a cidade” de alto (*Sultan*) a baixo (*Loussi*) e foram estabelecendo os contatos que se concretizaram na realização das entrevistas. É significativo dizer que o critério estabelecido por eles nessa seleção foi a

⁴⁶ A viagem de pesquisa foi realizada durante o período entre dezembro de 2003 a fevereiro de 2004, coincidindo com a ida do presidente Lula ao Oriente Médio (Síria, Líbano, Emirados Árabes, Egito, Líbia) entre 2 de dezembro de 2003 e 10 de dezembro de 2003.

facilidade de acesso a certas pessoas, determinada não só pela freguesia ou pela amizade, mas sobretudo pela diferenciação socioeconômica existente nesse vilarejo.

Os contatos foram feitos com pessoas menos ou não tão privilegiadas economicamente, o que acentua que os mais bem-sucedidos não estavam abertos à entrevista, recusando-se em fazê-lo quando tentamos estabelecer contato, mais de uma vez.

Uma justificativa pertinente para essa recusa foi dada por outras pessoas, que apontaram a ocorrência de uma reportagem da revista *Marie Claire*, de janeiro de 2000, intitulada “Brasileiros no Líbano”⁴⁷. Nela foi publicada uma declaração de que “o pé-de-meia” para a construção de uma das mansões de *Loussi* foi feito no Brasil, e “se não fosse o Brasil, não haveria tudo isso”⁴⁸.

FOTO 3: CASA EM LOUSSI

Fonte: Foto da Autora, 2003.

Como os recursos nem sempre foram integralmente declarados e não há uma atualização de prestação de contas⁴⁹ com o fisco, além de ainda estarem economicamente ligados ao Brasil, essas declarações publicadas numa revista brasileira

⁴⁷ BARROS, Betina. “Brasileiros no Líbano”. Revista *Marie Claire*. Ed. Globo, jan/2000. http://marieclaire.globo.com/edic/ed106/rep_libano1.htm

⁴⁸ Depoimento de Sausan Dargham. *Idem*.

⁴⁹ Entre as diversas obrigações dos brasileiros residentes no Líbano (como em qualquer outro país) está a de entrega da declaração de renda ao Serviço Consular da Embaixada. No entanto, essa obrigação, na maior parte das vezes é ignorada. Ver: www.mre.gov.br/servicoconsular.

causaram um mal-estar geral nesse seletor grupo, e uma grande desconfiança em relação a qualquer tipo de entrevista⁵⁰.

A intenção inicial em relação ao casal Alauan⁵¹ era entrevistar apenas Vanda, indicada pela amiga Márcia. Mas, logo de início, seu marido Nasser interessou-se pela pesquisa e dispôs-se imediatamente a colaborar. Pretendíamos gravar seus relatos separadamente, mas como ele se manteve na sala conosco e com as duas filhas mais velhas, acabou por interferir na entrevista.

Vanda mostrava-se muito reticente para explicar os motivos da mudança para o Líbano, truncando de certa maneira a desenvoltura do relato. Foi quando o marido assumiu a fala e apontou seu envolvimento com as drogas como a causa do estabelecimento no país. A partir daí a entrevista acabou sendo conjunta, durou bastante tempo e estabeleceu uma relação de sinceridade, confiança e amizade que se traduziu não só na indicação dos demais entrevistados, como também em meu transporte entre *Ghazzi* e *Loussi* todos os dias em que realizei as entrevistas.

A primeira indicação de Vanda e Nasser foi **Alia Chahine**, esposa de um parente distante do casal. Para Alia, a mudança para o Líbano significou o encontro com suas origens, a busca de suas raízes e a opção por uma identidade libanesa e muçulmana, daí a opção pelo uso do lenço. Sua mãe, **Helena Chahine**, acabou participando da entrevista ao afirmar que vive no Líbano em função da filha única e dos netos. De descendência libanesa cristã, não conhece quase nada da língua árabe, não mantém contato com outras pessoas fora do círculo familiar, mas aceita viver no país de seus ancestrais e de seu falecido marido para estar junto de sua família.

Outro casal contatado pelos Alauan foi **Amin Abdoune e Maria de Lourdes Rocha (Abdoune)**. O senhor Amin resistiu muito em conceder a entrevista, desconfiando das intenções por trás dela, julgando-me “uma jornalista a serviço de Israel”. Aos poucos foi baixando a guarda, relaxando e concedendo a entrevista, tornando-se mais amigável, inclusive afirmando que eu iria longe porque eu era uma “boa jornalista”.

⁵⁰ Essa polêmica já havia ocorrido antes, no ano de 1999, quando o ex-presidente e senador José Sarney esteve no Líbano para lançar um de seus romances, também em *Loussi*. Os membros mais influentes discutiram e se dividiram na opinião se seria positivo que um membro do governo brasileiro verificasse a aplicação dos recursos de origem brasileira e que repercussões este fato acarretaria.

⁵¹ Ao contrário das entrevistas de Alvira/Dunia, Maria Luíza/Sharifa, Alia/Helena, a participação do casal Alauan e do casal Abou Arab acabou se desmembrando entrevistas integrais, conforme apresentadas em Anexo.

A esposa Maria foi mais reticente no relato, embora mais receptiva no contato inicial, talvez inibida pela presença do marido. Havia ainda certo silêncio por parte de ambos em relação ao único filho que vive no Brasil. Interessante notar que Maria é uma das três primeiras brasileiras que primeiro se estabeleceram em *Sultan/Loussi*; uma delas foi abandonada pelo marido e a outra cometeu suicídio.

Um outro contato foi feito com **Enizete Aparecida de Souza (Orra)**, a Eni, como prefere ser chamada a manicura mais conhecida da região pela fama de praticar seu ofício do “jeito brasileiro”. Eni já ouvira antes falar de mim e de minha pesquisa por Maria Abdo Kadri, de quem é amiga.

Extremamente receptiva, alegre e irreverente, aceitou a idéia de ser entrevistada. Enquanto fazia as unhas de uma cliente do Brasil, de importante família da região, pediu explicações sobre a pesquisa. De um modo bem descontraído, deu um tom cômico ao seu relato, enfatizando as saudades do Brasil e a intenção de voltar a viver em seu país, “com ou sem marido”.

Jamile Orra Saleh completou as entrevistas feitas em *Loussi*. Dona de uma bela e moderna casa, bem decorada e equipada com acessórios modernos, inclusive com gerador de energia próprio, vive cercada de luxo, comodidade e conforto, diferenciando-se de certa maneira do conjunto de entrevistas feitas nesse local.

Cercada pelos filhos e pela empregada proveniente do Sri Lanka, foi gentil, mas um pouco reticente. Sua vida divide-se na preocupação com os afazeres domésticos, na responsabilidade da criação dos filhos e na aceitação de ter o marido e uma filha recém-casada vivendo no Brasil. A segurança e as facilidades para criar os filhos na cultura árabe justificam para ela todo esse esforço.

Vivendo entre a planície de *Loussi* e as montanhas de *Sultan*, o casal Alauan colocou-me em contato com algumas pessoas dessa região: o casal **Mohamad Mustapha Abou Arab** e **Maria da Penha Alves** e as concunhadas **Aishe Barakat Smaide** e **Fátima Zeitoun Smaide**.

Inicialmente em relação ao casal Abou Arab, a intenção era entrevistar apenas Maria da Penha, mas seu marido interessou-se em também participar da pesquisa. A presença do marido e de outras pessoas incomodou Penha, que só conseguiu se expressar com mais tranquilidade quando pudemos ficar a sós. Muito triste, tensa e magoada, Penha vivia uma etapa difícil de sua vida com o nascimento do neto no Brasil. A distância em relação à filha e ao neto recém-nascido, as poucas oportunidades de lazer e diversão oferecidas aos outros dois filhos e certas dificuldades conjugais fizeram

da entrevista de Penha um triste desabafo, expressando seu desejo intenso de retornar definitivamente a seu país.

Aishe e Fátima realizaram as entrevistas separadamente. Para ambas essa oportunidade era um alívio e uma forma de se descontraírem do tédio e isolamento provocados pelo frio e pela neve. Seus relatos e suas vidas coincidiram numa série de pontos, principalmente por viverem sozinhas, cada uma com seus filhos e sem os maridos, que estão no Brasil. Num luxuoso prédio de três andares, ocupado cada um por uma das famílias, todas as comodidades, conforto e modernidade estão presentes, mas o alto custo de manutenção faz com que sejam econômicas desativando o elevador e desligando o aquecimento central, mesmo com o frio intenso das montanhas.

Há um ponto fundamental de divergência: para Aishe levar uma vida dividida, sem a presença do marido e como a única responsável pela educação dos filhos é um duro fardo para carregar, o que a leva a considerar a possibilidade de voltar ao Brasil. Contudo Fátima disse que todas essas dificuldades foram irrelevantes frente a certeza de ser o Líbano o melhor lugar para criar seus filhos, não desejando de nenhuma forma retornar definitivamente ao seu país.

A última indicação de Nasser me surpreendeu: **Expedita Ferreira Alauan**, sua mãe, uma das três brasileiras pioneiras, que ele inicialmente resistiu em apresentar alegando uma série de dificuldades, desde o idioma até problemas de saúde.

Num português já misturado com o árabe e com forte sotaque, usando o típico lenço das mulheres muçulmanas, dona Expedita preferiu ficar sozinha, mas suas noras e netas mais velhas insistiram em ouvi-la. Apesar de abandonada pelo marido logo depois de sua mudança para o Líbano, guarda um grande respeito de esposa por ele, que vive no Brasil com outra família. Para ela, o pai de seus filhos ainda é seu marido, o Líbano é seu país e o islamismo sua religião. É nesse tripé que tem se apoiado diante de tantas dificuldades.

QUADRO 2: ENTREVISTAS REALIZADAS- *SULTAN- LOUSSI*

ENTREVISTADO	DATA
Márcia Elisa Fermiano Taha	12.01.04
Valda Legut	12.01.04
Vanda Luiz Alauan	13.01.04
Nasser Mohamad Alauan	13.01.04
Alia Chahine	14.01.04
Amin Abdoune	14.01.04
Maria de Lourdes Rocha Abdoune	14.01.04
Mohamad Mustapha Abou Arab	14.01.04
Maria da Penha Alves	14.01.04
Enizete Aparecida de Souza Orra	15.01.04
Aishe Barakat Smaide	15.01.04
Fátima Zeitoun Smaide	15.01.04
Jamile Orra Saleh	16.01.04
Expedita Ferreira Alauan	17.01.04

Fonte: Elaboração da Autora.

Gráfico 2 - Rede II - Sultan - Loussi

Fonte: Elaboração da Autora

2.2.3 Zahlé

FOTO 4: VISTA GERAL DE ZAHLÉ

Fonte: Foto da Autora, 2003.

Finalizadas as redes de *Ghazzi* e *Sultan/Loussi*, intensifiquei os contatos que me permitissem iniciar uma rede cristã, como já realizado durante o Mestrado. Se a questão religiosa no Líbano é extremamente complexa e o processo imigratório como um todo foi marcado por esse fator, a questão do retorno desses grupos também merecia uma maior atenção.

Várias pessoas, entre familiares e amigos, se dispuseram a ajudar-me em estabelecer contatos iniciais, mas alertando-me enfaticamente que não seria uma tarefa fácil tanto quanto fora em relação aos muçulmanos. O caminho em comum percorrido foi buscar esse possível contato em *Zahlé*, cujos moradores são majoritariamente cristãos.

Zahlé, a “noiva do Bekaa”, é a capital dessa província. Nela estão reunidos o comércio variado, bancos, shopping center, restaurantes e o único cinema da região, além de concentrar boa parte do setor de serviços e de saúde. No lugar dos minaretes das mesquitas, torres de igrejas dividem espaço com os telhados de casas e elegantes e modernos edifícios. Os picos nevados das montanhas ajudam a compor esse cenário de ruas e becos entrecortando largas avenidas.

Em uma visita à Jordânia tive a oportunidade de conhecer o casal Pierre e Rita Riachy, libaneses cristãos de *Zahlé* que se dispuseram a realizar alguns contatos com

potenciais colaboradores, mas mostrando-se um pouco duvidosos sobre a possibilidade de concretização desse objetivo.

De três pessoas contatadas, que não tinham relações familiares ou pessoais entre si, mas cujo perfil era de serem cristãos maronitas, terem emigrado para o Brasil e retornado ao Líbano, dois se dispuseram a colaborar. Apesar de se constituírem num perfil diferente do estabelecido nas redes anteriores, ainda assim optei por realizar essas entrevistas, pensando em possíveis desdobramentos.

A primeira delas foi realizada com **Chebib Abi Khers**, que se sentiu grato pela oportunidade de falar em português com uma brasileira sobre o país pelo qual sentia muito carinho e saudade. A presença de outras pessoas na sala não o inibiu em fazer algumas declarações mais íntimas, pois ninguém ali compreendia a língua.

Em seguida, entrevistei **Tony Toufic Kassouf** em seu Salão de Cabeleireiros, enquanto atendia seus clientes, que se mostraram curiosos pela situação e em ouvir a conversa em outro idioma. Da mesma forma que Chebib, sentiu-se emocionado em colaborar com o projeto, pois era uma das únicas possibilidades de colocar em prática ainda um bom português para falar com saudade e carinho do Brasil. Causava-lhe estranheza que os muçulmanos residentes no Brasil tenham preferido voltar ao Líbano a fim de se estabelecerem, uma vez que seu retorno foi apontado como decorrência de falta de possibilidade concreta para permanecer no Brasil.

Chebib e Tony declararam não conhecer outras pessoas com as mesmas características emigratórias/imigratórias que as suas, levando-me a encerrar essa etapa.

Ao mesmo tempo, uma prima que trabalha numa loja de móveis acabou por entrar em contato com mais uma família cristã maronita de *Zahlé*, **os Yachouh**, que embora tenha se limitado a possibilitar a realização das entrevistas com apenas seus três membros (pai, mãe e filha), mostrou resultados bem relevantes. A família esteve disposta a colaborar prontamente e me recebeu numa tarde chuvosa e sem energia, num apartamento simples localizado numa região menos privilegiada da cidade.

A filha do casal, **Melissa**, que mora com o marido e um casal de filhos em outro andar do mesmo edifício, preferiu iniciar seu relato pois tinha que cuidar das tarefas domésticas. Além disso, considerava lógico começar por ela, já que fora por sua causa que toda a família retornou ao Líbano. Sente-se bem adaptada ao país, que considera o lugar ideal para a criação dos filhos, e mesmo tendo saudade do Brasil não vê nenhuma possibilidade de restabelecimento aqui.

Em seguida, realizei a entrevista com sua mãe, **Marie Haddad** (prefere ser chamada de Meire) que, com o marido, acompanhou o relato da filha. Por termos ficado sozinhas nesse momento, a senhora Meire sentiu-se mais à vontade para expor as dificuldades enfrentadas pela família desde o estabelecimento no Líbano, não só de natureza econômica, que levaram seus filhos a emigrar, mas também de relacionamentos com a família do marido que “avaliam as pessoas pelo que elas têm”. Num tom amargurado, que perpassou todo o seu relato, sente-se culpada pela situação da família, pois considera que avaliou mal a possibilidade de retorno.

O senhor **Jamil** manteve um relato mais descontraído e otimista, minimizando as dificuldades que foram apontadas pela esposa, sem entrar nas questões de adaptação e relacionamentos familiares. Preferiu ressaltar a saudade do Brasil, “a melhor terra para se viver” e a oportunidade de falar português com outra pessoa, além da esposa e filha.

Essas cinco entrevistas permitiram-me perceber que as mesmas normas de hospitalidade, costumes e hábitos transcendem a divisão religiosa presente no país. Por outro lado, esse mesmo aspecto diferenciador entre entrevistador e entrevistados impossibilitou um aprofundamento dos relatos, embora todos tenham sido solícitos e dispostos a colaborar.

A falta de outras indicações impediu, mais uma vez, a continuidade de outras entrevistas. O não estabelecimento de outros contatos e a exigüidade do tempo levaram-me a dar por encerrada a rede de *Zahlé* e a etapa da realização de entrevistas de modo geral.

QUADRO 3: ENTREVISTAS REALIZADAS- ZAHLE

ENTREVISTADO	DATA
Chebib Abi Khers	19.01.04
Tony Toufic Kassouf	19.01.04
Melissa Jamil Haddad Yachouh	22.01.04
Marie (Meire) Haddad Yachouh	22.01.04
Jamil Moussa Yachouh	22.01.04

Fonte: Elaboração da Autora.

Gráfico 3 - Rede III - Zahlé

Fonte: Elaboração da Autora

Considerando os dados obtidos em minhas entrevistas do Mestrado, em relação às possibilidades de retorno, às ligações familiares mantidas no Líbano, às visitas ocorridas, verifiquei alguns aspectos que talvez justifiquem essa ausência do retorno efetivo dos cristãos. Em primeiro lugar, a migração dos cristãos precedeu em muito tempo a dos muçulmanos, o que significa dizer que esta se diluiu no país de destino ao longo das gerações. A questão religiosa, cristã, foi um facilitador da inserção e da adaptação desses migrantes, que não se viram obrigados a retornar a fim de evitar a perda de alguns aspectos culturais e de identidade, tão caros aos muçulmanos. E ainda, se para os imigrantes muçulmanos o retorno sempre foi referenciado como um projeto presente nas gerações, o mesmo não ocorreu com os cristãos que apontaram o retorno com um sabor de nostalgia, muito distante de ser superada.

É essencial fazer um balanço das características gerais das quarenta e oito entrevistas. Desse total, foram feitas vinte e sete entrevistas com os muçulmanos em *Ghazzi*, quinze em *Sultan/Loussi* e uma em São Paulo, e com cinco cristãos maronitas em *Zahlé*. Foram entrevistados onze libaneses, vinte e três descendentes (segunda e terceira geração) e catorze brasileiras não descendentes. O número de mulheres foi predominante: trinta e três contra quinze homens.

Não se trata apenas de uma constatação numérica, pois, para essa pesquisa, o papel das mulheres foi fundamental, o que me fez estabelecer a relação entre estudos de migração e gênero, de história oral e gênero e, ainda, o aspecto da subjetividade que perpassa essas relações. Considerando que a presença das mulheres tem sido secundarizada nos estudos sobre processos migratórios de modo geral, ressalto que as mulheres árabes têm exercido um papel decisivo na execução do projeto familiar, nos conflitos geracionais, e na efetivação do retorno como experiência menos traumática possível.

2.3 Reordenamento das Redes

O critério para o estabelecimento das redes de entrevistas foi o geográfico (vilas do Vale do Bekaa, de onde saíram e retornam os entrevistados) associado à questão religiosa (muçulmanos e cristãos). No entanto, durante o processo de tratamento das entrevistas (transcrição, textualização e transcrição⁵²) e de sua tematização, pude notar

⁵² Essas etapas, segundo Meihy, são “transcrição literal: passagem de todas as palavras de uma entrevista para a escrita”; “textualização: transcrição trabalhada, que integra as perguntas, estabelecendo a lista das

que embora esse aspecto tenha sido fundamental para a realização das gravações, a leitura de todas as narrativas já finalizadas demonstrava que esses aspectos eram muito limitadores para o trabalho de análise.

Recorrendo ao aspecto do tom vital⁵³, foi necessário estabelecer um reordenamento dessas redes, considerando o critério vila/religião, mas acrescentando um outro aspecto que se tornava cada vez mais evidente: a questão das descendências e das gerações, perpassada pela questão da construção de uma identidade e memória.

Ultrapassando os limites geográficos e religiosos, busquei nessas entrevistas o discurso em comum nesses relatos, e pude perceber que os relatos tinham certo denominador presente no fator da descendência: ser libanês, descendente de libanês ou ainda brasileiro não-descendente. Isso implicava, inclusive, a determinação dos motivos da imigração (desejo pessoal, imposição dos pais, decorrência do casamento), como também as facilidades ou dificuldades sobre a aceitação ou recusa da cultura em que se inseriam.

Considerando finalmente, como alerta Meihy, que “a memória de um conjunto de pessoas deve sempre evocar a identidade do grupo que a engendrou,”⁵⁴ vale considerar aqui mais um conceito fundamental para esta pesquisa, de acordo com os procedimentos da História Oral. Trata-se do conceito de “‘comunidade de destino’: o resultado de uma experiência que qualifica um grupo, dando-lhe princípios que orientam suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária.”⁵⁵

A “comunidade de destino” desta pesquisa é a que denomino de comunidade líbano-brasileira para identificá-los no Líbano como grupo que emigrou e retornou do Brasil, que quer preservar essa qualidade de coesão do “grupo que veio de fora”, ao mesmo tempo em que coloca em evidência a dualidade, o conflito e a crise de identidade pela qual passam.

Nesse sentido, optei por criar um novo reordenamento baseado no critério de identidade e memória: ser imigrante libanês retornado, ser descendente de libanês ou ser brasileiro não-descendente. Mesmo com esse critério bastante contundente, percebi que ainda existia uma distância nos relatos do grupo de descendentes, o que me fez

palavras importantes e das expressões básicas das histórias. É nesta fase que é escolhido o tom vital”; “transcrição: a entrevista trabalhada já em sua fase de apresentação pública. As correções gramaticais, as frases completas, tudo deve estar estabelecido nesta etapa. MEIHY, José Carlos Sebe, *op. cit.*, p. 262.

⁵³ Segundo MEIHY, tom vital é “frase escolhida para ser colocada na introdução da história de vida. Ela serve como guia para a leitura da entrevista, pois representa uma síntese da moral da narrativa”. *Idem*, p.184.

⁵⁴ MEIHY, José Carlos Sebe, *op.cit.*, p. 71.

⁵⁵ *Idem*.

estabelecer ainda o critério geracional⁵⁶. Nesse grupo foi fundamental caracterizar a fala dos pais e dos filhos, uma vez que esse grupo vem enfrentando a questão da falta de perspectiva para o futuro, do ponto de vista educacional e de inserção no campo profissional, o que o leva também a ter uma visão diferente sobre o Brasil e as perspectivas de retorno ao País.

A partir desses critérios, trabalhei com quatro redes, que se desdobraram das três redes iniciais: Rede I: libaneses, imigrantes retornados, de primeira geração; Rede II: mulheres descendentes de segunda geração, casadas com libaneses, na faixa etária entre os trinta e os cinquenta anos de idade; Rede III: jovens descendentes de segunda e terceira gerações, filhos de pais libaneses e mães filhas de libaneses ou brasileiras, na faixa etária variando entre os sete e os vinte anos de idade na ida ao Líbano; Rede IV: brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses. Na Rede III acrescentei ainda a fala dos filhos de brasileiros nascidos no Líbano, pois a proximidade da faixa etária e do discurso referente à identidade, visão sobre o Brasil, entre outros, se assemelhava a esse grupo.

A seguir apresento essa nova reorganização das redes nos quadros:

QUADRO 4: LIBANESES- 1ª GERAÇÃO

Cidade/Religião	Entrevistado	Ano da Emigração	Ano do Retorno	Idade na Época da Entrevista
Ghazzi Muçulmanos	Abdo Latif	1955	1984	68
	Abdul Ali	1966	1982	45
	Abdul Majid	1961	1980/1985	62
	Ali Moussa	1966	1996	55
	Dibi	1963	1980/1985	58
	Fadel	1962	1980	57
Sultan/ Loussi Muçulmanos	Amin	1948/1987	1971/1994	73
	Mohamad	1976/1982	1981/1985	46
Zahlé Cristãos	Chebib	1989	1993	33
	Jamil	1972	1994	55
	Tony	1980	1985	43

Fonte: Elaboração da Autora.

⁵⁶ Sayad, ao realizar um trabalho de entrevistas com uma jovem pertencente a uma família argelina vivendo na França, faz notar que existe uma “fronteira invisível” entre os irmãos, pois a diferença etária dentro da mesma geração determina duas gerações em uma mesma. SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p.175 (Capítulo: Os Filhos Ilegítimos).

QUADRO 5: MULHERES DESCENDENTES- 2ª GERAÇÃO

Cidade/Religião	Entrevistado	Naturalidade	Ano do Retorno	Idade no Retorno	Idade na Entrevista
Ghazzi Muçulmanos	Emni	São Paulo	2001	29	31
	Iman	São Paulo	2001	23	25
	Soraia	São Paulo	1987/1995*	23/31	39
	Widad	São Paulo	1996	35	42
Sultan/ Loussi Muçulmanos	Aishe	Santos	1971/2002*	7/38	39
	Alia	Santos	1985/1996*	20/31	38
	Fátima	São Paulo	1990/2001*	30/41	43
	Jamile	São Paulo	1994	34	43
Zahlé Cristãos	Meire	Líbano	1994	46	55

* Estabeleceram-se no Líbano em dois momentos distintos.

Fonte: Elaboração da Autora.

QUADRO 6: JOVENS DESCENDENTES- 2ª e 3ª GERAÇÕES

Cidade/Religião	Entrevistado	Naturalidade	Ano do Retorno	Idade no Retorno	Idade na Entrevista
Ghazzi Muçulmanos	Ahmad	São Paulo	1982	20	41
	Daniel	São Paulo	1997	19	25
	Dunia	Ghazzi	- - -*	- - -	17
	Maria Abdo	São Paulo	1982/1985	14/17	35
	Monira	São Paulo	1984/	7	26
	Noha	São Paulo	1984	17	36
	Salman	São Paulo	1996	14	21
	Samir	São Paulo	1996	14	21
	Sana	São Paulo	1996	16	23
	Sharifa	Ghazzi	- - -*	- - -	23
	Wafá	São Paulo	1997	10	16
Sultan/ Loussi Muçulmanos	Nasser	Brasília	1970/1984	7/31	40
Zahlé Cristãos	Melissa	Campo Grande	1994	16	25

* Filhas de pai libanês e mãe brasileira, são nascidas no Líbano.

Fonte: Elaboração da Autora.

QUADRO 7: BRASILEIRAS NÃO-DESCENDENTES

Cidade/Religião	Entrevistado	Naturalidade	Ida ao Líbano	Idade na Viagem	Idade na Entrevista
Ghazzi Muçulmanos	Alvira	Paraná	1981	20	42
	Antônia	Ceará	1998	24	29
	Laudicéia	Pernambuco	1990	15	28
	Maria Luíza	Pernambuco	1985	40	55
	Maria Neuza	Bahia	1982	24	45
	Marlene	São Paulo	1991/1996	34	47
	Neide	São Paulo	1990	34	49
Sultan/ Lucy Muçulmanos	Eni	Bahia	1990	42	55
	Expedita	Ceará	1970	25	58
	Helena	São Paulo	1996	64	71
	Márcia	São Paulo	1996	26	33
	M. da Penha	São Paulo	1982/1995	19/32	40
	M. de Lurdes	São Paulo	1971/1994	38/61	70
	Valda	São Paulo	1991/1999	53/61	65
	Vanda	Goiás	1994	25	34

Fonte: Elaboração da Autora.

Com essas novas redes, agrupei os temas que foram recorrentes nas entrevistas. Na Rede I (libaneses) os relatos se estabeleceram sob os seguintes tópicos: vida no Líbano anterior à emigração; imigração para o Brasil; constituição da vida familiar (casamento e filhos) e o trabalho (mascateação e as questões econômicas); motivo do retorno para o Líbano; dificuldades da guerra, dificuldades econômicas e opções de trabalho; os projetos para os filhos; questões referentes à adaptação; a questão da identidade: ser árabe e ser brasileiro; comparações entre o Brasil e o Líbano; visão do Brasil, referências e marcadores da identidade brasileira (naturalização, língua, futebol, televisão, comida).

Na Rede II (mulheres descendentes de segunda geração) os temas recorrentes nos relatos foram: vida no Brasil e a condição de pertencer a um grupo culturalmente diferente; motivo da ida para o Líbano; as dificuldades da divisão familiar; dificuldades cotidianas e a questão da adaptação; a questão da elaboração de uma identidade construída entre duas culturas, os problemas de preconceito e discriminação, a necessidade de adaptação; a inserção econômica e social; os projetos para os filhos; a manutenção de fragmentos da identidade brasileira (língua, comida, televisão, futebol, música); a questão da saudade e o retorno ao Brasil visto como possibilidade ou impossibilidade.

Na Rede III (jovens descendentes de segunda e terceira geração) os temas abordados foram: a vida no Brasil e o choque da mudança para o Líbano; a divisão da familiar; a desestruturação da vida cotidiana, as dificuldades de adaptação à língua e aos estudos, e as perspectivas (ou falta de) para o futuro; questões referentes à identidade, preconceito, aceitação; manutenção das estruturas brasileiras (língua, comida, futebol, música); oposição entre a vida no Líbano e a vida no Brasil; projetos de retorno ao Brasil.

Finalmente, na Rede IV (brasileiros não-descendentes) os temas mais evidenciados foram: a vida no Brasil e o casamento inter-étnico; os motivos da ida ao Líbano; as dificuldades cotidianas e da guerra; os conflitos familiares, o preconceito e a reafirmação da identidade brasileira; a criação dos filhos; a necessidade de adaptação (língua, religião, costumes) e a inserção profissional; o retorno ao Brasil como possibilidade, impossibilidade e concretização, e as questões da readaptação.

Essa tematização serviu apenas como um referencial para a análise das entrevistas e elaboração dos demais capítulos desta tese. A exclusividade das histórias de vida não torna impossível estabelecer tipologias temáticas, uma vez que todos os relatos foram analisados conjuntamente, levando-se em consideração o contexto, o cenário e as decisões que levaram ao retorno. Cada história de vida vem carregada de sua individualidade e singularidade, que não foram reduzidas nesse estudo, sobretudo em relação aos aspectos subjetivos que perpassaram, de forma direta ou indireta, a maioria das narrações.

NO BRASIL

*Yo adivino el parpadeo
de las luces que a lo lejos
van marcando mi retorno.*

*Son las mismas que alumbraron
con sus pálidos reflejos
hondas horas de dolor.*

*Y aunque no quise regreso,
siempre se vuelve al primer amor.*

*VOLVER, 1934
Letra de Alfredo Le Pera , Música de Carlos Gardel*

Eu estou vivendo numa casa que não é minha, usando objetos que não são meus...

Eu me chamo **Emni Ahmad Ghazzaoui**, nasci no Brasil em 2 de setembro de 1972. Minha família é de origem árabe, proveniente do Líbano, por isso minha criação foi voltada para os valores dessa cultura.

A minha vida no Brasil foi muito restrita ao mundo árabe, só convivia com pessoas da família e da comunidade. Amizade com brasileiros só na escola e mesmo assim não podia fazer trabalho na casa das minhas amigas, elas que tinham que vir a minha casa. Isso tudo é para a gente ficar debaixo dos olhos dos pais, é uma maneira de controlar a nossa vida e os nossos relacionamentos.

Eu estudei a minha vida toda em escola pública, fiz o curso de magistério e na faculdade fiz Pedagogia. Os meus pais me permitiram estudar e trabalhar, mas apenas porque eu escolhi uma profissão onde o ambiente de trabalho é freqüentado por mulheres e crianças. Com a minha irmã ocorreu justamente o contrário, porque ela escolheu a área de computação e meu pai não permitiu que ela fosse adiante, com medo de ela se envolver com uma pessoa fora da comunidade árabe. Pelo caminho que eu escolhi eles me deram liberdade, foi só por isso.

Por mais que os pais árabes dêem certa liberdade para as filhas nessa questão de estudo e de trabalho, o que eles querem mesmo é arranjar um casamento com pessoas da mesma origem que a nossa, não tem jeito. E um jeito de resolver isso é mandando a gente para conhecer o Líbano.

Quando acabei a faculdade, meu pai me mandou para cá junto com meu irmão. Eu queria vir a passeio, já meu pai me mandou para cá com a intenção de arranjar um casamento. Não é difícil arranjar um casamento aqui, porque você é novidade e é brasileira, então isso já serve para você ter muitos pretendentes. Meu irmão em um mês conheceu a esposa dele e já casou em tão pouco tempo. Meu pai até tentou me convencer antes de a gente voltar para o Brasil, mas eu falei que não tinha gostado de ninguém, e ele aceitou.

Sinceramente, para mim, tomar uma atitude tão séria quanto o casamento, que é para a vida inteira, não dava para ser assim de uma hora para outra e sem pensar com muito cuidado. Meu pai ficou decepcionado porque ele achou que eu ia me casar rapidinho, como o meu irmão, e de uma vez só ele casava dois filhos e evitava qualquer problema conosco.

Como não me casei, depois de três meses fomos embora para o Brasil. Quando eu cheguei fiquei sabendo que tinha sido aprovada num concurso público para professor na prefeitura de São Paulo, fiz os exames, assumi o cargo e logo já estava lecionando.

Logo depois conheci o Mohamed, meu marido, que fazia um ano estava no Brasil. Fazia uns três, quatro meses que a gente estava se conhecendo, se interessando um pelo outro. Ficamos noivos por um ano e meio até que decidimos nos casar. Eu sempre aceitei o fato de me casar dentro da nossa comunidade, desde que pudesse escolher a pessoa e tivesse tempo para conhecê-la. Esse foi o motivo pelo qual não me casei no Líbano, foi uma coisa que eu sempre achei e meus pais respeitaram. Veja só: nesse tempo em que eu estava noiva, minha irmã veio com meu pai para cá e em um mês ela já estava casada. Para mim, isso era mais complicado.

Decidimos nos casar e começamos a construir nossa vida no Brasil. Logo no primeiro mês eu fiquei grávida, mas levava uma vida normal: continuei dando aula pela manhã e a tarde ajudava meu marido numa loja de "1,99". Depois deixei a escola e fiquei cuidando da loja praticamente sozinha, porque meu marido continuou a trabalhar na rua como mascate.

A gente ia levando a vida assim, até que meu marido resolveu vir embora para o Líbano... Não foi uma surpresa para mim, porque antes de me casar ele já tinha me perguntado se um dia ele voltasse para cá, eu viria junto... Ele dizia que queria ficar perto

da família dele e, principalmente, que não gostava de viver no Brasil. Ele não gostava de lá, por isso ele nunca quis comprar terreno ou uma casa, para não se prender ao país...

Desde o começo eu disse que aceitava vir para cá, mas com uma condição: se tivesse uma casa só nossa para viver aqui, eu iria embora com ele. Quando eu vim para cá, sabia que ia morar junto com a família dele, na verdade com três famílias, mas temporariamente, até começar a construir algo só nosso... E eu pensei que isso não iria demorar tanto assim...

A gente teve uma ilusão que ia ser tudo mais fácil, a gente achou que com o dinheiro que a gente trouxe ia dar para fazer muita coisa em pouco tempo. E hoje a gente está juntando para construir dois cômodos mas não consegue. Aqui você gasta dinheiro e não volta fácil... É muito diferente do Brasil, lá você gasta dez reais na rua mas traz trinta, quarenta reais. Aqui você gasta, vamos dizer, cem dólares, e não vê mais a cor do dinheiro...

Com o dinheiro que nós trouxemos do Brasil, meu marido investiu em vacas leiteiras, e ele trabalha vendendo leite pela vila, além de plantar trigo, que era o que ele fazia antes. No primeiro ano foi muito difícil, porque ele não tinha experiência, e a gente perdeu algumas cabeças, e isso foi levando a uma maior dificuldade financeira. A gente começou a brigar porque ele se arrependeu de vir para cá, foi uma ilusão, mas ele não quis dar o braço a torcer.

Eu me arrependo de uma coisa: de não arrumar a minha casa antes de vir para cá. Para mim essa dificuldade tem sido a pior de todas. Eu achei tudo muito diferente do que eu estava acostumada e do que é normal lá no Brasil. Lá eu morava sozinha com meu marido e meu filho, tinha certa liberdade, e uma coisa muito importante, privacidade, que aqui não existe.

Aqui você abre os olhos e já tem um monte de gente na sua casa, a família que é bem numerosa, fora as visitas que chegam a qualquer horário... Você acaba convivendo não só com seu marido mas com todos, às vezes você acorda e não quer dar "bom dia" para ninguém, e você tem que sorrir. Você quer fazer alguma coisa, tomar alguma decisão, eles acham ruim.

Não era isso que eu queria para mim, essa coisa de morar todo mundo junto, de você não ter privacidade com seu marido, de não controlar a sua vida, de decidirem tudo por você... Lá a gente tinha uma família, eu, meu marido e meu filho... Aqui não, aqui é irmão, cunhada, sobrinhos, filhos, sogra, tudo misturado. Se compra uma coisa para um tem que comprar para todo mundo, se vai sair tem que levar todo mundo junto... Não dá!

Você tem que fazer as obrigações da casa no ritmo deles. A gente limpa a casa todo mundo junto, a gente lava a roupa todo mundo junto, cozinha todo mundo junto, não tem aquela coisa de ficar parada... No dia que eu passo o pano na casa e limpo o banheiro, a minha cunhada faz as outras coisas, varre e tira poeira, um dia eu, outro ela... No dia que eu não passo pano, eu limpo a cozinha, limpo a geladeira, a gente divide assim... Às vezes minha cunhada cozinha, às vezes eu ajudo, mas ela fala que brasileiro não sabe cozinhar...

Eu tentei cozinhar aqui, mas eles falam que eu não sei, então eu fico de lado. Eu quero cozinhar mas não sei se eles vão comer, eu me sinto insegura para fazer as coisas. Às vezes eu faço uma comida brasileira ou árabe, meu marido come mas não é todo mundo que come, porque eles acham que brasileiro não é muito limpo, então tem esse preconceito, eu sinto isso...

Quando vim para cá eu tinha medo de tocar em tudo, tinha medo de estragar as coisas porque aqui nada é meu... Eles ficam te observando, te vigiando, vendo se você sabe fazer as coisas, e isso só te põe mais insegura, mais nervosa... Eu estou vivendo numa casa que não é minha, usando objetos que não são meus...

No começo tudo é novo, você não pega os defeitos das pessoas, as pessoas não pegam os seus, depois você acaba caindo na rotina... Aí você estranha a alimentação, os costumes, as atitudes das pessoas e acaba caindo em conflito. Aí eu comecei a brigar com a

minha sogra, com minha cunhada que é nascida aqui, porque tem aquela competição de ser melhor... Começaram as brigas com o meu marido também e a minha vida foi virando um verdadeiro inferno...

Eu não estava acostumada com esse jeito deles, e não digo só pelo fato de todo mundo morar junto. São as atitudes que eles têm que para mim são esquisitas. Coisas simples: no Brasil a gravidez é encarada com muito cuidado, aqui ninguém liga para isso, não te dão um desconto nem nos trabalhos mais pesados, foi assim comigo quando eu engravidei aqui do meu segundo filho. Outra coisa: no Brasil eu estava acostumada a comprar de tudo para a casa em termos de alimentação, aqui não, é só o essencial... Aqui não se come carne, é sempre trigo e batata, aqui você vive economizando energia, tudo, porque é uma vida cara. Por esses e outros motivos acabei entrando em conflito com meu marido e com a família dele...

Mesmo sendo filha de árabe, tendo sido criada dessa maneira, eu nasci lá no Brasil, então eu tenho os costumes brasileiros, em muitas coisas eu sinto que sou diferente daqui, não me sinto igual a eles. Acho que quem vem de fora sempre vai achar isso, porque realmente as coisas aqui são diferentes e você só se dá conta no dia-a-dia.

O peso da família aqui é muito forte... Além disso, são criações diferentes, a deles uma criação mais agressiva, violenta, com pouco respeito à mulher. Eles ensinam coisas para as crianças, como xingar a mãe, o irmão, tio, o primo, ou brigar o tempo todo... A criança cresce vendo essa agressividade e aprende a ser agressiva também. São coisas que você não está acostumada e que não aceita, mas também não tem forças nem apoio para reagir e ir contra... Na minha família não se vivia nesse ambiente tão pesado, por isso eu não estava acostumada com essas atitudes...

Outra coisa é que eles acham que você está aqui para servi-los. Eles gostam de pessoas que abaixem a cabeça, que não enfrentem, que sejam passivos e procurem sempre agradá-los. Eles acham assim: eu sou de fora, então tenho que estar a disposição deles, entendeu como é?

Eles são hipócritas, são falsos, falam bem na sua frente mas nas suas costas metem o pau. Eu acho assim: se não gosto dessa pessoa, me afasto, e assim evito problemas. Só que aqui as coisas não funcionam desse jeito, se você quiser sobreviver tem que aprender a ser falsa também. Às vezes você tem que mentir, agradar, quase beijar os pés da pessoa, porque se não agradá-los eles mexem uns pauzinhos para estragar sua vida. A família faz isso, eles influenciam muito sua vida conjugal... Agora que estou aprendendo alguma coisa para conseguir sobreviver nesse lugar...

Aqui tem muito preconceito contra os brasileiros, porque eles acham que são melhores que a gente, e gostam de ficar apontado os nossos defeitos e erros. Quando a gente conversa não batem as conversas, as idéias, aí começam os conflitos e todas as dificuldades, até que um dia a coisa fica tão insuportável que a gente não fala nem "bom dia" um para o outro.

Eu não suportava mais viver nesse ambiente. A família é grande, é um entra e sai, é um querendo tomar conta da vida do outro, é fofoca e intriga o tempo todo. Eu tenho quase três anos morando aqui, e não me sinto à vontade nesse lugar. Com tanta gente andando por aí eu me trancava nesse quarto, onde a gente dorme, porque é o único lugar que a gente fica sozinho, e eu fui me isolando de tudo.

Quase me separei por causa de uma briga com minha cunhada, a irmã do meu marido que veio da Síria para visitar a família. Aí meu marido chegou na hora da briga, e ficou do lado da irmã e da mãe e contra mim, foi agressivo comigo, apanhei, fiquei toda marcada... Chegamos num ponto de agressão que o resultado só poderia ser o fim do meu casamento e da família que procuro manter unida. No final, conseguimos reatar porque tanto eu quanto ele queríamos a mesma coisa.

Agora as coisas melhoraram um pouco, porque eu baixei a crista também. É a gente que tem que se adaptar, eles falam que não é tudo que você escuta que você tem que ligar, eu vou agüentando até onde dá, mas quando vêm uns cinco minutos, aí a situação pega fogo... Meus pais pedem para ter paciência, mas entendem minha situação e querem nos ajudar... Só que meu marido não aceita de jeito nenhum, não aceita por orgulho e por influência da família dele também.

Todo mundo sabe que não dá para viver bem com tanta gente junto, que precisa sair para um cantinho só seu. Agora não tem como, você tira de uma coisa e põe na outra o dinheiro. Se moram seu marido, seu filho e você é um gasto, com três famílias juntas é outro, então você quer separar um dinheiro para guardar e você acaba não conseguindo. Você aqui tem que trabalhar muito para ter um dinheirinho...

Mesmo meu marido não aceitando a ajuda dos meus pais para dar um jeito nessa situação, eu continuo recebendo ajuda de toda minha família. Eles me mandam dinheiro, roupa, e até remédio. Nisso pelo menos a família do meu marido não interfere e não impede que eu receba, ao menos isso!

Aqui eles se prendem à vida dos outros, não sabem cada um viver sua vida. Eles falam dos outros, se metem na vida dos outros, fazem intrigas, se eles vêem que eu e você estamos vivendo bem dão um jeito de encher o saco, de atrapalhar até estragar tudo...

Agora o meu maior objetivo é arrumar um lugar para morar, mas não sei como posso ajudar meu marido a ganhar dinheiro, porque nem com meu diploma eu consigo trabalhar. Eu teria que fazer uma adaptação e aprender inglês, e para isso eu preciso de dinheiro, que não tenho... Então eu me sinto de mãos atadas, porque você quer mudar a sua situação e não consegue...

Eu acho que a minha adaptação aqui só não foi pior porque eu tenho duas facilidades: a língua e a religião. A língua árabe eu já falava bem, sempre tive facilidade mas claro que às vezes tenho alguns erros e a pronúncia não sai correta. Acho que eu não falo melhor ainda o árabe, porque converso muito em português com as minhas vizinhas, minha cunhada brasileira, e mesmo com o meu marido quando não quero que ninguém entenda... Então aqui não tem como esquecer o português.

Com os meus filhos eu não falo nada em português porque meu marido não quer. Mesmo no Brasil ele não deixava que eu falasse com meu filho em português, e agora ele mesmo não quer aprender, não gosta de falar. Eu acho que é uma grande vantagem aprender duas línguas, mas o meu filho já está com essa idéia na cabeça de não aprender, não quer falar de jeito nenhum. É uma pena!

Em relação à religião, eu posso dizer que aqui aprimorei o que já tinha aprendido lá no Brasil. Morando aqui, você acaba interiorizando muito mais coisas porque como você está sozinho você quer se prender a alguma coisa, e a religião acaba sendo um apoio.

Faz um mês que eu estou usando o lenço... Eu comecei a rezar e você sente que a oração vai abrindo um pouco a sua cabeça, com isso acabei decidindo sozinha que ia usar lenço. Meu marido não falou nada, nem sim nem não, mas no fundo ele até gosta porque todas as irmãs dele usam e acho que ele estava esperando que essa atitude partisse de mim.

Eu me acostumei e falei para a minha família que estou com lenço na cabeça, que estou rezando. Eles acharam meio estranho, acharam que sou muito nova para isso. A minha mãe só usa quando sai e é um lenço normal, mas o meu não pode mostrar nem um pouco do cabelo. Ainda não mandei as fotos, não sei como vai ser a reação deles...

Eu acho que se eu estivesse morando no Brasil, provavelmente eu não teria colocado lenço, porque lá você não convive com esse tipo de coisa. Eu achava que lenço era só para mulher mais velha, que tem filhos, netos, essas coisas. Aqui até mocinhas, que nem casadas são, usam, então ninguém estranha. Tudo é questão de costume mesmo...

Voltar a viver no Brasil é um sonho quase impossível... Não dá para voltar e começar do zero, e para levar o dinheiro que você trouxe você nunca vai conseguir. Lá a vida é mais fácil que aqui, mas lá você vai ter que alugar uma casa, tem que ter dinheiro para arrumar um serviço... Tem outra coisa, aqui você não tem aquela preocupação de assalto, de violência, de seus filhos se influenciarem por más companhias, tem esse lado que é muito bom.

Meu marido até pensa em ir para o Brasil trabalhar, e eu ficaria aqui. Deus me livre, eu acho que seria muito difícil se ele me deixasse aqui, eu iria entrar em conflito com a família dele, e teria que enfrentar tudo sozinha. E a minha família não aceitaria essa situação, porque não tenho ninguém aqui, e se eu estou aqui é por causa dele. Então não tem cabimento ele ir e me deixar, né?

Uma vez ele soltou que não me levaria para o Brasil com medo de eu não voltar mais com ele, por todos os problemas que enfrentei aqui. Ele acha que eu não gosto do Líbano, mas não é o Líbano o problema, mas sim a convivência com muita gente.

Sinto muita falta do Brasil, porque o brasileiro aqui é muito sozinho, não tem ninguém aqui para confiar e dividir seus problemas. No Brasil você tem amigos sinceros, porque o brasileiro é mais sincero que o povo daqui, você só se aproxima das pessoas que têm idéias que batam com a sua. Tem diferença no amor da mãe também, brasileiro é muito materno, carinhoso, o árabe não, a mulher é mais fria com os filhos...

O brasileiro vê a maternidade como algo mais profundo, eles vêem apenas como procriação. A gente tem uma preocupação mais ampla de dar estudo, saúde, o que for de melhor para os filhos. Aqui é tudo pago, escola, saúde, vacinas, se você não tem dinheiro, morre...

Eles se prendem muito que a mulher tem que cozinhar, lavar, passar... Lá os homens casam com as mulheres sem se importar se elas sabem cozinhar ou não, porque o que eles querem é um bom relacionamento. Aqui a mulher tem que ser boa dona-de-casa, lá ela é independente, estuda, trabalha. Lá não tem essa preocupação, de ter que ensinar a ser doméstica, querem que tenha um estudo, uma profissão. Aqui o homem não quer uma mulher profissional, estudada, só quer que trate bem a família dele, que receba bem os amigos, os parentes, as visitas. É da cultura deles, não querem uma pessoa que pense ou decida alguma coisa, porque aqui o homem é o lado mais forte, ele é o cabeça, e a mulher as obrigações...

Para mim, falar tudo isso é como um desabafo... Às vezes você quer falar mas não tem quem te escute...

III- O RETORNO: UM FÉRTIL CAMPO DE ESTUDO

A proposta deste capítulo é discutir a questão do retorno, tema central da pesquisa realizada com a comunidade líbano-brasileira estabelecida no interior do Líbano. Para tal, dividi essa análise em aspectos conceituais referentes ao retorno (definição de retorno, tipologia, mito), privilegiando questões objetivas de análise para, a partir daí, explorar as entrevistas propriamente, a partir dos aspectos subjetivos.

Inicialmente é necessário apontar que a questão do retorno tem se constituído num objeto recente de estudo, não porque o fenômeno seja em si um fato recente, mas sim porque o retorno ou migração de retorno tem sido a face mais complexa e obscura do processo migratório.

Essa obscuridade pode ser explicada se considerarmos que o tema da migração em si careceu de um maior interesse por parte das ciências humanas de um modo geral, como se fosse um fato evidente que dispensasse maiores atenções. Embora a imigração tenha se constituído em um fenômeno bastante significativo na história mundial dos últimos dois séculos no Brasil especificamente, os trabalhos sobre o tema são raros e a migração tardou em constituir-se num campo específico de estudo histórico.

Sayad afirma que a questão do retorno pode se constituir num verdadeiro objeto de estudo, pois:

...representa uma das dimensões essenciais dessa antropologia, à medida que se pressupõem necessariamente vários modos de relações: uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo estreitamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da imigração presente; uma relação com a terra, em todas suas formas e seus valores (a terra natal)...; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou e no qual é preciso se impor, aprender a conhecer e a dominar.⁵⁷

Os estudos existentes sobre a imigração são fragmentários, unilaterais ou bastante generalizantes e, em alguns casos, até inexistentes. Há uma total ausência de quadros teóricos conceituais de referência bem como de procedimentos metodológicos adequados. O aspecto numérico e estatístico tem sido o mais privilegiado, desconsiderando-se que os movimentos migratórios envolvem sobremaneira

⁵⁷ SAYAD, Abdelmalek. "O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante". *Travessia: Revista do Migrante*, Publicação do CEM, ano XIII, nº especial, jan/2000, p.12.

experiências de caráter subjetivo, que os números ainda não podem decifrar e evidenciar.

A migração de trabalho, os processos de industrialização e urbanização, a formação de uma classe operária e o movimento sindical foram os temas mais recorrentes nessa análise, sobretudo relacionados a três aspectos principais: estudos sobre as motivações da partida; estudos sobre a adaptação, assimilação e integração do imigrante na sociedade receptora; e, em menor proporção, estudos sobre as conseqüências da emigração para a sociedade e regiões de origem.

Esses três aspectos foram analisados quase sempre separadamente, sem considerar as relações existentes entre eles. Tampouco se preocuparam com a questão do retorno, sobre o qual pouca ou nenhuma referência foi feita, basicamente pelo fato de não se reconhecer essa fase como uma importante etapa do processo migratório. Os estudos relacionados à imigração limitavam-se a analisar o fenômeno como um processo de mão única, que começava na pátria de origem e terminava no país de destino. Portanto, o retorno contrapunha-se ao próprio conceito de migração.

Apesar da importância que os estudos sobre o retorno possam ter para a compreensão do processo migratório como um todo, ainda assim esse tema tem sido negligenciado ou desconsiderado, identificando-se que existem poucas obras que tratem adequadamente esse aspecto, embora as pesquisas empíricas tenham proliferado⁵⁸. Pode-se afirmar que a migração de retorno constitui-se num dos últimos aspectos de pesquisa do fenômeno multidimensional da migração, tanto na perspectiva histórica como na de outras ciências sociais⁵⁹.

⁵⁸ Nesse aspecto vale ressaltar que os trabalhos sobre o tema do retorno têm se dividido nessa interpretação. Ammassari e Black, assim como Reyes, apontam que enquanto os estudos empíricos sobre a migração de retorno têm se acumulado, teorias e modelos para estudar a migração de retorno e suas implicações ainda estão em falta. Já Nuñez Seixas aponta que embora a produção bibliográfica existente sobre o tema ainda não seja tão extensa, ao menos ela tem permitido delinear uma série de linhas de interpretação e possibilidades metodológicas (que, inclusive, serão apresentadas e utilizadas ao longo deste capítulo). Sobre esta questão ver: AMMASSARI, Savina. e BLACK, Richard. "The study of return and transnational migration: methodological issues". In: *Harnessing the Potential of Migration and Return to Promote Development*. IOM, International Organization for Migration, 2001; REYES, Belinda. *Dynamics of Immigration: Return Migration to Western México*. San Francisco: Policy Institute of California, 1997; NUÑES-SEIXAS, Xosé-Manoel. "Visible and Invisible Remittances: some notes on transatlantic return migration and its effects on Iberian societies." In: *Review of Polish Diaspora*, 2005, vol: 31, nº 1 (115), pp. 117-142.

⁵⁹ Virtanen aponta que as pesquisas européias sobre migração prestaram pouca atenção à temática da migração de retorno não apenas pela falta de reconhecimento sobre a relevância desse tipo de estudo, mas principalmente pela falta de dados e outros tipos de documentos que tenham registrado esse movimento. De fato, há que se considerar questões referentes às nacionalidades, naturalizações e dupla nacionalidade nas gerações implicadas no retorno. VIRTANEN, Keijo. "Finnish Migrants (1860-1930) in the overseas return migration movement." In: HOERDER, Dirk (edited by). *The European and North American Working Classes during the Period of Industrialization*. Westport, Connecticut, 1985, pp 381-398.

De acordo com King, após 1960⁶⁰ surgiram os primeiros trabalhos preocupados com esse tema, destacando-se o trabalho pioneiro de Theodore Saloutos sobre o retorno de um grupo de imigrantes gregos dos Estados Unidos e o de Usem e Usem sobre o retorno de indianos, provenientes de diferentes destinos no Ocidente, ao seu país. A partir desses trabalhos, cresceu o interesse sobre essa questão, surgindo estudos relacionados ao retorno de imigrantes dos Estados Unidos para Itália, Porto Rico e México; da Austrália para a Grã-Bretanha e Canadá; da Grã-Bretanha para a Índia⁶¹.

King e Cassarino⁶² apontam que nos anos 1980 o interesse sobre esse tema cresceu ainda mais. No entanto, sob outra perspectiva: interesse sobre a questão do “co-desenvolvimento” e “repatriação voluntária em países de Terceiro Mundo”, criação de iniciativas públicas governamentais e acordos bilaterais para favorecer o retorno e a reinserção do imigrante em seu país de origem, como decorrência do aumento do sentimento xenófobo em relação ao grupo estrangeiro e ainda em relação à ligação entre migração internacional e desenvolvimento econômico no país de origem⁶³.

Nesse contexto, a migração de retorno e os retornados passaram a ser compreendidos nos estudos acadêmicos como decorrência da politização dos movimentos migratórios internacionais. O conceito de retornados ampliou-se para as questões de exílio voluntário ou involuntário, asilo político, refugiados políticos e de guerra, clandestinos e repatriados.

Para Ammassari e Black, podem ser identificadas três gerações sobre os estudos de migração e o tema do retorno:

a. **1ª Geração:** centrados nos fatores de atração e repulsão da migração no contexto da industrialização. Os migrantes que retornam para casa levam consigo novas habilidades, adquiridas no país de destino, que se tornam fatores positivos no país de origem;

⁶⁰ Para Ammassari e Black esse interesse teria surgido por volta de 1970, em decorrência da crise econômica de 1973. AMMASSARI, Savina. e BLACK, Richard, *op. cit.*

⁶¹ KING, Russel (edited by). *Return Migration and Regional Economic Problems*. London: Croom Helm, 1986.

⁶² CASSARINO, Jean Pierre. “Theorising Return Migration: the conceptual approach to return migrants revisited”. In: *International Journal on Multicultural Societies (IJMS)*. Vol 6, nº 2, 2004: 253-279.

⁶³ Em relação a esse tipo de retorno são usadas três classificações, não pertinentes neste estudo, mas que valem a pena ser citadas: Retorno Voluntário: decisão tomada livremente pelo indivíduo; Retorno Voluntário Assistido: inclui assistência organizacional e financeira para o retorno e, quando possível, medidas de reintegração oferecidas ao indivíduo; Involuntário, Não-voluntário ou Retorno Forçado: retorno empreendido pelo indivíduo não por opção, podendo ser visto também como deportação. “Return Migration: policies and practices in Europe.” *The Migration Management Services Department*. Geneva: International Organization for Migration, 2004.

b. **2ª Geração:** analisa as relações entre as áreas emigratórias e imigratórias e compreende a migração de retorno como um *feedback* entre área de destino e área de origem, levando ou não a uma nova emigração;

c. **3ª Geração:** no contexto de globalização, o local de origem e o local de destino estão ligados por um espaço transnacional criado pelos emigrantes, que constroem e mantêm simultâneas relações com ambos. A migração de retorno é visto como parte de um processo migratório contínuo e não mais como o fechamento deste ciclo.

Ainda segundo King, a dificuldade está em se definir exatamente o que se entende por migração de retorno ou simplesmente retorno. Embora o conceito aparentemente transpareça uma noção bem definida em termos de espaço, questiona-se qual é esse local de origem e de retorno, quem retorna, quantos retornam, por que retornam, como ocorre esse retorno, e sob quais condições e implicações. O fenômeno da migração de retorno é particularmente crucial porque ilumina a relação entre identidade (quem eu sou) e lugar (onde eu estou), passíveis de diversas interpretações.

Se é necessário rediscutir e reavaliar a importância dos estudos sobre a migração, é ainda mais significativo discutir o ponto mais produtivo e crítico dessa análise: o tema do retorno. Como processo multifacetado e heterogêneo em que se constitui o retorno, os estudos sobre o tema não podem mais ser negligenciados, fazendo-se necessária a compreensão da magnitude e dinâmica da migração de retorno aos países de origem, nos diferentes cenários nos quais ocorre.

Talvez, tão importante quanto tratar das características e das circunstâncias dos que retornam seja tratar daqueles que desejam retornar mas não podem concretizar esse desejo, ou ainda daqueles que, ao efetivarem o retorno, encontrem dificuldades de inserção e sofram os problemas decorrentes da exclusão.

3.1 Definição e Tipologias do Retorno

Os estudos sobre o tema do retorno são unânimes em afirmar que há uma dificuldade evidente em se definir o complexo processo em que se constitui a migração de retorno, no entanto e apesar disso, é uma tarefa que se faz urgente e necessária.

Para os sociólogos e antropólogos, esse movimento deve ser compreendido como parte inerente ao ciclo migratório, o qual consiste em três estágios ligados pelos

movimentos de saída e de volta, de acordo com o esquema a seguir, elaborado por King⁶⁴:

A concepção do retorno vem, muitas vezes, marcada por uma idéia simplista envolvendo o binômio origem-destino, numa espacialidade de opostos (entre o “aqui”, país de emigração, e o “lá”, país de destino) e numa simples inversão de polaridade do fluxo migratório, de uma direção para outra. Com certeza a idéia do retorno pressupõe esses espaços definidos (o aqui e o lá), mas não é simplesmente uma inversão de posição (de origem-destino para destino-origem) no sentido convencional de compreensão do fenômeno migratório.

A partir dessa perspectiva, o retorno implica relações mais amplas, envolvendo o país de origem/país de destino/país de origem, além de um simples “ir-e-vir”. Podem-se verificar nessa concepção de retorno os diferentes movimentos do processo migratório e suas respectivas definições, estabelecidos por King⁶⁵:

a- emigração: movimento entre um país (A) e outro (B).

A —————→ **B**

b- retorno: movimento ao país de origem (A) após um período significativo em outro local (B).

A —————→ **B**
 ←—————

c- migração descontínua: quando ocorre movimentação do primeiro destino (B) para um segundo destino (C), sem retornar ao país de origem (A).

A —————→ **B** —————→ **C**

⁶⁴ KING, Russel, *op. cit.*, p. 4.

⁶⁵ *Idem.*

- d- reemigração: quando ocorre a emigração para o mesmo destino (B) depois de haver retornado pela primeira vez ao país de origem (A).

- e- segundo tempo de emigração: quando ocorre a emigração para um novo destino (C) depois de ter retornado de B.

- f- migração circulatória: quando o movimento de ir-e-vir torna-se repetitivo, podendo se tornar migração sazonal se o movimento for regular, determinado pelas estações do ano ou pelo tipo de trabalho.

Esses esquemas demonstram uma complexificação do ato de imigrar/retornar, que não implica apenas a idéia de voltar ao ponto de partida, embora também possa ser assim compreendido, mas também um movimento constante e contínuo envolvendo os dois pontos origem-destino, ou ainda um terceiro local, em movimentos sucessivos, descontínuos, circulares, numa noção de movimento que não se interrompe abruptamente.

Se o processo imigratório envolve movimentos constantes e diversos, o retorno irá refletir também essas características e particularidades. Portanto, se há várias formas de migração também há várias formas de retorno. Classificar não é apenas uma opção metodológica, mas sim um importante fator para analisar os impactos do retorno, tanto para quem retorna quanto para a sociedade para a qual se retorna.

Nesse movimento constante entre o país de origem e de destino, é importante verificar a existência de tipologias do retorno que, de acordo com os estudiosos do assunto, variam de acordo com os critérios adotados, indo dos mais simples aos mais complexos: escala do retorno; efeitos do retorno na economia local e nos sistemas culturais; fatores como distância, tempo e intenção, entre outros.

Para este estudo, destaco algumas classificações pertinentes à análise em questão. A primeira delas é a que leva em conta o critério **temporal**, classificando-se o retorno em cinco tipos⁶⁶:

- a- ocasional: retorno curtos para visitar parentes, passar férias, realizar ou buscar um casamento, lazer, sem que haja qualquer tipo de trabalho ou outra atividade econômica;
- b- periódico: pelos mesmos motivos da ocasional, mas é regular ou anual, por exemplo;
- c- sazonal: estadias temporárias, determinadas pelas atividades econômicas;
- d- temporário: o migrante volta para sua pátria mas pretende re-emigrar;
- e- permanente: o retorno é definitivo, sem a intenção de partir novamente.

Utilizando o critério **econômico**, podemos considerar que o retorno pode ser compreendido, de um lado como uma migração fracassada decorrente de uma má avaliação dos custos da migração, sem que seja possível colher os frutos dos altos investimentos. De outro lado, o retorno é visto como uma estratégia calculada⁶⁷ e, portanto, decorrente de uma experiência bem sucedida fora do país, ou seja, os migrantes alcançam seus objetivos (acúmulo de capital) e retornam à pátria assim que os objetivos são alcançados.

Cassarino estabelece mais duas categorias, considerando o critério econômico como **preparação** para o retorno, referindo-se não só ao desejo e disposição do migrante em retornar, como também à sua possibilidade concreta de retornar. Assim, temos os retornados com baixo nível de preparação que, pela curta experiência migratória não tiveram a possibilidade de adquirir recursos. Retornar ao país de origem implica custos (econômicos, sociais) menores do que ficar no país de destino. Em outra esfera estão os retornados com alto nível de preparação, que mobilizaram recursos tangíveis (capital) e intangíveis (habilidades) suficientes para empreender essa jornada.

As críticas que são feitas a esse modelo apontam os limites em se analisar a migração/retorno sob o prisma dos recursos financeiros e econômicos unicamente, pois desconsideram que esse processo complexo envolve outras questões de ordem psicológica, social e contextual, e não apenas de ordem pessoal. Além disso, esse tipo

⁶⁶ Considerando-se o critério temporal, Reyes define essa tipologia de retorno como Teoria da Migração Circular, referindo-se a uma grande variedade de movimento, repetitiva ou cíclica, geralmente de curta duração, que demonstra claramente a falta de uma intenção concreta de mudança de residência, ou seja, de que o retorno seja de fato um projeto concretizado. REYES, Belinda, *op. cit.*

⁶⁷ Para Cassarino, essa classificação está de acordo com a Economia Neoclássica e a Nova Economia da Migração de Trabalho (NELM), respectivamente. CASSARINO, Jean Pierre, *op. cit.*

de análise não leva em consideração de onde partem e para onde retornam esses migrantes e, portanto, quais os efeitos desses recursos sobre a economia local.

Outra forma de classificação do retorno é a que compara as **intenções** de imigração e de retorno com os seus resultados efetivos: o retorno como intenção, como concretização ou como não-realização. Qualquer que seja ela, essa intenção pode ser modificada durante o processo migratório.

Primeiramente há os emigrantes que emigram com a intenção de retornar⁶⁸ e de fato alcançam esse objetivo, mesmo sem que se saiba exatamente quando isso ocorrerá. O projeto de emigração tem o objetivo de acumular capital que lhes permitam investir na construção de uma casa ou num pequeno negócio em seu país; ou ainda querem adquirir experiências de viver fora e conhecer outro modo de vida.

Num segundo plano há uma migração temporária sem a concretização do retorno: estudantes ou famílias inteiras que emigraram. A existência de uma comunidade étnica⁶⁹ estabelecida contribui para tornar essa emigração de temporária em permanente. A idéia do retorno persiste de tal forma que pode ser considerada como parte e parcela de todo *ethos* emigratório; não importa quanto tempo dure a emigração, permanece a possibilidade de que um dia retornarão, alimentando essa ilusão por meio de contato com parentes e envio de recursos financeiros.

Num terceiro plano há a emigração permanente com retorno, provocada pela perda de emprego ou crise familiar; por falta de ajustamento no país de acolhimento e, neste caso, o retorno reveste-se de um significado nostálgico; ou ainda por melhora das condições econômicas na pátria de origem.

⁶⁸ Segundo Egea Jiménez e Rodríguez Rodríguez, esse tipo de retorno pode ser definido como Retorno Previsto, referindo-se aos emigrantes que saem com determinados objetivos a alcançar e, ao alcançá-los, retornam. Portanto, o retorno é decorrente de um planejamento de uma emigração com curto período de duração (de 5 a 10 anos). Esses mesmos autores usam ainda duas outras tipologias para o retorno: Retorno Forçado, referindo-se aos emigrantes jovens que retornam devido às dificuldades econômicas ou estabilidade social no país de destino, e Retorno por Inadaptação, decorrente de um sentimento de não-adaptação provocada por fatores sociais ou culturais. EGEA JÍMENEZ, Carmen e RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Vicente. “Tipos de Retorno de los Emigrantes Jubilados. El caso de los emigrantes de la Provincia de Jaen”. *Analís del VII Congreso Asociación de Demografía Histórica (ADEH)*. Granada: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Granada, 1 a 3 de abril de 2004.

⁶⁹ Alguns autores denominam essa comunidade como sendo redes sociais ou redes sociais étnicas (Network) as quais, além de servirem como centros sociais, culturais e religiosos, dão assistência aos compatriotas no processo de adaptação à sociedade receptora e, em muitos casos, mantêm apoio humanitário. Outros autores já ampliam esse conceito identificando os Cyber-networking-groups. Ver, por exemplo: CHRISTOU, Anastásia. “Reconceptualizing networks through Greek-American return migration: constructing identities, negotiating the ethnoses and mapping diásporas- theoretical challenges regarding empirical contributions.” *In: Spaces of Identity*. (4.3- 2004) pp. 53-70, University of Vienna, Dept. of History, 2004. Reyes, que utiliza o conceito de Teoria das Redes Sociais, considera que o retorno só ocorre quando as redes sociais de apoio não estão desenvolvidas no país de emigração. REYES, Belinda, *op. cit.*

Outra classificação para os tipos de retorno e os impactos do pós-retorno é a que leva em conta o **estágio do processo de assimilação/integração**⁷⁰ no país de destino estabelecido pelos imigrantes. Esse tipo de classificação é produto do trabalho de antropólogos, sociólogos e geógrafos que realizam, segundo Cassarino, uma abordagem estrutural da migração de retorno.

Nesse caso, o retorno não é visto apenas como uma experiência individual do migrante, mas sim como decorrente dos fatores institucionais e sociais do país de origem. Essa teoria também leva em consideração quão importante para a efetivação do retorno e a reintegração do migrante ao seu país é a questão dos recursos econômicos e financeiros⁷¹ levados ao país de origem.

Assim, temos mais quatro tipos: retorno do fracasso, retorno do conservadorismo, retorno da inovação e retorno da aposentadoria.

O retorno do fracasso⁷², decorrente de um curto período de imigração (menos de um a cinco anos), é resultante do choque cultural no país de imigração. O emigrante não é capaz de se adaptar ao novo ambiente, o que leva ao retorno rápido à pátria de origem, sendo reabsorvido por ela como se a emigração não tivesse ocorrido de fato.

O retorno do conservadorismo, após cinco a dez anos de imigração, é realizado por imigrantes que se ajustam aos primeiros momentos, encontrando trabalho e acomodação numa mesma comunidade étnica, iniciando o processo de integração e identificando-se com alguns elementos da nova sociedade. No entanto, sua orientação permanece voltada para o retorno quanto antes, ocorrendo de fato quando o imigrante acumulou certo capital para empregar em sua pátria, adquirindo terras, construindo casas ou abrindo um pequeno negócio. Os valores da cultura de origem prevalecem como referência.

O retorno da inovação, após dez a vinte anos de ausência, é realizado pelo imigrante adaptado à sociedade receptora, mas que percebe que sua inserção é limitada até certo ponto, devido às questões étnicas, lingüísticas, religiosas e culturais. Frustrado, passa a pensar em sua pátria, mas carregando novos valores com ele e limitado pelas possibilidades restritas de sua comunidade.

⁷⁰ Essa tipologia de migração de retorno foi elaborada, segundo Ammassari e Black, por Cerase, que estudou o retorno de migrantes dos Estados Unidos para as áreas rurais no sul da Itália. AMMASSARI, S. e BLACK, Richard. *op. cit.* Egea Jiménez e Rodríguez Rodríguez apontam que essa tipologia baseia-se mais nos aspectos e circunstâncias da emigração, prévios ao retorno, e menos nos aspectos e circunstâncias do retorno em si. EGEA JÍMENEZ e RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, *op. cit.*

⁷¹ É nesse aspecto, aquisição de habilidades e aplicação de recursos, que se apontam os limites dessa abordagem sobre o retorno, como ressalta CASSARINO, Jean Pierre, *op. cit.*

⁷² Reyes classifica esse tipo de retorno como Teoria do Desapontamento. REYES, Belinda, *op. cit.*

O retorno da aposentadoria, após um período superior a vinte anos de ausência, conjuga nostalgia com o desejo de viver tranquilamente a terceira idade em seu lar. São inativos economicamente e podem tender a se isolar em decorrência da longa ausência.

Nessa análise estrutural, a questão mais evidenciada é se o retornado impacta ou não a sociedade de origem, levando-se em conta nesse aspecto dois fatores: tempo e espaço. Em relação ao tempo, leva-se em consideração a duração da emigração e as mudanças ocorridas nesse período, que são fatores primordiais para o processo de reintegração dos retornados. Para ser aceito em sua comunidade de origem, o retornado deve se readaptar às mudanças culturais ocorridas em sua pátria (que ele julga não ter ocorrido), num processo de reajustamento e reinserção que, por sua vez, demanda tempo e depende da própria duração da experiência migratória.

Em relação ao espaço, deve-se levar em consideração que o local de onde o migrante sai e para o qual ele retorna determina o processo de reinserção do retorno, fazendo com que se adapte aos velhos valores e até os reforce. Nesse aspecto deve-se levar em conta ainda a dicotomia entre os dois mundos do qual o migrante/retornado faz parte: o país de imigração e o país de origem.

Finalmente, uma quinta classificação⁷³ deve ser destacada, a que relaciona o retorno ao **desenvolvimento regional**.

Nesta categoria destaca-se o também chamado retorno da inovação que, neste caso, implica a aquisição de novas habilidades ou de novas atitudes a serem aplicadas no retorno à comunidade, contribuindo para algumas transformações. A duração da ausência deve ser em tempo suficiente para modificar o emigrante de modo que adquira tais habilidades e atitudes, permitindo-lhe interagir com sua comunidade e influenciá-la. O impacto será maior dependendo do nível educacional e profissional dos retornados. Além disso, o sucesso desse retorno dependerá de alguns fatores, como o número de retornados, que deverá ser o suficiente para influenciar a comunidade.

Fazendo par com a categoria acima, está o retorno de capital e de investimentos⁷⁴, incluindo tanto o que o retornado levou consigo quanto o que enviou durante sua ausência, expressando sua ligação com a pátria e o desejo do retorno.

⁷³ Essas classificações não se esgotam nas apontadas nesse capítulo. Trata-se de uma seleção de acordo com os objetivos dessa pesquisa.

⁷⁴ Para Reyes, esse tipo de retorno é definido como Teoria da Renda Alvo: os imigrantes movem-se para obter recursos a fim de investir em tecnologia ou adquirir mais terras em sua comunidade. Quanto antes alcança o objetivo, antes o migrante retorna para casa. REYES, Belinda, *op. cit.*

Geralmente o capital é proveniente de dinheiro acumulado, como também da venda de casas, carros e outros bens.

A questão não é quanto o retornado leva, mas como ele aplica esse dinheiro, geralmente para aumentar o conforto e o *status* do retornado e de sua família. A concretização desse sucesso se dá, sobretudo, na construção de casas, excessivamente grandes, com utilização de estilos, padrões e materiais que demonstram a influência direta do país de imigração. A casa é o símbolo do prestígio universal e abre ainda oportunidades para bons casamentos dos filhos, funcionando como um cartão de visita.

Em relação às atividades econômicas, a preferência se dá pelo investimento em pequenos negócios do setor de serviços e muito pouco nas atividades agrícolas. Também não ocorre a introdução de novas formas de produção.

Outra questão a ser considerada refere-se ao retorno como **decorrência do sucesso ou do fracasso** no país de imigração. Para King, os mais bem sucedidos imigrantes são os que retornam em número ínfimo, pois retornar levaria a abrir mão de privilegiadas posições alcançadas na pátria de adoção. Os totalmente fracassados também não retornam para não serem estigmatizados por seu grupo ao não lograrem seu objetivo.

A maioria dos retornados não é de nem totalmente fracassados nem totalmente bem-sucedidos e isto depende também do tipo de emigração que leva ao retorno. Os retornados que vêm de longa distância e de uma emigração quase permanente raramente são fracassados; já os retornados de migrações temporárias raramente são bem sucedidos.

Estando o retorno como um tema em pauta, seja pela questão da política migratória seja pelo interesse acadêmico, novas teorias surgem para explicar e classificar o fenômeno. Destaco ainda mais duas: a teoria das redes sociais e o transnacionalismo.

Na Teoria das Redes Sociais, apontado por Cassarino, o retorno é visto como um processo decorrente de recursos tangíveis (capital) e intangíveis (contatos, relacionamentos, habilidades), adquiridos durante a experiência migratória. O retornado mantém fortes laços com o país de origem durante toda a duração do período emigratório, o que se constitui num apoio significativo para o efetivo retorno ao lar. Essas redes sociais, em suas dimensões social e étnica, são uma forma de ligar os mundos do “aqui” e do “lá” por meio de seus significados. Os retornados compõem um cenário social, do qual são atores, estando envolvidos num conjunto de ramificações

relacionais, tanto no país de origem como no país de destino, e mesmo nas práticas da migração do retorno.

O Transnacionalismo, segundo esse mesmo autor, é um conceito apropriado da terminologia das Relações Internacionais, cujo princípio baseia-se na tentativa de formular um modelo teórico-conceitual para decifrar os laços econômicos e sociais mantidos pelo migrante entre países de origem e destino. Conforme o transnacionalismo, a migração de retorno não é o fim do processo migratório, mas sim parte de um sistema circular de relações sociais e econômicas mantidas entre os dois lugares.

O migrante é membro de ambas as comunidades, a de origem e a de destino, sente-se parte de ambas, identifica-se com elas. Tem a possibilidade de atravessar oceanos e fronteiras em busca de trabalho e recursos econômicos no país de destino, ao mesmo tempo em que conserva os laços familiares, afetivos, econômicos e culturais com sua comunidade no país de origem. Se o conceito de migração pressupõe rupturas, a transmigração pressupõe continuidades, pois o migrante mantém fortes laços com seu país, seja por meio de visitas periódicas e regulares ao país de origem, seja pelo envio de recursos a serem aplicados na melhoria das condições de vida em seu lar.

O conceito de transmigração supera a questão de se conceituar tipos de migração e tipos de retorno. Entre o ir e o vir, o mover-se circularmente, a estruturação da vida entre dois lugares faz com que se superem termos como migração temporária, migração permanente, migração de retorno. O migrante efetivamente não retorna porque não rompeu os laços definitivos com sua pátria de origem, está aqui e está lá, não é permanente nem temporário, é um transmigrante, como afirma Assis.⁷⁵

Egea Jiménez e Rodríguez Rodríguez utilizam o termo retorno circular para conceituar esse movimento estabelecido entre origem e destino. Para os autores, esta é a situação desejada pelos retornados: tirar proveito do lado bom dos dois lugares e estar próximo das pessoas e familiares situados entre um e outro local. Os migrantes desejam manter um movimento constante de ida e volta, e para isto investem na manutenção ou aquisição de casas no país de origem, para passar períodos de tempo significativos ou como possibilidade sempre presente de lá se estabelecerem no momento da aposentadoria. O conceito utilizado pelos autores não é o de transmigrante, mas sim de

⁷⁵ ASSIS, Gláucia de Oliveira. "Estar aqui, estar lá... O Retorno dos Emigrantes Valadarenses ou a Construção de uma Identidade Transnacional". In: *Retorno. Travessia: Revista do Migrante*. SP, Publicação do CEM, ano VIII, nº 22, mai-ago/95.

transeunte, no sentido estrito do termo, ou seja, aquele que está em movimento contínuo e constante.

Ainda esses autores destacam uma outra tipologia: o retorno falido, mas a referência não é ao retorno como decorrência do fracasso na migração do ponto de vista econômico, como a classificação já apontada anteriormente. Neste caso, o retorno se efetiva não como decorrência de uma decisão familiar elaborada e bem estruturada, ou como decorrência de um desejo ou de um planejamento prévio. O retorno ocorre por motivos conjunturais (enfermidade de membros familiares, problemas de trabalho, influência de outros membros da comunidade) alheios a uma intenção anterior.

Uma vez efetivado o retorno, o sentimento é de frustração (pela interrupção de uma prosperidade econômica no país de destino), de equívoco (o lugar de origem não é mais como aquele que se havia deixado ou como se imaginava que ainda fosse), de culpa (por interromper a formação educacional e profissional dos filhos), de arrependimento (por não se adaptar à comunidade e à forma de vida já distante da realidade vivenciada no país de destino).

Finalmente, Egea e Rodríguez apontam mais uma classificação: o retorno familiar. Neste caso, o retorno tem início com os filhos, cujos pais também retornam para que se efetive o reagrupamento familiar. Muitas vezes o que ocorre é uma nova divisão familiar: os pais retornam para acompanhar um dos filhos, enquanto outros permanecem no país de destino. Este retorno é ocasionado tanto em decorrência de sucessivas viagens ao país de origem, provocando um sentimento de identificação e de identidade, como também como resultado de insatisfação de caráter econômico e social no país de destino. O retorno vem acompanhado de um desejo de desfrutar melhores condições de vida no povoado.

Em relação a todas essas definições que envolvem o fenômeno migratório, chamo a atenção para a relevância de uma delas por ser de interesse nesta pesquisa: o chamado retorno ancestral ou transgeracional⁷⁶, que envolve o retorno de pessoas da segunda e terceira gerações de imigrantes (filhos e netos) para a pátria de seus ancestrais (pais, avós), onde eles não nasceram ou foram criados⁷⁷.

⁷⁶ Egea e Rodríguez categorizam retornados como sendo unicamente aqueles que voltam ao seu lugar de nascimento, portanto, excluem-se dessa categoria os membros da segunda geração nascidos no país de emigração. EGEA JÍMENEZ e RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, *op. cit.*

⁷⁷ Vale considerar nessa tipologia que o retorno está vinculado às leis de imigração do país, o que implica reconhecer as possibilidades concretas desse retorno.

Nessa perspectiva de análise, questões como inclusão e exclusão; adaptação, integração e ajustamento; sentimentos de alienação, pertencimento e identidade, que os retornados da segunda e terceira geração⁷⁸ enfrentam ao seu estabelecerem no país ancestral, levam à necessidade de serem reconceituadas três categorias fundamentais envolvidas nesse processo: lar (origem ou destino), identidade (que envolve também questões de nacionalidade) e o retorno em si.

Para além de todas essas classificações, é necessário ressaltar que o não-retorno também é parte desse amplo processo de imigração, e a concretização ou não do retorno relaciona-se às variantes do processo de migração como um todo. À medida que a migração passa de projeto realizado por jovens solteiros, para empregar-se em trabalho marginal, para emigração de homens casados ou famílias inteiras, aumenta a duração da estadia e diminui a intenção do retorno. O processo migratório alcança sua maturidade com a reunião de outros membros da família e do grupo e com a formação de escolas, instituições religiosas e associações culturais, tornando-se mínimo o retorno definitivo.

Muitas vezes a realidade no país de destino não corresponde ao que se imaginava encontrar no momento da partida, assim essa estadia, projetada como breve, prolonga-se por décadas ou por toda a vida. Mesmo assim, o retorno permanece presente nos discursos dos emigrantes, como se falar do retorno fosse uma forma de compensar a ausência na terra da origem. Esta questão tem sido abordada como o mito do retorno.

3.2 Outras Abordagens

Já se falou da importância em se incluir os estudos sobre o retorno na dinâmica do processo migratório. O que é importante ainda salientar é que o retorno não deve ser visto como o fim do ciclo migratório, etapa conclusiva, fim derradeiro e irreversível, mas sim incluí-lo em toda a extensão do fenômeno migratório como uma importante etapa. Além disso, a relação entre ambos os países (origem/destino) não flui apenas em uma única direção, mas sim como um processo de mão dupla.

⁷⁸ Christou ressalta que o interesse pela segunda geração no tema do retorno tem sido despertado entre os estudiosos sobre o assunto, havendo por isso a necessidade de se estabelecerem categorias de análise adequadas a esse perfil na pesquisa, por exemplo, no tocante ao nível mnemônico (memória cultural do lar ancestral), da experiência de retorno ao lar ancestral e da expressão da articulação do projeto migratório do retorno. CHRISTOU, Anastasia. *Reconceptualizing networks... op. cit.* E ainda: *Idem*, "American Dreams and European Nightmares: experiences and polemics of second-generation Greek-American returning migrants." *Journal of Ethnic and Migration Studies*. Vol. 32, nº 5, pp. 831-845. Academy for Migration Studies in Denmark, University of Aalborg, 2006.

É necessário ainda considerar que o retorno não pode ser compreendido como decorrente de um esforço individual, mas antes consequência de um esforço coletivo, familiar e de toda uma comunidade, tanto no país de destino como no país de origem. O projeto de retorno, assim como o de emigração, é familiar, envolvendo tanto aqueles que emigraram como aqueles que não emigraram⁷⁹. A complexidade do tema também reside nesse aspecto.

Outras questões conceituais ainda devem ser consideradas nos estudos de tal natureza, como apontou Cassarino, devido:

- a. à diversidade do fluxo migratório internacional, incluindo aí não só os migrantes de trabalho, como também os estudantes, asilados e refugiados;
- b. às mudanças na economia local que permitem investimentos em diferentes ramos de atividades por parte dos retornados;
- c. às facilidades de mobilidade entre um país e outro, pela agilidade e barateamento dos meios de transporte, o que permite que o processo migratório se constitua em diferentes estágios, incluindo o retorno (ou retornos);
- d. ao desenvolvimento dos meios de comunicação e da informatização, que facilita a troca de informações e os contatos entre um ponto e outro⁸⁰;
- e. à aquisição de propriedades no local de origem, fazendo com que o migrante esteja simbolicamente presente, ainda que distante por quilômetros de distância.

Nesse sentido é que o retorno deve ser redimensionado e analisado, como um processo dinâmico que envolve situações múltiplas de ir e vir; da necessidade de adaptações, sobretudo nos aspectos da vida cotidiana; no desenvolvimento e manutenção de múltiplas relações (familiares, sociais, religiosas), num processo social que ultrapassa os limites das fronteiras geográficas e culturais.

⁷⁹ Analisar o projeto de retorno e sua possibilidade de concretização ou não leva à necessidade de se verificar primeiramente o próprio projeto emigratório e seus decorrentes desdobramentos.

⁸⁰ Portanto, modificam-se as noções de tempo e de espaço, que passam a ser relativizadas num mundo que é cada vez menor.

3.3 O Retorno como Mito

A questão do retorno, fenômeno compreendido como a outra face de uma mesma moeda denominada imigração, insere-se na concepção de uma “antropologia total do ato de emigrar e imigrar”, ou da imigração como uma “fato social completo”⁸¹. Sayad, neste sentido, afirma que:

... a idéia do retorno está intrinsecamente circunscrita à denominação e à idéia mesma da emigração e da imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures.⁸²

A concepção de ser emigrante/imigrante traz em si a idéia subjacente de um retorno, o que implica considerar que o emigrante não é só aquele que parte de um país para outro, mas aquele que se mantém ligado ao país de origem, como se de lá nunca tivesse partido. O retorno é o elo de ligação entre esses dois momentos (o ir e o voltar) e entre esses dois espaços (o aqui e o lá).

O retorno é um pressuposto natural da migração, pois aquele que parte, parte para um dia retornar, não importando por quanto tempo se prolongue essa ausência e quando de fato se efetive essa volta. A idéia do retorno como mito está presente no imaginário ou na retórica tanto dos que partiram quanto dos que ficaram, como uma forma de expiar a culpa pela partida.

Já que o migrante parte, por que não compreender que ele retorne depois de haver cumprido sua tarefa, missão, objetivo? A possibilidade do retorno está presente para todo e qualquer migrante, como parte inerente ao próprio ato de emigrar, no entanto esse ato vai sendo relativizado, adiado e talvez nunca concretizado à medida que a experiência migratória se estende além do que foi projetado, seja pela dificuldade em alcançar os objetivos seja porque o enraizamento no país de imigração leve a se reconsiderar a efetivação do retorno. Coloca-se então em xeque a concepção de que todo emigrante deve retornar um dia ao lar.

Encara-se a partida, a emigração, como um ato natural, mas o não retorno à terra natal como traição. O retorno como possibilidade, e mais ainda como obrigação, faz com que o migrante sinta-se ligado à sua terra natal, aos seus familiares, parentes e conterrâneos e que viva, portanto, a experiência da imigração e da ausência como uma

⁸¹ Ou “fato social total”. *Idem. A imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: Edusp, 1998, p. 16.

⁸² SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante”... *op. cit.*, p.11.

carga intensa de dramaticidade expressa nas idéias da obrigação, da culpa, da deserção transmutadas nos sentimentos de saudade, de nostalgia e da ilusão do retorno.

A idéia do retorno, como parte inerente ao processo migratório, compõe a pesada carga imposta sobre os ombros dos migrantes. Como projeto coletivo, familiar, e não individual, o migrante carrega consigo o retorno como obrigação, missão, ponto de ligação umbilical com sua terra natal, ao mesmo tempo em que deve lidar tanto com as dificuldades encontradas no país de destino quanto com a sedução que essa nova sociedade exerce sobre ele.

O migrante vive dividido entre esses dois mundos e entre os dois compromissos: vencer e retornar, reassumindo seu compromisso com os membros da sua comunidade, e por isto com o passado deixado para trás, ou vencer e permanecer e, com isso, optar por uma aposta num futuro tão desconhecido quanto promissor. Permanecer na imigração e não retornar implica voltar-se contra o processo social que o engendrou como migrante, significa entrar em choque com todos os valores que deram suporte a essa experiência em terras estranhas. Assim o emigrante/imigrante, numa crise de valores conjunturais e referenciais, defronta-se com a experiência da anomia, como afirma Sayad.

O mito do retorno sustenta-se na idéia de que a migração é um ato provisório e o retorno propriamente é tido como fato garantido, ainda que esse fato nunca se concretize. Portanto, o retorno existe tanto no seu sentido real e concreto daqueles que efetivam essa empreitada, como daqueles que nunca concretizam esse ato, embora continuem afirmando esse desejo, na mais pura concepção de que o retorno também pode se constituir num mito.

Então se a migração é vista como falha, culpa, deserção, anomia, heresia, o retorno é, nas palavras de Sayad, como “um retorno à norma, à normalidade, à ortodoxia; o seu contrário (a emigração/imigração) não sendo senão anomia, heterodoxia, e até heresia...”⁸³

Outro mito do qual se nutre o retorno é a concepção de que aquele que volta, volta o mesmo, como se o período transcorrido entre a partida e o retorno tivesse sido cristalizado e tudo tivesse permanecido em suspenso durante o período que durou o processo migratório. Ao retornar, o migrante depara-se com essa dura realidade: nada permaneceu como ele havia deixado, nada mais é o mesmo, nem aqueles que ficaram

⁸³ *Idem.* p. 32.

são os mesmos, nem os que partiram retornaram da mesma maneira que foram. A experiência da separação, vivida como abandono e deserção, permaneceu latente nesse reencontro.

Mudaram os hábitos, as formas de vida, as relações sociais, as atitudes cotidianas, as formas de se expressar, a linguagem, pois “nem o idioma soará como o mesmo: mudaram a forma coloquial, os subentendidos montados sobre as palavras de significados implícitos, de imagens em comum, de pretéritos compartilhados...”⁸⁴

Aquele que retorna, volta com a ilusão de que encontrará tudo como havia deixado e poderá, por meio da efetivação do retorno, recuperar tudo aquilo que foi abandonado no momento da partida e durante o período de ausência. Mas a realidade se descortina de uma forma diferente do que imagina, do que sonhou, do que alentou encontrar por tanto tempo. A dura comprovação de que mudanças ocorreram levará o migrante a sofrer mais uma dura experiência de anomia: não ser parte daqui nem de lá, não pertencer a nenhum dos dois mundos, a se questionar, inclusive, sobre a própria identidade.

Esse estranhamento, essa ferida do retorno que custa a cicatrizar, levará o migrante a se contrapor ao mito de que se volta ao mesmo ponto de partida do mesmo jeito que era antes de partir. Constatar esse fato, renegar essa crença, romper com o sonho e a ilusão para encarar a dura realidade será o enfrentamento que o migrante terá como tarefa.

Na experiência do retorno, o migrante e seus descendentes não constatarão que se trata na realidade de uma nova migração, tão difícil e elaborável quanto a primeira que a engendrou?

É nessa perspectiva que pretendo, então, analisar as narrações.

⁸⁴ GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*. Madrid: Alianza Editorial, 1984, p. 222.

IV- DO LÍBANO PARA O BRASIL: A EMIGRAÇÃO

Ao optar pelo estudo do processo de retorno empreendido pelos migrantes libaneses e seus descendentes ao país de origem, estive preocupada, desde a concepção do projeto de pesquisa, em compreender essa trajetória como parte de um processo mais amplo, que teve início tanto no Brasil, terra de destino da migração e ponto de partida para o retorno, como no Líbano, de onde se saiu e para onde se retorna, quase num movimento circular.

Por esse motivo, ao dar início ao trabalho de entrevistas, e levando em consideração que o retorno é mais uma etapa dessa rica experiência de deslocamento, julguei necessário que os relatos dos colaboradores pudessem versar tanto em relação ao momento do retorno propriamente, como ainda em relação aos fatos e acontecimentos anteriores a ele.

Para Meihy, ao se trabalhar com história oral da migração deve-se, preferencialmente, obedecer ao trajeto cronológico da vida do colaborador, na medida em que a experiência anterior ao processo migratório pode revelar uma série de questões envolvidas na problemática migratória.

O autor afirma que é preciso:

...considerar a vida pretérita da pessoa e do grupo antes da saída do lugar de origem, a motivação para a viagem, o trânsito e a chegada ao lugar de destino, a adaptação e o desenvolvimento da integração como metas primordiais do registro. A história de vida de migrantes ou imigrantes sempre sugere comparações entre locais de origem e de chegada. Na mesma medida, comparar implica promover juízos de valor que reclamam indicações sobre a identidade cultural ou nacional dos entrevistados.⁸⁵

Desse modo, o *corpus* narrativo das entrevistas realizadas com os imigrantes libaneses esteve concentrado nos seguintes aspectos:

- vida no Líbano: formação familiar, vida no país de origem, motivações para a emigração;
- o processo imigratório e os projetos estabelecidos: limites, possibilidades, concretizações e decepções;
- o retorno: os motivos, a reintegração à pátria, as dificuldades encontradas, os projetos possíveis, a adaptação como fato ou não;

⁸⁵ MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. SP: Loyola, 2005, 5ª ed., p. 158.

- a identidade: a condição de emigrante/imigrante, a reelaboração da identidade, a reestruturação da vida familiar, os conflitos decorrentes.

Em relação aos brasileiros descendentes, filhos de imigrantes libaneses, que retornaram à pátria de origem de seus pais, o *corpus* narrativo se concentrou nos seguintes aspectos:

- vida no Brasil: a descendência de um grupo imigrante, os conflitos culturais, a manutenção dos costumes, a formação educacional e profissional;
- o retorno: os motivos, a integração ao novo país, as dificuldades encontradas, os projetos pessoais, a inserção econômica e social, o casamento e a família;
- imigrante ou retornado: como se definem quanto à sua identidade, a adaptação ao país, as facilidades ou dificuldades apresentadas para a terceira geração.

Para as brasileiras não-descendentes, que acompanharam os maridos imigrantes libaneses no retorno ao Líbano, foi necessário também considerar as seguintes questões:

- vida no Brasil: origem, estudo e trabalho, casamento e filhos;
- viagem ao Líbano: os motivos, as dificuldades de inserção e adaptação, o trabalho, a questão familiar;
- preconceitos e identidade: as diferenças e os estereótipos, a manutenção de uma identidade, os conflitos.

Neste capítulo, abordo as questões referentes à vida anterior ao processo migratório, seja dos imigrantes libaneses em sua partida inicial do Líbano, quanto dos descendentes de diferentes gerações e das brasileiras em relação à vida no Brasil antes do retorno ao Líbano.

Relativamente à primeira geração, imigrantes libaneses que compuseram a Rede I, o período de vida no Líbano girou em torno dos seguintes aspectos: tempo em que viveu no país, condições de vida no país como motivadoras da emigração, falta de perspectiva, a viagem, as redes sociais estabelecidas no Brasil, a questão do trabalho e a necessidade de aprendizagem da língua, casamento e filhos⁸⁶.

⁸⁶ Os aspectos apresentados em relação à Rede I (1ª Geração), Redes II (2ª Geração) e Rede III (2ª e 3ª Gerações) visam contextualizar o movimento de retorno na totalidade do processo migratório e foram discutidas mais aprofundadamente em minha Dissertação de Mestrado. Ver: OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar*. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, 1998, 2 volumes.

Nesses relatos houve uma associação inevitável entre o fato de ser jovem no momento da partida (entre os quinze e os vinte e quatro anos), a falta de opção e de perspectiva de vida (de estudo, profissão ou trabalho) existente no Líbano naquele momento, e a emigração vista como fato inexorável na superação dessa condição. O Brasil apareceu, então, como uma alternativa originária das condições vividas.

Os motivos para a emigração foram apontados como decorrentes tanto da “vida simples no Líbano, triste, sem muitas opções”⁸⁷, da “vida um pouco difícil”, como da possibilidade de ir ao Brasil para “trabalhar e ganhar a vida”, de “ir atrás do meu dinheiro”, de “melhorar de vida”:

“...vivi aqui (no Líbano) até meus vinte e quatro anos... A vida nessa época era muito simples, sem estudos, pouco trabalho, só plantar e plantar.

Aí chega uma hora que dá uma vontade de mudar isso. Você é jovem, fica cansado de toda dia a mesma coisa, mesma coisa... Não sei o que me deu e veio a idéia de viajar. Eu queria ir para qualquer lugar, sair, tentar a vida em outro mundo. Como eu tinha uma irmã morando no Brasil, eu consegui o visto e não quis nem saber: fui embora.”

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

“Eu não tinha dezoito anos quando fui para o Brasil, seguindo todo mundo que foi antes de mim, abrindo caminho. Todo mundo começou a ir para a América, falavam assim: “vamos para a América ganhar dinheiro, mais dinheiro que se ganha aqui...”

Aqui a vida era um pouco difícil, vila do interior é assim, vive de plantação de trigo, uva, figo, melancia, de tudo, e fazia tudo em casa, como doce, azeitona, óleo, conserva, a gente não precisava gastar nada, né? Agora modificou tudo, gasta muito dinheiro, mas naquele tempo não gastava nada, porque não tinha onde gastar...”

Amin Abdoune (Rede I- 1ª Geração)

Outros fatores ainda foram apontados como motivadores dessa partida, dentre eles o casamento: “aos dezessete anos fui ao Brasil para me casar”, e a guerra: “fui para o Brasil em consequência da guerra”. Da mesma forma, as redes sociais foram apontadas como um importante motivador da migração, visto que a presença de parentes (irmãos, tios, primos) e até os conterrâneos no Brasil atuaram tanto como propulsores da partida como apoio para o estabelecimento na nova terra.

⁸⁷ Ao longo dos capítulos uso três formas de citação de parte das entrevistas. Quando os trechos são informações genéricas, que se repetem em várias narrações, não foram referenciadas, apenas destacadas entre aspas. Quando os trechos referem-se a informações mais específicas foram destacados no parágrafo entre aspas e com a identificação do primeiro nome do colaborador e a rede a qual pertence. Trechos mais longos foram destacados em deslocamento, com a identificação completa do nome e rede do colaborador.

Fazer o caminho para o Brasil “como todo mundo”, “seguindo todo mundo que foi antes”, foi ainda mais fácil de se concretizar quando houve o incentivo, inclusive financeiro, dos parentes, quer no envio de passagem quer no apoio para o início do estabelecimento. O apoio inicial, contudo, teve tempo de duração limitado:

“Logo que cheguei eles (meus tios) me ajudaram, mas isso foi no primeiro mês, no segundo mês, no terceiro mês cada um que se vire... É assim que funciona...”
Abdul Ali Kadri (Rede I- 1ª Geração)

A viagem em si, o navio (“argentino”, “turco”, “francês”), o trajeto, a data e a hora da partida, o número de pessoas, os companheiros de travessia, a duração, os locais percorridos, os portos atracados, todos os detalhes que marcaram a experiência daqueles que partiram abandonando o conhecido para enfrentar o desconhecido também estiveram presentes nos relatos, num tom quase nostálgico, sobretudo daqueles que migraram mais remotamente:

“Em 17 de janeiro de 1955, cinco horas da tarde, parti num navio argentino, que levava noventa e quatro libaneses e catorze libanesas... Passamos na França, na Itália, na Espanha, em Portugal e em Dakar, até descer em Santos... Sumimos no mar, era só céu e água... Antes de chegar a Santos, nós passamos pelo Rio de Janeiro, mas não descemos. Que lindo! Um sol belíssimo... Eu não me esqueço dessa imagem...”
Abdo Latif Mohamad Ahmad (Rede I- 1ª Geração)

Do relato idílico da viagem à dura realidade do trabalho: mascatear. Esta atividade foi apontada como a alternativa lógica, natural, inevitável a todo recém chegado, “como todo mundo”, “como todos os libaneses”, “logo nos primeiros dias” e “sempre”, para “começar a construir a vida”. O alcance de uma melhoria das condições de vida ou da estabilidade econômica permitiu também certa ascensão econômica: do trabalho nas ruas para a loja, a fábrica, o bar, a lanchonete e o restaurante.

Mais uma vez as redes sociais tiveram um papel fundamental, porque foi a partir delas que se iniciou a inserção econômica, mascateando ou trabalhando “na loja do meu tio que vendia roupa”, “na loja dos meus irmãos”, “na loja de móveis do meu tio”. A partir daí ocorreu certa emancipação econômica, “cada um foi morar no seu canto e trabalhar por sua conta”, “tocando a vida, como se diz”.

Assim temos:

"Logo que eu cheguei já comecei a trabalhar, a mascatear, como todo mundo que saía do Líbano e ia para o Brasil. Eu sempre mascateei durante todos os trinta anos que vivi lá. Era um trabalho bom, porque conhece muita gente, faz amizades, aprende a falar a língua e dá para fazer um patrimônio."

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

A aprendizagem da língua, como importante questão para a inserção econômica e social, também foi apontada como uma barreira superada em decorrência do trabalho, pois era necessário aprender a falar "o necessário" ou "um pouquinho" "para começar a trabalhar". Aprender a língua tornou-se fácil porque o trabalho ajudou, porque as pessoas ensinaram ou porque a convivência com os brasileiros levou a essa necessidade:

"Trabalhei de mascate, é lógico, e comecei logo nos primeiros dias. Eu nem sabia falar o português ainda, mas para ser mascate nem precisa muito. Eu chegava para o freguês e falava assim: 'quer comprar?', 'tem jogo de toalha, jogo de cama, jogo de banho', 'é preço bom'... Era tudo misturado, árabe com português, mas todo mundo entendia, né? Era um trabalho bom, porque a gente ganhava para viver..."

Fadel Mohamad Aboo Jokh (Rede I- 1ª Geração)

Na lógica do discurso construído pelo imigrante, uma vez alcançado o sucesso econômico, a formação familiar com o casamento e filhos deveria ser o passo seguinte, decorrente de todo o trajeto de vida na migração⁸⁸. Assim é que esses migrantes afirmaram que "logo me casei", "casei e vieram os filhos", "depois que arrumei a vida, resolvi me casar". A opção pelo casamento interno às vezes não foi decisão pessoal, mas decorrente de uma imposição da família grande, que continuou exercendo um papel contundente mesmo a distância. Esses casamentos tinham como objetivo reforçar os vínculos familiares, manter os valores culturais no período migratório, além de serem apontados como facilitadores da convivência conjugal.

Casar-se sem conhecer o companheiro previamente, seja com esposas enviadas do Líbano para o Brasil, seja com membros vivendo no Brasil foi sempre a opção mais desejada e incentivada, de acordo com as decisões de membros familiares, e aceito

⁸⁸ As questões referentes ao casamento nas gerações, incentivo ao casamento interno na comunidade, influência familiar nas escolhas dos parceiros, rupturas ocorridas e suas decorrências são componentes fundamentais do projeto migratório árabe, cuja análise foi amplamente discutida em minha dissertação de Mestrado. Ver: OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo... op.cit.*

como uma boa escolha, de acordo com os costumes culturais. Assim temos a imposição dos pais ou dos irmãos:

"Quando fiz dezoito anos, meu irmão mais velho decidiu que eu tinha que me casar, que já estava na hora de formar uma família... Então meu pai e minha mãe também insistiam para que eu me casasse logo, aí eu casei. O meu pai escolheu a noiva e a mandou para o Brasil, para fazer o casamento, as coisas eram assim naquela época..."

Abdul Majid Kadri (Rede I- 1ª Geração)

"Quando cheguei, meu pai já estava me esperando com a noiva que ele tinha escolhido para mim. Eu não queria me casar, achava que ainda estava cedo, mas meu pai quis assim e eu aceitei, tem que aceitar, né? Ele pensava que era melhor eu já ir com uma esposa, senão eu poderia me casar com uma brasileira e isso ele não queria de jeito nenhum.

Voltei casado para o Brasil..."

Fadel Mohamad Aboo Jokh (Rede I- 1ª Geração)

Os casamentos na comunidade, embora desejados, nem sempre ocorreram, constatando-se a ruptura na regra estabelecida. Afirma-se então que ocorreu o casamento com uma "brasileira, não descendente de árabes", "uma brasileira", "só brasileira mesmo", mas ressalta-se que "ela foi bem aceita por todos". Essa aceitação, entretanto, esteve vinculada à conversão das esposas à religião muçulmana e à adaptação aos valores da cultura árabe.

Assim como o casamento, os filhos foram o passo seguinte, entre três e seis filhos, meninos e meninas, numa família já estruturada e cuja manutenção e preservação tornou-se outro ponto-chave.

Como afirma Sayad⁸⁹, toda imigração é imigração de trabalho, é a primeira forma de emigração empreendida por homens sozinhos e solteiros, e engendrada pelo grupo de origem, que autoriza, controla e ordena a partida. Ela deixa de ser exclusivamente de trabalho quando não atinge seus objetivos iniciais (acúmulo de capital e pronto retorno), e se converte em imigração familiar⁹⁰ à medida que membros

⁸⁹ SAYAD, Abdelmalek. *La double absence: des illusions de l'émigre aux souffrances de l'immigré*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, pp. 17-18.

⁹⁰ Sayad também chama esse movimento de imigração de povoamento. Ver: SAYAD, Abdelmalek. "Imigração de Trabalho e Imigração de Povoamento". In: "O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante". *Travessia: Revista do Migrante*. Publicação do CEM, ano XIII, nº especial, jan/2000.

familiares (esposa, filhos) seguem o mesmo caminho, estabelecendo uma segunda forma de emigração, que é a emigração de família⁹¹.

A emigração de família compensa a ausência dos emigrados frente aos seus membros, mas prolonga a duração da ausência, traz o risco da ruptura com a cultura de origem, e gera um comprometimento junto à sociedade do país de destino. Com a vinda da família (mulheres e filhos) ou de mulheres (para a formação da família conjugal) ocorre a necessidade de estabelecer uma nova denominação para essa realidade: adaptação, integração, assimilação, inserção – quaisquer que sejam os termos utilizados – ao país receptor e à sua cultura.

Para os jovens nascidos no Brasil, componentes dessa migração de família, a questão da idade foi um importante fator apontado, pois dimensiona tantos aspectos da educação familiar, limita o tempo de vida passado no Brasil e ainda dimensiona essa experiência.

Todos os colaboradores dessa rede viveram pouco tempo no Brasil: ou partiram para o Líbano durante a infância, aos sete anos de idade, ou entrando na fase da adolescência, entre os catorze e os dezoito anos de idade. Por esse motivo, a experiência de vida limita-se ao ambiente familiar, à escola, à vida na comunidade (clubes, instituições religiosas), mas com uma visão filtrada pela questão da ascendência árabe e das restrições culturais implicadas nesse fato, independentemente do aspecto religioso.

Uma colaboradora muçulmana esclareceu:

"A gente levava uma vida muito limitada no Brasil, era de casa para a escola, da escola para casa. Não podia sair, passear, ter amizades, a gente era, como vou dizer, presa no Brasil... A gente conversava só com os vizinhos e os amigos da escola, era tudo controlado, proibido por causa disso, para a gente não se envolver com brasileiros, né?"

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

E uma colaboradora cristã afirmou:

"Minha vida no Brasil foi como de qualquer filha de árabe, quer dizer, com um grande controle sobre a gente, amizades limitadas basicamente às pessoas da comunidade, pouco contato com os brasileiros, não podia sair sozinha, só

⁹¹ Sayad aquece o debate sobre essa questão ao considerar que a classificação imigração de trabalho e imigração de família (ou de povoamento) é artificiosa e arbitrária, sem nenhuma base sociológica, com vista a reduzir o fenômeno migratório a uma simples transferência de mão-de-obra possível pela questão da excesso/escassez da força de trabalho. A imigração de trabalho se constituiria em pessoas não assimiláveis, enquanto a imigração de família tornaria o grupo assimilável na sociedade receptora.

acompanhada pelos meus pais ou irmãos. Era uma vida bastante limitada à minha família e à comunidade árabe.

Eu me sentia muito diferente das meninas da mesma idade que eu, porque na minha casa tudo foi sempre muito controlado nessa questão de ter amizades com brasileiros ou de ter uma vida parecida com a deles. Então eu tinha poucas amizades com brasileiros, era mais aquela coisa da vizinhança e de colegas da escola. Meus amigos eram filhos de libaneses como eu, a maioria também era de Zahlé, e todos eram cristãos ortodoxos.

Acho que isso tudo era para evitar um choque entre os nossos costumes e os costumes do país, para não ter muito conflito principalmente na cabeça dos jovens. Desde que eu me conheço por gente meu pai colocou uma idéia na minha cabeça: era proibido o casamento com brasileiro, casar só se fosse com libanês e cristão. Antes de vir para cá, eu fui pedida em casamento por um libanês muçulmano, mas meu pai não aceitou de jeito nenhum. Então eu cresci sabendo que não poderia me relacionar fora da nossa comunidade, meus pais sempre deixaram isso bem claro.

Eu vou contar uma história para explicar melhor como era difícil minha situação lá. No último ano que eu vivi no Brasil, na época do carnaval, eu fui ao clube com os meus pais e encontrei um professor no baile. Ele me cumprimentou e colocou a mão no meu ombro. Nossa, foi a maior confusão, porque meu pai viu aquele gesto e já interpretou mal, queria bater no cara, até matar... A gente passava por essas situações por ser filha de libaneses, e por ter pais que sempre valorizaram os costumes árabes.

Basicamente minha vida se resumia à casa e escola. O que quebrava um pouco essa rotina é que meus pais faziam questão que a gente vivesse um pouco da cultura árabe, então nós tínhamos aulas particulares de língua árabe e freqüentávamos um grupo de dança típica. Além disso, tinha a religião que a minha família sempre praticou, a gente ia à igreja todos os domingos, de manhã à igreja ortodoxa e a tarde à igreja católica."

Melissa Jamil Yachouh (Rede III- 2ª Geração)

As questões culturais e os relacionamentos mantidos no ambiente familiar reforçavam a questão da ascendência e suas implicações, tanto daqueles que professavam a religião muçulmana quanto dos que professavam a religião cristã. Da mesma forma, essa percepção esteve presente no aspecto de gênero, pois tanto para as meninas quanto para os meninos o peso da ascendência se fez perceber em terra de migração:

"Eu gostava muito da minha vida de adolescente no Brasil, uma vida normal e tranquila, com as amigas, os colegas, a escola... Mesmo morando no Brasil, os meus pais procuravam nos criar como filhos de árabes, sempre nos orientando para não beber, fumar ou comer carne de porco, essas coisas. Eu e meus irmãos sempre aceitamos bem essas idéias, entendíamos que era uma questão da nossa origem, então eu não entendia de onde vinha essa idéia de mudar de país, para mim não tinha por que mudar..."

Salmen Ali El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

A experiência de vida desses colaboradores, balizada entre a pouca idade no tempo vivido no Brasil e as imposições culturais, limitou-se ao ambiente escolar que, como quase único contato externo à comunidade, é visto como um momento único, supervalorizado e superestimado, ainda que o retorno tenha implicado a interrupção desse momento, apontado por quase todos esses colaboradores ao contarem esse momento de suas vidas.

Assim temos:

"Eu vivi no Brasil até os catorze anos de idade, estudei até a oitava série, mas parei por aí porque o meu pai decidiu vir para cá com toda a família."

Samir Ahmad El Kadri (Rede III- 3ª Geração)

E ainda:

"...Eu sempre gostei muito de estudar, o meu sonho era terminar meus estudos, me formar, ter uma profissão, trabalhar, sempre sonhei com isso...

Eu queria ser alguém... Olha, eu tinha colocado na minha cabeça que eu queria ser psicóloga de criança, se não desse certo, dentista, e se não desse certo, professora. Mas o que eu queria ser mais era psicóloga... Eu adorava estudar, adorava, adorava, adorava... Só tirava notas altas. Eu tenho até hoje comigo os meus livros da oitava série, o de língua portuguesa, ciências e inglês, você acredita? De vez em quando eu folheio, leio e me dá uma saudade...

Até hoje eu me lembro dos meus estudos, de tudo o que eu estudei e aprendi..."

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

Além da escola, outros aspectos foram apontados em relação a essa limitada experiência no Brasil: o serviço militar prestado no país, a paixão pelos times de futebol, a festa do carnaval, e até mesmo poucas referências dos bairros onde se vivia. O fator idade é um importante aspecto que dimensiona essa experiência e explica esses limites.

Para a segunda geração de descendentes que compôs a Rede II, o critério idade apenas estendeu o período de vida no Brasil, também limitado aos aspectos culturais impostos por uma descendência diferente do país onde se encontram. Além da família e da escola, o maior período de vida no Brasil permitiu, em alguns casos, a conclusão dos

estudos e a formação profissional mesmo sem exercê-la, a inserção no mundo de trabalho e, sobretudo, a questão do casamento endogâmico⁹² e a formação familiar.

Do ponto de vista da ascendência é quase unânime a vinculação a uma identidade cultural árabe imposta pela origem familiar e a convivência na comunidade, e todas as suas implicações. Essa identificação baseou-se na origem familiar árabe, libanesa e muçulmana; na criação voltada para a manutenção dos valores, tradições e costumes dessa comunidade; na semelhança desse tipo de educação em relação a outros membros da comunidade, especialmente em comparação a “todas as meninas da mesma origem” ou “como a da maioria das mulheres filhas de imigrantes árabes”; nos choques e conflitos diante da imposição de uma prática cultural diferente do país onde se vivia, numa constatação de “estar dividido o tempo todo”; no controle expressos em afirmações como “ficar debaixo dos olhos dos pais” ou “debaixo das asas dos pais”. Tudo isso com o objetivo claro e evidente de “evitar que se envolvesse com pessoas de fora da comunidade árabe”.

Essa percepção é notória:

“...Fui criada de uma forma bem tradicional, na cultura árabe, porque meus pais queriam a todo custo preservar esse nosso lado e, principalmente, evitar nosso relacionamento com pessoas brasileiras, que não pertencessem à comunidade árabe.

Sempre vivi naquele regime rígido, não podia ter amizades com brasileiros, só tive duas amiguinhas na escola e não passava disso. Elas sempre iam a minha casa e eu não podia ir à casa delas para fazer trabalho de escola, por exemplo... Até a oitava série não teve tanto problema porque eu estudava na escola islâmica, então a maioria era descendente de árabe como eu, mas foi no colegial que eu sofri mais, porque eu me sentia diferente dos meus colegas.

Eu sentia essa diferença em relação a eles, porque eu era mais reservada, não tinha amizade com os meninos, e no Brasil não tem essa separação, convive menino e menina numa boa... E eu já não, me afastava, evitava esse tipo de coisa. Tinha muita gozação também, às vezes eu não ligava, às vezes ficava chateada... Eu tinha medo também, porque meu pai costumava aparecer de repente para flagrar alguma coisa errada.

Lembro que uma vez teve um campeonato de vôlei na escola, e a classe toda tinha que participar. Eu fiquei com vergonha de falar para eles que não iria porque eu não podia usar short bem curtinho, isso era uma coisa que ia contra os princípios da minha religião. Eu tinha que disfarçar para eles não gozarem mais da minha cara, tinha vergonha de falar... Então fui ao treinamento, tudo, mas no dia eu não apareci, preferi tomar essa atitude a dizer a verdade... Eles

⁹² Os casamentos endogâmicos ocorrem entre membros de uma mesma classe ou tribo, a fim de preservar características de nobreza ou de raça. Nos grupos migratórios, os casamentos endogâmicos visam manter as estruturas culturais de origem em outro país.

não iam me entender, iam me chamar de caipira, e eu não queria escutar essas coisas...

Foi por causa disso, dessa preocupação em nos manter dentro da comunidade, que eu não pude concluir meus estudos, só cheguei até o colegial, fiz curso de inglês, mas meus pais não me permitiram fazer a faculdade. Isso ainda me dói muito, me sinto muito frustrada nesse ponto, porque meu sonho era me formar em odontologia e poder exercer a profissão.

Eles sempre acharam que na faculdade era o melhor momento para se conhecer um rapaz e a menina se perder, se envolver com quem não devia. Já o meu irmão se formou em medicina, porque o esquema era esse: os meninos se formavam e as meninas no máximo podiam concluir o ensino básico, faculdade não. Trabalhar fora também não pude, só ajudava meu pai na loja, e fiz isso até me casar."

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

Em comparação com os jovens colaboradores da Rede II, o estudo e a formação profissional tanto podem ter sido impossibilitados como interrompidos ("só estudei até o antigo primeiro grau, o que para mim é a maior frustração da minha vida, mas meus pais não permitiam que fôssemos além disso", **Widad, Rede II**; "não queria mais estudar o ensino regular, queria fazer o supletivo mas a minha mãe não deixava porque era à noite, e isso, para ela, era uma coisa que não podia. Então parei de estudar, fiquei em casa mesmo...", **Aishe, Rede II**), como ter sido possibilitada dentro de um limite ou de poucas opções de escolha e, nesse caso, o magistério foi apontado como uma carreira possível e mais adequada ao mundo feminino:

"Eu estudei a minha vida toda em escola pública, fiz o curso de magistério e na faculdade fiz Pedagogia. Os meus pais me permitiram estudar e trabalhar, mas apenas porque eu escolhi uma profissão onde o ambiente de trabalho é freqüentado por mulheres e crianças. Com a minha irmã ocorreu justamente o contrário, porque ela escolheu a área de computação e meu pai não permitiu que ela fosse adiante, com medo de ela se envolver com uma pessoa fora da comunidade árabe. Pelo caminho que eu escolhi eles me deram liberdade, foi só por isso."

Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede II- 2ª Geração)

O trabalho, fora do espaço doméstico, também veio acompanhado de restrições, uma vez que isto também significou abrir oportunidades de convivência além-comunidade. As possibilidades se colocaram em termos de colaborar nas atividades familiares ou exercer o magistério; conquistar outros espaços e expandir os limites; ou ainda na conquista dessa possibilidade:

"A primeira coisa que eu conquistei foi o direito de trabalhar. Meu primeiro emprego foi na loja de roupas do meu pai, onde trabalhei por quatro anos.

Depois que a loja fechou, trabalhei uns dois anos vendendo jóias e, na época que entrei na faculdade de Direito, comecei a trabalhar numa empresa de telemarketing, mas só fiquei aí por quatro meses. Daí, por dois anos, fiz estágio no Sindicato dos Empregados do Comércio e, depois que acabou meu contrato, trabalhei por um ano no Banco BVC, na Avenida Paulista.

Meus pais aceitaram que eu trabalhasse e estudasse, mas depois de muita luta, claro. Isso é uma luta muito grande para as pessoas da mesma origem que a minha, principalmente para as meninas."

Iman Hussein Abou Jokh (Rede II- 2ª Geração)

Outro ponto em comum em relação a essa geração composta por mulheres referiu-se ao contato com o Líbano. Antes da viagem que estabeleceu o retorno ao país, muitas já haviam ido ao Líbano anteriormente, para "conhecer a terra deles", "para passear" ou, fato evidente, mas camuflado, para garantir um casamento dentro da comunidade:

"Por mais que os pais árabes dêem certa liberdade para as filhas nessa questão de estudo e de trabalho, o que eles querem mesmo é arranjar um casamento com pessoas da mesma origem que a nossa, não tem jeito. E um jeito de resolver isso é mandando a gente para conhecer o Líbano.

Quando acabei a faculdade, meu pai me mandou para cá junto com meu irmão. Eu queria vir a passeio, já meu pai me mandou para cá com a intenção de arranjar um casamento. Não é difícil arranjar um casamento aqui, porque você é novidade e é brasileira, então isso já serve para você ter muitos pretendentes. Meu irmão em um mês conheceu a esposa dele e já casou em tão pouco tempo. Meu pai até tentou me convencer antes de a gente voltar para o Brasil, mas eu falei que não tinha gostado de ninguém, e ele aceitou.

Sinceramente, para mim, tomar uma atitude tão séria quanto o casamento, que é para a vida inteira, não dava para ser assim de uma hora para outra e sem pensar com muito cuidado. Meu pai ficou decepcionado porque ele achou que eu ia me casar rapidinho, como o meu irmão, e de uma vez só ele casava dois filhos e evitava qualquer problema conosco."

Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede II- 2ª Geração)

O casamento foi o ponto chave nessa trajetória: dentro da comunidade, com membros familiares, da mesma região de origem no Líbano preferencialmente, atendendo às expectativas dos pais e sem romper os limites impostos pela tradição, numa reedição da estrutura criada para a primeira geração.

Os pais incentivavam esses relacionamentos na comunidade estabelecida no Brasil, ou essa escolha poderia ocorrer buscando um companheiro no Líbano, refazendo o mesmo caminho anteriormente trilhado, embora essa imposição fosse mais sutilmente apresentada. As viagens para o Líbano tinham a intenção de promover os casamentos,

mas as razões para o retorno eram apontadas como “passeio”, “conhecer a terra dos pais”, “conhecer a família” e, se desse certo, o casamento poderia, ou deveria ocorrer:

“Logo depois conheci o Mohamad, meu marido, que fazia um ano estava no Brasil. Fazia uns três, quatro meses que a gente estava se conhecendo, se interessando um pelo outro. Ficamos noivos por um ano e meio até que decidimos nos casar. Eu sempre aceitei o fato de me casar dentro da nossa comunidade, desde que pudesse escolher a pessoa e tivesse tempo para conhecê-la. Esse foi o motivo pelo qual não me casei no Líbano, foi uma coisa que eu sempre achei e meus pais respeitaram. Veja só: nesse tempo em que eu estava noiva, minha irmã veio com meu pai para cá e em um mês ela já estava casada. Para mim, isso era mais complicado.”

Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede II- 2ª Geração)

“Acabei conhecendo muitos rapazes, muita gente, mas eu senti atração por um primo meu, filho do irmão do meu pai, com quem me casei. Não que eu ame, adorei, estava completamente apaixonada, mas de todos que conheci quem mais me atraiu foi ele, e como tinha aquela pressão toda, então eu me casei com ele...”

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

Independentemente de “estar apaixonada”, queria-se, ao menos, escolher o cônjuge, ceder à pressão, mas com opção, interessar-se pelo companheiro entre outros prováveis pretendentes. Esse retorno visando ao casamento atingia principalmente as mulheres, a fim de se evitar relacionamento fora da comunidade ou para efetivar casamentos que demorassem a se concretizar.

Tanto melhor quando essa escolha significasse casar com alguém da comunidade já estabelecido economicamente, não só como decorrência de preservação cultural como também pela necessidade de manutenção do patrimônio e a formação de alianças entre família abastadas:

“A opção mais desejada para as meninas era o casamento, dentro da comunidade, lógico. Comigo foi assim que aconteceu: conheci meu marido numa chácara que o povo de Sultan frequenta em Santo Amaro. A gente se viu, teve uma paquerinha, ele veio em casa, e papo daqui, papo dali, a coisa engatou. Eu tinha quase vinte e três anos de idade, e hoje já são vinte e um anos de casamento.

Meu marido é nascido aqui no Líbano, mas foi para o Brasil com dezessete anos de idade. Trabalhou como mascate e quando nos conhecemos ele já tinha aberto uma loja de móveis e comprado uma casa... Para ver como ele era trabalhador. Tivemos seis filhos, quatro nascidos no Brasil, a Aman, a Alina, o Nassib, a Nassima, e duas nascidas aqui, a Leila e a Yman. É uma família bem grande, né?”

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

Finalmente, é importante entender a vida no Brasil anterior ao Líbano, daquelas mulheres que, sem ascendência árabe, casaram-se com homens dessa comunidade. É necessário primeiramente apontar a origem delas: a maior parte nasceu no Estado de São Paulo (capital, litoral e interior) ou para lá se dirigiu, proveniente do Ceará, Pernambuco e Bahia; como também há aquelas que cresceram e viveram no interior do Paraná e de Goiás.

A origem humilde foi também comum entre elas, daí a necessidade de mudança para São Paulo, geralmente para bairros periféricos da capital, acompanhando os familiares em busca de melhores condições de vida. A necessidade de interromper os estudos precocemente e de se inserir no mercado de trabalho quanto antes levou às opções de “parar de estudar por causa do trabalho” ou “trabalhar e estudar”. Do ponto de vista educacional, a maioria apenas concluiu a oitava série do ensino fundamental, embora algumas delas tenham realizado cursos técnicos (enfermagem, contabilidade ou secretariado) ou chegaram ao nível superior, completo ou não, nas áreas de biologia e letras.

O mundo do trabalho foi, basicamente, o que exigia pouca formação educacional como operária, costureira, babá, encarregada, vendedora, atendente, ou ainda auxiliar de enfermagem, bioquímica e professora. Muitas vezes, foi por meio do trabalho ou estando nele que o encontro com os futuros maridos ocorreu:

“Em frente a essa loja onde trabalhava, tinha uma loja de móveis de uma família árabe, onde o Hamzi, meu futuro marido, trabalhava. Foi em 1986, fazia uns quatro anos que ele estava no Brasil, porque desde os cinco anos ele viveu no Líbano, e só tinha voltado por causa da guerra. Começamos uma paquera de brincadeira, e como ele também era amigo do meu irmão, a amizade foi crescendo, crescendo, até que ele me pediu em namoro.”

Márcia Elisa Fermiano (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

“Eu conheci o Nasser na casa da tia dele em Brasília... Eu cuidava da minha sobrinha recém-nascida e, como minha irmã trabalhava, eu levava o bebê para tomar leite do peito da tia do Nasser, que também estava amamentando... Eu ia duas vezes por dia à casa dela, e uma hora dessas o Nasser estava lá... Nós acabamos nos interessando um pelo outro, trocamos telefone, ele me ligou uma semana depois e começamos a sair e a namorar... Namoramos só um ano e casei aos dezesseis...”

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A pouca idade para o casamento foi uma característica também comum a essas mulheres: entre os quinze e os vinte e três anos de idade, em sua maioria. A primeira questão a ser enfrentada foi a oposição dos familiares, tanto os da esposa quanto os do marido.

O principal aspecto apontado pelos familiares dessas mulheres em relação aos futuros maridos referiu-se à questão da origem: “árabe”, “turco”, “estrangeiro”, de “raça diferente”, e ainda porque correspondia a uma “imagem dos árabes que vinha do drama dos filmes americanos” (**Márcia, Rede IV**).

Essas diferenças foram vistas como geradoras de dificuldades: de convivência (“um casamento com pessoas de origens diferentes é mais difícil que o casamento entre duas pessoas da mesma nacionalidade...”, **Neide, Rede IV**), de conflitos culturais (“porque tudo entre a gente era diferente, a origem, os costumes, a religião”, **Márcia, Rede IV**), da possibilidade de mudança para outro país (“um dia ele iria sair do Brasil e eu teria que vir junto”, **M. Neuza, Rede IV**), ou mesmo o abandono (“diziam... que ele iria me deixar, com mais filhos para cuidar sozinha...”, **M. Luíza, Rede IV**).

Em relação aos familiares dos maridos a oposição se colocou nas mesmas nuances: as diferenças de origens e costumes (“Eles não aceitavam que se casasse com uma mulher brasileira, era contra os costumes deles”, **Alvira, Rede IV**), os conflitos religiosos (“eu era brasileira e católica”, **Márcia, Rede IV**), a desconfiança (“eles não me viam com bons olhos” **Eni, Rede IV**), o preconceito em relação a ser separada (“não só porque eu era brasileira, mas também porque eu tinha um filho de outro casamento”, **M. Luíza, Rede IV**), e até a questão de burlar os casamentos arranjados (“já tinham arranjado uma noiva para ele, parece que uma prima...”, **Márcia, Rede IV**).

Ir adiante nesse relacionamento implicou enfrentar os familiares (“acabamos nos casando contra tudo e contra todos”, **Márcia, Rede IV**), assumir a responsabilidade (“eu era maior de idade, já tinha vinte e três anos, trabalhava e era dona do meu nariz”, **M. Neuza, Rede IV**) e fazer escolhas (“minha mãe achou que a decisão tinha que ser minha”, **M. da Penha, Rede IV**). O casamento foi visto ainda como um ato de rebeldia ou teimosia (“fui teimosa, segui adiante e me casei”, **Célia, Rede IV**), como obra do destino (“é o destino que faz isso com a gente”, **M. Luíza, Rede IV**) ou do coração (“mas quando você gosta, tem que fazer o que o coração manda”, **Neide, Rede IV**). Uma vez fato consumado, a aceitação tornou-se inevitável (“como viram que não tinha jeito mesmo, acabaram aceitando”, **Expedita, Rede IV**).

Do mesmo modo, as qualidades dos futuros maridos (“muito sério”, “batalhador”, “trabalhador”) foram ressaltadas como um fator positivo nessa aceitação:

“O Ibrahim continuou a freqüentar a minha casa por uns vinte dias, conversava com meus pais e foi conquistando a confiança deles. Os meus pais acabaram aceitando o nosso casamento porque ele era gente boa, era trabalhador, gente fina mesmo, não tinha o que pôr defeito.”

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Vencer essas barreiras significou também fazer concessões, sobretudo em relação ao aspecto religioso:

“...Ele me explicou que tinha o problema da religião, mas eu disse que aceitava me converter, não via problema nenhum...”

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

“...O problema era minha mãe, ela não aceitava de jeito nenhum o casamento, porque dizia que sempre sonhou ver a filha dela vestida de branco, entrando na igreja...”

Márcia Elisa Fermiano (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Ou ainda se adequar aos costumes do marido:

“Quando estava para me casar, já sabia como seria minha vida com um homem árabe... Eu ia para a casa dos parentes dele lá e a mulherada contava tudo pra mim, me falava sobre os costumes, o jeito de ser deles... Mesmo assim eu casei, sempre gostei de coisa diferente, de sair da rotina, do desafio...”

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não descendentes)

Todas essas mulheres casaram-se no Brasil, tiveram seus filhos, e depois acompanharam seus maridos ao Líbano, com exceção de uma delas, Antônia Alves Cardoso (Michele). A mudança de país, decorrente de um contrato de trabalho, fez com que Michele conhecesse seu marido no Líbano e tivesse que enfrentar os mesmos problemas das demais brasileiras, como ficou marcado em seu relato:

“Fazia um ano que eu já estava morando aqui, e conheci o meu marido, o Yunes, por acaso. Eu morava num prédio e na parte térrea tinha uma loja de automóveis e o dono morava no apartamento em frente onde eu vivia. Um dia o Yunes foi até lá visitar esse amigo e acabou batendo na porta errada. Quando atendi, ele viu que eu não falava árabe, que não estava entendendo uma palavra do que dizia... Aí ele falou: ‘você é brasileira’, se apresentou e me disse que tinha nascido e vivido um tempo no Brasil, e começamos a conversar, bater um papo sem compromisso. Quando ele me propôs voltar para continuarmos a conversar eu percebi que o negócio era sério...”

Mas já avisei que o senhor para quem eu trabalhava não era fácil, que não gostava que eu me envolvesse com ninguém, essas coisas, mas ele disse que não se importava... Nós fomos tão discretos que o senhor nem se deu conta que eu estava interessada por ele e ele por mim...

Acho que fazia uns vinte dias que eu havia conhecido meu marido, e ele me perguntou: 'você quer casar comigo?' Primeiro, eu fiquei em dúvida porque fazia pouco tempo que nos conhecíamos, e tinha ainda a questão do senhor para quem eu trabalhava que dependia muito de mim... Eu precisava avisá-lo para ele encontrar outra pessoa que aceitasse ficar com ele, que cuidasse dele como eu cuidava.

Esse senhor não aceitou de jeito nenhum o meu casamento, porque ele dependia de mim e tinha medo que eu me envolvesse com alguém, não desse certo e ele não estivesse mais por perto para me ajudar. O meu marido me disse um dia que não ia ter jeito, nós teríamos que fugir, se quiséssemos ficar juntos... Como eu vi que não ia ter jeito de convencer o senhor, que ele não iria aceitar meu casamento, deu na minha cabeça e fugi... Aqui acontece muito disso, sabe?

Depois que fugi, tivemos que enfrentar outro problema que foi o fato da família do Yunes não aceitar nosso casamento. Um primo dele teve que conversar com os meus sogros e convencê-los que a decisão já estava tomada e era melhor aceitar. Aceitar, aceitaram, mas foi contra a vontade deles e sem fazer nenhum esforço para gostar de mim.

Os meus sogros tiveram que enfrentar dessas ironias do destino. Eles vieram do Brasil para morar no Líbano e evitar que os filhos se relacionassem com pessoas brasileiras, que não fossem descendentes de árabes... E acabaram tendo que aceitar o casamento do filho mais velho justamente com uma brasileira que estava morando no Líbano... Eu acho assim, o que está escrito ninguém apaga..."

Michele Alves Cardoso (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Destino, acaso ou sorte; arranjo, escolhas dentro de certos limites ou imposições; aceitação, recusa ou ruptura, foram apontados como fatores que provocaram o casamento, dentro ou fora da comunidade no mesmo grupo familiar ou não, no Brasil ou no Líbano. O casamento, mais que uma questão conjugal, tem revelado a importância que a formação familiar tem para esse grupo migrante, pois reflete a reprodução e preservação de um projeto coletivo, que se construiu na migração e que se pretendeu consolidar no retorno.

A migração, que se iniciou de forma individual e foi efetivada por homens solteiros, tornou-se familiar à medida que ocorreram casamentos e nasceram os filhos. Por causa dos filhos, que são parte de um projeto familiar de migração e de preservação da cultura de origem, é que se estabeleceu o retorno ao Líbano, como todas suas decorrências e implicações.

V- DO BRASIL PARA O LÍBANO: OS MOTIVOS DO RETORNO

Para tratar do tema do retorno, inicialmente, é necessário compreender como os colaboradores desta pesquisa construíram suas narrações, como elaboraram os motivos do retorno, como justificaram sua partida e como se defrontaram com essa nova realidade.

A elaboração e a compreensão do fenômeno do retorno por aqueles que o empreenderam devem ser analisadas antes de mais nada, em seus aspectos subjetivos, como um fato ambíguo, contraditório, paradoxal, polifônico, conflituoso. As várias vozes envolvidas se enfrentaram, se complementaram ou se contradisseram na tentativa de justificar e avaliar essa experiência, em especial quando a tomada de decisão para o retorno não tenha sido consensual ou não tenha havido uma consulta prévia ao grupo como um todo. Foi o caso dos filhos jovens sujeitos às decisões dos pais ou de esposas aquiescendo em relação às decisões dos maridos.

Na verificação dos motivos que engendraram o retorno é possível identificar duas características fundamentais para a compreensão desse processo. A primeira é que em cada geração foram apresentados motivos específicos para o retorno, que se complementaram ou se contradisseram num mesmo grupo familiar. A segunda característica refere-se a uma gradação desses motivos: partiu-se dos aspectos objetivos para se chegar aos subjetivos. Muitas vezes, os aspectos subjetivos foram secundarizados ou camuflados em uma geração, mas abertamente apresentados por outras gerações. Nesta análise sigo a mesma premissa: discuto os dados objetivos antes dos subjetivos, pela complexidade que envolve esse aspecto.

Inicialmente gostaria de apontar como esses colaboradores trataram do tema retorno, *stricto sensu*, ou seja, qual foi o sentido desse vocábulo e se de fato ele foi utilizado. Assim como os que migraram raramente dizem “eu emigrei”, “sou imigrante” ou qualquer outra informação que denote conceitos mais formais ou legais, os que retornaram não usaram esse verbo para definir o movimento empreendido, não se autodenominaram “retornados”, nem tampouco falaram do retorno como um fenômeno concretizado em qualquer uma das redes de entrevistados.

No discurso da primeira geração se verificou o uso de expressões como: “fui embora”, “voltei”, “queria voltar para o Líbano”, “eu resolvi sumir para cá”, “mandei meus filhos e esposa para cá”, “vamos embora para o Líbano”, “voltar a morar no

Líbano”, “voltar a viver aqui no Líbano”, “mudar de novo para cá”, “eu vim”, “vou agora”, “voltar para cá”, “era hora de vir”. A primeira pessoa foi sempre a utilizada, o que demonstra que a decisão da partida esteve vinculada ao membro da primeira geração, que decidiu o retorno (ir, voltar, vir), o local (aqui, cá, o Líbano) e o momento (agora, a hora, embora).

Para as demais gerações, que de fato não retornaram se considerarmos o sentido estrito de que só retorna aquele que partiu⁹³, não há grandes variações de verbos: “ir”, “voltar”, “viver”, “mudar” foram utilizados nos mais diferentes tempos e formas verbais, acrescentados de outras expressões que demonstram que o retorno foi um fato externo a um desejo próprio e pessoal, como nas expressões “mandou para cá”, “trazer para o Líbano”, “resolveu vir”, ou ainda algo tão vago quanto “viajar para o Líbano”.

O discurso sobre o retorno empreendido de fato, a despeito da preferência de uso de qualquer outro termo que seja como seu sinônimo, foi construído a várias vozes, se assemelhou a um concerto de temas orquestrados tanto a favor como contra, revelando pontos positivos e negativos, realizações e frustrações, certezas e arrependimentos.

É necessário situar a temática do retorno do ponto de vista do que Sayad⁹⁴ definiu como o “pecado da ausência”, ou como “relação de culpa” que o emigrante carrega consigo ao partir de seu lugar de origem, de abandonar sua família, aldeia ou comunidade. A imigração é vista como o pecado (para Sayad, o “pecado original que é a própria imigração”), que se faz eternizar quanto mais se prolonga esta ausência, enquanto o retorno, idealizado ou concretizado, é visto como seu oposto: a redenção, a expiação da culpa, a volta à “rocha de origem”, o reencontro com um passado que não se quer esquecer. Sendo o retorno uma tentativa de volta à normalidade, torna-se importante, então, justificar esse movimento, mesmo que seja negando a própria imigração, que se fez prolongar por demasiado.

Os motivos que engendraram esse fato, o retorno, devem ser interpretados tanto por questões objetivas, que foram quase sempre as primeiras apontadas, como pelas subjetivas, que justamente estiveram implícitas no discurso objetivamente construído. Muitas vezes o que ocorreu nesse relato foi uma gradação de motivos, que começaram

⁹³ Sayad afirma que um imigrante continua sendo, em algum sentido, um emigrante em algum lugar (até mesmo quando esse “imigrante” nasceu na imigração e jamais emigrou de parte alguma). Corroboro as palavras desse autor, como também já discutido anteriormente, mas quero ressaltar aqui o uso estrito do termo retorno no sentido da volta para algum lugar após uma partida. Ver SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: EDUSP, p. 71.

⁹⁴ *Idem*, pp. 71-72.

pelos econômicos e pelo problema da violência no Brasil e chegaram às questões referentes aos projetos familiares, subjacentes a todo processo migratório.

Como as redes de entrevistas foram compostas a partir de membros familiares, sobretudo pais e filhos e maridos e esposas, tornou-se importante verificar como cada um dos pares elaborou essa justificativa, no sentido de se complementarem ou se contradizerem na medida em que diferentes leituras puderam ter sido feitas sobre o mesmo fato.

Considerando que o retorno só ocorreu porque houve a emigração, a saída de um país a outro, procedi esta análise partindo dos motivos apresentados pela primeira geração, a dos imigrantes, para justificar sua volta ao país de origem, como se deu essa decisão e como essas pessoas interpretaram esse fato, para então ouvir e confrontar as outras vozes, os demais envolvidos nesse processo.

É notória a justificativa do retorno apontada nessa geração como consequência de questões econômicas, ou pelo fracasso de não ter alcançado o sucesso econômico planejado, ou por ter atingido certa estabilidade financeira que facilitasse essa tomada de decisão:

"Até 1984 a coisa ia bem lá, dava para viver e criar a família... Depois as coisas começaram a piorar, a situação foi ficando difícil e eu só trabalhava para pagar dívida. Não sobrava muito dinheiro, pagava aluguel, luz e água, mas não deixava faltar comida e, principalmente, não devia para ninguém. Nunca, nunca, nunca alguém disse que o Abdo devia para alguém. Sobrava um pouquinho de dinheiro no bolso, para não dizer que ficava liso...

Por isso eu resolvi sumir para cá... (...) Não estava dando certo continuar lá, não conseguia fazer a vida, trabalhava só para comer... Lá eu vivia para ter comida e aqui eu poderia viver para ter comida, então seria melhor que fosse aqui... O Brasil, para mim, não deu certo..."

Abdo Latif Mohamad Ahmad (Rede I- 1ª Geração)

O fracasso econômico é apontado como justificativa do retorno por aqueles que permaneceram em média de vinte a trinta anos no Brasil e igualmente por aqueles que tiveram uma curta experiência de não mais que cinco a dez anos:

"...No total, eu morei no Brasil só cinco anos e meio... Pensava que nesse tempo daria para juntar dinheiro e trazer para cá para tocar a vida... Mas o serviço não estava bom naquela época, tinha muita inflação, o dólar estava em alta, então era difícil mesmo..."

Na verdade, ganhar dinheiro não é tão fácil assim porque você também precisa gastar para viver, não dá só para juntar... No trabalho eu não estava me

dando tão bem, não consegui fazer nada, juntar, montar um negócio, alguma coisa desse tipo..."

Abdul Ali Kadri (Rede I- 1ª Geração)

É necessário esclarecer também que o fracasso econômico dos pais refletiu-se na segunda geração, que por falta de perspectivas de trabalho ou profissionais viu no Líbano uma forma de superação do problema:

"Daí meu pai veio com a idéia de a gente viajar para a Venezuela, porque nessa época era um bom país para trabalhar... Meu pai trabalhava como mascate, mas a situação estava muito difícil, a economia não ia bem e o trabalho também não. Nós ajudávamos meu pai, mas eu não gostava de ser mascate, não aceitava de jeito nenhum, não entrava na minha cabeça esse trabalho..."

Eu não quis ir para a Venezuela, se fosse para sair do Brasil era melhor voltar para o Líbano, que era um lugar que já conhecia e estava acostumado."

Ahmad Abdo Latif Ahmad (Rede III- 2ª Geração)

Inversamente, um relativo sucesso econômico alcançado permitiu esse retorno, como forma inclusive de aproveitar e gozar desses frutos na terra natal. adquirido o objetivo proposto para emigrar, a curto ou longo prazo, o retorno deveria ser decorrente, pois se trabalhar (isto é, acumular capital) é a "única razão de existir da imigração"⁹⁵, uma vez cumprida esta etapa não há porque prolongar a imigração. Ter adquirido sucesso econômico, estabilidade financeira, "estar com a vida acertada", por mais contraditório que possa parecer, foi o impulso que levou a decisão de voltar:

"Mesmo com a vida já acertada, eu sempre tive idéia de voltar a morar no Líbano novamente (...)

Pensei o seguinte: o que eu trouxer dá para viver aqui, dá para descansar e aproveitar a vida quando ainda está novo. Quando está velho não adianta nada, não aproveita nada daquilo que construiu. Aí chegou uma hora que eu falei: 'vou agora, e vim'. Graças a Deus eu vim e deu certo, estou aproveitando minha vida aqui..."

Amin Abdoune (Rede I- 1ª Geração)

Pode-se associar então essa justificativa à idéia de uma aposentadoria ou com o fim de um ciclo econômico no qual o objetivo que gerou a emigração, a saída da terra natal, foi cumprido. Portanto o retorno teve que ser sua decorrência natural, ainda que não se queira de fato retornar:

⁹⁵ *Idem*, p. 116.

"Você quer que eu fale a verdade? Eu acho que qualquer pessoa que vive a vida no Brasil, ela não volta para o Líbano de verdade, não volta por opção ou de coração... Ela volta porque alguma coisa obriga a voltar, alguma dificuldade, só pode ser isso. Quem viveu bem lá, trabalhou, fez tudo direito, não volta... Só se for pela velhice, para terminar a vida aqui, porque aqui é mais fácil para eles, nesse ponto eu concordo."

Tony Toufic Kassouf (Rede I- 1ª Geração)

Outra justificativa que se assemelhou à objetividade das razões de cunho econômico referiu-se às questões legais de permanência no País, sobretudo em relação àqueles que vieram ao Brasil no contexto dos conflitos civis da década de 1970/80 deflagrados no Líbano:

"Por mim eu teria passado o resto de minha vida no Brasil, não teria nunca, nunca, voltado para cá. Só voltei porque não tive escolha, não tive como legalizar minha situação no Brasil, não consegui a documentação para viver lá. Juro que se eu tivesse conseguido não teria voltado para cá de jeito nenhum. Eu tentei diversas vezes conseguir os documentos, tentei, tentei, mas não consegui, não deu certo para mim..."

Tony Toufic Kassouf (Rede I- 1ª Geração)

A possibilidade de reinserção ao país também foi uma questão evidentemente presente: só retornou aquele que pode de fato voltar, porque havia para onde voltar, como voltar e como reconstruir a vida em sua terra natal. Então:

"Eu pensei assim: com vinte e três anos, a idade que eu estava em 1993, ainda dava para fazer alguma coisa, recomeçar minha vida no Líbano, dava tempo porque eu ainda era um jovem, tinha energia, né? Eu queria ficar lá, mas a situação me obrigou a voltar..."

Chebib Abi Khers (Rede I- 1ª Geração)

Outras justificativas objetivas ainda podem ser apontadas, como questões referentes a problemas de saúde, à violência e suas decorrências como medo e busca por segurança, alto custo de vida no Brasil, problemas relacionados à doença ou falecimento de membros familiares.

Mas, quais são as razões por trás desses motivos tão aparentes e tão facilmente expostos? O que há por trás dessa objetividade de se relacionar retorno com questões econômicas, legais, de saúde? É interessante então verificar quais foram os outros motivos, não tão evidentes ou, em alguns momentos, sutis ou secundariamente apontados pelos colaboradores desta pesquisa.

Primeiro há que se recuperar o projeto de emigração subjacente ao ato de emigrar. Considerando que aquele que parte não parte só, no sentido de que a emigração é um projeto coletivo, familiar, envolvendo decisões do grupo como um todo e não apenas como indivíduo, além de todas as redes sociais implicadas tanto no país de emigração quanto no país de imigração, é preciso então verificar qual é a dimensão que o retorno tem no ato de emigrar.

O retorno ao Líbano foi indicado como parte inerente a esse projeto, no sentido de que a partida foi vista como um ato provisório, ainda que a permanência no país de destino tenha durado mais do que o planejado e o retorno tenha sido adiado sucessivamente:

"Depois de trinta anos vivendo no Brasil, eu resolvi que seria o momento de voltar para o Líbano. Eu sempre tive essa idéia na cabeça, desde que fui para o Brasil, de um dia voltar a viver aqui. Todo ano, todo ano, eu falava que ia, esse ano vou, e não ia, porque não dava certo. Então deixava para outro ano, até que esse ano finalmente chegou. Demorou, mas chegou."

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

Ao mesmo tempo, criou-se uma nostalgia romântica em relação ao país de origem, demonstrando que a partida nunca significou ruptura definitiva, pois a ela de alguma forma continuou-se vinculado, seja por visitas periódicas, pelo investimento em bens imóveis, pela manutenção dos laços familiares, ou mais ainda, por um sentimento tão diáfano quanto o que vem carregado na palavra saudade, da família, da terra, do lugar. Monteiro afirma: "a terra natal (que é lembrada em termos de aldeia ou região de origem) torna-se uma utopia."⁹⁶

Mais ainda do que obrigação ou utopia, a ligação com a terra natal é vista como um chamado, como algo impregnado na mente e na alma, e ainda que se queira adiar esse processo, que se queira ensurdecer a ele, que se tente negá-lo, o retorno torna-se inexorável:

"Na verdade, eu já estava com planos de voltar para cá mas ficava sempre indeciso, pensava em vir e depois desistia. Eu acho assim: qualquer pessoa que sai do país em que nasceu sempre pensa em voltar, sempre, não tem jeito. O lugar onde você nasceu, onde você foi criado, tem sua família, seus amigos, seus contatos, fica marcado para sempre em sua vida, então não importa quanto tempo demore, fica aquele desejo de um dia voltar para as suas origens, para a sua terra, para o seu lugar.

⁹⁶ MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, 1994, p. 32.

Todo mundo que está fora pensa isso, até os brasileiros que vêm para cá pensam em voltar um dia para o seu país.”

Mohamad Mustapha Abou Arab (Rede I- 1ª Geração)

Ao mesmo tempo em que se negava o desejo de retornar (“Quando eu saí do Líbano, nem pensava em voltar”, **Fadel, Rede I**; “Saí daqui de cara para frente, não olhei para trás”, **Chebib, Rede I**), o Líbano e a possibilidade de retorno continuaram sendo alternativas para os fracassos, decepções ou dificuldades encontradas. É uma certeza, um porto seguro sempre presente:

“Quando eu fui para o Brasil, fui pensando em ficar por lá, fazer a minha vida lá, viver lá para sempre. Saí daqui de cara para frente, não olhei para trás... Mas não deu certo, por isso voltei para cá, para reconstruir minha vida...”

Chebib Abi Khers (Rede I- 1ª Geração)

Outro aspecto apontado como motivo para o retorno ao Líbano foi a importância da família para esse grupo migratório⁹⁷. Neste caso a família é tanto a que se deixou na emigração (pais, irmãos, tios, sobrinhos) quanto aquela que se construiu na imigração (esposa e filhos), uma e outra com um enorme peso e influência na decisão do retorno.

Jímenez e Rodríguez⁹⁸ consideram que a família aparece como elemento fundamental de referência na tomada de decisão pelo retorno, dimensionando os vínculos mantidos com o lugar de origem. Segundo esses autores, os emigrantes nunca se desvincularam, sentimental ou fisicamente, do lugar de origem, estando a ele vinculados por contatos frequentes, breves retornos, investimentos em propriedades, envio dos filhos para conhecer o país e a família.

O grupo doméstico no lugar de origem continuou presente até na ausência da emigração, a autoridade paterna se impôs mesmo a distância, ou na fase adulta ou na formação da família conjugal. O retorno implicou assumir responsabilidades familiares, cuidar de pais idosos ou adoentados, ou ainda colaborar na criação de irmãos menores.

⁹⁷ Hajjar aponta que a família árabe pode ser dividida em três tipos: **Família Conjugal**, formada pelo casal e seus filhos; **Família Grande**, composta por três gerações, na qual o membro mais velho é reverenciado como patriarca. Essas famílias agregam tanto os patriarcas e filhos solteiros, como os filhos casados e sua família conjugal, vivendo numa mesma casa e partilhando da mesma propriedade; **Parentela**, que reúne as famílias grandes que se consideram descendentes de um antepassado comum, ocupando uma mesma aldeia ou parte de uma cidade. O casamento entre seus membros reforça o laço familiar. HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe: cem anos de reflexão*. SP: Ícone, 1985, pp. 42-43.

⁹⁸ EGEA JÍMENEZ, Carmen e RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Vicente. “Tipos de Retorno de los Emigrantes Jubilados. El caso de los emigrantes de la Provincia de Jaen”. *Analís del VII Congreso Asociación de Demografía Histórica (ADEH)*. Granada: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Granada, 1 a 3 de abril de 2004.

Emigrou-se com a permissão do grupo familiar e se retornou a ele quando se foi cobrado:

"E ainda por cima o meu pai ficava chamando para que eu voltasse. Ele não aceitava que eu morasse em outro lugar... Então eu acabei voltando porque meu pai queria que eu voltasse... Eu aceitei e voltei para cá."

Abdul Ali Kadri (Rede I- 1ª Geração)

Atender ao chamado da família é uma forma de aliviar o sentimento de culpa tanto pela partida quanto pela ausência, já por demais e desnecessariamente prolongada. "Culpabilidade, culpabilização e culpa; acusação e auto-acusação... isso faz parte e é indissociavelmente constitutivo da condição do emigrante e da condição do imigrante"⁹⁹:

"...Eu queria voltar há muito tempo, eu senti muito a minha ausência daqui quando meu pai morreu e eu não estava para acompanhar esse último momento, isso é muito duro. Então quando meu irmão veio, parece que despertou alguma coisa adormecida em mim e eu resolvi que era a hora de vir."

Mohamad Abou Arab (Rede I- 1ª Geração)

Se a família que se deixou no momento da partida tem ocupado este papel de destaque na vida dos emigrados, influenciando nas decisões, nas escolhas e nas renúncias, o que dizer então sobre os filhos desses imigrantes? Qual a parcela de motivação de retorno que representaram e qual o seu significado?

Dustmann defende que os filhos são um dos principais fatores, senão o principal, para os planos de retorno empreendido pelos pais à terra natal, sendo este o ambiente avaliado como o mais apropriado para a criação deles¹⁰⁰. O autor ainda aponta que há uma diferença de gênero na opção do retorno: quando o retorno envolve filhas, o que está em questão é a preservação das tradições e dos valores culturais, e quando envolve filhos a preocupação centra-se na carreira ou futuro econômico. Tais diferenças são ainda mais acentuadas quanto maior for o peso da tradição na cultura do imigrante, o que leva Dustmann a afirmar que, neste caso, as filhas é que mais influenciam o retorno dos pais.

⁹⁹ SAYAD, Abdelmalek. A imigração... *op. cit.*, p 110.

¹⁰⁰ DUSTMANN, Christian. "Children and Return Migration." *In: Journal of Populations Economics*. 2003. O autor considera ainda que poucos são os estudos que tenham levado em consideração a importância das gerações nas decisões de migração e de retorno.

Para Cabello, esta questão também está presente no caso das mulheres marroquinas vivendo na Espanha. Neste caso, argumenta-se que as restrições são diferentes para o mundo feminino e para o mundo masculino, no tocante aos membros da segunda geração, pois “os meninos têm a chance de permanecer no país se quiserem ou retornar, mas as meninas devem seguir os pais onde quer que sigam”.¹⁰¹

Sayad afirma, da mesma forma, que é “sobre as mulheres e contras as mulheres que a questão do retorno ao país de origem age mais comumente”. O autor entende que essa reação de enviar os filhos (ou melhor, as filhas) para o país de origem pode ser traduzida como medo, no sentido do “medo que os homens têm das mulheres, o terror que o mundo feminino inspira no mundo masculino”. A relação homem-mulher, a oposição entre os sexos, os papéis marcadamente sociais são subvertidos na emigração, porque a emigração “descontextualiza” essa ordem das coisas¹⁰².

Para a primeira geração, com família formada na imigração, os filhos (sem distinção de sexo explicitamente, mas sim implicitamente) foram um fator fundamental na decisão do retorno. “Voltar porque se pensa na família”, “porque se quer o melhor para ela”, “porque quem tem família quer o melhor para ela”, “porque aqui é o melhor lugar para cuidar dela”, “porque o Líbano é o lugar mais sossegado para criar os filhos”, foram algumas das afirmações que revelaram o grau de influência exercido pelos filhos no retorno empreendido.

Há que se diferenciar nessa justificativa também uma gradação de motivos. Pensa-se na família e nos filhos tanto do ponto de vista da qualidade de vida, “sossego”, “paz”, “segurança”, “liberdade”, quanto da criação, aqui entendida como manutenção dos costumes e da tradição.

Assim temos:

“Essa minha idéia de vir morar aqui foi por causa dos meus filhos, porque quem tem família quer o que for melhor para ela. E eu acho que o Líbano é melhor para a família, porque aqui é sossegado, aqui tem paz, tem tranquilidade, não tem ladrão, não tem malandragem, não tem drogas, não tem perigo de assalto, estupro, violência... Nada, nada, nada... A sua mulher sai, os seus filhos saem, voltam tarde, e você não fica com medo, não fica preocupado que alguma coisa

¹⁰¹ CABELLO, Encarna. “Mujeres emigrantes marroquí: um caso de segunda generación”. In: LEZCANO, Victor Morales (coord.). *El desafío de la inmigración en la España actual: una perspectiva europea*. Madrid: UNED, 1994, p. 198.

¹⁰² SAYAD, Abdelmalek. *A imigração... op. cit.*, p. 231.

ruim vai acontecer. É bom por isso. Aqui não tem dinheiro, não tem luxo, mas tem paz.”

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

De outra forma a questão da família e dos filhos tem assumido outra dimensão, resumida na expressão “criação”. A criação dos filhos é aqui apresentada em uma dimensão global, do respeito à autoridade paterna à manutenção da estrutura cultural, do ponto de vista das práticas religiosas, da manutenção da língua, dos costumes e tradições e, sobretudo, do ponto de vista da realização dos casamentos. Viver na emigração é viver em contradição, é assumir o sentimento de “*elghorba*”, de crise de identidade, do drama da preservação dos valores culturais próprios em outra cultura. Retornar é suspender, provisória ou definitivamente, essa condição, é voltar a ser aquilo que se deixou para trás. Sayad resume essa questão numa pergunta bem direta:

...como continuar a ser argelino quando se mora fora da Argélia há várias décadas; quando se está instalado na França com mulheres e filhos; quando, com o passar do tempo, passa a existir na França uma rede de parentesco e todas as redes de relações pragmáticas; quando os filhos educados e instruídos na França são instruídos segundo os modos franceses de ser, de agir, de sentir, de pensar? Da mesma forma, como continuar a ser muçulmano quando se vive em “terra cristã”; quando se deixou a comunidade de origem que é uma comunidade de fiéis; quando não se tem mais, ou se tem rara e artificialmente (...) a oportunidade de mergulhar na vida religiosa comunitária com seu ritual, suas práticas, suas cerimônias, sua ética?¹⁰³

É assim que se expressou um dos colaboradores:

“A gente também volta porque pensa na família, no jeito que quer criar os filhos. É mais fácil para criar os filhos aqui, é mais fácil que no Brasil. No Brasil quando você tem um filho com catorze anos você não consegue mais falar com ele, ele faz o que quiser... Aqui não, se o homem é casado e o pai dele fala faz isso, tem que fazer. É diferente do Brasil...”

Abdul Ali Kadri (Rede I- 1ª Geração)

O mais evidenciado em relação a esse aspecto é, sem dúvida, o peso da tradição e da manutenção dos costumes no que se refere ao aprendizado e preservação da língua e da religião, presentes no discurso de quase todos os colaboradores, mesmo na segunda geração.

Como admitiu um colaborador:

“A minha preocupação era que eles pudessem aprender aqui mais os nossos costumes, a nossa religião, a nossa língua. Só por isso voltei para cá, só por

¹⁰³ *Idem*, p. 225.

isso... Lá no Brasil é mais difícil ensinar isso, e eu acho que quem fica por lá vai perder tudo isso, não tem jeito. Eles aprenderam rápido aqui, aprenderam falar árabe bem, aprenderam ler e escrever direitinho, aprenderam a rezar e a jejuar... Agora aonde eles forem não tem mais problema nenhum, porque já foram bem formados na cultura árabe..."

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

Ainda que o casamento na comunidade seja um importante fator na preservação dos costumes, e em si já é parte desse costume o casamento endogâmico, vale observar que não se assumiu explicitamente esse motivo como causa do retorno, sobretudo no grupo muçulmano:

"Os meninos gostaram porque aqui (no Líbano) eu dei mais liberdade, eles aprenderam a caçar, a fazer muitas coisas que eles não faziam lá. Eles adoram aqui! A minha filha também adora, ela casou, foi para o Brasil, e voltou para cá, porque hoje é ela quem pensa nos filhos."

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

Para os meninos, a liberdade, a possibilidade de fazer muitas coisas; para as meninas, o casamento, os filhos e a preservação e reprodução dos mesmos valores. Mas foi no grupo cristão, paradoxalmente, que a questão do casamento foi claramente apresentada, não como uma restrição religiosa em si, mas sim como um costume cultural árabe que ultrapassou essa fronteira:

"Não sei, eu ainda tinha uma cabeça meio dura, mentalidade do Líbano de não querer que minhas filhas se casassem com brasileiro. Não é por nada, mas brasileiro se casa e depois de dois, três anos, larga tudo: a mulher, os filhos, a família toda. Eu tenho a cabeça meio grossa mesmo, atrasada, de antigamente, então nunca iria aceitar que as meninas se casassem com um brasileiro, entendeu?"

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

A manutenção desses valores, tão caros aos imigrantes, só pode ser alcançada no próprio país, o Líbano, porque existe a proximidade com a família, avós, tios, primos, o que faz então de todos que convivem juntos um grupo coeso. Como afirmou um colaborador: "*Aqui todo mundo é igual.*" (Abdul Majid, Rede I).

Se existe um desejo latente de voltar ao próprio país, se as dificuldades econômicas impulsionam essa decisão, e se os filhos foram o fator de propulsão que motivou esse retorno, sem dúvida para o migrante o retorno significou abrir mão de seus

desejos e aspirações, em prol desse projeto familiar que é mais amplo, que ultrapassa o desejo individual e assume a esfera coletiva, implicando escolhas e renúncias:

"Sinceramente não foi por causa de mim que eu voltei. Aqui é a minha terra, mas por mim eu continuaria lá no Brasil, não teria voltado para cá. Eu estava sossegado, trabalhando, rezando, cuidando da minha vida, mas quem tem filhos pensa neles em primeiro lugar. E foi isso que eu fiz, vim para cá pensando neles, pensando no que era bom para eles."

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

Com motivos explícitos ou implícitos, objetivos ou subjetivos, direta ou indiretamente, é que os colaboradores elaboraram suas interpretações para o retorno empreendido e suas implicações, e ainda projetaram a sua avaliação, quase sempre positiva, em relação aos demais implicados no processo, esposa e filhos. No entanto, vale a pena ouvir essas vozes, não como denúncia de uma contradição, mas sim para dimensionar como o mesmo fato foi sentido por cada um dos membros implicados nesse processo.

É o caso, por exemplo, dos membros de uma mesma família avaliando o retorno. Para o pai:

"Em 1985, as coisas começaram a melhorar de novo aqui no Líbano, e resolvi que deveríamos voltar novamente... Aí sim não vimos mais nada de guerra, meus filhos gostaram da idéia, e tudo foi maravilhoso, um sossego..."

Abdul Majid Kadri (Rede I- 1ª Geração)

Para a esposa:

"...Quando as coisas estavam melhorando, aí meu marido resolveu mudar de novo para cá (para o Líbano). Aí eu vim, porque tinha que acompanhar o marido, mas por minha vontade teria ficado por lá mesmo. Não teria vindo se a decisão fosse minha."

Dibi Mustafá Kadri (Rede I- 1ª Geração)

E, finalmente, para a filha:

"Três anos depois, em 1985, meu pai decidiu que a gente iria vir para cá de novo. Nossa, quando ele falou isso eu chorei tanto, tanto, eu não queria vir de jeito nenhum porque não queria parar meus estudos e eu já sabia como era difícil viver aqui."

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

Da mesma forma, para outro grupo familiar, diferentes leituras foram feitas em relação à sua própria interpretação do retorno e à responsabilidade pela decisão da ida definitiva:

Para a filha:

"Quando eu fiz quinze anos, pedi aos meus avós paternos que moravam aqui, para mandarem uma passagem para eu vir conhecê-los. Eu tinha muita vontade de conhecê-los pessoalmente, saber quem era minha família, como eles viviam aqui, como era o Líbano, a terra dos meus pais. Eles mandaram e eu vim para cá em 1994.

(...)

Depois que eu vim para cá com a minha mãe, a minha irmã também veio em seguida e, logo depois, vieram meus dois irmãos. Todos gostaram muito daqui, só faltava meu pai se decidir. Ele, que é libanês, foi o que mais resistiu a essa mudança. Acho que o meu pai não gosta muito daqui, ele prefere o Brasil como o melhor país para viver. Então, foi por minha causa que a família toda veio para cá, eu sou a responsável pela mudança no rumo da vida de todo mundo."

Melissa Jamil Haddad Yachouh (Rede III- 3ª Geração)

Já para a mãe:

"A grande questão é que meu marido é libanês e de mentalidade libanesa, quer dizer que ele nunca iria aceitar que as meninas se envolvessem com brasileiros. Então eu vivia um conflito de ter que aceitar as idéias do meu marido e, ao mesmo tempo, atender às meninas que queriam cada vez mais liberdade, como as meninas da idade delas. Chega uma hora que você não consegue segurar muito, que a gente tem que ceder um pouco, só que meu marido não aceitava isso de jeito nenhum.

Quando a Melissa ganhou a passagem para vir ao Líbano conhecer os avós, eu também vim para acompanhá-la (...)

(...)

A família do meu marido começou a enfiar coisas na minha cabeça, para que eu incentivasse meu marido e meus filhos a também virem para cá, porque aqui nós tínhamos casa, tínhamos família para nos ajudar. Quando a Melissa foi pedida em casamento pelo primo dela, e disse que não voltaria mais para o Brasil, eu insisti com o meu marido pela mudança.

(...)

Meu marido fala até hoje que eu fui culpada de ter trazido a família para cá, e acho que ele está coberto de razão. Eu fui a única responsável por essa mudança, mas isso porque eu avalei mal a realidade, me deixei enganar, fui totalmente iludida. Eu criei uma imagem do Líbano e da família que não existia na realidade, só na minha cabeça."

Meire Haddad Yachouh (Rede II- 2ª Geração)

Finalmente, o pai considerou que:

"Eu acho que foi por essa época que mandei minha mulher e minha filha mais velha, a Melissa, para cá. Eu já tinha combinado com o meu irmão e com a minha cunhada para ver se dava certo o casamento da minha filha com o meu sobrinho.

(...)

Elas adoraram o Líbano, tanto minha mulher quanto minha filha. E elas gostaram tanto que começaram a falar que aqui era melhor para viver, que a vida era muito boa, que a minha família poderia nos ajudar, e tal, e tal. Queriam me convencer para vir ao Líbano com o resto da família.

Na verdade, se fosse só por mim mesmo eu não teria vindo de jeito nenhum. Não queria, não queria. Mas foram me convencendo, fui aceitando e eu fui mandando aos poucos a outra menina e os meninos. Ela queria ir, mas eles não, queriam ficar no Brasil. Acabei convencendo e eles aceitaram a idéia. Fiquei sozinho, vendi o ponto, fui me desfazendo das coisas. Vendi, dei, joguei muita coisa fora, e vim para o Líbano me juntar ao resto da família."

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

Culpa, culpabilização, culpabilidade, conceitos de que Sayad faz uso repetidamente são perfeitamente cabíveis em cada uma dessas falas. De quem é a culpa, a responsabilidade pelo retorno, e por todas as suas implicações e conseqüências? Sobre quem se fazem sentir os efeitos desse retorno? Para Sayad:

Divididos entre duas "vidas impossíveis", os emigrantes estão destinados a tornar, como se diz, sua vida e a dos outros "impossíveis". Nesse mundo em que estão mutuamente destinados "a se fazer sofrer", embora sejam solidários (objetivamente) uns com os outros e embora sintam seus sofrimentos respectivos como solidários, os emigrantes não podem empreender nada que não tenha como efeito "fazer mal" (*i.e.*, causar sofrimento a si mesmos e aos outros) e aumentar os sofrimentos de cada um; ao mesmo tempo que causam infelicidade um ao outro, culpam-se um ao outro¹⁰⁴ por essas infelicidades¹⁰⁵.

Se a primeira geração assumiu para si a decisão do retorno, para a segunda e terceira gerações essa decisão esteve acima do seu desejo, opinião ou vontade. Grinberg e Grinberg afirmam que o jovem, adolescente ou criança, "não tem poder de decisão e é 'obrigado' a emigrar, apesar de sua oposição"¹⁰⁶. Não opinar, desconhecer os planos de retorno, se opor mas não ser ouvido, e ainda achar que decide algo que já foi previamente acertado revelam que embora o projeto do retorno seja coletivo na medida em que envolve todo o grupo familiar (salvo os já casados, que permanecem no Brasil),

¹⁰⁴ Ou a si próprios, seria melhor aqui.

¹⁰⁵ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração...* op. cit., p. 229.

¹⁰⁶ GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*. Madrid: Alianza, 1984, p. 79.

a decisão efetiva pelo retorno (quando, para onde e por que) não contemplou todos os envolvidos.

As falas mais freqüentes foram as do tipo: “**(meus pais)** resolveram tomar uma decisão”, “**meu pai** decidiu”, “foi **meu pai** quem decidiu”, “**meus pais** decidiram vir para o Líbano”, “o **meu pai** decidiu vir para cá com toda a família”; “**meus pais** resolveram mudar para cá”, “**meu pai** decidiu nos trazer para o Líbano”, “foi **ele** (meu pai) que veio com a idéia de nos mudarmos para o Líbano”.

Essa decisão é sempre um choque para a segunda e terceira gerações. Não participar desses planos, não ser ouvido ou nem ao menos ser comunicado previamente sobre a mudança exacerbam ainda mais a experiência do retorno, provocando da resistência à total impossibilidade de reação.

Como lembrou um colaborador:

“Quando eles me falaram que nós iríamos mudar para cá, eu falei que não viria de jeito nenhum, que viessem eles... Eu, sair do Brasil, nunca, de jeito nenhum!”
Daniel Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

E outra colaboradora:

“Quando meus pais nos deram essa notícia, eu chorei pra caramba, não aceitava essa mudança, dos meus irmãos eu era a que mais resistia. Mas, fazer o quê? Tive que vir para cá gostando ou não gostando, porque para os meus pais não importava a nossa opinião, eles achavam que estavam fazendo o melhor para a gente, e o melhor era vir para o Líbano.”
Noá Mohamad Abou Jokh (Rede III- 2ª Geração)

O choque da notícia e a falta de conhecimento dos projetos familiares também estiveram sempre em destaque. Para dois irmãos:

“Nós ficamos sabendo dessa mudança de uma hora para outra. Eu estava indo para a escola, como um dia comum, e o meu pai disse que eu não precisava ir mais porque em três dias estaríamos viajando para o Líbano. ‘Líbano? O que a gente vai fazer no Líbano?’ Era a única coisa que eu conseguia perguntar. Eu não conseguia entender o porquê dessa mudança, não conseguia entender como seria mudar para um lugar que eu nem imaginava como era. Para mim essa viagem tão repentina foi uma surpresa, porque eu não sabia de nada do que meus pais planejavam, isso foi um choque (...) De um dia para outro estávamos com as malas prontas, mudando de país e de vida...”
Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

“...meu pai veio com uma notícia bomba, anunciando nossa mudança para o Líbano. Foi um choque, uma grande decepção, um balde de água fria na minha

vidinha de adolescente... Nós não tínhamos nem como dar opinião, concordar ou discordar, era vir e pronto..."

Sana Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Embora os filhos tenham sido a parte mais afetada nesse processo de mudança, não foram chamados a opinar, não foram comunicados previamente, não tiveram escolha e apenas tiveram que encenar a cena de um enredo previamente definido:

"...Para o meu marido voltar para cá era uma felicidade só, para mim eu encarava tudo numa boa, e para as crianças não tinha muito que opinar, pois a decisão já estava tomada, tinham que aceitar e acabou."

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

O primeiro aspecto verificado foi que tantos fatores objetivos quanto subjetivos foram assinalados como motivo para o retorno, mas é muito mais evidente o peso que a questão subjetiva teve para esse grupo. Se a primeira geração encobriu, omitiu ou secundarizou esse importante fator, para a segunda e terceira gerações não houve como não evidenciar e apontar esse fato como o detonador do processo de retorno.

O que realmente marcou a narração dessas segunda e terceira gerações refere-se às questões ligadas à preservação dos padrões culturais dos pais, sobretudo no aspecto referente ao casamento ou ao impedimento de relações com pessoas de fora da comunidade. O Líbano foi interpretado como um local e uma forma de manutenção desse projeto familiar, que implicou a concretização de casamentos endogâmicos, dentro da comunidade religiosa, da aldeia e da família no local de origem.

Essa preocupação é válida para os descendentes do sexo masculino e do sexo feminino, no grupo muçulmano e no cristão, embora mais evidente em relação às mulheres. Ou se foi para o Líbano como forma de impedir a concretização da ruptura dos projetos de casamento, quando relacionamentos fora da comunidade já se evidenciaram, ou para impedir que nem sequer eles acontecessem.

Sayad afirma que:

...os pais para sancionar aqueles (comportamentos) de seus filhos que consideram "desviados", falam em mandá-los à Argélia (principalmente as filhas, esperando casá-las lá), acreditando que assim os estariam subtraindo –aliás, sempre tarde demais– àquilo que consideram como a primeira causa de todos os males, "a influência maléfica que a vida na França exerce sobre seus filhos"¹⁰⁷.

Tia e sobrinho partilharam da mesma experiência, em momentos diferentes:

¹⁰⁷ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração...* op. cit, p. 228.

"Meu pai não queria que eu viesse para cá, mas essa idéia coincidiu com um momento da minha vida em que tive certo envolvimento com um brasileiro, coisa e tal, então a viagem calhou para me afastar um pouco daquela situação, para evitar maiores problemas... Viemos eu e minha mãe, ficamos uns seis ou sete meses, e ficou aquela história martelando na cabeça dos meus pais: se ela voltar para o Brasil vai casar com brasileiro, e isso, numa família árabe tem que ser evitado a todo custo, sabe como é..."

Então a viagem, que eu pensei que fosse aproveitar muito, acabou me encurralando, e eu fui empurrada e incentivada a me relacionar com alguém daqui..."

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

E:

"Outra preocupação que eles tinham eram as meninas, paqueras, namoros ou qualquer coisa do tipo... Na verdade eu já namorava uma menina fazia uns seis anos, e os meus pais achavam que o negócio estava ficando muito firme... Eles sempre insistiam para que eu terminasse, mas eu não terminava porque eu realmente gostava dela, e o nosso namoro ia ficando cada vez mais sério..."

Meus pais perceberam isso, lógico, e como para eles não tinha como aceitar um relacionamento fora da comunidade árabe, decidiram tomar uma decisão para nos afastar. E qual foi essa solução? Mudar para o Líbano!

Eu não sei dizer se eles algum dia tinham pensado nessa possibilidade de mudar para cá, se realmente tinham esse desejo, esse sonho... O que eu sei é que eu fui o ponto "X" dessa decisão... Eu tenho consciência disso..."

Daniel Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

A questão da preferência pelo casamento na família ou na comunidade nem sempre foi abertamente explicitada pelos pais, mas é algo subentendido para os filhos, que viram nele o real motivo para o retorno ao Líbano. Mesmo que se tenha querido apresentar qualquer outra justificativa, de ordem emotiva em relação a estar próximo do grupo familiar, da possibilidade de se viver em liberdade e segurança, de viver entre os iguais, do aprendizado dos costumes, da língua ou da religião, o que esteve por trás foi o projeto do casamento, mais evidente para as filhas:

"...Nós viemos com a intenção de morar aqui definitivamente, e foi meu pai quem decidiu que a gente tinha que vir pra cá, ele queria que a gente conhecesse nossos avós, morasse aqui e ficasse aqui..."

Quer dizer, isso era o que eles, os meus pais, falaram na época, mas quer saber a verdade mesmo, quer que eu fale sinceramente? Eles trouxeram a gente para cá, para casar com gente daqui, da mesma origem que a nossa, da mesma religião que a nossa, para casar com alguém muçulmano, entendeu? Eles vieram

para cá por causa de mim e da minha irmã Laila, não foi por causa dos meus irmãos.

Sinceramente, eu acho que todo mundo que vem para cá, vem por causa das filhas mesmo, porque as meninas podem se casar com brasileiros, podem se casar em outra religião, todo mundo vai falar, e isso e aquilo... Mas é claro que o meu pai não assume isso, até hoje, ele disfarça, enrola, mas não assume o motivo verdadeiro de nossa mudança para cá."

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

E:

"Nessa época os meus pais decidiram vir para o Líbano, e não importa a desculpa que eles dêem, o motivo é sempre o mesmo: arranjar um casamento com pessoas daqui, da mesma cultura e religião."

Noá Mohamad Abou Jokh (Rede III- 2ª Geração)

Os motivos culturais e religiosos foram os mais evidenciados para a identificação do motivo do retorno, mas outros importantes fatores foram vistos como causadores do processo de retorno. Em alguns casos foi apenas dito que "alguns problemas familiares" provocaram a mudança de um país para outro; em outros casos esses "problemas" foram camuflados pela questão da violência no Brasil, ou ainda foram abertamente expostos.

Um motivo que à primeira vista pudesse parecer um caso pontual, específico, e raro de acontecer mas nem sempre é, porém por questões envolvendo tabus, preconceitos, vergonha, quase nunca foi apontado como o real motivador do retorno: o problema das drogas. Se o Líbano tem sido alternativa para romper ou evitar relações amorosas fora da comunidade, se é a forma vista como a mais eficaz para preservar os valores culturais, se até mesmo pode se constituir em alternativa econômica, também o país tem sido o local para a reabilitação daqueles que entraram no difícil mundo das drogas. Alguns sinalizaram esse motivo:

"...Ele (o pai) dizia que a situação lá não estava muito boa, por causa de ladrão, de drogas, violência, essas coisas todas, e ele achava que aqui seria um lugar melhor para todos nós."

Samir Ahmad El Kadri (Rede III- 3ª Geração)

Outros, a despeito de todas as implicações, enfrentaram o trauma, o preconceito, a vergonha e encararam o problema:

"Bom, tudo poderia ter ido nesse ritmo, tudo poderia ter ido bem, uma vida normal e comum, se nessa época eu não tivesse entrado no mundo das drogas... Eu já estava nessa há um tempo, mas ninguém desconfiava de nada, ninguém

sabia com o que eu estava envolvido... Eu evitava andar no meio árabe, achava todo mundo muito careta e careta para mim não era gente, só queria saber de conviver com maloqueiro... Eu trabalhava e nunca ia para frente, gastava tudo o que ganhava consumindo drogas, estava muito mal mesmo...

Até que um dia meu primo descobriu e falou que se eu não parasse falaria para o meu pai e eu tinha medo de meu pai saber... Ele também achava que eu tinha que me internar, me tratar, porque estava muito mal mesmo e não adiantavam mais aquelas promessas de que eu iria parar por minha conta... Só que cada dia eu afundava mais um pouco nesse poço sem fundo que é o mundo das drogas...

Eu via as campanhas contra as drogas em Santos e no Brasil inteiro, mas eu tinha vergonha de participar, tinha vergonha dos parentes, da minha família... Não conseguia encarar o problema e cada vez me envolvia mais nele, ia me afundando mais e mais. Eu estava morrendo aos poucos, não comia, não bebia, não dormia... Eu usava a caneta porque já não conseguia enrolar o papel, eu me machucava e nem sentia mais dor, porque a droga anestesiava...

Depois que você entra nas drogas e muito difícil sair. Experimentou, já era, dançou... Eu experimentei, gostei e quando quis parar já não conseguia mais. Fazia de tudo para sair das drogas, mas não conseguia, virei até crente, me sentia um irmão deles, me trancava em casa, jogava a chave fora, fiquei internado uns dias, mas nada adiantava... Era só voltar para rua e pronto...

Eu só posso dizer que a minha sorte foi que eu só me drogava pelo nariz, enquanto meus colegas usavam a agulha... De alguma forma eu tinha consciência que entrar nessa de agulha só iria me fazer muito mal, que era um caminho ainda pior, sem volta, sem saída... Vi muita gente entrar nessa mas, graças a Deus, disso me livre, não usei nada injetável...

Um dia a Vanda me pegou enquanto eu me drogava e aí a casa caiu... Foi um choque muito grande para ela e eu pensei: agora lascou... Eu prometi que iria parar, que iria sair daquela, achava que era uma coisa fácil, que era só querer e pronto! Quando ela me pegou pela segunda vez, aí eu vi que não tinha mais jeito, tinha que sair daquela situação o quanto antes, senão iria perder tudo: família, mulher, filhas...

Todo mundo quis me ajudar a sair desse mundo, meu pai inclusive que ficou sabendo do meu problema... Foi ele que veio com a idéia de nos mudarmos para o Líbano, para eu me afastar das más companhias e do vício... Eu tinha um pouco de dinheiro e meu pai me ofereceu mais um pouco, para comprar as passagens, minha, da Vanda e das minhas duas filhas... Eu pensei: por que não? O Líbano me pareceu uma boa saída para o que estávamos vivendo, uma forma de reconstruir minha vida e oferecer algo melhor para a minha esposa e para as meninas...

Na verdade sempre tive uma idéia de vir para cá, mas achava que nunca mais iria voltar para essa terra por problemas como falta de dinheiro, de serviço, de oportunidades, de nunca ir para frente... Foi a fuga das drogas que me deu o impulso para eu voltar para o Líbano. Isso foi em 1994... Chegamos aqui em Loussi com uma mão na frente e outra atrás, eu, a Vanda e as crianças...

Quando eu estava vindo de lá para cá, ficava pensando como iria fazer, como eu iria ficar sem as drogas, o que iria acontecer comigo... Fiquei muito preocupado, tinha medo das conseqüências, do que iria rolar... Olha, não sei como explicar, mas resolvi meu problema imediatamente, logo que cheguei aqui e parei até mesmo de fumar... Se foi milagre ou força de vontade não sei dizer, mas deu certo realmente e me livre de todo aquele mal..."

Nasser Mohamad Alauan (Rede III- 2ª Geração)

A preocupação maior em se viver na migração, na opinião dos colaboradores, trata-se da questão cultural, mas o envolvimento com as drogas e a decorrente marginalidade e criminalidade vêm rondando também essa comunidade. Voltou-se para o Líbano para resolver esse problema, quando ele já está instalado, ou para evitar que isso viesse a acontecer. Muitas vezes o problema das drogas foi apontado como inerente ao mundo ocidental, à falta de valores familiares, à perda de princípios religiosos, e acima de tudo, aos relacionamentos fora da comunidade, que desvirtuam o comportamento dos jovens.

O Líbano tem sido visto como solução temporária ou definitiva para afastar-se das más companhias, para superar o vício, para reconstruir uma nova vida, na qual os valores tradicionais venham a ser reforçados e na qual a religião venha a exercer um papel fundamental nessa recuperação. O papel da família apareceu mais uma vez nesse aspecto: os familiares denunciaram o problema, a família apoiou a ida ao Líbano, ofereceu recursos e, muitas vezes, por vergonha, omitiu o motivo real.

Se a Rede III, envolvendo membros da segunda e terceira gerações, que partiram para o Líbano estando na faixa etária aproximada dos 14 aos 20 anos de idade, submetendo-se à decisão dos pais, por falta de consulta, escolha ou opinião, como considerar a motivação da segunda geração da Rede II, formada por mulheres casadas, mães e esposas, ao retorno para o Líbano?

Mudemos o sujeito da decisão: não o pai, mas sim o marido, este imigrante de primeira geração na maior parte das vezes, ou membro de segunda geração mas com o projeto familiar de manutenção dos costumes bem enraizado. A fala mais freqüente foi da mesma natureza: “**meu marido** resolveu vir embora”, “**meu marido** então me perguntou se eu queria vir para o Líbano com ele, ou se preferia me separar”, “**meu marido** começou a falar que queria voltar para o Líbano, porque ele sempre teve essa intenção de ir ao Brasil e de voltar o quanto antes”, “**ele (o marido)** sempre alimentou a idéia de que um dia iria viver novamente na terra dele”, “o **meu marido** começou a insistir na idéia de vir aqui para o Líbano”, “**meu marido** tinha uma idéia de morar no Líbano”, “o **meu marido** sempre teve esse desejo de vir para cá”.

Assim como os filhos se submeteram aos planos dos pais, às esposas restaram também poucas opções. Não se pode dizer que foi algo planejado conjuntamente, decidido e discutido por todas as partes envolvidas, pois o desejo, a intenção, a idéia de retorno esteve elaborado anteriormente ao casamento e à constituição da família. Daí

algumas colaboradoras terem afirmado que “não foi uma surpresa para mim” (**Emni, Rede II**); “eu sempre soube que mais dia, menos dia ele iria voltar” (**Widad, Rede II**); “no fundo eu sabia que a gente ia voltar” e “não tinha como escapar” (**Soraia, Rede II**), mesmo porque ou se aceitava o retorno ou se assumia uma separação.

De certa maneira, os motivos para justificar esse retorno não diferiram daqueles já apontados nas outras redes, no entanto numa gradação inversa: da necessidade de preservação da cultura (língua, religião, costumes, casamento), apontada como o primeiro motivo, à fuga da violência no Brasil, vista como motivo importante mas secundário em relação ao primeiro. Uma colaboradora explicitou:

“A família é o ponto-chave, e é por causa dos filhos que a gente toma certas decisões na vida, e no nosso caso foi mudar do Brasil para o Líbano. Todas as famílias árabes que eu conheço têm a mesma preocupação de criar os filhos na nossa cultura, por isso, quem pode vem parar aqui. Se você pegar Sultan e Loussi, de ponta a ponta, todos vieram pelos mesmos motivos...

(...)

O primeiro motivo de as pessoas virem para cá é para ensinar a cultura árabe e a religião para os filhos, e em segundo lugar, é fugir da violência...”

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

E ainda:

“O segundo motivo para essa decisão foi a violência que estava muito grande no Brasil, e que nós vimos de perto. Nós fomos assaltados naquele ano, meus filhos ficaram com o revólver na cabeça, eu fiquei um pouco assustada pelo que aconteceu ou pelo que poderia ter acontecido com eles... Isso me fez ir embora de vez de lá, entendeu? A segurança que existe no Líbano também me atraiu para cá.

Eu vi a violência bater na porta da minha casa e comecei ver o perigo de mandar meu filho à padaria comprar pão, de mandá-lo para a escola para ser agredido por causa de um tênis, esse tipo de coisa, além de drogas e da AIDS nas escolas... Não estou dizendo que aqui não tem disso, mas é diferente, é menos comum de acontecer... Então quando me perguntam por que estou aqui a resposta é só uma: pelos meus filhos.”

Alia Chahine (Rede II- 2ª Geração)

Esse retorno ao Líbano foi apontado como a melhor solução tanto para as questões da violência quanto, e principalmente, para as questões de ordem cultural envolvendo a criação dos filhos, presente da primeira para a segunda geração, e da segunda para a terceira geração. Daí a afirmação:

"Os meus pais tinham essa preocupação conosco e eu tenho com os meus filhos, então não mudou nada de uma geração para outra."

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

O mal da migração é a ruptura com a tradição, é a quebra do projeto familiar de preservação dos valores culturais, é o envolvimento com membros fora da comunidade, é a não preservação da identidade cultural. Viver na migração significa viver entre fronteiras, pois nem bem se vive numa cultura nem na outra, não se vive plenamente as experiências comuns e cotidianas, é viver sempre em falta com um lado ou com o outro:

"Meus filhos estavam na faixa etária entre os dez e os quinze anos, estudavam, na escola não me davam trabalho nenhum, apenas coisa normal da idade, mas o pai tinha aquele medo de continuar no Brasil. Esse medo é o mesmo de toda a comunidade árabe islâmica que não vive em sua própria terra, que é a questão do casamento, todos fazem questão que isso só ocorra entre os próprios membros e nunca com alguém de fora, sabe como é? O medo dele era principalmente de a nossa filha se envolver com alguém que não fosse da mesma origem que a nossa. O mais importante para os árabes é mesmo essa coisa da raça, da religião, dos costumes, de mantê-los a qualquer custo.

Por esse motivo eu acho que a infância e a adolescência dos meus filhos foi castrada, restrita, não podiam ter amizades com qualquer pessoa, só com os de origem árabe, não podiam sair, conhecer os lugares, viver uma vida comum. A comunidade é mesmo muito fechada, mas é a única forma de preservar o nosso modo de vida, entendeu?

Quando o meu marido começou a insistir na idéia de vir aqui para o Líbano, eu comecei a achar que seria uma boa oportunidade para os meus filhos terem uma vida igual aos outros, não serem vistos como diferentes, terem mais liberdade, sei lá, levar uma vida normal..."

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

Este é o mal da imigração, o risco que se corre por não estar entre os "iguais", mas a cura para todos esses males é o retorno. Como já se mostrou anteriormente, nas palavras de Sayad, o retorno é entendido como "um retorno à norma, à normalidade, à ortodoxia; o seu contrário (e, neste caso, a emigração e a imigração) não sendo senão anomia, heterodoxia e, até, heresia..."¹⁰⁸

Retornou-se para estar entre os iguais, para facilitar a adaptação, para melhor aprender e preservar os padrões e valores culturais, para evitar o choque da diferença e a castração da liberdade, para não fraquejar, tropeçar ou falhar diante do projeto original. Estar fora da terra de origem significou romper com a cultura original ou não vivê-la

¹⁰⁸ SAYAD, Abdelmalek. "O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante". *Travessia: Revista do Migrante*. Publicação do CEM, ano XIII, nº especial, jan/2000, p. 32.

plenamente; voltar para a terra de origem significou reatar os fios que foram rompidos. Como afirmaram as colaboradoras:

"Ele sempre me falou que um dia a gente viria para cá, porque aqui os nossos filhos poderiam ser criados na cultura árabe, teriam mais oportunidades de aprender a língua árabe e a religião muçulmana, e conviveriam com pessoas iguais a nós, quer dizer, da mesma origem, para não ter aquela diferença, aquele choque que sempre tem no Brasil."

Aishe Barakat Smaide (Rede II- 2ª Geração)

"Acho que quando a gente está fora da terra, acabam se perdendo alguns costumes, a gente tropeça um pouco e acaba falhando em alguma coisa. Por isso, para não errar com os filhos e para que eles tivessem um alicerce baseado no islamismo, na cultura árabe, na língua é que decidimos vir para cá. Eu queria que eles tivessem isso de pequenos, não como eu que só fui ter maior contato aos dezoito anos."

Alia Chahine (Rede II- 2ª Geração)

"A nossa intenção era que as crianças aprendessem a língua árabe e principalmente a religião muçulmana porque, você sabe, lá no Brasil a gente fraqueja um pouco, né? A gente vem para cá para não perder as raízes, é importante manter as raízes, porque se eu tivesse ficado no Brasil isso iria se perder uma hora ou outra. Por exemplo, eu e meu marido somos filhos de árabes, os meus filhos já são netos, e os filhos deles o que vão ser? Então as raízes vão desaparecendo, vão se perdendo essas referências, que são muito importantes preservar. Acho que isso é uma coisa muito bonita do povo árabe em querer manter a origem, preservar isso para os filhos e netos."

Fátima Zeitoun Smaide (Rede II- 2ª Geração)

O discurso feminino aponta à direção do projeto de retorno: proximidade da família, para estar entre os "iguais", vivenciando a cultura árabe plenamente. No entanto, há ainda que verificar o discurso das mulheres não descendentes, casadas com imigrantes libaneses, que vivem hoje no Líbano. Verificar a construção sobre o tema do retorno é um outro lado da moeda que precisa ser cuidadosamente analisado.

Assim como as mulheres descendentes casadas com imigrantes árabes se submeteram à vontade de retorno proposta pelos maridos, essa realidade também esteve presente para as mulheres brasileiras não-descendentes, mas com outras nuances. Um ponto em comum reside no fato de serem conhecedoras dessa vontade dos maridos, de preexistir um projeto de retorno concomitante ao processo migratório e anterior mesmo ao casamento. Então temos a mesma afirmação: "**Ele** (o marido) sempre me falava que um dia iria voltar para cá", "**Ele** (o marido) sempre falava, desde que nos casamos, que um dia a gente viria morar aqui no Líbano", "**Ele** (o marido) sempre me falou que um

dia ele voltaria a viver no Líbano, e eu sabia que isso aconteceria cedo ou tarde”, “Desde que a gente era solteiro, **ele** (o marido) já tinha me avisado que um dia pretendia voltar para a terra dele.”

O fato de conhecer esse projeto anteriormente não significou aceitá-lo de fato, ou até mesmo acreditar que ele se concretizasse: “mas eu não acreditava, achava que era só conversa, e ia levando na brincadeira” (M. Neuza, Rede IV); “o tempo ia passando, passando, e isso ficava só na idéia” (Neide, Rede IV). Mas, uma vez concretizada a idéia, o choque ainda assim tornou-se inevitável:

“... O grande choque na minha vida foi quando o Ahmad chegou um dia e disse: 'vamos embora para o Líbano'. Nossa! O mundo caiu na minha cabeça!”
Neide Maria Paplovskis Pinto (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

E:

“...Até que um dia meu marido veio com uma idéia de vir morar aqui no Líbano. Nossa, essa notícia foi um choque para mim!”
Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não descendentes)

Atender à decisão do marido quanto ao retorno, sendo ou não um projeto anteriormente alimentado, também foi verificado no caso dessas mulheres. Os papéis masculino/feminino foram claramente colocados do ponto de vista de que aos homens couberam a decisão, partir ou ficar, o momento certo, os motivos para partir, e às mulheres casadas, couberam o dever de aceitar a partida, o momento, os motivos, concordar com a mudança. Seguir o marido, para essas mulheres, foi uma decisão inerente ao fato de estar casada, de ter filhos, ao papel que os homens têm ocupado nessa estrutura familiar, seja como pais ou maridos. Da mesma forma, essas mulheres não aceitaram a possibilidade de separação, da responsabilidade única pela criação dos filhos, pois, a despeito da proposta e das dificuldades de mudança, prezaram-se o casamento e a manutenção da família.

A família da esposa também assumiu um papel fundamental, tanto para o apoio quanto para a objeção pela partida. Desse modo temos:

“...Eu também fui criada para seguir o marido, acompanhá-lo aonde ele fosse, então quando ele disse vamos, eu vim.”
Maria de Lurdes Rocha (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"...O que me fez decidir pelo Líbano foi a influência do meu pai, ele era uma pessoa que não aceitava que filha se separasse e voltasse para casa, e me dava conselhos dizendo que a gente tem que tentar, que a vida não é um mar de rosas, que eu tinha dois filhos e não se devia criar filhos sem pai ou sem mãe..."

Álvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Eu aceitei na hora essa proposta, não me importava de acompanhá-lo aonde quer que ele fosse... Ele era meu marido, né?... Como eu estava grávida, meu pai achava mesmo que eu tinha que vir para cá, não tinha mais volta..."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Se a família apoiou, ela também se opôs:

"... mas a minha irmã me aconselhava a não vir, a criar sozinha o bebê... Meu irmão também falava para eu não vir, porque no Brasil eu tinha minha família para dar apoio e, no Líbano, quem olharia por mim?"

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"A minha família não gostou nada dessa idéia, achavam que eu estava ficando maluca mesmo. Minha mãe não queria que eu viesse de jeito nenhum, mas eu já tinha colocado na cabeça que viria, e fui em frente."

Michele Aves Cardoso (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Não foi difícil deixar minha família e vir para cá, embora eu soubesse de todo sofrimento dos meus pais e também soubesse que minha mãe não aceitava essa viagem, mas eu estava apaixonada e iria com o meu marido para onde ele quisesse..."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"...Eu pensei que era melhor vir com ele para cá e criar os meus filhos numa família estrutura do que criá-los sozinha. No Brasil é muito comum as mulheres criarem seus filhos sozinhas, eu mesma até poderia ter enfrentado essa situação, mas não quis... A minha família foi contra essa mudança, todos achavam que eu estava sendo louca em aceitar..."

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Do mesmo modo, a ausência da família, sobretudo dos pais que se opusessem à ida ao Líbano, assim como a importância do núcleo familiar também foram destacados como impulsionadores desse retorno:

"Aí não teve jeito, quando ele falou 'vamos', eu vi que tinha que vir, não tinha como enrolar mais... Eu pensava assim: a minha família era o meu marido e o meu filho, as minhas duas únicas irmãs também já tinham tomado o rumo delas, então não havia o que me prendesse ao Brasil..."

Eni Aparecida de Souza Orra (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

É importante também ressaltar que, diante da decisão tomada pelo marido em relação à concretização do retorno, as esposas depararam-se com as possíveis alternativas:

a. aceitação:

"...Quando eu vi que era sério mesmo, que não tinha como mudar essa situação, aceitei a idéia e me preparei para vir para cá."

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Na verdade, não houve uma negociação, porque o meu marido simplesmente decidiu essa mudança, me comunicou e eu não tive outra opção a não ser aceitar."

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

b. escolha:

"Então ele me colocou a seguinte opção: ou eu viria para o Líbano me encontrar com ele ou eu ficava no Brasil sozinha até que ele pudesse voltar."

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

c. negociação:

"...Quando ele veio com essa idéia eu falei que a gente poderia ir, mas se a gente não gostasse voltava para o Brasil..."

Maria Luíza Areias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"...Por isso eu resistia muito e tentava convencer meu marido a vir sozinho por um tempo, ficar o quanto achasse necessário com os pais dele, e eu ficaria no Brasil com o nosso filho, agüentando as pontas..."

Eni Aparecida de Souza (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"...Meu marido aceitou na hora essa idéia, mas quis saber primeiro minha opinião, nunca falou que eu tinha que vir de qualquer forma... Eu falei que a decisão era dele, se nos casamos iria acompanhá-lo onde quer que ele fosse..."

Márcia Elisa Fermiano (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Em outros casos a ida ao Líbano não correspondeu a um desejo nostálgico de retorno, nem por questões familiares que influenciaram esse retorno, mas esteve vinculada à superação de problemas que não foram de ordem cultural. Neste caso, o retorno visou a solucionar problemas de outra natureza, mas, da mesma forma que para outros problemas, passaram-se pelos mesmos dilemas: oposição ou apoio familiar, desejo de ficar ou partir, opção entre a manutenção do casamento ou a separação.

"Para mim parecia que eu levava uma vidinha normal, com problemas comuns entre os casais, mas nada demais... Mas não era bem assim: meu marido estava envolvido com drogas, e eu nunca tinha me dado conta disso... Para mim foi um grande choque saber que ele usava drogas, nunca desconfiei... Eu não me conformava, não entrava na minha cabeça uma coisa dessas, não conhecia nada sobre isso, nunca tinha visto nada sobre drogas tão perto de mim, dentro da minha própria família.

Foi o pai do Nasser que deu a idéia de a gente vir para o Líbano para resolver esse problema e eu concordei, pensando que era a melhor solução...

(...)

...Eu estava muito dividida entre ficar no Brasil com a minha família ou vir para o Líbano resolver o meu problema... E eu decidi por resolver meu problema vindo para cá... Optei por ajudar meu marido e a continuar criando minhas filhas junto ao pai.

Minha família não queria que eu viesse para cá, principalmente a minha mãe era contra, já meu pai falava que aonde o marido fosse a mulher tinha que acompanhar... Mas a minha família não sabia de nada sobre o que nós estávamos passando, na verdade nunca soube, graças a Deus. Caso soubessem, eles teriam sofrido muito porque eles eram muito sérios, muito religiosos, nunca teriam entendido o problema...

Nós viemos para cá em 1984, as meninas tinham oito e quatro anos... Não sei se foi milagre ou força de vontade, o que sei é que conseguimos resolver o problema do meu marido chegando ao Líbano... Ele mudou da água para o vinho, quando chegou virou outra pessoa, quase não sai de casa e agora fica no computador até uma hora da manhã, que é a maior diversão dele..."

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A família, conjugal ou grande, da esposa ou marido, exerceu sempre um papel contundente pela decisão do retorno. Apoiaram, discordaram, incentivaram, opinaram, ofereceram os recursos para que o ato se concretizasse, o que demonstra que, independentemente de qualquer posição, estiveram sempre presentes. Há ainda que se destacar a questão da família do marido, sobretudo dos pais, como a impulsionadora direta desse retorno. Problemas relacionados com saúde, doença e morte, ou até mesmo a responsabilidade pelos cuidados dos pais idosos foram apontados também como outros motivadores do retorno. Monteiro afirma que "muitas vezes é necessário haver um problema agudo, como uma doença ou uma morte, para que a visita se concretize":¹⁰⁹

"Quando nasceu a minha filha Laila, o Ibrahim recebeu uma carta dos pais dele, pedindo para ele vir aqui para o Líbano.

(...)

¹⁰⁹ MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração... op.cit.*, p. 39.

Nessa mensagem ele dizia que não poderia mais voltar para o Brasil, porque a situação dos pais dele estava muito ruim, estavam sozinhos e ele precisava ficar para cuidar deles."

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Tudo começou a mudar no ano de 1990, quando meu marido recebeu um telefonema do Líbano, dizendo que o pai dele estava doente e ele tinha que vir para cá... Ele veio e ficou dois meses, e foi nesse período que fiquei sozinha, que vi como eu já estava tão ligada a ele... Eu chorava sozinha todos os dias, de tanta saudade... Quando meu marido voltou para o Brasil, ele já foi com uma idéia fixa na cabeça de vir morar aqui no Líbano, porque o pai dele estava muito doente e não tinha esperança de viver muito tempo..."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"...mas aconteceu de morrer uma senhora aqui na cidade, parente dele, e eu senti que o meu marido ficou triste e muito preocupado, porque a mesma coisa poderia acontecer com os pais dele, sem que eles tivessem nenhum dos filhos por perto... Os irmãos dele não podiam vir porque tinham loja, dependiam do comércio, enquanto meu marido não tinha nada que o amarrasse lá..."

Eni Aparecida de Souza (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Se os pais foram o motivo primordial para o retorno dos filhos, em alguns casos o que ocorre é o oposto: os pais foram ao Líbano para acompanhar as filhas que retornaram. Essa inversão ocorreu nos casos de filhas únicas ou quando aconteceu o falecimento do cônjuge, justificando acompanhá-las porque se quis manter a família unida, porque se optou pela proximidade da filha e netos em relação a outros membros familiares, ou ainda porque os filhos impuseram essa decisão sobre os pais. Neste caso, não foram os desejos dos pais que se sobrepuseram ao dos filhos, mas sim o desejo dos filhos se sobrepondo ao dos pais e, ainda que se tenha tentado adiar ou recusar a mudança, ela acabou ocorrendo:

"Eu nunca pensei que um dia eu viesse morar aqui, nunca imaginei isso, nem em sonho. Eu queria vir para cá para passear, mas não para morar definitivamente. Quando minha filha disse que queria morar aqui, eu falei que era uma decisão só dela, porque ela tinha que pensar no marido e nos filhos, tinha que ver o que era melhor para ela. Nunca interferei, então a gente vivia lá e ela vivia aqui, e assim foi indo, até que meu marido faleceu e eu não quis ficar mais no Brasil. Decidi vir para o Líbano junto com a Alia, que é a minha única filha, e com os meus netos. Eles são a minha família, embora no Brasil estejam minha mãe, que tem noventa e três anos, e as minhas irmãs, sobrinhas, todos os parentes."

Helena Chahine (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Quando me perguntam como vim parar da Riviera de São Lourenço, de um lugar de praia e sol, para o interior do Líbano, com montanhas e neve, até eu tenho dificuldade de responder e acreditar que a minha vida passou por uma mudança tão radical e em tão pouco tempo.

Eu vim para cá porque a minha única filha, a Telma, é casada com um libanês...

(...)

...Depois de uns treze anos de casados, no ano de 1991, o meu genro resolveu vir para o Líbano, porque eles passaram por experiências muito ruins no Brasil. Quando eles moravam em Votuporanga, no interior de São Paulo, a casa deles foi assaltada umas quatro vezes, e em São Bernardo foram duas vezes, só que ainda pior porque chegaram a colocar revólver na cabeça."

Então pensando na segurança da família dele, meu genro achou que seria melhor trazer a família para cá, um lugar mais tranquilo para se viver. Aí, um belo dia, meu genro falou desses planos, mas que tudo dependia da minha decisão e do meu marido, porque a Telma só iria se nós também fôssemos. Na verdade ele nos colocou contra a parede, mas pensando na nossa filha e nos nossos netos, topamos vir para cá..."

Valda Legut (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A questão da criação dos filhos na cultura árabe não foi apontada como o principal detonador do processo de retorno, embora em alguns relatos isto esteja implícito ou abertamente colocado:

"Desde que a gente era solteiro, ele já tinha me avisado que um dia pretendia voltar para a terra dele, para criar os filhos como muçulmanos... Ele nunca falou isso muito claro, mas o coração dele estava pensando tudo isso, sempre pensou... Eu não via problema nenhum em vir para cá, mas eu nem sabia o que era o Líbano, não tinha a mínima idéia de onde ficava. Mas eu tive coragem de aceitar essa mudança, resolvi enfrentar a vida...

Minha família não acreditou que eu viria para cá, porque poderia ser que a gente nunca mais se visse, que eu nunca mais voltasse para o Brasil... Eu penso que a gente faz o que deve fazer, abre o coração para Deus e Ele vai decidir o que é melhor para a gente... E se Ele achar que aqui é melhor para mim eu tenho que obedecer... Deus quis que eu viesse para cá criar meus filhos como islâmicos... Eu vim, né? Fiz minha parte."

Expedita Ferreira (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Problemas relacionados às dificuldades econômicas no Brasil também foram apontados como o motivo para o retorno ao Líbano nessa rede:

"...Aí meu marido veio com a idéia de voltar a viver no Líbano, porque lá no Brasil estava muito difícil para trabalhar, ele não conseguia sustentar a casa..."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"...Só que a vida de mascate naquele tempo não ia muito bem, né? Meu marido não tinha muita sorte, não, trabalhava mas era muito difícil para manter toda a

família, e ele se esforçava muito para não faltar nada... A gente não tinha casa própria, vivia de aluguel, e o serviço estava cada vez mais fraco, o trabalho de mascate não estava dando certo... Foi aí que meu marido veio com uma novidade. Um dia ele me falou: 'o que você acha de ir viver no Líbano?' Eu falei que por mim tudo bem, não via nenhum problema..."

Expedita Ferreira (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

E a solução pode ser colocada de pai para filho:

"Nessa coisa de vai e volta, de tentar construir nossa vida e não estar tendo muito sucesso, todo mundo começou a comentar. O povo árabe é muito de se meter, de dar a opinião onde não é chamado, aí começaram a falar que meu sogro ajudava um filho e não ajudava o outro, que um tem loja de móveis, e o outro é mascate, que essa diferença não estava certo, e todas essas coisas... Aí como começaram a encher tanto a cabeça dele, meu sogro resolveu nos ajudar. Ele tinha um prédio aqui em Beirute que ninguém tomava conta, e eles nos propôs de virmos para cá e assumir isso..."

Márcia Elisa Fermiano (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

O Líbano também foi uma alternativa para a questão do trabalho mesmo para quem não fosse descendente de libaneses, não era casada (no momento da ida) com um imigrante libanês ou mal soubesse onde se localizava o Líbano:

"Daí resolvi procurar uma agência de empregos, mas lá também não tinha nenhuma oferta, só uma bem maluca: acompanhar um senhor adoentado em viagem ao Líbano. Eu falei: eu topo! A menina da agência achou que eu estava ficando maluca, todo mundo achou isso, minhas amigas, minha família, mas na situação de desespero que eu estava toparia qualquer coisa, entendeu? Isso aconteceu em fevereiro de 1998, eu estava com vinte e três anos e meu filho com quatro.

Eu fui conhecer esse senhor e ele me propôs passar quatro meses aprendendo como ser uma auxiliar de enfermagem, trocar curativo, dar injeção, fazer essas coisas... Ele era muito doente, tinha problema de câncer e de diabetes. A esposa dele também não tinha uma saúde boa, teve um derrame, ficou parálitica, e praticamente ficava só na cadeira de rodas. Então ele necessitava de uma enfermeira para ele e para a esposa.

Eu passei uns quatro meses com eles no Brasil e fui aprendendo com a moça que já trabalhava lá a fazer o meu serviço. Ele foi gostando de mim, do meu trabalho, achou que eu levava jeito para cuidar dele, porque tenho muito carinho pelas pessoas de idade, sempre tratei muito bem. Até hoje tenho essa qualidade, eu gosto mesmo de cuidar de pessoas mais velhas, acho que é um dom.

Passado um tempo, ele me falou que precisava vir para o Líbano fazer uma cirurgia, e eu deveria acompanhá-lo. Eu topei, claro, já sabia disso quando eu consegui o emprego. A minha família não gostou nada dessa idéia, achavam que eu estava ficando maluca mesmo. Minha mãe não queria que eu viesse de jeito

nenhum, mas eu já tinha colocado na cabeça que viria, e fui em frente. Meu filho, que já vivia com os meus pais, continuou lá e eu pude viajar mais tranqüila. Bom, ele acertou toda a minha documentação, arrumei minhas coisas e viemos para cá..."

Antônia Alves Cardoso (Rede IV- Brasileiras não descendentes)

Esse caso serve como contraponto para os citados anteriormente, pois aqui não se trata de uma experiência de retorno diretamente colocada, mas a ela está ligada: a colaboradora foi ao Líbano para acompanhar um migrante que retornava, sofreu a oposição da família que não aceitava a partida, e ainda se deparou com uma série de dificuldades nesse estabelecimento num país culturalmente diferente.

É possível considerar ainda, para concluir, que os motivos do retorno devem ser compreendidos em seus aspectos múltiplos, envolvendo os projetos familiares construídos na migração, que são de manutenção e preservação de valores culturais e religiosos. Esses projetos são constantemente reavaliados e postos à prova durante o tempo em que dura a experiência migratória e, à medida que podem ser rompidos ou desvirtuados, o retorno surge como alternativa viável. O retorno é a possibilidade mais concreta de efetivação desse projeto, pois quanto mais se estende o tempo de migração mais se corre o risco de desestruturação cultural, da perda dos valores tradicionais, dos casamentos fora da comunidade.

As redes familiares, da mesma forma, são o alicerce e o apoio de todo esse projeto, pois é a família –no país de origem e no país de destino– que dá apoio às idas e vindas, que cobra a manutenção do projeto, que recrimina as rupturas, que aponta as falhas, que clama e reclama a volta. Mas é na volta, justamente, que a desvinculação dessa rede se faz sentir, revelando as dificuldades de reinserção e inserção, da não aceitação do peso dessa rede familiar, de querer ou não fazer parte dela.

Da mesma forma, no retorno se evidenciam os referenciais masculinos e femininos, os papéis que ocupam na cultura árabe, e como se colocam no conflito geracional. Os homens decidem e voltam, mas sofrem também os efeitos do retorno; engendram o retorno como nostalgia mas também se deparam com outra realidade. As mulheres aceitam e voltam, mas sofrem os efeitos do retorno, por si mesmas, pelos maridos, e sobretudo pelos filhos.

Os motivos do retorno são construídos nos mais diversos aspectos, objetivos ou subjetivos, valorizando uns acima de outros, ou ainda não evidenciando outros fatores que poderiam elucidar outras experiências.

Identificar e pontuar as justificativas construídas para o empreendimento do processo de retorno ajuda-nos a compreender quão traumática, conflituosa e difícil tem sido essa experiência, que não é apenas do retorno em si (voltar a algum lugar, no sentido de deslocamento físico), mas sim todas as implicações que esse processo envolve, notadamente em relação à problemática da reinserção e da inserção à nova realidade. Os motivos do retorno foram identificados; trata-se agora de avaliar essa experiência em todas as suas nuances.

NO LÍBANO

*Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.*

*Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.*

*Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.*

Carlos Drummond de Andrade. "A Ilusão do Migrante."

A vida de um jovem aqui é muito limitada, sem oportunidade e sem perspectiva nenhuma. Um dia é sempre igual ao outro, não tem diferença entre a semana e o final de semana.

Eu nasci no Brasil em 23 de janeiro de 1982, em São Paulo, e me chamo **Salmen Ali Moussa El Kaderi**. Vivi lá catorze anos, estudei até a oitava série, mas não terminei o ano porque meu pai decidiu que viríamos para o Líbano.

Nós ficamos sabendo dessa mudança de uma hora para outra. Eu estava indo para a escola, como um dia comum, e o meu pai disse que eu não precisava ir mais porque em três dias estaríamos viajando para o Líbano. "Líbano? O que a gente vai fazer no Líbano?" Era a única coisa que eu conseguia perguntar. Eu não conseguia entender o porquê dessa mudança, não conseguia entender como seria mudar para um lugar que eu nem imaginava como era.

Para mim essa viagem tão repentina foi uma surpresa, eu não sabia de nada do que meus pais planejavam... Isso foi um choque, porque eu via o Líbano como um fim de mundo, e foi uma decepção também, porque nem me despedir direito dos meus amigos eu pude... De um dia para outro, estávamos com as malas prontas, mudando de país e de vida...

Eu gostava muito da minha vida de adolescente no Brasil, uma vida normal e tranquila, com as amizades, os colegas, a escola... Mesmo morando no Brasil, os meus pais procuravam nos criar como filhos de árabes, sempre nos orientando para não beber, fumar ou comer carne de porco, essas coisas. Eu e meus irmãos sempre aceitamos bem essas idéias, entendíamos que era uma questão da nossa origem, então eu não entendia de onde vinha essa idéia de mudar de país, para mim não tinha por que mudar... E eu nem imaginava que vir para o Líbano fosse uma virada de mundo, para mim e para os meus irmãos.

Acho que a primeira dificuldade foi a língua árabe. Nós entendíamos bem e falávamos um pouco quando estávamos no Brasil, mas em casa era basicamente o português que predominava. Mas viver num país onde se falava só essa língua era diferente, e foi uma grande dificuldade para nos adaptarmos.

Foi na escola que a coisa ficou mais difícil, porque não dava para acompanhar as aulas, a gente não sabia nem falar, muito menos ler e escrever. Tivemos uma professora que teve um pouco mais de interesse pela gente, e ajudou a mim e ao meu irmão nos ensinando a ler e a escrever do comecinho, do be-a-bá. Enquanto a turma fazia as lições, ela nos alfabetizava com uma cartilha, e a gente foi pegando aos poucos, não totalmente, mas deu para melhorar a fala, a leitura e a escrita. Tem algumas palavras que a gente não entende ainda, não sabe o que significa, mas dá para se virar, bem melhor agora do que na época em que a gente chegou.

Só que em relação à escola, eu acho que a dificuldade não é só por causa da língua, mas também pelo sistema de ensino que é muito complicado. Aqui se você faz alguma coisa errada, responde para o professor, não sabe fazer a lição, ou qualquer coisa assim, você apanha do professor, é normal. Eu apanhei muito na escola, nossa, eu nunca pensei que ia acontecer isso comigo. No Brasil é impossível isso acontecer, mas aqui é normal, ninguém é contra. Têm pessoas aqui que param de estudar por causa disso, porque eles apanham, se sentem humilhados, se desanimam e deixam de ir para a escola... Eu não aceitei esse sistema, enfrentei os professores, briguei, não me adaptei bem...

O resultado disso tudo foi que eu não consegui concluir meus estudos por essas duas questões, a língua e a punição que a gente sofria. Eu passava um ano e repetia outro, aceitava e não aceitava o castigo.

Eu ainda cheguei aonde cheguei graças ao esforço da minha mãe, ela sempre quis que a gente estudasse, se formasse em alguma coisa... Ela sempre diz: "o estudo é o caminho da vida". Agora se fosse pelo meu pai, eu nem corria atrás, porque ele já não dá muita importância para isso. Tanto que chegou uma hora, meu pai falou que não tinha mais

estudo, que não iria mais me manter na escola, e que já estava na hora de ir para o Exército.

Eu estava com dezenove anos, e aqui não tem jeito de escapar só se for filho único, o que não é o meu caso. Foi um período duro, primeiro porque você está longe de casa, o quartel é muito longe mesmo, é lá no fim do Líbano, de quatro a cinco horas de carro, depois porque o treinamento é muito puxado, quase o dia inteiro de atividades, sem contar que você está longe da família e das pessoas que você conhece.

E ainda tem a rigidez... Eles são muito rígidos, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, e se fizer vai ter, porque é um exército que tem que se preparar para a guerra mesmo, não é brincadeira. Às vezes aparecem uns generais só para fiscalizar e você fica com medo até de parar na frente deles. Apesar disso, foi uma experiência que valeu a pena...

Esse período foi bom também porque no Exército todo mundo é igual: você só é soldado, não importa se é libanês, brasileiro, venezuelano, se é cristão ou muçulmano... Você serve o Exército libanês, então você é libanês... Foi uma coisa boa porque eu convivi com pessoas de outras nacionalidades, de outras religiões, de igual para igual. Uma boa experiência mesmo.

Na época em que eu saí da escola, e mesmo enquanto eu estava servindo o Exército, eu fiz um curso de cabeleireiro, num salão de um senhor aqui de Ghazzi. Eu ia para lá e ficava parado, observando, para aos poucos começar a praticar também, quer dizer, não era um curso de verdade. Meu pai estava me pressionando para eu tomar essa decisão, e a minha mãe, que sempre se preocupou que a gente se formasse em alguma coisa, acabaram me influenciando para que eu aprendesse essa profissão.

No começo eu não queria, mas depois eu fiquei pensando: "o que eu vou fazer da minha vida aqui?" "Que futuro eu tenho?" Eu comecei a pensar que tenho que dar um jeito na minha vida, fazer alguma coisa, porque não dá só pra depender do meu pai. Trabalhar na borracharia com ele não dava, porque o serviço não é tanto assim.

Eu acho que essa atividade é boa, mas aqui não é todo mundo que frequenta o salão mais constantemente. Só quando o cabelo está muito comprido ou quando tem um feriado religioso, aí é o dia inteiro de trabalho. Aqui em Ghazzi eu já acho mais difícil, em Zahlé ou em Beirute seria mais fácil, não sei, vamos ver...

O que estou pensando é que isso pode me abrir outras oportunidades. Eu estou pensando mais pra frente, em sair daqui com uma profissão e viajar para um outro país onde haja mais oportunidade de trabalho. Já me falaram que no Canadá isso dá uma boa profissão, dá dinheiro. No Brasil mesmo seria possível trabalhar de cabeleireiro. Aqui é difícil uma pessoa fazer a vida. Não tem emprego, não tem oportunidade de construir uma vida melhor, então ou tem que ter dinheiro para ter seu próprio negócio, ou tem que sair para buscar oportunidades. Senão, é trabalhar na lavoura mesmo como mão-de-obra braçal.

Eu acho o Líbano e o Brasil dois países diferentes em tudo: no tamanho, na oportunidade de estudo e de emprego, no modo de vida, e no jeito das pessoas. E o Brasil é muito melhor em tudo isso, lógico. O que é o Líbano? Um pinguinho no mapa. Aqui não é o fim do mundo, mas é quase principalmente aqui, a vila de Ghazzi.

Nossa, quando o Lula veio para cá eu nem acreditei. O que o presidente do Brasil está fazendo aqui no Líbano? Meu, que coisa de louco... Uma outra vez vieram uns jogadores do Flamengo para uma partida contra um time do Líbano, não deu nem para acreditar nisso. Não dá para entender o que esse povo veio fazer aqui... O que todos nós viemos fazer nesse lugar?

Outra coisa que a gente estranha muito é o modo de viver daqui. A gente estranha a eles, e eles nos estranham. É coisa de mentalidade mesmo, é muito diferente e em tudo que você possa imaginar. Por exemplo, na questão de praticar esportes os jovens nem ligam para

isso, aqui tem campo de futebol, mas ninguém se interessar em jogar uma partida, montar um campeonato ou só bater uma bolinha no final de semana.

A vida de um jovem aqui é muito limitada, sem oportunidade e sem perspectiva nenhuma. Um dia é sempre igual ao outro, não tem diferença entre a semana e o final de semana. Aqui se trabalha o dia inteiro e à noite a única diversão é ir para o bilhar ou para o computador. O papo deles é sempre o mesmo: o serviço, o que vai plantar, quando vai colher, quando vai caçar, quando vai catar passarinho... O nosso papo, dos brasileiros que vivem aqui, é o futebol, a mulherada, ir para Zahlé ou para Beirute para paquerar...

Bom, aqui paquera é uma coisa meio difícil... Só se for fora daqui, na cidade grande onde tem mais gente e com outra cabeça. É como meu irmão diz, se você fala um "oi" para uma menina hoje, amanhã o pai dela já vem falar de compromisso, de casamento. Não dá!

O jovem daqui carrega toda a responsabilidade da vida de um adulto, amadurecem antes do tempo... Não dá pra comparar os jovens de treze anos daqui com os jovens de treze anos de lá. Por mais estudado que seja o jovem lá no Brasil, ele não tem tanta responsabilidade quanto o jovem daqui...

O jeito de falar deles também é estranho... Eles xingam, renegam a religião, não tem respeito pelos outros... É da criação, essa coisa mal educada mesmo, ouve na rua, fala em casa e ninguém corrige o pivete, e ele continua falando cada vez mais.

Eles também acabam casando cedo porque não têm outra oportunidade, porque o pai fala assim: "quando você vai casar?", "você é adulto!", "o que você está esperando da vida?", colocam na cabeça do rapaz, ser homem, ser responsável... E é uma criança ainda!

Eu acho absurda essa coisa de casar tão cedo, é o fim do mundo! Como pode um cara casar com uma garota de quinze anos, que não sabe nada da vida, que nem sabe cuidar de uma casa? E o menino, que experiência ele tem?

Eu penso que primeiro tenho que ter uma profissão, comprar a minha casa, comprar o meu carro, ter dinheiro no banco, aí eu penso em casar... Graças a Deus que meu pai não me pressiona para o casamento, quando as pessoas perguntam por que ele não me casa, ele responde que sem casa e sem dinheiro não dá. Pelo menos nisso nós dois falamos a mesma língua.

Outra diferença que eu vejo entre os libaneses e os brasileiros é que eles gostam de você pelo que você tem e não pelo que você é... A pessoa pergunta seu nome e em seguida a marca do carro que você tem, por exemplo. Então eu acho que eles são materialistas e falsos...

Uma outra coisa que foi um choque para a gente se adaptar foi a questão da roupa, do estilo, do jeito de ser. A gente chegou do Brasil com aquele jeito descontraído, no verão de quase quarenta graus usava chinelo, shorts, sem camiseta, que é normal... Nossa! Todo mundo falava que a gente andava pelado. Pe-la-do!

E quando eu resolvi deixar o cabelo crescer, então, foram comentários de todos os lados... Meu pai também não aceitava, porque ficava todo mundo comentando do meu cabelo, que era absurdo, que isso, que aquilo... Aqui todo mundo dá palpite, quer controlar sua vida, decidir como você deve se comportar, entendeu? Aí eu pensei: "vou ter que andar como eles querem?" Segurei a onda, mantive meu cabelo assim comprido, falaram, falaram e depois foram se acostumando. Se você não se impõe eles tomam conta da sua vida facilmente.

Por isso que eu não consigo me sentir libanês aqui. Eles me tratam como brasileiro e eu faço questão de ser brasileiro... Eu sou brasileiro, sempre vou ser, mesmo que viva aqui cinquenta anos!

Minha cabeça é de brasileiro, meus amigos aqui são brasileiros, eu continuo mantendo contato com os meus amigos e parentes no Brasil pela internet, e até conheço outras pessoas brasileiras na rede. É mais fácil ter amizades com essas pessoas, é uma

amizade mais autêntica, sem interesses. A gente conversa de tudo, estudos, festas, casamento, o que cada um faz... Isso me deixa mais perto do Brasil.

Nessa hora eu sinto falta de tudo: da pipa, do futebol, dos amigos, da escola, dos vizinhos, do jeito do brasileiro... Então eu sempre procuro acompanhar os acontecimentos do Brasil pela televisão, pelo jogo de futebol. Eu sou corintiano roxo, quando tem alguma transmissão eu fico acordado até cinco horas da manhã para assistir. A gente se junta numa casa os corintianos de um lado e dos outros times de outro, aí parece que a gente está no Brasil. No verão quando os brasileiros vêm para cá, então, nem se fala, é futebol, é brincadeira, é bater papo, é como estar um pouco no Brasil...

A vida no Brasil é muito diferente daqui... Mesmo quando as pessoas me falam da violência, da questão das drogas, da AIDS, da bebida, eu acho que isso não tem nada a ver, você que tem que se afastar dessa coisa, não se deixar influenciar. É você que decide se traz isso para a sua vida, só você que pode viver a sua vida, depende de você... Eu acho também que o que eu aprendi da religião muçulmana aqui me ajudaria em qualquer lugar da lugar do mundo, me manteria longe das drogas, longe de tudo...

O que eu e o meu irmão queremos é voltar para o Brasil. Acho que para nós dois foi mais difícil essa adaptação e nós somos revoltados com essa vida que levamos aqui. A minha irmã se casou logo que chegou aqui, acho que também foi ruim para ela, mas a vida dela tomou outro rumo. O meu irmão mais novo se adaptou mais fácil porque ele tinha só dez anos quando chegou aqui

Uma vez eu falei para o meu pai: "me deixe ir para o Brasil." Ele ficou doido, e me disse que se tinha me trazido para cá para viver aqui, como iria permitir que eu voltasse para lá? Meu pai não aceita de jeito nenhum essa idéia, nem em pensamento. Ele é uma pessoa difícil, de pouco diálogo, no Brasil era assim e aqui ficou pior ainda. Então eu só comento sobre essas coisas com a minha mãe, só desabafo com ela, porque ela me entende mais, acho porque ela também é brasileira.

É uma situação difícil, mas eu e meu irmão decidimos enfrentar, se meu pai quiser ou não... Ele já fez o futuro dele e nós temos que fazer o nosso... Eu vou ter que esperar aqui pelo meu futuro? Aqui não tem futuro. Vou ficar esperando meu pai me casar, comprar a minha casa e meu carro? Isso nem eu nem meu irmão queremos...

Eu quero buscar o meu caminho, e o meu caminho não está aqui...

VI- O RETORNO E A NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO

Neste capítulo, a análise das entrevistas se baseia na questão da concretização do retorno a partir da problemática de adaptação do imigrante ao seu país de origem, assim como dos descendentes e das brasileiras não- descendentes no Líbano, destacando os dilemas e conflitos decorrentes desse ato.

Inicialmente, gostaria de colocar em discussão dois pares de conceitos, pertinentes a este capítulo e ao seguinte, no tocante às opções conceituais feitas nesta pesquisa, no que concerne aos temas da adaptação e assimilação, e da inserção e reinserção, a partir da perspectiva apontada por Sayad¹¹⁰.

Em primeiro lugar, Sayad coloca em discussão as questões “semânticas” ou “taxionômicas” desses conceitos, adaptação e assimilação, envolvidos num mesmo processo em que se constituem emigração e imigração. Embora possam parecer noções inéditas, diferentes e até mesmo contraditórias, para o autor, adaptação e assimilação nada mais são do que expressões diferentes, em momentos, contextos e usos diferentes, de uma mesma realidade social, que compõem o mesmo processo (a emigração e a imigração). São expressões ou variações exteriores rapidamente criadas, que saem de moda, mudam de significados, tornam-se anacrônicas e perdem seu rendimento social e político.

Para Sayad, tanto adaptação quanto assimilação carregam um sentido puramente etnocêntrico, posto que estão vinculadas a contextos históricos e sociológicos específicos, identificados com a colonização. Antes a assimilação dos colonizados, na sua sociedade de origem, em suas próprias casas e em seu próprio território; hoje a assimilação de imigrantes, na sociedade que os assimila, que é casa do outro, no território do outro. Da mesma forma, sustenta o autor, o conceito de adaptação está intimamente ligado ao trabalho industrial, aos horários das máquinas, às cadências de produção, à vida urbana.

O termo integração, então, é visto pelo autor tão somente como substituto ou herdeiro das noções de adaptação e assimilação. Estes termos têm em comum a vontade da coesão interna, que parte de uma vontade de integração individual e se traduz como uma realidade social e, conseqüentemente, coletiva. O indivíduo assimilado, adaptado

¹¹⁰ Essas questões são apresentadas principalmente nas seguintes obras do autor: SAYAD, Abdelmalek. *La double absence: des illusions de l'émigre aux souffrances de l'immigré*. Paris: Éditions du Seuil, 1999. SAYAD, Abdelmalek. “O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. *Travessia: Revista do Migrante*. Publicação do CEM, ano XIII, nº especial, jan/2000.

ou integrado, como se preferir, nega sua própria integridade, dissolve-se no grupo, funde-se no outro, perde sua integridade, ou melhor, sua identidade.

Entre todos estes termos, Sayad prefere o conceito de inserção, porque soa como mais neutro, sem ressonância ideológica ou étnico-ideológica, e sem que se dê preferência a um grupo em particular. É um conceito mais social e político que étnico; menos localizado que adaptação e assimilação; e abrange todas as situações de um mesmo processo (social, política, econômica, cultural, etc.). É um conceito polissêmico, e estando ligado à noção de cultura, implica dizer que nenhum sentido que advenha de um contexto novo apaga totalmente os sentidos antigos.

Inserção e reinserção compõem as duas faces da mesma moeda, como propõe Sayad. Inserção (ou integração, o autor admite em outro momento ser possível usar) ao país de imigração, inserção no processo migratório, inserção na sociedade receptora, de acordo com os seus interesses, implicando fixação definitiva, cujos atores são os “bons imigrantes” (na ótica do Estado que recebe), aqueles que querem permanecer no país, que a ele querem se inserir e integrar, que se deixaram seduzir pelo outro país e abandonaram o projeto inicial de retorno.

Reinserção (ou retorno) dos imigrantes ao seu país de origem, à sua sociedade e à sua economia, num processo de escolha e aceitação desse retorno, cujos atores são os “bons emigrantes” (na ótica do Estado que engendrou a emigração), aqueles que querem voltar ao país de origem porque se mantiveram puros e incorruptíveis, de acordo com o projeto inicial.

Ainda para completar essa discussão, como aponta Khandriche¹¹¹, é necessário considerar que o uso dos termos retorno ou reinserção está longe de carregar uma pretensa neutralidade, pelo contrário. Para o autor, a concepção de retorno refere-se a um “curso normal” de uma imigração vista como transitória e especificamente de trabalho, que quando chega “ao fim” leva ao retorno ao próprio país. Mas ao retornar ao país é necessário reinserir-se nele, numa ação entendida como a de “reintroduzir alguém em seu meio”. Retornar é voltar ao ponto de partida, no sentido físico do termo; reinserir-se é adequar-se a um modo de vida e de existência que se deixou para trás. É nessa dicotomia que se estabelece o conflito, o paradoxo da imigração e do retorno, como enfatiza Sayad.

¹¹¹ KHANDRICHE, Mohamed. *Developpement et Reinsertion: l'exemple de l'Emigration Algérienne*. Paris: Publisud, 1982.

Ainda que se corrobore com as idéias apresentadas por Sayad, mantive neste capítulo o uso dos termos **readaptação**, para os imigrantes retornados, e **adaptação**, para as diferentes gerações de descendentes e para os não-descendentes. Primeiro porque foi o termo mais utilizado pelos colaboradores desta pesquisa para traduzir a experiência de voltar a viver num país ao qual se pertence, mas que se deixou para trás por muitos anos (no caso dos imigrantes que retornaram), e a um país que é totalmente diferente daquele onde se nasceu e se criou, cujos padrões culturais são totalmente distintos, no caso dos descendentes e dos não-descendentes. Segundo porque o utilizo no sentido da aceitação a uma nova realidade, de adequação a um outro cotidiano, das facilidades e dificuldades envolvidas numa nova experiência, num jogo de sentidos contraditório, conflituoso, e no qual se devem fazer opções. Desvinculo aqui o termo adaptação do sentido colonial ou de dominação, como é mais comumente utilizado por Sayad, optando por um uso menos carregado do ponto de vista ideológico. Adaptar-se no sentido de acostumar-se a uma nova situação e a um novo ambiente (no sentido físico também, não só cultural), a ajustar-se a novos padrões de comportamento, quase como decorrência de uma necessidade de sobrevivência. Adaptação como um termo menos negativo, alocado entre a acomodação e a assimilação, para as quais Sayad aponta toda a sua carga ideológica de dominação colonial.

Ao mesmo tempo, utilizo os termos inserção e reinserção no capítulo seguinte, mas no sentido também um pouco distinto do qual faz uso Sayad. Reinserção para o imigrante que retorna ao seu país, à sua pátria, à sua sociedade; inserção para os demais colaboradores, descendentes ou não, que se depararam com uma nova realidade, para os quais esse retorno é como uma migração de fato.

Outro conceito de que faço uso é o de pertencimento, numa noção de fazer parte do grupo, de sentir-se parte dele, de ser aceito, ou ainda de querer ser aceito, de pertencer à cultura, ao lugar, ao modo de vida. Utilizando-me desses conceitos, readaptação e adaptação, e ainda pertencimento, é que analisei o retorno em sua concretização, a experiência do retorno em si.

6.1 A Necessidade de Readaptação e Adaptação

Entre o grupo dos imigrantes de primeira geração que retornaram ao Líbano (Rede I- Libaneses), foi possível perceber duas posições: a primeira é em relação àqueles que apontaram que a readaptação ao Líbano não foi uma dificuldade, e a

segunda é daqueles que apontaram todas as dificuldades e implicações do retorno do ponto de vista de quase considerá-lo como uma nova migração.

Muitas vezes a readaptação foi apontada como qualidade pessoal (“eu acostumei fácil a viver aqui novamente”, **Amin, Rede I**; “não é difícil acostumar a viver aqui”, **Abdo Latif**); apenas uma questão de tempo (“um mês, dois meses, três meses você não se acostuma, claro, precisa de um ano para se acostumar de verdade...”, **Amin, Rede I**); e ainda facilitada tanto pela presença de pessoas já conhecidas (“os meus primos, os meus amigos, as pessoas com quem eu convivía estavam ainda aqui”, **Chebib**) como por voltar ao mesmo lugar:

“Para mim, sempre foi fácil tanto viver aqui quanto no Brasil. Eu me acostumo em qualquer lugar, não tenho esse problema. Para mim sempre foi a mesma coisa estar lá ou estar aqui, sabe por quê? Porque eu vou e volto para os mesmos lugares, onde estão as mesmas pessoas, onde as coisas ficaram como eu deixei. Eu acho que não modificou nada, nem lá, nem aqui, nem na ida, nem na volta. É tudo igual, isso que é bom.

E também a família está perto, tem casa, tem trabalho, tem tudo, então dá para viver tranquilo, não falta nada, graças a Deus.”

Fadel Mohamad Aboo Jokh (Rede I- 1ª Geração)

Para aqueles que consideraram que o retorno não significou nenhuma dificuldade, os argumentos utilizados para explicar esse fenômeno apontaram inicialmente o fato de se ter vivido pouco tempo fora do Líbano (em torno de cinco a seis anos)¹¹². A curta duração do período de imigração foi vista como uma vantagem, pois ao se ter estado fora poucos anos, a sensação foi de que “não foi muito tempo para sentir tantas mudanças” (**Chebib, Rede I**).

A questão do tempo de duração da imigração é um dos pontos cruciais. Para outros colaboradores, contrariamente, essa percepção de ter vivido muito tempo fora do seu país marcou uma distância evidente entre aqueles que foram e voltaram e aqueles que nunca saíram de seu país. O tempo vivido no Brasil assinalou a passagem para a vida adulta (responsabilidades, formação da família, construção de um patrimônio) e foi, invariavelmente, visto como o momento em que “a vida era boa”. Também o tempo para se adaptar à nova realidade foi visto como muito extenso, e às vezes também foi

¹¹² No capítulo 3 desta tese, abordo a problemática do retorno e seus impactos a partir das questões referentes ao processo de assimilação/integração. Para os autores que tratam desta questão, esse processo atinge maior ou menor intensidade, vinculadas ao tempo de duração da imigração: quanto menor o tempo de duração da imigração, maior possibilidade de reinserção; quanto maior o tempo de duração da imigração, mais dificuldades de readaptação ao país de origem.

um tempo que pareceu nunca chegar, pois se demoraram “anos para se acostumar”, “cada dia se arrastando como um mês”:

“Eu me senti muito mal aqui, no começo. Não sei, quando você fica fora um tempo, e depois volta, é duro para se acostumar de novo, aceitar essa situação. Eu sofri muito no começo, parecia que estava numa terra estranha e não em meu próprio país.”

Tony Toufic Kassouf (Rede I- 1ª Geração)

Para Tuan, a afeição pelo lugar também se dá em função do tempo, traduzida na frase do senso comum: “leva tempo para se conhecer um lugar”, mas:

...“sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar... Conhecer um lugar... certamente leva tempo.¹¹³

Contudo foi em relação às diferenças existentes entre as duas culturas (do Brasil e do Líbano) que outros argumentos para a readaptação foram construídos. Neste caso a questão ressaltada foi a dicotomia entre violência e tranquilidade existentes entre um e outro lado e, neste caso, o país de origem esteve à frente:

“Eu me senti muito bem voltando para cá, me acostumei logo a viver aqui, aqui é um sossego, ninguém mexe com ninguém, você vai tocando sua vida sem preocupação. Agora no Brasil não, é assalto a todo instante, é violência, dá muito medo...”

Abdul Majid Kadri (Rede I- 1ª Geração)

O retorno à terra natal também foi revestido de um sentimento nostálgico (estar na própria pátria: “aqui é a minha terra, por que não iria me acostumar?”, **Jamil, Rede I**), idílico (a pátria é o melhor lugar para se viver: “todo mundo que mora aqui gosta dessa terra. Aqui todo mundo vive feliz...”, **Abdul Majid, Rede I**) e idealizado, pois apesar da duração da ausência, o sentimento é de que nada mudou (“achei tudo gostoso quando voltei para cá, não senti diferença nenhuma, tudo estava a mesma coisa de quando a gente foi”, **Amin, Rede I**).

Para Sayad, esse sentimento nostálgico em relação à terra de origem se transfigura em

¹¹³ TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. SP: Difel, 1983, p. 203.

...efeitos de encantamento, e mais ainda, efeitos de sacralização e santificação: o país, o solo natal, a casa dos antepassados, e mais simplesmente a casa natal, cada um desses lugares privilegiados de nostalgia... tornam-se lugares sacralizados, lugares benditos, terras santas... tornados santos pela nostalgia.¹¹⁴

Assim como houve aqueles que apontaram as vantagens do retorno e as facilidades para a adaptação, para outros a realidade e a constatação do retorno foram bem diferentes, mas os argumentos para uma situação e outra foram basicamente os mesmos, pois

...o retorno é para o próprio imigrante, mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva; portanto, uma temática da memória que não é somente uma temática da nostalgia no sentido primeiro do termo, a algia do *nostos* (a dor do retorno, a saudade da terra), um mal cujo remédio se chama o retorno (*hostos*). A nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado descobre-se que ele não é a solução: não existe verdadeiramente retorno ao idêntico...¹¹⁵

Também para Todorov¹¹⁶, a experiência do exilado (exilado entendido como aquele que está fora de sua pátria, quaisquer que sejam os motivos), após certo período de ausência, pode ser traduzida como estar em “visita à própria casa”, reencontrando aquele que havia vivido e que esteve por algum tempo esquecido, ignorado. Os efeitos dessa ausência se fazem sentir quanto maior for sua duração e quanto maior for a dimensão da ruptura envolvida nessa ausência.

Avaliando a própria experiência, como a de outros que empreenderam o caminho do retorno, colocou-se em dúvida a realidade dessa readaptação, já que os vínculos continuaram ligados ao Brasil. Mesmo aquele que voltou e se restabeleceu só o fez porque, de alguma maneira, continuou associado às terras brasileiras:

“O libanês que acostumou no Brasil vinte, trinta, cinqüenta anos já é muito difícil de ele vir viver aqui, é muito difícil se acostumar aqui. Não acostuma. Em Loussi, tem muita gente que voltou do Brasil, estão todos daquele lado de lá. Eles vêm, fazem suas vilas, mas o serviço continua tudo lá no Brasil, só ficam aqui dois, três meses, passam férias e vão embora. Mas para ele vir morar aqui, acostumar aqui, eu acho muito difícil, isso aí é tudo mentira... Não acostuma, não acostuma.”

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

¹¹⁴ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno...” *op. cit.*, p. 12.

¹¹⁵ *Idem.*

¹¹⁶ TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. RJ: Record, 1999.

O retorno esteve ligado ao recomeço, a abandonar uma vida estabelecida e estável por outra difícil e insegura (“lá a vida era boa, os filhos estavam estudando, trabalhando, a gente estava vivendo muito melhor”, **Dbi, Rede I**), estabelecer a família, a casa, arranjar trabalho, da estaca zero, do mesmo modo quando se chega a outro país (“quando eu voltei foi como chegar de novo a outro país... Acostumar, estabelecer a família, arranjar trabalho...”, **Jamil, Rede I**) para enfrentar uma realidade que quando avaliada foi mal avaliada e se conclui que “não teve um dia que se viveu bem” (**Dbi, Rede I**).

Dessa forma, o retorno não é uma experiência de continuidade, no sentido em que se retoma o fio de uma meada anteriormente abandonada, bastando segurá-la e reatá-la ao que foi rompido. Não há continuidade porque não existe o retorno ao idêntico, a ruptura foi estabelecida com a partida e a volta não pode ser simplesmente uma retomada daquilo que se deixou para trás. É necessário então não retomar de onde parou, mas recomeçar de um ponto inicial, com ou sem recursos econômicos, com esposa e filhos, na família grande e na parentela, na mesma vila, no mesmo lugar mas, no que se torna a grande dificuldade, em outro tempo.

Voltar ao mesmo lugar de origem, retomar contato com as mesmas pessoas (parentes, amigos, conterrâneos), inserir-se na terra natal, nada disso foi visto como uma vantagem. Pelo contrário, apenas reforçaram as situações de distanciamento, estranhamento, diferenças, e a constatação de que a readaptação não foi nem uma realidade nem uma facilidade:

“Eu acho que para mim foi mais difícil me readaptar aqui no Líbano quando eu voltei, do que quando eu fui para o Brasil. Aqui é a minha terra, o lugar onde eu nasci, a minha família está toda aqui, mas não sei, não sei, não gostava daqui. Para mim cada dia vivendo aqui se arrastava como um mês, não tive um dia de tranqüilidade, de paz, como tinha no Brasil.”

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

A perspectiva apontada por Sayad em relação a esse estranhamento é traduzida como *elghorba*, o exílio, mas também no sentido de sentir-se estrangeiro, distante, aquele que esteve fora, e retornou depois de um período a seu lugar de origem, como se tudo houvesse ficado em suspenso:

Só se deixa o grupo para melhor reencontrá-lo; e, se possível, no mesmo estado, “tal como a eternidade o congelou”, fixou-o de uma vez por todas. Reencontrá-lo como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse mudado durante a ausência —é a

ilusão da qual se alimenta a nostalgia– e, sobretudo, como se ter partido por tanto tempo não houvesse mudado em nada o emigrante que retorna, no fundo, não para reencontrar, como imagina, as coisas como as tinha deixado, mas para se reencontrar a si mesmo, tal como era (ou acreditava ser) quando partiu: é desta outra ilusão que freqüentemente participa a decepção engendrada pelo retorno...¹¹⁷

Essa dificuldade foi vista pelos colaboradores como derivada do fato de ter estado fora da terra de origem, ter convivido com outras pessoas, ter conhecido e entrado em contato com outra cultura, com outro modo de vida, de modo que as influências recebidas no país de imigração não puderam ser apagadas no retorno. Readaptar-se no retorno à própria terra foi interpretado como uma dificuldade maior até que se adaptar a um país estranho (“tive mais dificuldade em me acostumar na minha própria terra do que em me acostumar lá no Brasil”, **Tony, Rede I**), embora não se soubesse identificar os motivos dessas diferenças (“o jeito do povo libanês”, “a vida muito diferente”).

O retorno tem sido acompanhado dessa maior ilusão: o reencontro com o tempo anterior à partida, do grupo e de si mesmo da forma como se deixou, como se nada tivesse se modificado, como se tudo tivesse ficado em suspenso durante o tempo que durou o processo migratório. Sobretudo, acreditou-se que o retorno iria possibilitar o reencontro consigo mesmo, como era ou se acreditava ser antes da emigração. Esse retorno significou tanto a concretização da nostalgia, com também pode significar a decepção pela impossibilidade dessa ilusão.

É o preço que se paga pela ausência da emigração, pois como afirma Sayad:

...não se habita impunemente outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.¹¹⁸

A constatação para os que retornaram é que algo se modificou, no entanto não se reconhece que essa modificação ocorreu antes consigo próprio. Não apenas mudaram os que ficaram, mas, sobretudo, aqueles que foram e voltaram estiveram sujeitos a maiores mudanças, uma vez que entrando em contato com outro modo de vida, com outra

¹¹⁷ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno...” *op. cit.*, p. 12.

¹¹⁸ *Idem*, p. 14.

cultura, e “tendo que viver na terra dos outros, entre eles e com eles, só se pode viver, mais ou menos aberta e profundamente, um pouco à sua maneira.”¹¹⁹

Pretendeu-se compreender esse retorno ainda, tanto para o migrante quanto para o seu grupo, como um retorno a si mesmo, a um tempo anterior à própria emigração, uma tentativa de retornar a um tempo passado, de se reintegrar ao tempo e ao espaço deixados para trás no momento da emigração e, sobretudo, de se reintegrar ao grupo que se deixou.

Voltar para o mesmo lugar não significou voltar para o mesmo tempo no tempo anterior à partida. Se, como afirma Sayad, o espaço é passível de ser percorrido sucessivamente, em tempos diferentes, num contínuo ir-e-vir, o mesmo não se pode constatar em relação ao tempo: o tempo é irreversível, pois não há como retornar ao tempo que passou. Da mesma forma, ao retornar não é mais possível encontrar o mesmo modo de vida, as mesmas pessoas e nem a si mesmo, como se imaginou que se deixou.

A mudança decorrente desse processo se fez sentir no retorno e na tentativa de se reintegrar ao seu país e ao seu grupo e, mais ainda, de se reconciliar consigo mesmo, com o que se deixou para trás. Mas a constatação foi bem diferente e a conclusão foi decorrente dessa avaliação: dificuldade, estranhamento, sofrimento, expressos em afirmações como “sentir-se mal”, “não se acostumar”, “achar tudo estranho”, denotando a não-aceitação da nova realidade. Apesar disso, como o retorno é, em muitos casos, irreversível, aceitar e readaptar-se à nova situação é a única possibilidade:

“Além do mais eu vivi muito tempo no Brasil para apagar isso da minha vida, da minha cabeça e do meu coração. Eu fui embora daqui com dezessete, dezoito anos, era moleque, não sabia nada da vida e aprendi a ser homem no Brasil, onde trabalhei, batalhei, formei minha família, sozinho... Quando voltei para cá, já era homem feito, com todas as responsabilidades de um pai de família. Então tem muita diferença de uma época e de outra.

Até parece estranho falar isso, mas quando eu vim para cá, parecia que eu tinha nascido de novo... Quando eu cheguei aqui, parecia que não conhecia ninguém, nem sobrinho, nem parente, nem nada... Eu juro por Deus, entrava num casamento, por exemplo, achava todo mundo estranho e parecia que eu era de outro mundo, sentava e olhava para o povo, um povo diferente para mim, e não reconhecia ninguém, nem nada... Nada, nada... Nada era igual à época que eu deixei...

Foi difícil então para eu me acostumar a viver aqui de novo... Nossa Senhora! Nos primeiros anos fiquei com a cabeça confusa, sem saber onde estava e o que estava fazendo aqui. Eu queria voltar, mas não dava, não tinha mais jeito nem

¹¹⁹ *Idem*, p. 19.

dinheiro para voltar novamente e começar tudo de novo... Então fui me acostumando a viver aqui ... Acostumei, tem que acostumar, né?

O que facilitou foi que já tinham bastante brasileiros morando em Ghazzi. Então eles vinham falar comigo português, aí comecei a arrumar amigos daqui, amigos dali, fala do Brasil, conversa, vai matando a saudade e, ao mesmo tempo, vai aprendendo a viver uma nova vida. Quando você percebe, o tempo passou e você já não estranha mais as coisas, vai se adaptando, até tudo ficar normal de novo..."

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

O retorno à terra natal foi idealizado num sentimento nostálgico, idílico, quase romântico, no entanto, sua concretização se revestiu de desilusão, decepção, de não-identificação com o lugar (a pátria, a terra natal idealizada), com as pessoas e com a imagem preservada de si mesmo. O projeto de retorno concretizou-se, mas é uma experiência melancólica:

A terra natal transforma-se em terra estranha, por uma dialética sutil do espaço e do tempo: Ulisses reencontrará, pois, sua Ítaca lá mesmo onde a havia deixado; mas o Ulisses de outrora, aquele que deixou sua ilha, ele não encontrará mais. Ulisses é agora um outro Ulisses, que reencontra outra Penélope. E Ítaca é também uma outra ilha, no mesmo lugar, mas não na mesma data. A viagem no espaço é uma viagem no tempo, e o ponto de chegada, o ponto fixo ansiado, não existe, deixando-nos à deriva... O deslocamento no espaço produz a ilusão da mudança, mas é no tempo que tudo muda.¹²⁰

O migrante guardou durante essa experiência a imagem de sua terra natal e para lá sonhou em voltar, e ainda que tenha se desiludido, a referência anterior do lugar existiu previamente. Mas qual era a imagem, a referência das gerações e dos não-descendentes em relação a esse lugar? Os demais membros desse processo de retorno não tinham a imagem de uma Ítaca registrada em suas memórias, não pretendiam reencontrar nenhuma Penélope nem tampouco estavam em busca de si mesmos, mas chegaram a um outro lugar e deveriam se adaptar.

É importante primeiramente perceber qual era essa imagem prévia à ida ao Líbano em comparação com a imagem construída na experiência do retorno. Para alguns membros da segunda geração, essa visão foi construída a partir de experiências anteriores em viagens de curta duração para conhecer a terra natal dos pais, ou em períodos anteriores em que se instalaram no Líbano. Em alguns casos a experiência foi positiva, levando ao desejo de mudança:

¹²⁰ MATTOS, Olgária. "A Melancolia de Ulisses: a dialética do Iluminismo e o canto das sereias". In: CARDOSO, Sérgio (et alli). *Os sentidos da paixão*. SP: Cia das Letras, 1987, pp. 154-155.

"Eu adorei essa viagem apesar de não falar uma palavra árabe, de não conhecer ninguém nem nada por aqui. Eu me encantei com o Líbano, achei um país muito bonito, gostei da maneira de ser do pessoal, das festas, de tudo enfim, tudo mesmo. Achei que aqui era tudo muito diferente do Brasil, e me senti tão à vontade que parecia que eu já era parte dessa terra, como se eu fosse um pedaço daqui, entendeu? Eu me encontrei nessa viagem..."

Alia Chahine (Rede II- 2ª Geração)

Para outros, a experiência foi negativa levando à necessidade de reconstrução dessa imagem para a efetivação do retorno em outro momento:

"...a idéia que eu tinha do Líbano era aquela da minha infância, de quando eu vivi aqui dos sete aos dez anos de idade. Naquela época nós moramos numa casa que não tinha luz, não tinha água, não tinha banheiro, então eu tinha uma imagem daqui muito ruim, entendeu?

Como meu marido sabia que eu tinha uma má impressão daqui, antes de a gente começar a construir o prédio, ele me incentivou para que eu viesse para cá passar um tempo. Eu não queria, não queria, mas acabei vindo... Parecia que eu estava indo para um enterro, e não para uma viagem. Aí eu vim e fiquei uns cinco meses na casa da minha sogra, que é minha tia. Até que foi gostoso, já tinha água, tinha luz, vim com dinheiro para me divertir, não era como aquela imagem que eu tinha guardado da minha infância."

Aishe Barakat (Rede II- 2ª Geração)

Para a maioria ir ao Líbano não significou ter uma noção prévia do que era o lugar, não havia uma imagem construída, muito menos uma expectativa, mas para outros já existia uma visão preconcebida e construída a partir de informações obtidas pela mídia televisiva, pelo cinema ou pelo noticiário.

Neste caso, essa visão era negativa, associada aos conflitos, à violência:

"Eu tinha uma idéia péssima do Líbano, tinha a impressão que o pessoal vivia aqui no meio das bombas explodindo a toda hora... Eu lia e ouvia as notícias no jornal e não entendia nada do que acontecia nessa terra, a gente nunca entende que lugar que é ou que não é, quando você não está vivendo nesse lugar... Parece tudo igual, uma confusão só!"

Eni Aparecida de Souza (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Ou ainda era uma visão que ressaltava a diferença como algo exótico:

"Além disso, tinha uma idéia totalmente diferente do Líbano... Achava que era um lugar que se falava enrolado, que se comia com a mão, que se vivia em tendas, porque essa era a imagem que eu via na televisão, nos filmes, nas novelas... Tinha uma idéia totalmente diferente..."

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Entre o lado negativo e o lado exótico veiculado pela mídia, existe uma imagem mais condizente com a realidade vivida, que poderia ser melhor divulgada por esses meios de comunicação, ressaltando a tranquilidade e as vantagens de se viver no Líbano, como analisou uma colaboradora:

"No Brasil as pessoas têm uma imagem que aqui é guerra o tempo todo e não é isso, acho que é capaz de morrer mais gente no Brasil do que aqui com todos esses problemas. Eu acho que isso é culpa da televisão que só mostra o lado negativo, as catástrofes, as coisas ruins que acontecem na Palestina, no Irã e no Iraque. Por que não mostram como o país é bonito e quantos brasileiros vivem bem no Líbano?"

Fátima Zeitoun (Rede II- 2ª Geração)

Tanto para os que conheciam o país anteriormente quanto para aqueles que não tinham noção do que iriam encontrar, ou tinham uma noção equivocada, a concretização do retorno levou à efetivação de uma imagem, não mais à distância, mas construída pela experiência. O Líbano não era mais o país de uma experiência anterior, da infância e da adolescência, nem tampouco o país que se "ouviu falar", mas se tornou o país, que abriga outra cultura, e para onde se retornou para se viver.

A primeira constatação, sobretudo para a terceira geração, é que são dois lugares diferentes e dicotômicos: o Líbano é o oposto do Brasil em termos territoriais (o Líbano é um "pinguinho no mapa", "uma estrada do Brasil", "um fim de mundo", enquanto o Brasil é "grande", "imenso"), em desenvolvimento ("está no mesmo lugar", "nunca cresce"), em atraso ("aqui é interior, interior do Líbano, sabe o que é isso?"). Para estes jovens, que se reconheciam como urbanos e tiveram que se integrar ao meio rural, o estabelecimento no lugar foi traduzido como um retrocesso, levando à decorrente dificuldade de adaptação:

"...odiei esse lugar desde o primeiro momento em que pus os pés aqui... Aqui é interior, é fim de mundo... Quem viveu em São Paulo e vem viver aqui em Ghazzi não tem como se acostumar... É totalmente diferente, é outra vida, é outro mundo..."

Eu queria ter voltado para o Brasil na mesma hora, mas meus pais não cumpriram a parte deles no nosso acordo... Foram brigas e mais brigas aqui, porque eles não cediam e eu não aceitava essa mudança definitiva e radical na minha vida...

Foi difícil me adaptar a viver aqui... Não só para mim, mas também para os meus irmãos e mesmo para os meus pais..."

Daniel Ahmad Rajab (Rede III- 3ª geração)

Para os jovens, essa dificuldade de adaptação ao lugar deveu-se às questões relacionadas tanto à falta de perspectivas (de estudo, de profissão) mas também de lazer, diversão e ocupação do tempo ocioso, apontados como fatores de limitação, que reduzem seus interesses e conversas a assuntos de adultos. Segundo Masne¹²¹, a questão do retorno dos jovens de segunda ou terceira geração está relacionada a uma expectativa de voltar, de aceitar essa volta e permanência, mas com a condição de encontrar “lá” (no caso, o Líbano) o que se tinha “aqui” (no caso, o Brasil).

Heller associa experiências cotidianas e tempo de lazer. Segundo a autora, “são partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazes e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação¹²²”.

Os jovens, e mesmo os colaboradores de outras redes, apontaram justamente a “falta do que fazer” no tempo livre, devido à ausência de espaços e atividades de lazer, “lugares para ir, sair, passear”, carência de “diversão, passeios”, inexistência de “cinemas, shoppings, barzinhos” nos vilarejos, levando à avaliação de que no Brasil “tem mais opção de diversão”, “tem Playcenter, tem Hopi Hary”, a vida é “mais alegre e divertida”, em oposição à monotonia, à mesmice do dia-a-dia, à passagem do tempo sem que se dê conta (“você não sabe qual é o dia da semana, não tem diferença entre a segunda-feira e o sábado, um dia é igual ao outro, você não sabe qual é o mês ou dia do mês”):

“Aqui a vida não é fácil, principalmente para quem vem de fora como nós, para quem já estava acostumado a outro tipo de vida. A vida aqui não é como no Brasil, aqui quase não tem nada para se fazer, não tem diversão, não tem shopping, não tem lugares para passear. O Líbano é como um interior, um interior que não tem nada para se fazer. Aqui não tem muitas coisas legais, eu trabalho o dia inteiro e chega ao fim do dia você quer sair, não tem lugar para você sair, não tem festas, nada. Se você não está trabalhando, está em casa, ou vendo televisão que não entende nada, ou dormindo. Viver aqui é como estar numa cadeia, num país de quatro paredes...”

Não é como no Brasil. No Brasil qualquer hora você sai, qualquer hora tem festas, tem quermesses, tem diversão, tem seus amigos que gostam das mesmas coisas. A diversão no Brasil é mais fácil: futebol, pipa, bate-papo, brincadeiras saudáveis, muitas coisas legais mesmo de diversão. Tudo o que você fizer, você se diverte, entendeu? Lá você faz mil coisas e sente que as coisas estão acontecendo, o tempo passa mais rápido. Aqui você não sente o tempo passar, não sente se ficou velho e se já virou vovô... O Brasil é muito mais legal que aqui, é um paraíso...”

Samir Ahmad El Kadri (Rede III- 3ª Geração)

¹²¹ MASNE, Henri le. *Le retour des emigres algeriens: projets et contradictions*. Paris: Office des Publications Universitaires- El Djazair, Centre d' Information et d'etudes sur les Migrations, 1982, p. 95.

¹²² HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. SP: Paz e Terra, 2004, 7ª ed, p.18.

Lefor e Nery consideram que este descompasso entre o que há no país de migração (no caso, em referência à França) e o país de origem para o qual se retorna (no caso, em referência à Argélia) se expressam nas diferenças de ofertas culturais, que os jovens retornados devem enfrentar na nova e dura realidade: “eles sentem falta da vida cultural: há poucos cinemas, falta de clubes esportivos, etc, somente há a televisão, não importam se na mais baixa classe social ou na mais distante área rural”. O retorno ao país de origem de seus pais é interpretado por esses jovens como “voltar para trás”¹²³.

É uma diferença estabelecida também em termos dos espaços rural e urbano. Para Certeau, “o bairro urbano é o lugar de uma aprendizagem social decisiva que, ao mesmo título que a vida familiar, escolar ou profissional, introduz, de maneira particularmente poderosa, a aprendizagem da vida cotidiana”¹²⁴. Vivendo atualmente em vilarejos, esses jovens idealizaram a vida urbana, o espaço da cidade, como um espaço de “operações de múltiplas lógicas: consumo, espetáculo, passeio, descoberta...” Freqüentar shoppings, supermercados, centros comerciais, estabelecimentos típicos das grandes cidades traduzem-se como visitar “uma terra exótica onde pode passar alguns bons momentos, onde podem ‘instruir-se’ sobre aspectos da modernidade”. Não freqüentá-lo é render-se ao atraso, ao provincianismo, é como “parar no tempo” e não viver a modernidade. Freqüentá-lo é a “permissão de sonhar sempre mais com uma outra vida, com um outro lugar...”¹²⁵,

“...(noBrasil) eu sempre saía, se eu quisesse ir para um restaurante, ir para um shopping eu ia, se quisesse comprar uma coisa, comprava... Aqui tem mas não é como lá, aqui tudo é longe, lá é muito mais fácil do que aqui... No Brasil até se a gente vai para o supermercado se diverte...”

Márcia Elisa Fermiano (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Em oposição à vida urbana idealizada, as opções nas aldeias para os jovens libaneses e para aqueles vindos de fora têm se limitado às atividades como jogos de “bilhar”, “baralho” e “computador”¹²⁶; a “caçar”; a manter assuntos referentes às

¹²³ LEFOR, François e NÉRY, Monique. *Émigré dans mon pays: des jeunes, enfants de migrants, racontent leurs expériences de retour en Algérie*. Paris: L'Harmattan, 1984, p. 175.

¹²⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 165, vol. 2.

¹²⁵ *Idem*, pp. 153-156, passim.

¹²⁶ Os computadores têm chegado às vilas do Vale do Bekaa, nas casas de quem possui poder aquisitivo, mas também nas *lan houses*, casas de jogos virtuais ligados em rede, que cobram por hora por essa forma de diversão. Esses locais também oferecem outras atividades como acesso aos programas de computador, à internet, contas de e-mails, MSN, Orkut, suprimindo as necessidades de quem não possui seu próprio

atividades de plantio e colheita; a hábitos de “fumar, tomar chá e café”; à opção pelo casamento cedo como forma de ocupar o tempo e escapar ao tédio e à monotonia.

Para dois irmãos, ele solteiro e ela casada, temos a seguinte avaliação:

“A vida de um jovem aqui é muito limitada, sem oportunidade e sem perspectiva nenhuma. Um dia é sempre igual ao outro, não tem diferença entre a semana e o final de semana. Aqui se trabalha o dia inteiro e à noite a única diversão é ir para o bilhar ou para o computador. O papo deles é sempre o mesmo: o serviço, o que vai plantar, quando vai colher, quando vai caçar, quando vai catar passarinho... O nosso papo, dos brasileiros que vivem aqui, é o futebol, a mulherada, ir para Zahlé ou para Beirute para paquerar...”

Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

“A diversão da gente acaba sendo jogar baralho, tomar chá e café, fumar no inverno, e no verão ir para os casamentos... Aqui no verão eles casam demais, nunca vi lugar para casar tanto. A semana toda tem casamento para você ir... Então é essa diversão que salva aqui.”

Sana Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Essa decepção e não adequação ao lugar foi traduzida também como uma experiência de tédio, monotonia e desolação, para os colaboradores de outras redes:

“Eu vivo nas montanhas, então tenho dificuldade até para me locomover, porque tudo tem que ser feito de carro e eu não sei dirigir. Essa paisagem que eu vejo da minha janela pode parecer grande coisa, mas para mim não significa nada, porque eu estou cansada de ver montanha, montanha, montanha, em todo lugar... No começo você vem, fica dois, três meses, acha tudo lindo, mas depois você acostuma com essa paisagem e cansa...”

Para mim, que sou nascida no litoral, sofro mais ainda... Lógico que a praia faz falta... Eu ia à praia, andava na areia, tomava água de coco, via gente, era uma terapia... Você anda aqui no verão não tem muita gente, no inverno, então, não tem ninguém na rua... O médico falou para mim que eu tenho que andar uma hora por dia, e eu vou andar onde com esse frio horrível, nessas montanhas? Vou sair para onde? O lugar onde eu vivo é difícil e tem dia que eu tenho vontade de sumir...”

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Ou ainda como uma experiência positiva, destacando-se as vantagens da vida do interior, e da tranquilidade, da rotina e da monotonia vistas como pontos positivos do local, em oposição ao ritmo frenético das grandes cidades:

equipamento. Da mesma forma, essas novas formas de comunicação virtual também têm contribuído para que esses jovens mantenham contato com amigos e parentes no Brasil.

"Aqui a gente tem uma vida de interior, todo mundo se conhece, todo mundo se respeita, quando você passa na rua você fala: 'eu sou filho do fulano de tal', e todo mundo já sabe quem você é. A vida aqui não é ruim, tem todo tipo de conforto, tem de tudo o que a gente precisa e eu posso ir a qualquer lugar sem me preocupar, sem medo de nada.

A gente se acostuma com a vida pacata daqui... É uma vida pacata mesmo, sossegada, um dia igual ao outro. Não tem aquela correria que tem no Brasil. Eu me lembro que lá, às vezes, passava o dia inteiro na rua, tinha que ir ao banco, ao supermercado, precisava ir ao dentista, levar e buscar as crianças à escola, ao inglês, juro, era uma loucura! Aqui não, os pequenos vão a pé para a escola e os maiores vão de transporte escolar, é mais fácil a vida, por isso eu gosto daqui."

Fátima Zeitoun (Rede II- 2ª Geração)

Às vezes a experiência com o lugar é avaliada como uma completa incapacidade de compreensão ou, mais ainda, de aceitação da realidade:

"Não dá para entender o que esse povo veio fazer aqui... O que todos nós viemos fazer nesse lugar?"

Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Santos que afirma que

...vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação¹²⁷.

Embora os colaboradores desta pesquisa não tenham vindo para a cidade grande, mas sim da cidade grande para os vilarejos do interior do Líbano, a experiência é similar: o sentimento de alienação ao lugar é a constatação mais evidente para esse desajustamento, ou "desterritorialização... uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização"¹²⁸ como estabelece Santos.

Para Grinberg e Grinberg¹²⁹, o contato com o novo lugar é vivido como uma experiência de dissociação, que pode se expressar em dois opostos: ou se valoriza em demasiado o novo lugar, desvalorizando por oposição o lugar de origem, numa tentativa prematura de integração à nova realidade e de não se evocar as perdas sofridas, ou inversamente, o lugar de origem é carregado de todas as virtudes e qualidades ao passo

¹²⁷ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. SP: Hucitec, 1999, 3ª ed., p. 263.

¹²⁸ *Idem*, p. 262.

¹²⁹ GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza, 1984, pp. 19-20.

que o novo lugar é revestido de uma carga negativa e defeituosa. Não importa qual seja a dissociação, mas é claro que se expressa na dicotomia bem/mal, e que é um mecanismo de defesa na dura adaptação à nova realidade.

De acordo com essas experiências vividas pelos colaboradores de cada rede, é possível destacar que o retorno ou é visto como uma decisão consciente, como aponta Christou,¹³⁰ pois os descendentes escolheram retornar para a terra ancestral de seus pais ou avós, ou como uma imigração de fato, como aponta Matos,¹³¹ posto que nasceram e viveram a maior parte de suas vidas em outro país. De toda forma, os que retornaram espontaneamente, ou levados pelos projetos dos pais, pretendiam encontrar no país de retorno (Líbano) o que se tinha no país de nascimento (Brasil).

Masne afirma que “para os jovens o retorno é como uma partida”, e se essa experiência é sentida como um choque, surpresa ou decepção é porque, de certa forma, “eles conhecem a desvantagem, o que eles vão perder: para partir é preciso renunciar a certas coisas (...) a deixar um pouco no caminho”.¹³²

O Líbano não é a terra encantada, não é a terra prometida, não é a terra guardada em sonhos, mas torna-se a terra real para os que retornaram, e adaptar-se a essa nova realidade é condição *sine qua non* de sobrevivência, seja qual for o grupo geracional.

Santos é categórico em relação à necessidade de adaptação à nova realidade após o impacto, espanto e atordoamento das experiências iniciais com o lugar. Cabe ao homem no novo lugar reaprender o que não lhe foi ensinado, substituir a ignorância pelo conhecimento, enfrentar o desconhecido e torná-lo familiar, abrir mão do passado e enfrentar o futuro:

...digamos que o passado é um outro lugar, ou, ainda melhor, num outro lugar. No lugar novo, o passado não está; é mister encarar o futuro: perplexidade primeiro, mas, em seguida, a necessidade de orientação. Para os migrantes a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criadas em função de um outro meio, e de que pouco lhe serve para a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficam para trás e nova residência obriga a novas experiências. Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigado a esquecer seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina. Cabe-lhes o privilégio de não utilizar de maneira pragmática e passiva o prático-inerte (vindo de outros lugares) de que são portadores.¹³³

¹³⁰ CHRISTOU, Anastásia. “American Dreams and European Nightmares: experiences and polemics of second-generation Greek-American returning migrants”. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 32, nº 5, Academy for Migration Studies in Denmark, University of Aalborg, 2006, pp. 831-845.

¹³¹ MATOS, Isabel Aires de. “Integração escolar de minorias étnicas e de luso-descendentes em situação de retorno”. *Milenium*. Viséu: Revistas da ISPU, nº 83, out. 97, ano 2, trimestral, paginação irregular.

¹³² MASNE, Henri le. *Le retour des emigres algeriens...* op. cit., p. 95, passim.

¹³³ SANTOS, Milton, op. cit., p. 263.

A constatação é sempre da mesma natureza: primeiro a dificuldade de adaptação (“foi difícil me adaptar a viver aqui”, “você sofre muito para se adaptar”, “a gente tem que aprender muito e se adaptar a muitas coisas”, “tudo é uma questão de adaptação”, “tem que se adaptar senão vai ser infeliz o resto da vida”) acompanhada da necessidade de adaptação (“eu procurei me adaptar”, “a gente vai se acostumando a viver aqui”, “eu me sinto bem adaptada”, “consegui me adaptar bem aqui”, “o jeito é acostumar, por bem ou por mal”, “fui aprendendo a viver aqui”, “me acostumei com a vida daqui”), até se concluir que se adaptar é um fato inexorável (“não tem jeito”, “tem que se adaptar”, “vai fazer o quê”).

Além disso, considera-se que aquele que veio de fora, que vive num “país estranho”, num “país que não é o nosso”, deve adequar-se à nova realidade, ao novo modo de vida, às mudanças, numa atitude traduzida como “viver como eles”, “seguir o modo de vida deles”, “dar o braço a torcer”, “baixar a crista”, “entrar na linha”, como remédio para a infelicidade e o sofrimento:

“Eu não sou revoltada por estar aqui, eu acho que Deus me deu esse lugar de presente, onde eu estou vivendo feliz... Eu já me acostumei a tudo, a viver como eles vivem, a agir como eles agem, eu entrei na linha deles mesmo, então eu convivo bem com todo mundo e não me sinto estranha aqui, graças a Deus...

Não é que eu queira me gabar, mas eu tento entender e respeitar todo mundo como cada um é, o jeito de cada um. Se eu ficar pensando em outras coisas, nas coisas que ficaram para trás, eu não vou conseguir me adaptar nesse país, com as pessoas, com nada... Muitos brasileiros que vivem aqui, filhos de árabes como eu, me perguntam se eu não sinto falta disso ou daquilo, e eu digo que não. Se a pessoa está vivendo aqui, ela tem que saber que vai ter que conviver com essa realidade, vai ter que se adaptar com o que ela tem aqui, e não com o que ficou lá do outro lado. É ela que tem que se ajudar...

A pessoa tem que estar consciente que ela não vai mais voltar para o Brasil, que ela vai ter que se adaptar aqui, vai ter que viver como todo mundo vive aqui, porque é aqui que ela está, então isso é uma coisa que as pessoas têm que entender... Se você não tem outra opção, tem que aceitar a realidade como ela é, a gente tem que viver com a nossa realidade, você tem que se acostumar no lugar que está, senão nunca vai sair do lugar, vai viver sempre se lamentando e sofrendo. Já que não tem outra opção, então vamos tentar conviver com o que está ao nosso redor, vamos ser felizes aqui, vamos viver a vida aqui. Você não vai voltar, esquece isso...”

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

Heller afirma:

A assimilação espontânea das normas consuetudinárias dominantes pode converter-se por si mesma em conformismo, na medida em que aquele que as assimila é um indivíduo sem “núcleo”; e a particularidade que aspira a uma “vida boa” sem conflitos reforça ainda esse conformismo com sua fé.¹³⁴

Mas para Santos, essa relação com o novo ambiente não é conformismo, é um processo dialético “como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura, e mudando o homem”. Nesse processo de mudança, que é um processo de síntese, “a alienação vai cedendo ao processo de integração e entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida”.¹³⁵

Entre as dificuldades e as facilidades para a adaptação, aponta-se o fato da idade como um fator fundamental, pois quanto menos idade menos experiências, menos ligações emotivas com o lugar. Ir criança para o Líbano é a melhor receita para a adaptação, que se torna natural e menos traumática:

“Quando a gente é criança e muda de um país para outro não consegue perceber as dificuldades e não sofre tanto, eu não sabia e não tinha noção de nada do que estava acontecendo. Para mim aquela mudança foi como uma festa, uma coisa ótima, como se eu estivesse usando uma roupa nova. Parecia que estava de férias num lugar legal, divertido, onde tinha liberdade de brincar na rua, sem nenhum medo ou preocupação.

Eu vim sabendo que não iria voltar, que seria uma mudança definitiva, que não iria mais ver as minhas amiguinhas, mas eu iria conhecer novas pessoas no Líbano, iria fazer novos amigos e iria gostar das pessoas do mesmo jeito que gostava das pessoas que conhecia no Brasil. Para mim era como se eu sempre tivesse morado no Líbano, não sentia nenhuma diferença, não tinha dificuldades com os costumes ou com o jeito de ser do pessoal, porque eu já fui me acostumando desde os primeiros dias. Essa é a grande vantagem de ser criança, sofre menos ou nem sofre.”

Monira Mohamad Abou Jokh (Rede III- 3ª Geração)

Outro fator apontado como facilitador do processo de adaptação é a presença da rede social formada pela comunidade de retornados, identificada genericamente como a presença de brasileiros. Estar entre os “iguais”, contar com esse apoio, “ter muita gente que veio do Brasil”, sentir-se “em casa”, pela questão da possibilidade de se comunicar em português, de ter os mesmos costumes, o mesmo modo de pensar e de agir, tem

¹³⁴ HELLER, Agnes, *op. cit.*, p. 38.

¹³⁵ SANTOS, Milton, *op. cit.*, p. 263.

tornado a adaptação um processo menos doloroso e o retorno, como um todo, também menos traumático:

"O fato de terem muitas brasileiras aqui ajuda muito na nossa adaptação. Se não fosse isso eu acho que iria ficar perdida, me sentiria uma verdadeira estrangeira. Aqui não dá para se sentir estrangeira porque se estiverem dez pessoas conversando, pelo menos cinco são brasileiras, e a maioria conversa português. Então você nunca está desenturmada, tem sempre alguém para te ajudar, entendeu? "

Alia Chahine (Rede II- 2ª Geração)

Da mesma forma, a ausência desse apoio corrobora sua vantagem:

"O primeiro ano que passamos aqui até que foi bom, posso até dizer que foi ótimo, porque eu encarei como umas férias mais longas. Quando eu vim, a gente estava em vinte e três brasileiros que já se conheciam no Brasil. Eram dois times de futebol completos só de brasileiros e todo mundo gostava de jogar contra a gente... Vinha gente para jogar contra, vinham as meninas para torcer... Parecia que era a Seleção Brasileira que estava jogando... Aí, depois que o pessoal foi embora, eu caí na real... As férias tinham acabado e viver aqui o tempo todo era outra história, bem diferente..."

Daniel Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

A adaptação também foi vista como decorrente de outro fator: o desenraizamento, numa ruptura com um cotidiano que é familiar, que é o pequeno mundo no qual cada um de nós, cada indivíduo, se insere, se identifica e se sente protegido por aquilo que lhe é conhecido e familiar. Para Bosi¹³⁶, o enraizamento constitui-se na necessidade mais importante da alma humana, enquanto o desenraizamento é a doença mais perigosa que atinge o indivíduo e sua cultura. Já para Todorov,¹³⁷ o desenraizamento é uma experiência positiva, que se traduz como um processo de "desculturação" (perda da cultura de origem) e "aculturação" (aquisição progressiva de uma nova cultura), que se conclui na "transculturação" (aquisição de um novo código, preservando o antigo).

Transculturado, o indivíduo passa pela experiência do desenraizamento:

O homem desenraizado, arrancado de seu meio, de seu país, sofre em primeiro momento: é muito mais agradável viver entre os seus. No entanto, ele pode tirar proveito de sua experiência. Aprende a não confundir o real com o ideal, nem a cultura com a natureza... Às vezes ele fecha-se em ressentimento, nascido do

¹³⁶ BOSI, Eclea. *O tempo vivo da memória*. SP: Ateliê, 2003.

¹³⁷ TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. RJ: Record, 1999.

desprezo ou da hostilidade dos anfitriões... Sua presença entre os “autóctones” exerce por sua vez um efeito desenraizador: confundido com seus hábitos, desconcertado com seu comportamento e seus julgamentos, pode ajudar alguns a engajar-se nesta mesma visão de desligamento com relação ao que vem naturalmente através da interrogação e do espanto.¹³⁸

Todorov afirma que é no retorno que o indivíduo se dá conta de que vive uma vida entre duas culturas, entre duas sociedades, entre dois mundos. A percepção que se tem é que se é parte das duas culturas ao mesmo tempo e não se é parte de nenhuma delas, efetiva ou integralmente. Ao mesmo tempo em que se quer negar o tempo vivido fora de seu próprio país, quer-se reintegrar-se a ele como se o tempo não tivesse passado, como se pudesse negar o tempo passado fora do país, vivendo em outra cultura. Deseja-se ser reconhecido e aceito pelo grupo e reconhecer e aceitar o grupo, como se nada tivesse ocorrido durante o tempo de ausência, quase como a negar que a ausência de fato ocorreu. É uma necessidade de sentir-se parte do lugar, do grupo e da cultura, em suma, busca-se a condição de pertencimento.

Voltar depois de um período de ausência assemelha-se à experiência do estrangeiro em visita a um outro país. Vive-se a experiência de ser visitante em sua própria casa, pois o familiar torna-se distinto, e ocorre a mudança de posição: de *insider* para *outsider*. É de fora que se olha para aquilo do qual se fez parte, ao qual se pertenceu. De fora, tudo se torna diferente, distante, estranho. De fora, já não se é parte daquilo que, um dia, foi familiar.

Said¹³⁹ traduz essa experiência como estar “fora do lugar”, decorrente de um deslocamento experimentado por si próprio, familiares e amigos, num contexto político específico¹⁴⁰. Estar “fora do lugar” implica assumir uma condição de estrangeiro, de forasteiro, de alguém que não se sente em casa em lugar algum, de se ver “fora do lugar” em todos os sentidos, de estar dividido entre o lá e o aqui, entre o antes e o agora.

Nesse aspecto vale observar três percepções femininas em cada rede:

“O que me fez acordar e aceitar essa mudança foi ter ido para o Brasil assistir ao casamento do meu irmão, e perceber que eu já não me sentia mais parte daquele lugar. É estranho, mas eu tinha a sensação de não ser mais parte daquilo, os meus filhos estavam aqui, a minha vida estava aqui. Eu falei: quero voltar, lá é o meu lugar! Quando se acostuma, não se troca o Líbano por nada...”
Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

¹³⁸ *Idem*, p. 27.

¹³⁹ SAID, Edward. *Fora do Lugar*: memórias. SP: Cia das Letras, 2004.

¹⁴⁰ A criação do Estado de Israel, em 1948, em território palestino.

"É sempre difícil deixar a terra da gente, viver em outro país com costumes tão diferentes, mas quando o tempo vai passando a gente se sente bem adaptado e só se dá conta disso quando está longe daqui."

Maria de Lurdes Rocha (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"É uma coisa complicada nunca ter vivido em um só país, você se sente o tempo todo dividida porque não consegue mais morar num só lugar, você mora aqui mas está pensando lá, você está lá mas está pensando aqui... Era para ficar só dois meses nessa viagem ao Brasil, mas acabei ficando oito meses ao todo.

Quando cheguei aqui, já senti de novo muitas diferenças... As amizades que eu tinha já não eram as mesmas, umas porque eu tinha perdido, muitas que estavam casadas se separaram, as solteiras casaram, muitas se distanciaram... Eu talvez tenha me distanciado, porque eu também sou ser humano, também mudei... Quando eu ia aos lugares me sentia um peixe fora d'água, odiava as pessoas, os lugares, e pensei comigo como eu tinha conseguido morar no Brasil por seis anos... Novamente eu queria ir embora para o Líbano, já estava me sentindo melhor nesse país por ter feito amizades, por ter um projeto de voltar a estudar.

Engraçado que antes de ir para o Líbano, em 2002, fui para a Venezuela a passeio com uma tia. Fazia seis anos que eu tinha ido embora de lá, tinha curiosidade de ver como estava o país, as pessoas, o que mudou, como ficou, porque eu estava mais madura, já tinha um senso mais crítico, e queria saber se aquela imagem que eu tinha da Venezuela correspondia à realidade ou não.

Eu odiei lá, odiei, achei tudo um tédio, isso porque eu fui para passear, imagina pra morar lá, já pensou? Não tinha o que você fazer, entendeu? Os lugares que você poderia ir não tinha companhia, primeiro porque as minhas amigas estavam todas casadas, outras mudaram de cidade, muitas pessoas eu nem conhecia... Eu pensava assim: 'meu Deus, como morei seis anos nesse lugar sem fazer nada?' Não sei, parece que quando você sai de um lugar e volta depois, tudo fica diferente, tudo muda. Eu mudei..."

Monira Mohamad Abou Jokh (Rede III- 3ª Geração)

A constatação da diferença, da mudança, da transformação, da adaptação ao novo lugar e do não pertencimento ao lugar de origem só se sente no distanciamento, físico e temporal. A mudança só é percebida no outro lugar ou no lugar do outro e este lugar não é bilateral, Brasil e Líbano, podendo envolver também outros destinos para onde se deslocam essas pessoas.

Além desses aspectos, outro fator apontado na questão da adaptação no Líbano refere-se à diferença do grau de adaptação: segundo as brasileiras não-descendentes, as dificuldades foram muito maiores para elas, que tiveram que se adaptar não só a um novo lugar e a um novo cotidiano, como também a uma nova cultura (sobretudo na questão do domínio da língua e da conversão a uma nova religião), aspectos pelos quais não passaram as descendentes, que foram ao menos criadas nesse ambiente cultural. Ainda segundo essas mulheres, as brasileiras são mais "flexíveis", "aceitam tudo",

“procuram aprender e se acostumar”, “fazem de tudo para serem aceitas”, “não querem chamar a atenção”, enquanto as descendentes são “cabeças duras”, “teimosas”, “não querem abrir mão de nada, acham que ainda estão no Brasil e podem exigir as mesmas coisas que tinham lá”.

A necessidade de adaptação foi vista como uma forma de se viver bem com a população local, como também a melhor maneira de garantir que os filhos também fossem aceitos, considerados como árabes e não mais como estrangeiros, brasileiros ou filhos das brasileiras. A adaptação e a aceitação das crianças na comunidade passaram antes pelas mães, como bem observaram essas mulheres:

“Uma coisa que eu acho que todo mundo tem que reconhecer é que existe uma grande diferença entre brasileiras legítimas como eu e as brasileiras filhas de árabes. A diferença é que a brasileira largou suas raízes, sua família, sua vida, seus costumes, sua religião e veio para o Líbano para viver com o seu marido, e a filha de árabe quando vem para o Líbano já tem a mesma raiz, os mesmos costumes, sabem a língua e a religião...

Acho importante mostrar que é a brasileira que larga tudo para viver aqui, mas quem sofre mais para se adaptar, por incrível que pareça, é a filha de árabe... Sabe por quê? Porque é cabeça dura, porque ela tem os costumes deles e quer enfrentar esses costumes... Como ela foi criada lá no modo brasileiro, no modo árabe com costume brasileiro, quando chega aqui não quer saber dos costumes árabes, ela luta contra... Ela sofre porque não aceita a origem dela, não quer andar de acordo com os costumes... Ela gosta de ser brasileira, quer ser brasileira...

As brasileiras, como eu, se adaptam mais e melhor do que a filha de árabe, não tem nem comparação... Eu, por exemplo, quero viver de acordo com o país, como o lugar manda e não do jeito que eu quero viver... Eu quero viver bem com todo mundo, eu é que estou aqui e acho que eu é que tenho que viver do jeito deles, como todo mundo vive, porque se eu me vestir diferente, tiver costumes diferentes ou fizer coisas diferentes aqui, eu não vou ser aceita... E eu quero ser aceita no país onde estou vivendo...”

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Para as brasileiras não-descendentes existe uma gradação na capacidade de adaptação: as descendentes sofreram menos, justamente porque tiveram esse suporte anterior, que são o conhecimento da língua e a prática da religião, os costumes e as tradições, condições que faltaram para as que não são descendentes. Mas, por mais paradoxal que possa parecer, a resistência à adaptação, a aceitação do modo de vida árabe, têm ocorrido por parte das descendentes, que são “cabeças-duras”, que querem “ser brasileiras”, que negam “a origem”. As brasileiras não-descendentes aceitam as

novas regras, porque querem ser aceitas por todos e, para isso, têm se adaptado mais e melhor.

Viver no Líbano é viver entre os iguais, como todos vivem, da forma como vivem; com o mesmo modo de ser, de viver, de agir; de acordo com as regras, as normas e os valores instituídos; com as mesmas crenças e tradições. Para ser bem aceita, é necessário viver como uma “árabe de verdade”, na família e na comunidade.

6.2 O Papel da Família no Processo de Adaptação

Tratar da migração e do retorno é trazer à luz as discussões referentes às contradições, conflitos, problemas engendrados por esse processo, bem como os seus modos de superação, mas este processo e estas discussões devem ser compreendidos num contexto mais amplo que é o da família. Foi dentro de um grupo familiar que cada um dos colaboradores analisou a sua vida em família na imigração; a família pensada em sua formação, transformações e contradições, e analisada a partir da perspectiva do processo de retorno e seu reposicionamento no lugar de origem. É como membro de uma família também que cada colaborador viu a si próprio e aos outros, refletindo ainda sobre sua posição neste grupo e de cada membro em relação a ele especificamente.

Um estudo de tal natureza, cuja preocupação parte da temática da família e seus projetos, seu papel na comunidade migrante vivendo no Brasil e na comunidade de origem retornando ao Líbano, pode ser compreendido como uma “teoria da família e de suas transformações sob o efeito da imigração”, como define Sayad.¹⁴¹

O problema da readaptação e da adaptação dos retornados insere-se na questão de gênero, nos papéis que homens e mulheres exercem na migração e no retorno, que são fundamentalmente mediados pela influência da família num e noutro lugar. Na migração constata-se certa flexibilidade desses papéis, por influências da outra cultura, ou porque estando desvinculado da cultura de origem é possível subverter a ordem, relevar alguns valores, adequar-se a um outro modo de vida. Na migração o machismo árabe cede lugar à participação feminina mais ativa, a mulher cuida das tarefas domésticas, como também estuda e trabalha, tem uma vida social mais dinâmica, ainda que isto signifique acumular mais funções e não uma divisão de tarefas.

¹⁴¹ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração... op. cit.*, p. 173.

De Biaggi, em seu estudo sobre a imigração de brasileiros para os Estados Unidos, reflete sobre as mudanças nas relações de gênero, conjugais e familiares influenciadas pelas questões culturais do país de imigração. Segundo a autora:

...os papéis de gênero, ou seja, as características culturalmente definidas do que é considerado dever masculino e dever feminino, e que definem o que é próprio ou esperado do comportamento de uma mulher e de um homem e da relação entre eles... são postos em cheque. O contraste entre um arranjo familiar mais conservador e uma maior liberalização do papel da mulher emergem como uma ameaça à unidade familiar, sendo a separação dos casais relatada como a temerosa consequência desta “adversidade”.¹⁴²

No caso da imigração libanesa ao Brasil, as consequências deste processo são avaliadas do ponto de vista da manutenção da estrutura familiar e do projeto migratório ao longo das gerações, e quando esses papéis correm riscos nas gerações é hora de retornar. No retorno torna-se necessário retomar os papéis tradicionais, valorizar tarefas vistas como masculinas ou femininas, limitar-se ao ambiente doméstico e familiar, portanto privado (mulheres) ou ao espaço do trabalho e da rua, portanto público (homens). Para os homens trata-se de reassumir um papel já conhecido, aceito e esperado; para as mulheres trata-se de um retrocesso: o que foi alcançado na migração será confiscado no retorno¹⁴³. A readaptação e adaptação são processos conflituosos no retorno, mas têm dimensões diferentes quando se trata de avaliá-los no caso de homens e mulheres.

Masne defende que as mulheres têm plena consciência da mudança que terão que enfrentar no retorno, mudanças para si mesmas (nas relações conjugais e familiares) e para seus filhos (dificuldades de acesso à saúde e educação, adaptação aos costumes)¹⁴⁴. O retorno significa para essas mulheres abrir mão de um *status* adquirido na migração, no que se refere ao papel desempenhado na vida do casal, na maior autonomia conquistada, na maior participação nas decisões familiares, como também na questão de ter assumido mais responsabilidade e autoridade no cotidiano familiar. Ao retornar, a subversão dessa ordem conquistada na migração será cobrada, homens e

¹⁴² DE BIAGGI, Sylvia Dantas. “Famílias brasileiras em um novo contexto cultural”. In: MARTES, Ana Cristina Braga e FLEISCHER, Soraya. *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. SP: Paz Terra, 2003, p. 176.

¹⁴³ Numa breve abordagem sobre os papéis de gênero numa perspectiva histórica, De Biaggi relata a mudança ocorrida nos E.U.A no contexto da Segunda Guerra Mundial em relação à participação das mulheres no trabalho das fábricas em substituição aos homens. Com o término do conflito, as mulheres deveriam voltar à condição pré-guerra, assumindo o seu papel no lar. Fazendo uma analogia com essa situação, é possível verificar que com o retorno ao Líbano pretende-se voltar também a uma situação anterior, às características sociais e de gênero da pré-emigração. *Idem*, p. 179.

¹⁴⁴ MASNE, Henri le. *Le retour des emigres algeriens...* op. cit., pp. 93-94.

mulheres deverão retomar seus papéis tradicionais para se adaptar à vida em família e nas vilas para as quais retornarão.

O primeiro ponto latente do conflito com esse novo cotidiano do retorno refere-se à casa. Não a casa só como espaço físico, mas sim a casa como domínio simbólico do ambiente familiar. Concretamente a casa edificada representa um importante fator para a efetivação do plano de retorno, segundo Jiménez e Rodríguez¹⁴⁵ e ainda segundo Findlay e Samha¹⁴⁶, a construção dessas casas reflete o projeto de reinserção ao país.

King também ressalta que os recursos financeiros obtidos na imigração são aplicados na construção de casas nos países de origem, como uma forma de demonstração da aquisição do sucesso e do *status* adquiridos, como estratégia de inserção dos retornados ao seu país, e ainda como mecanismo para ser aceito na comunidade de origem. Portanto, a casa é tanto bem material como bem simbólico e faz parte de toda a dinâmica da migração e do retorno.

Para Sayad, “frequentemente, a casa construída no país de origem não tem outra função que esta: recordar a presença desaparecida e negar este desaparecimento”¹⁴⁷. Ao mesmo tempo, Sayad se questiona se a casa, vazia e desocupada, não acaba sendo a prova dessa ausência que se quer negar ou ao menos camuflar...

A casa, sendo em si a possibilidade de concretização do projeto de retorno, tem sido efetivamente construída nos mesmos locais de onde se partiu. Assim, as vilas ou cidades de origem foram tanto o ponto de partida como o ponto de chegada, revelando então a importância que tem o grupo doméstico no processo migratório.

A idéia da construção da casa e sua efetivação estiveram relacionadas ao momento do retorno: estando a casa pronta ou semipronta, é hora de partir. Construir uma casa significou a preparação para o retorno (“eu me preparei para vir para cá”, **Widad, Rede II**), que foi planejado (“essa casa eu fui construindo aos poucos”, **Ali, Rede I**), adiado (“a gente já estava construindo a casa, já tinha a idéia, mas eu achava que nunca iria acontecer”, **Jamile, Rede II**) e concretizado (“até que esse edifício ficou pronto e, junto com ele, a idéia de voltarmos novamente para cá”, **Fátima, Rede II**) na mesma medida em que a casa foi sendo construída (“enquanto ia construindo o prédio, eu já

¹⁴⁵ EGEA JÍMENEZ, Carmen e RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Vicente. “Tipos de Retorno de los Emigrantes Jubilados. El caso de los emigrantes de la Provincia de Jaen.” *Analisis del VII Congreso Asociación de Demografía Histórica (ADEH)*. Granada: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Granada, 1 a 3 de abril de 2004.

¹⁴⁶ FINDLAY, Allan e SAMHA, Mussa. “Return Migration and Urban Change: a Jordanian case study”. In: KING, Russel (org.). *Return Migration and Regional Economic Problems*. London: Croom Helm. 1986.

¹⁴⁷ SAYAD, Abdelmalek. “O Retorno...” *op. cit.*, p. 18.

sabia que mais cedo ou mais tarde eu viria para cá, essa idéia foi crescendo na minha cabeça junto com o prédio...”, **Aishe, Rede II**).

No entanto, nem todos que retornaram tinham a casa previamente construída, o que já revela um dos graves problemas de inserção ao novo ambiente no retorno, pois o fato de “morar todo mundo junto”, “com várias famílias”, dividindo o espaço com “sogros, cunhados, sobrinhos” significou ter que enfrentar um padrão doméstico e familiar totalmente diferente daquele ao qual estava acostumado:

“Além de tudo, tive que aprender a morar junto com a família do meu marido, todo mundo junto na mesma casa: minha avó, meu sogro, minha sogra, quatro cunhados, meu marido e eu. Era muito gente, pouco espaço, um só banheiro, nenhuma privacidade... Aqui um casal demora muito para ter uma casa própria, porque a situação econômica é complicada.”

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

Há sempre uma constatação de um engano: mudou-se para o Líbano com a ilusão de que existia uma casa já pronta ou até que seria fácil construí-la, mas a realidade foi outra e muito mais dura do que se imaginava:

“... Foi muito difícil para aprender a conviver com eles, foi muito difícil mesmo... Nem contando detalhe por detalhe dá para entender o que eu passei aqui... Em primeiro lugar, tive que morar com a família dele... O Mustafá tinha me falado lá no Brasil que a gente ia morar sozinho, na nossa própria casa, porque o irmão dele estava separado e deixou a casa para a gente morar nela... Quando eu cheguei aqui era tudo mentira, não tinha casa, não tinha nada e tive que morar com a minha sogra... Foram cinco, seis anos de puro sofrimento, em relação a tudo que se possa imaginar, à língua, aos costumes, não sabia fazer comida, não sabia limpar a casa... Cheguei aqui e tudo era tão diferente do que eu estava acostumada e eles não deram tempo para eu aprender as coisas...”

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

“A primeira dificuldade que eu tive que enfrentar foi não ter um canto só nosso para morar. Quando estávamos no Brasil, meu marido falou que a casa, que a gente mora agora, já estava pronta... Só que não era verdade. Então não tinha casa, não tinha nada e, com a guerra, não tinha como terminar essa casa. Então tivemos que morar todos juntos, com a família do meu marido e eu acho que eles eram catorze pessoas em casa, tudo junto. Foi horrível, eu não sabia que ia ser assim, não estava preparada para isso... Mas, tudo bem, acabei aceitando essa situação porque não tinha jeito mesmo...”

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

É preciso também enfrentar a oposição entre ter vivido com “liberdade e privacidade” para uma convivência coletiva (sejam com a família numerosa, as visitas incontáveis, os inúmeros vizinhos). Dividir a casa é mais que dividir o mesmo espaço físico ou as tarefas domésticas, é também aceitar modos e ritmos diferentes, é “sentir-se como um intruso”, estando sempre inseguro por não pertencer ou ser dono daquele lugar. A conclusão dessa experiência é inequívoca: “não dá certo morar com ninguém”.

“Eu me arrependo de uma coisa: de não arrumar a minha casa antes de vir para cá. Para mim essa dificuldade tem sido a pior de todas. Eu achei tudo muito diferente do que eu estava acostumada e do que é normal lá no Brasil. Lá eu morava sozinha com meu marido e meu filho, tinha certa liberdade, e uma coisa muito importante, privacidade, que aqui não existe.

Aqui você abre os olhos e já tem um monte de gente na sua casa, a família que é bem numerosa, fora as visitas que chegam a qualquer horário... Você acaba convivendo não só com seu marido mas com todos, às vezes você acorda e não quer dar ‘bom dia’ para ninguém, e você tem que sorrir. Você quer fazer alguma coisa, tomar alguma decisão, eles acham ruim.

Não era isso que eu queria para mim, essa coisa de morar todo mundo junto, de você não ter privacidade com seu marido, de não controlar a sua vida, de decidirem tudo por você... Lá a gente tinha uma família, eu, meu marido e meu filho... Aqui não, aqui é irmão, cunhada, sobrinhos, filhos, sogra, tudo misturado. Se compra uma coisa para um tem que comprar para todo mundo, se vai sair tem que levar todo mundo junto... Não dá!”

Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede II- 2ª Geração)

As tarefas domésticas também são partilhadas, mas devem ser realizadas de acordo com os hábitos locais. As que vêm de fora geralmente são alvo de desconfiança e devem ser sempre vigiadas e avaliadas, colocadas à prova e, ainda assim, não significa que passem pelo teste, pois se duvida da competência, do conhecimento e da adequação de suas práticas:

“Você tem que fazer as obrigações da casa no ritmo deles. A gente limpa a casa todo mundo junto, a gente lava a roupa todo mundo junto, cozinha todo mundo junto, não tem aquela coisa de ficar parada... No dia que eu passo o pano na casa e limpo o banheiro, a minha cunhada faz as outras coisas, varre e tira poeira, um dia eu, outro ela... No dia que eu não passo pano, eu limpo a cozinha, limpo a geladeira, a gente divide assim... Às vezes minha cunhada cozinha, às vezes eu ajudo, mas ela fala que brasileiro não sabe cozinhar...

Eu tentei cozinhar aqui, mas eles falam que eu não sei, então eu fico de lado. Eu quero cozinhar mas não sei se eles vão comer, eu me sinto insegura para fazer as coisas. Às vezes eu faço uma comida brasileira ou árabe, meu marido come mas não é todo mundo que come, porque eles acham que brasileiro não é muito limpo, então tem esse preconceito, eu sinto isso...

Quando vim para cá eu tinha medo de tocar em tudo, tinha medo de estragar as coisas porque aqui nada é meu. Eles ficam te observando, te vigiando, vendo se você sabe fazer as coisas, e isso só te põe mais insegura, mais nervosa... Eu estou vivendo numa casa que não é minha, usando objetos que não são meus..."

Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede II- 2ª Geração)

Esse aspecto revela também que se trata da disputa simbólica pelo controle do espaço doméstico, vivida na oposição entre sogra e nora ou mesmo entre cunhadas:

"A gente fala de sogra mas, no fundo, ela tinha as suas razões, porque você tem a sua casa, tudo que você construiu com amor e carinho e, de repente, vem uma outra pessoa e começa a mexer e tomar conta de tudo, é uma situação difícil para qualquer pessoa.. E ainda tinha o fato de eu ser brasileira, quer dizer, eu era a nora e, ainda por cima, a nora brasileira... Mas no final deu tudo certo, eu fiz minha parte, tenho a consciência tranquila que fiz o melhor por eles... Ela mesma reconheceu meu valor, e dizia para todo mundo que não existia ninguém como eu, porque eu cuidei dela como uma verdadeira filha. Quando ela morreu, fez muita falta, porque no fundo eu a admirava, uma mulher que teve oito filhos e nenhum perto dela, é duro..."

Eni Aparecida De Souza (Rede IV- Brasileiras não-Descendentes)

Há, inclusive, uma avaliação de gradação nessa adaptação e na disputa de espaço entre as mulheres (sogra e noras), pois são as noras árabes que mais se confrontam com as sogras, apesar do grau de parentesco que as une. As que vieram de fora, descendentes ou não, procuram respeitar as sogras, tratá-las melhor, compreendê-las, havendo ou não reciprocidade nessa atitude, como pode se verificar na avaliação de duas mulheres:

"...Viver com a sogra aqui é difícil, você precisa cuidar, tem que ser boazinha com ela, tratar bem, mas é lógico que ela não vai gostar de você que nem um filho, então faz de conta... Eu consigo conviver bem com ela, sempre tratei dela muito bem, quando minha sogra ficou doente eu que cuidei, dava banho nela como se fosse uma criança, dava comida tudo na boca, coisa que filha de árabe, que muitas vezes é sobrinha ou prima da sogra, não faz."

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

"Com a minha sogra, por exemplo, eu faço de tudo para respeitá-la... Ela fala, fala, fala e eu nunca respondo, deixo que ela diga o que quiser e não fico enfrentando... Só que eu vejo como as outras noras dela agem, elas que são árabes nascidas aqui, não deixam passar uma palavra, respondem tudo e falam mais ainda... Por isso que eu acho que a minha sogra gosta mais de mim em relação às minhas outras cunhadas, ela me considera mais... Eu sou melhor do que elas."

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Um aspecto bastante abordado, associado com a idéia da casa como espaço físico de moradia, é o papel que a família exerce nesses grupos. Para se dimensionar essa importância, o vocábulo árabe *bait* designa tanto casa, no sentido da moradia, como casa, no sentido de família (*bait min*, em referência a qual família se pertence). Como apontaram alguns colaboradores, o conceito de família árabe é bem diferente do padrão ocidental e também difere do padrão adotado na migração, ainda que se tenha desejado manter essa mesma estrutura.

Dividir a mesma casa, construir um prédio com andares divididos entre as várias famílias conjugais de uma mesma família grande, compartilhar tarefas, refeições, lazer, enfim tudo o que faz parte de uma rotina e de um cotidiano doméstico, foi visto como fator de estranhamento, tanto para aqueles que são descendentes (portanto, ao menos conhecem tal realidade) como, e ainda mais, para os não-descendentes. O conflito tornou-se iminente, inevitável, e fez com que a convivência se tornasse insuportável e levasse a crises conjugais.

A forma de adaptar-se e impor-se em relação à importância da família pode levar a atitudes diferentes:

a. constatação e resignação:

"Chegando aqui (no Líbano) a família dele me recebeu bem, mas eu não entendi o peso que a família tem aqui. A casa aonde viemos morar fazia parte de um prédio ocupado por toda a família, cada andar mora um irmão e eu moro no último andar... Isso eu estranhei muito porque o costume aqui é a família conviver toda junta, fazer a mesma comida, compartilhar as mesmas refeições, aqui não se faz nada em casal, tudo é com a família...

No começo meu marido era muito bom, me tratava bem, levava a gente para sair... Só que eu logo estranhei esse costume daqui, de ter que levar a família toda para onde quer que a gente fosse. No Brasil o costume é outro, e eu gostava de sair só com meu marido e meus filhos, não queria a companhia de todo mundo o tempo todo. Queria privacidade, uma vida familiar mais limitada, e eles implicavam com isso, cobravam, brigavam...

A família tem um papel muito forte mesmo e, quando vem alguém de fora, eu acho que eles ficam ainda piores."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

b. constatação e reação:

"Eu acho que tudo isso é pela questão da família, o que a família vai dizer, porque a presença da família aqui (no Líbano) é muito forte... Eles tentam se

intrometer em tudo na sua vida, e se você deixar eles tomam conta de tudo, do jeito que você vive ao jeito que você deve agir.

Ninguém da família dele gosta de mim, ninguém, porque não deixo ninguém se intrometer em nada na minha vida. Desde que eu cheguei aqui fiz questão de colocar todo mundo em seu devido lugar, acho até que fui muito, muito grossa aquele dia. Eu falei a vida é minha, o marido é meu, a casa é minha e eu faço o que eu quiser, casei para ter a minha vida e não é para alguém mandar nela, se quisesse que alguém mandasse em minha vida era melhor continuar solteira na casa dos meus pais.

A minha mãe me alertou sobre isso quando eu vim para cá. Ele me falou que eu tinha que ser esperta demais, ficar de olho aberto e não deixar ninguém mandar na minha vida, porque se você deixa alguém se intrometer no que for, a sua vida estragou. Como ela viveu aqui um tempo, ela sabia como seria.

Aqui a família cria confusão por bobagens. Sei lá, por exemplo, se você vai com seu marido comprar um chinelo, eles acham que você tem que falar para eles que vai comprar esse chinelo e que eles têm que escolher esse chinelo. Se eu trago esse chinelo, porque eles não foram escolher, eles falam que é ridículo, que eu não tenho gosto, não sei o quê... É o jeito deles.

Comigo é diferente, comigo não tem vez..."

Iman Houssein Abou Jokh (Rede II- 2ª Geração)

O papel da mulher é visto quase numa posição maléfica, de maldade, corroborando as idéias de intrigas, dissociações, rupturas causadas por ela. A mulher, vinda de fora, não compreende a importância da família, privilegia a família conjugal em detrimento da família grande; não quer compartilhar casa, rotina, refeições, momentos de lazer; não quer viver em família, no sentido da família na cultura árabe. Para essas mulheres, a família é fator desagregador da vida conjugal; para as famílias árabes, opostamente, as mulheres são as responsáveis pela desunião da família grande.

A questão da família passa antes pelo papel da mulher, a posição que ela ocupa na comunidade libanesa em relação à família, ao casamento ou ao papel social. Para as mulheres de diferentes gerações, descendentes ou não, verificou-se também que existe uma oposição em relação ao padrão vivido no período de migração. Serviços domésticos, cuidados com a família, ausência de formação escolar, não-profissionalização são os papéis destinados às mulheres na cultura árabe. Ter vivido em outra cultura colocam em xeque esses papéis sociais, masculinos e femininos, provocando um choque entre o vivido no Brasil e o que teve que ser enfrentado no Líbano:

"Eles se prendem muito que a mulher tem que cozinhar, lavar, passar... Lá (no Brasil) os homens casam com as mulheres sem se importar se elas sabem cozinhar ou não, porque o que eles querem é um bom relacionamento... Aqui (no Líbano) a mulher tem que ser boa dona-de-casa, lá ela é independente, estuda,

trabalha... Lá não tem essa preocupação, de ter que ensinar a ser doméstica, querem que tenha um estudo, uma profissão. Aqui o homem não quer uma mulher profissional, estudada, só quer que trate bem a família dele, que receba bem os amigos, os parentes, as visitas... É da cultura deles, não querem uma pessoa que pense ou decida alguma coisa, porque aqui o homem é o lado mais forte, ele é o cabeça, e a mulher as obrigações..."

Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede II- 2ª Geração)

Da mesma forma, essa diferença se reflete no relacionamento conjugal, apontado como machista, centrado no papel do marido, na pouca participação da mulher nas decisões familiares, nas atitudes contraditórias em relação ao espaço individual e ao espaço coletivo, no Brasil ou no Líbano:

"Uma coisa muito engraçada é o jeito que meu marido me trata na frente da família dele e quando a gente está sozinho, é totalmente diferente. No Brasil é normal abraçar seu marido, beijar, falar 'meu amor' na frente de todo mundo, não tem nada demais. Aqui se você faz isso na frente dos outros, já falam que a mulher está em cima das costas do marido, que ela manda e desmanda nele..."

Então na frente da família dele, meu marido não me trata mal mas não me trata bem, parece que não sou ninguém, e quando a gente está sozinho é meu amor, minha vida, não sei o quê, carinho daqui, carinho de lá. Mas na frente de alguém pára, é engraçado esse machismo que eles têm..."

Quando eu comento isso, ele dá risada, então eu acho que ele também reconhece essa diferença... Eu falo que isso não tem nada a ver, se a pessoa quer falar que fale, que se dane, ninguém está te dando um prato de arroz e feijão para ter o direito de mandar nas suas atitudes. Aí ele vem com aquele papo machista, que isso não pode ser feito na frente dos outros, entendeu como é?"

Iman Houssein Abou Jokh (Rede II- 2ª Geração)

Para algumas mulheres, entretanto, a negociação de outro padrão é uma possibilidade:

"Outra coisa diferente é o relacionamento entre os casais. Com o meu marido eu converso, discuto, escutamos um ao outro, às vezes brigamos, o que é normal, pensamos juntos o que está certo e o que está errado. Mas aqui não, a turma não tem diálogo, não troca idéia, não colabora um com o outro, não constrói as coisas juntos, entendeu como é? O homem trabalha o dia inteiro, a mulher cuida da casa e dos filhos e só. Esse é o casamento aqui."

Sana Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

O casamento e as crises conjugais também assumiram dimensões ainda mais graves refletidas na questão da violência doméstica contra algumas mulheres, sejam elas descendentes ou não-descendentes. Mesmo sendo tema tabu, causador de

constrangimentos e de uma lembrança marcada por sofrimentos (“não gosto nem de lembrar”, **Alvira, Rede IV**), algumas mulheres preferiram quebrar o silêncio, vencer a dor e registrar uma experiência dolorosa (“por isso que eu acho bom falar dessas coisas, é uma forma de não apagar isso que eu vivi”, **Laudicéia, Rede IV**).

Sayad assegura que é sobre as mulheres e contra as mulheres que se fazem sentir os efeitos da emigração/imigração e das acusações de culpa. Neste sentido, o autor afirma ainda que esta situação é decorrente

...do medo que os homens têm das mulheres, o terror que o mundo feminino inspira ao mundo masculino. A revelação dessa verdade a faz encontrar todo sistema mítico da oposição entre os sexos. Se, na origem, ou seja, em outro tempo e em outro universo cultural, esta oposição tinha antes de mais nada um valor de categoria de percepção do mundo social, na emigração, porque está descontextualizada e exacerbada pelos desmentidos que deve suportar continuamente, ela tende a suscitar da parte de todos (dos homens e das mulheres, dos pais e dos filhos) reações angustiadas que podem chegar à violência ou a formas patológicas.¹⁴⁸

Para estas mulheres, a violência foi avaliada dentro do ambiente doméstico, composto pela família grande, dividindo o mesmo espaço e que interfere amplamente no cotidiano da vida conjugal. A violência tem sido vista como decorrente da falta de um espaço próprio (“estávamos morando na casa dos pais dele”, **Célia, Rede IV**), da vida conjugal sem privacidade (“nós não tínhamos nem um quarto separado” **Célia, Rede IV**), com total interferência de outros membros (“quase me separei por causa de uma briga com minha cunhada”, **Emni, Rede II**), da não aceitação do casamento (“eles me maltratavam porque não aceitavam minha presença”, **Alvira, Rede IV**).

Compreender os motivos dessa violência, buscando o momento em que essa faceta foi revelada é uma forma de avaliar a situação, procurar as motivações que a geraram. Para umas, a violência é decorrente da criação agressiva, fazendo com que a criança cresça repetindo esses padrões ou não:

“...Além disso, são criações diferentes, a deles uma criação mais agressiva, violenta, com pouco respeito à mulher. Eles ensinam coisas para as crianças, como xingar a mãe, o irmão, tio, o primo, ou brigar o tempo todo... A criança cresce vendo essa agressividade e aprende a ser agressiva também. São coisas que você não está acostumada e que não aceita, mas também não tem forças nem apoio para reagir e ir contra... Na minha família não se vivia nesse ambiente tão pesado, por isso eu não estava acostumada com essas atitudes...”
Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede III- 2ª Geração)

¹⁴⁸ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração...*, op. cit., p. 231.

"Os meus sogros também brigavam muito, discutiam... Meu sogro era muito violento, agredia minha sogra, e eu não suportava ver aquilo. O Yunes me alertou sobre isso quando nos casamos, ele cresceu revoltado vendo isso acontecer..."

Michele Alves Cardoso (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Para outras, a violência é um lado não revelado durante a vida no Brasil, mas que se evidenciou no retorno e na convivência entre os seus, ou mesmo como decorrente de uma falta de caráter, de uma fraqueza de personalidade:

"...Eu realmente não sei o que aconteceu com ele, por que ele mudou tanto. No Brasil ele era um amor, me ajudava em casa, mas aqui no Líbano é que ele começou a dar um de machão..."

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Não sei se meu marido já era assim ou se a gente tivesse ficado no Brasil a coisa poderia ter sido diferente... Lá ele era um amor comigo, não sei se porque eu estava na minha terra, perto da minha família. Para mim ele mudou muito por influência da família, mas também porque tinha a cabeça fraca e pouco caráter. O irmão dele, que era casado com uma brasileira filha de árabe, não deixava ninguém da família dele chegar perto da esposa, não aceitava que ninguém tocasse nela ou sequer falasse dela. É nisso que eu fico pensando: 'por que esse canalha deixou que eles fizessem isso comigo?' "

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A violência partiu tanto dos maridos quanto de outros membros familiares, ou foi incentivada por eles (a sogra, as cunhadas), pela questão de ser a esposa que veio de fora, portanto não escolhida na família ou na vila, de origem brasileira e ainda, neste caso, negra:

"Eles (a família do marido) faziam muitas intrigas, fofocas e brigas entre mim e meu marido... Eu tive muita briga provocada pela sobrinha dele, que também morava aqui, tudo incentivado pela minha sogra... Quando meu marido não estava, elas gostavam de judiar de mim, me fazer sofrer, de pura maldade mesmo. Eles chegaram a me prender num quatinho sem comida, sem nada... Outra vez fiquei doente por uma semana, cheguei a desmaiar, e não podia colocar a cabeça no travesseiro para descansar, se eu dormisse minha sogra mandava a neta puxar meu cabelo... Eu acho que elas faziam tudo isso comigo só porque eu era brasileira, por causa da minha cor também, não vejo outro motivo para tanta maldade..."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A violência é tanto física (maus tratos, coerção) quanto psicológica (isolamento, medo, submissão), sem que se pudesse reagir pela falta de apoio ou pelo medo de provocar reações ainda piores:

"Eu sofria calada, tinha medo de abrir a boca e a coisa ficou ainda pior... Tinha muito medo de sair, de buscar ajuda onde quer que fosse... Chegou um tempo que eu cheguei a ficar com medo do meu próprio marido, porque quando ele voltava elas enchiam a cabeça dele contra mim, e ele foi se tornando cada vez mais violento comigo...

Minha vida só foi piorando cada dia um pouco mais... Meu marido começou a judiar de mim, como a família dele fazia comigo e ainda pior... Chegamos a um ponto de nem nos falar, de nem dizer bom dia um para o outro... Ele me deixava sem comida, sem nada, presa, sem sair de casa, sem ver ninguém, e eu fui ficando cada vez mais fraca e doente.... Quando vim para cá pesava setenta e cinco quilos, depois de alguns meses de tanto sofrimento e tortura, cheguei a pesar quarenta e cinco quilos, eu ficava em pé as minhas coxas nem encostavam uma na outra de tão magra que eu estava..."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Os membros familiares não só foram os responsáveis pela violência direta, como também pelo incentivo à violência do marido contra as esposas. Os maridos, que voltaram da migração, devem assumir a posição que lhe cabe na família, submetendo suas esposas pelo uso da violência:

"Ele também me agredia muito e fazia questão de fazer isso na frente de toda a família dele, para todo mundo assistir àquele espetáculo de horrores. Até quando eu estava grávida, ele me bateu, me pisou, esmurrou as minhas costas... Uma madrugada, escapei por pouco de morrer... Ele fechou minha boca, me colocou no carro e apontou um revólver para a minha cabeça. Foi meu sogro que impediu essa loucura, se não fosse ele meu marido teria ido até o fim..."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A falta de apoio de pessoas ou de instituições, sentir-se só e estrangeira, numa terra estranha, pôde tanto levar à impossibilidade de reação como à busca de solução para o problema. Para uma colaboradora:

"Num lugar estranho, que eu não tinha família, que não tinha ninguém para me socorrer ou olhar por mim, que eu corro para um vizinho e todos vão bater a porta na minha cara, porque eu sou estrangeira, você não tem muito que fazer. Então eles te maltratam, te batem, porque não tem ninguém para acudir. Se eu fosse filha de árabe seria outra coisa, eu não teria passado o que passei..."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Para outra foi necessário reagir:

"Um dia eu discuti muito feio com o meu marido, me enchi de tudo aquilo, do sofrimento, da humilhação, do trabalho pesado, e resolvi dar um basta! Peguei meus três filhos, e já grávida da mais nova, a Dunia, fui para a Embaixada Brasileira em Beirute, com dinheiro que uma amiga me emprestou. Era feriado e a Embaixada estava fechada, mas o guarda entrou em contato com o Embaixador e, em questão de minutos, estava toda a equipe lá para me atender. Rapidamente, eles conseguiram acertar toda a situação para eu voltar para o Brasil no dia seguinte.

Só que meu marido ficou sabendo da minha fuga e foi atrás de mim. Na Embaixada só permitiram que ele me visse depois que o Embaixador conversou com ele e o alertou que, se alguma coisa acontecesse comigo ou com meus filhos, ele seria responsabilizado. Eu aceitei voltar com ele e dar mais uma chance para ver se as coisas se acertavam e, graças a Deus, parecia que as coisas iriam melhorar. Por um bom tempo, continuaram a me ligar da Embaixada para saber como iam as coisas."

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não descendentes)

Além de reagir à violência, é preciso também superar a crise, seja pela reconciliação, pela separação, ou até mesmo pela dissimulação dos sentimentos. Assim temos:

a. reconciliação

"Quase me separei por causa de uma briga com minha cunhada, a irmã do meu marido, que veio da Síria para visitar a família. Aí meu marido chegou na hora da briga, e ficou do lado da irmã e da mãe e contra mim, foi agressivo comigo, apanhei, fiquei toda marcada... Chegamos num ponto de agressão que o resultado só poderia ser o fim do meu casamento e da família que procuro manter unida. No final, conseguimos reatar porque tanto eu quanto ele queríamos a mesma coisa."

Emni Ahmad Ghazzaoui (Rede III- 2ª Geração)

b. separação:

"Todos esses anos, eu vivi de um lado e meu marido de outro. Os melhores momentos de nossas vidas, que poderíamos ter vivido juntos e felizes, meu marido ficou longe de mim. Agora eu estou com quarenta e dois anos e ele com cinquenta e dois anos, aí que ele vai voltar para mim? Deus que me perdoe, mas quando ele voltar, não sei como vai ser, eu vou respeitar, mas sempre vivi minha vida sozinha e não sei se me acostumo de novo com a presença dele... E se for para ele voltar para cá e me maltratar como antes, aí que eu não fico com ele de jeito nenhum!"

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

c. dissimulação:

"Não é que eu viva bem com meu marido. Amar não amo mais, porque tudo o que eu sentia ele matou. Eu tinha muito amor por ele, mas fui pegando raiva e hoje vivo com ele só por viver, mas não posso falar isso para ele, só vai piorar a minha situação. Tenho que fazer tudo na falsidade, falo 'meu amor', 'meu coração', para poder viver, para não voltar ao que era antes. Como posso continuar a amá-lo depois de tudo que passei?"

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Um outro aspecto em relação à problemática conjugal deve ser considerado: a poligamia¹⁴⁹. Um casamento anterior do marido pode não ter sido um fato conhecido anteriormente, mas ao ter se dado conta da situação, optou-se pela continuidade do relacionamento, sem se questionar qual a posição ocupada nessa relação: única esposa, após a separação, ou a segunda esposa se o casamento foi mantido:

"Ele também não me contou que era casado aqui no Líbano, quando nos conhecemos... Eu não sabia de nada, isso nem me passou pela minha cabeça que pudesse acontecer e, quando descobri, não deu para voltar atrás... Já estava apaixonada e grávida da minha primeira filha... Então nos casamos..."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

No retorno, a questão da poligamia torna-se ainda mais complexa, pela questão dos valores culturais distintos e pela interpretação da situação de forma diferenciada. A poligamia é prerrogativa dos homens, pode ser aceita ou não condenada pela sociedade, enquanto as esposas podem aceitar ou não a situação, optando pela continuidade do casamento ou pela separação. Se a escolha for pela separação, o direito de guarda dos filhos é do pai, tendo a mãe o direito às visitas semanais.

Na situação de poligamia, vale considerar como ocorreu essa interpretação: é um problema de grandes dimensões ("acabou comigo"); o marido não saiu de casa (mantém duas casas) mas tem "outra" (mulher?, amante?, esposa?); sente-se enganada ("nunca desconfiei de nada") pois o fato torna-se público e não há discordância ("todo mundo sabe"):

¹⁴⁹ A questão da poligamia é sempre polêmica, pois o mundo ocidental tem associado essa característica como condição inerente ao islamismo. De fato, o Alcorão estabelece o direito à poligamia e normatiza a prática (até quatro esposas, equidade no tratamento de todas, condições materiais para mantê-las), mas não a incentiva. Como uma reação às críticas ocidentais, os adeptos do Islamismo defendem que essas mulheres têm status de esposa, portanto legal e socialmente aceito, e não de amantes, portanto ilícito e socialmente condenado. Sobre a questão ver www.sbmj.org.br.

"... eu me achava uma pessoa privilegiada, até que surgiu um problema na minha vida que acabou comigo. Meu marido arrumou outra mulher, e não me deu nenhuma opção, porque ele me disse assim: 'se você quiser ir embora você vai, se você quiser ficar você fica'. Eu não me conformei com isso, porque eu deixei a minha vida, deixei o meu país, deixei o meu emprego, deixei os meus sonhos, para quê? Para ouvir isso? Eu quase fiquei louca!

Eu nunca desconfiei de nada, porque ele sempre trabalhou até tarde, nunca tinha horário para chegar. Ele não saiu de casa, mas todo mundo sabe que ele tem outra, que vive nas duas casas, todo mundo sabe disso e eu me sinto humilhada... Meu marido me disse que eu sou culpada por essa situação, que eu não sou uma boa esposa para ele, em todos os sentidos, mas eu nunca achei que nós tivéssemos algum problema em nosso relacionamento.

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

O conhecimento da situação levou ao sentimento de frustração pelo fracasso no casamento ("meu marido disse que eu sou culpada pela situação"), de humilhação ("me sujeito a essa situação degradante"), de revolta, de desolação e de deslocamento ("não me sinto bem vinda"):

"Eu sei que sou uma pessoa estudada e que me sujeito a essa situação degradante, só que eu gosto do meu marido, eu tenho os meus filhos para pensar, e para mim eles são tudo. Eu prefiro morrer a deixar meus filhos para outra pessoa cuidar! Meu marido não conversa muito comigo, a gente não tem mais nada a ver, por isso que eu sou revoltada... Só uma coisa que eu tenho que reconhecer é que ele não é violento comigo, isso não...

Eu me sinto uma pessoa desolada aqui, deslocada de tudo e de todos. Eu estou sempre insatisfeita, nervosa, meus filhos também acham que eu estou sempre brava com eles, mas na medida do possível eu tento ficar bem... Às vezes eu penso que eu é que sou errada, eu é que me fecho, fico me julgando, me avaliando... Às vezes quero ir à casa das minhas cunhadas, mas depois não quero ir mais, não me sinto bem vinda, eu vou falar do meu problema, que o meu marido está saindo com outra, e elas não gostam. Então, em vez de encher a paciência das pessoas, eu fico na minha."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

O momento em que ocorreram as crises conjugais e familiares, as atitudes de violência, foi apontado como o divisor de águas nesse processo de adaptação, e a rotina o momento para se verificar essa mudança. Uma constatação quase unânime foi quanto a ser bem recebido num primeiro momento, ser avaliado durante a estadia e cair nas críticas e na rotina, mais tarde. Daí afirmações como: "no começo tudo é novo...", "no começo tudo foi às mil maravilhas porque você é nova...", "depois acaba caindo na rotina".

Essa rotina também foi apontada no rol das dificuldades cotidianas, em relação ao excesso de tarefas domésticas, à restrição a esse espaço doméstico, que tem provocado a angústia pela mesmice, pelo tédio e pela monotonia. Tornou-se necessário se adequar de uma vida de certa atividade no Brasil, não só restrita às tarefas domésticas, mas incluindo também o trabalho externo, às tarefas cotidianas envolvendo casa, marido e filhos. Muitas vezes isso foi apontado como causa para o descaso com uma vida social mais ativa (“não saio de casa para nada”) e até com o cuidado com si próprio (“eu acordo com o pijama e fico o dia todo assim”), pois o trabalho doméstico ocupa o tempo e mina a vontade de cuidar-se e de ir além do ambiente familiar:

“O que cansa aqui é a rotina... É muito serviço para uma dona-de-casa, aqui a gente trabalha de manhã até a noite, porque os horários das coisas são de uma desorganização terrível... No Brasil, você acorda às sete horas, as crianças vão para escola, enquanto isso cuida da casa, faz o almoço, lava a roupa e, quando é meio-dia, já está tudo em ordem... Aqui não, aqui os meus dois filhos saem num horário, a minha filha menor uma hora depois, e meu marido enrola mais um pouco. Até você arrumar a casa, lavar a louça, correr com o almoço, cuidar da casa e da roupa, já está na hora de todo mundo chegar de novo, e isso já é por volta de três horas da tarde... Quer dizer, eu passo o dia inteiro enrolada, quando acabo tudo já é noite, por volta de oito horas, tomo banho e coloco meu pijama...

Você nem pensa em se arrumar ou ir para casa de alguém, porque aqui todo mundo dorme cedo. Eu não durmo antes da meia-noite, mas o povo daqui oito horas já está na cama. A mulher aqui não tem tempo, nem ânimo para se cuidar, essa é a verdade...”

Márcia Elisa Fermiano (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Adaptar-se, acostumar, aceitar, adequar-se. De uma vida ativa para uma vida passiva; da mulher que trabalha fora para a boa dona-de-casa; da realização de diversas tarefas para uma única função; de uma vida social ativa para a solidão e o tédio; dos sonhos à falta de perspectiva. Esta tem sido a rotina enfrentada por aquelas que optaram (ou não tiveram a opção) pelo retorno:

“Então nós viemos para cá, e eu tive que me acostumar com tudo, com uma nova vida, um novo ritmo, um novo modo de viver... Tudo aqui era diferente do que eu estava acostumada... No Brasil, eu trabalhava e tinha uma vida ativa, aqui eu só fico em casa, cuidando das tarefas domésticas e dos filhos. Eu só tenho a casa para me ocupar: limpar, lavar, passar, cozinhar... Eu fico sozinha a maior parte do tempo, meu marido sai para trabalhar e só volta à noite, as crianças passam o dia todo na escola.

(...)

Eu gosto daqui, mas às vezes eu acho que isso não tem nada a ver comigo, aqui é tédio, é monotonia... Um dia é absolutamente igual ao outro, não tem sábado, domingo ou feriado... A gente não sai para nada, não conhece nada, não vê nada... Nesse interior aqui não tem nada para fazer. Nada! Aqui você não vive, vegeta! Passa o tempo todo entediada... Então, sem você perceber, vai ficando igual a eles... Mas eu não quero ficar, tento não ficar igual a eles, faço o possível para não ceder e não me acostumar a essa mesmice..."

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"...Eles estão sempre te avaliando para saber se você é uma boa dona-de-casa, boa esposa e boa mãe, é isso que conta para eles. Eu me senti avaliada, e muito mal-avaliada, desde o começo, porque era um ritmo de vida que eu não estava acostumada. Eu nunca tinha sido dona-de-casa, não sabia lavar, passar ou cozinhar... Sempre trabalhei fora, fazia cursos, ginástica, minhas atividades no Brasil, então essas coisas não eram importantes na minha vida... Aqui todo mundo ficava olhando o que eu fazia e como eu fazia, por eu ser de fora, e ainda por cima brasileira..."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A necessidade de mudança e adequação a uma nova rotina e a um novo papel social a ser desempenhado implicou tanto abrir mão de “uma vida dinâmica de uma profissional para uma vida bitolada de uma dona-de-casa” (Marlene, Rede IV), como também assumir mais responsabilidades, sobretudo quando a mudança significou cuidar sozinha da família. Outras vezes, o que se constatou é a inversão dessa ordem e dessa responsabilidade, mais uma vez refletindo os papéis exercidos por homens e mulheres na migração e no retorno, na presença ou na ausência de um dos pares.

Essa inversão pode ser avaliada positivamente e vista como resultado de não se estar no próprio país. No relacionamento conjugal, esposa e marido exercem papéis diferentes, de acordo com o país em que se encontram:

"A minha vida aqui (no Líbano) também é muito diferente da que eu levava lá (no Brasil). Lá eu trabalhava, estudava, cuidava da casa, fazia de tudo. Lá era tudo eu, compra de casa, feira, tudo dependia de mim e da minha iniciativa, aqui não, já é o contrário, tudo é ele, porque ele sabe falar melhor do que eu, sabe onde são os lugares, essas coisas, entendeu? Acho que isso é normal quando a gente não está no próprio país..."

Iman Hussein Abou Jokh (Rede II- 2ª Geração)

A inversão pode ser avaliada como uma dificuldade diante de tantas responsabilidades, pois a ausência do marido significou tomar para si todos os cuidados com casa, filhos e outras atividades domésticas:

"Depois que meu marido foi embora (para o Brasil), eu fiquei com toda a responsabilidade sobre a casa e sobre os meus filhos. Tudo, tudo, tudo é responsabilidade minha e não posso contar com ninguém para me ajudar. No Brasil minha vida era muito diferente, porque eu podia contar com meu marido, e não tinha que me preocupar com um monte de coisa que eu tenho que pensar agora. Lá eu nunca nem paguei contas, sempre tive meu marido ao meu lado para me ajudar, e agora tudo cai em minhas costas, coisas que eu nem sonhava em resolver... Só que tem hora que tanta coisa junto esgota, parece que vou estourar...

É duro você vir morar sozinha num lugar onde não conhece nada, onde tudo é diferente do que você está acostumada. Viver aqui não é a mesma coisa que viver num lugar que você conhece tudo, cantinho por cantinho, conhece todas as pessoas, todas as coisas... Eu não sabia comprar uma carne, ir ao mercado, eu não conhecia um médico, nada, nada, nada... Todo lugar que você precisa ir tem que ir de carro, porque é tudo longe. É uma experiência muito dura, viu?"

Aishe Barakat (Rede II- 2ª Geração)

No entanto, essa avaliação da inversão de papéis e responsabilidades também pode ser negativa e carregada de frustrações e arrependimentos:

"Eu tive que me adaptar a todas essas mudanças, tive que aprender tudo, a cuidar de uma casa e fazer todo o serviço, mas nunca consegui ser uma maníaca, neurótica por limpeza, como eles são aqui... Aqui tudo tem que estar limpo, em ordem, brilhando! Eu sempre tive filhos pequenos, então o serviço de casa nunca acaba. Até hoje minha sogra vem aqui e me critica se tem louça na pia ou se a casa ainda não foi varrida... Eu não agüento isso!

Isso foi motivo para muitas críticas para cima de mim e de muitas brigas também... Acho que só foi aí que eu me dei conta da situação, de tudo o que tinha deixado para trás, da troca que eu tinha feito, de uma vida dinâmica de uma profissional por uma vida bitolada de uma dona-de-casa... Eu sentava na varanda e chorava, queria estar com a minha família, queria a minha independência, queria a minha vida, queria tudo que tinha deixado no Brasil de volta..."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Nestas três percepções sobre as mudanças dos papéis sociais de gênero na imigração e no retorno, é possível verificar o reforço dos estereótipos de tarefas tipicamente femininas (cuidado da casa e dos filhos, serviços domésticos) e masculinas (trabalho remunerado, pagamento de contas), mas em cada um dos casos perdas e ganhos verificados na imigração e no retorno são avaliados de forma diferente por cada uma das colaboradoras: "achar normal", não querer mais responsabilidades (ainda que no âmbito doméstico) ou ainda não aceitar a mudança de uma posição liberal ("vida dinâmica") para outra mais conservadora ("vida bitolada").

Justamente ao se dar conta das mudanças que efetivamente ocorreram, do que foi necessário aceitar ou abrir mão, é que os colaboradores se deram conta da dimensão do retorno, suas implicações do ponto de vista da estrutura familiar, dos papéis sociais, da criação dos filhos, das rupturas e das discontinuidades provocadas ao se inserir em outra cultura.

Ao mesmo tempo, é necessário enfrentar mais uma dificuldade criada pelo retorno que é a divisão da família, estabelecendo mais um paradoxo desse processo: volta-se porque se quer manter a família conjugal unida, porque se quer reinserir-se às estruturas familiares mais amplas (família grande e parentela), reforçando o projeto familiar anterior à migração, mas ao se retornar o que se delineia como fato é a divisão dessa família e a impossibilidade de convivência com o grupo familiar.

6.3 Divisão Familiar

Outro fato enfrentado por aqueles que empreenderam o retorno, em relação ao processo de adaptação ao Líbano, referiu-se à questão da divisão dos membros familiares entre o Brasil e o Líbano. Essa divisão pode ocorrer previamente ao retorno, pelo fato de o projeto envolver basicamente a família conjugal (pais e filhos) excluindo os filhos casados e todos os outros membros familiares que optaram pela permanência no Brasil.

Em alguns casos retornou-se com a família conjugal e não havia familiares para impedir essa partida:

"Quando morreram meus pais, foi o momento certo para meu marido tomar essa decisão porque não tinha mais o que me prendesse ao Brasil... Aí eu pensei, agora a minha família é meu marido e meus filhos, tenho que acompanhá-los onde for. Então acabei me decidindo e viemos para cá."

Neide Maria Paplovskis Pinto (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Outros, mesmo retornando com a família conjugal, sofreram com o abandono dos outros membros familiares:

"Outra coisa pela qual a gente sofre é deixar o resto da família. Eu deixei a minha mãe, os meus irmãos, os meus sobrinhos, todo mundo lá, e não tinha ninguém tão próximo aqui, então foi difícil. Os dois primeiros anos eu chorava

pra caramba, chorava de saudade, chorava de tristeza, talvez até de arrependimento."

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

Empreendido o retorno por essas famílias conjugais, a desestruturação foi decorrente, em primeiro lugar, da dependência econômica em relação ao Brasil, o que fez com que os homens (libaneses ou líbano-brasileiros) partissem para administrar os negócios ou mesmo para exercer mais um período de trabalho no país, com o objetivo de acúmulo de capital, marcando a primeira ruptura familiar nesse projeto de retorno.

Essa separação foi vista entre as principais dificuldades enfrentadas pelos que se estabeleceram no Líbano. Maridos e esposas, pais e filhos, irmãos e irmãs dividiram-se pelo espaço geográfico, permanecendo no Líbano, retornando ao Brasil, buscando outros lugares: Venezuela, Emirados Árabes, Suécia, Romênia, caminhos determinados tanto pela busca de trabalho (caso dos homens) como decorrentes do casamento (caso das mulheres).

"Família dividida", "vida dividida", "ausência", "separação", "desestruturação", "distância", "longe", "saudade", "cada um num canto", "cada um vivendo a vida dele", "cada um com sua própria família", "um pouquinho em cada lugar do mundo", "nunca mais vai dar para juntar como antes", são sentenças que evidenciaram mais um paradoxo do retorno:

"Então se eu queria unir a família, só acabou desunindo tudo, separou tudo, cada um num canto."

Meire Haddad Yachouh (Rede II- 2ª Geração)

Ao mesmo tempo tal divisão foi vista como fato "normal":

"Fiquei oito anos lá, sozinho, e a mulher e os filhos aqui. Todo mundo fazia isso, deixava a mulher e ia embora para o Brasil. Ninguém achava estranho, todo mundo estava acostumado, era assim mesmo..."

Fadel Mohamad Aboo Jokh (Rede I- 1ª Geração)

Retornou-se com a intenção de unir a família, de estar junto aos "iguais", num sonho idílico de convivência familiar harmônica, mas que não foi condizente com a realidade enfrentada pelos que empreenderam o retorno ou que o alimentaram como projeto de vida.

Além dos sentimentos de separação, divisão, desestruturação, o que mais causou reações de desconsolo foi a sensação de abandono, de não se sentir mais parte da

família, expressando uma perda da intimidade e da cumplicidade permitidas pela convivência familiar:

"Eu acho que meu sofrimento foi ainda maior porque eu acabei ficando sozinha aqui. Quando nós viemos para cá, meu irmão Amer ficou estudando no Brasil, depois de um ano meu pai foi para a Venezuela, no ano seguinte foi o meu irmão Khaled, e depois de três anos foram embora a minha mãe e as minhas irmãs, a Salua e a Monira, e eu fiquei aqui, sozinha..."

A família, que era unida, se desestruturou, cada um foi para um canto, para mim foi mais difícil essa época do que sair de um país para outro... Aí você sente que não é mais parte deles, que não é mais parte da família, às vezes eu me sinto esquisita perto da minha mãe, perdi a intimidade, nem com meus irmãos eu tenho aquela coisa de brincar, de brigar com naturalidade. E até hoje a família ainda está assim, cada um num lugar..."

Noá Mohamad Abou Jokh (Rede III- 2ª Geração)

Essa divisão ocorreu das mais diferentes formas e possibilidades:

a. o pai partiu e deixou mulher e filhos, num acordo tácito:

"Os meus filhos já se acostumaram a viver aqui também e convivem melhor com a ausência do pai. Claro que eles sentem muita falta, mas eles sabem que ele vai vir aquele período, vai ficar com a gente, e quando for hora de ir, vai embora, pronto e acabou..."

Aishe Barakat (Rede II- 2ª Geração)

b. o pai partiu e deixou mulher e filhos sem que se aceitasse essa divisão:

"A minha maior dificuldade aqui foi me acostumar com a divisão da minha família. Enquanto nós ficamos aqui com a minha mãe, meu pai voltou para o Brasil e ficou lá trabalhando, cuidando do trabalho, vindo de tempos em tempos... Para mim sempre foi um pouco difícil aceitar essa distância em relação ao meu pai, não era tanto por morar aqui. Eu via a minha mãe sofrendo e eu sofria junto com ela também... Ela sempre compartilhava comigo os problemas, entendeu, e eu me incomodava sempre. Eu achava que se meu pai vivesse aqui seria muito melhor... Mas não tinha como, então meu pai vinha a cada seis meses para nos visitar.

Eu construí uma relação muito próxima com a minha mãe, por eu ser a única menina, e considero que isso fez com que eu vivesse todos os problemas dela: estar sozinha, sem marido, a responsabilidade com os filhos, esse tipo de coisa."

Wafá Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

c. o pai e a mãe voltaram para o Brasil, deixando no Líbano os filhos, geralmente casados. Quando solteiros, ou os filhos retornaram com os pais ou tem vivido aos cuidados dos irmãos casados:

"...O meu pai voltou para o Brasil pouco tempo depois, para continuar a trabalhar, porque senão não teria como nos manter aqui... A minha mãe ficou cinco anos aqui conosco, faz um ano e quatro dias que ela voltou para o Brasil... Eu acho que para ela era muito difícil ter a vida dela dividida, ela aqui com a gente e o marido no Brasil nesse vai e volta..."

Daniel Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

d. os filhos voltam para o Brasil ou escolhem outro destino, deixando no Líbano os pais ou sua família conjugal, reforçando os laços de solidariedade ou não:

"...Os rapazes, o Mohamad e o Ahmad, continuam na Venezuela, mas as mulheres e os filhos deles vivem aqui. O Mohamad tem a casa dele no mesmo quintal da minha casa e o Ahmad tem a casa perto da família da esposa dele. Tem que ser assim, para construir a vida, um ajudando o outro, dividindo a mesma casa, fazendo a comida junto, vivendo junto, é muito bom... Mas todo ano eles vêm para cá, porque tem que ver a família, a mulher e os filhos..."

Fadel Mohamad Abou Jokh (Rede I- 1ª Geração)

"Meus irmãos tocam a vida deles lá no Brasil e a gente a nossa no Líbano, eles não se preocupam muito com o que acontece aqui. Eles só ajudaram quando meus pais passaram pelas cirurgias, porque eu telefonei e expliquei a situação. Fora isso, eu não posso contar com esse apoio, cada um leva sua vida e eu me responsabilizei pela vida dos meus pais..."

Ahmad Abdo Latif Ahmad (Rede III- 2ª Geração)

e. as filhas se casaram e partiram acompanhando seus maridos para diferentes destinos:

"Quando os filhos crescem também é complicado, porque se casam e a gente não sabe mais onde vão parar. A minha filha mais velha se casou e voltou a morar no Brasil, e já vai me dar um neto. Depois que o filho sai de casa, aí você sente o peso da vida... Eu me senti velha!"

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

Quaisquer que sejam as formas de divisão familiar, a ruptura está dada, mas ela pode ser considerada como um fato negativo ou não. Sayad afirma que aqueles que

...aceitam viver separados de sua família, encontram a oportunidade para “dar uma de puros”, apreciando o fato de ter conseguido –por opção ou por obrigação– preservar seus filhos da experiência desnaturada da “educação da França”, bem como da alteração produzida pela emigração...¹⁵⁰

A divisão familiar e a decorrente desestruturação, que levaram à ruptura do projeto familiar, também foram analisadas como uma falha, decorrente da ausência¹⁵¹ paterna ou de excessiva liberdade dada aos filhos, numa contradição da rígida educação característica da cultura árabe:

“Aqui a gente foi se arranjando como foi possível, e os filhos foram tomando cada um seu rumo. A minha filha Laila casou com o meu sobrinho, filho do meu irmão, e graças a Deus, estão vivendo bem. O Adel casou com a prima dele e teve dois filhos, voltou para o Brasil, se separou da esposa e casou com uma japonesa. Foi uma decepção, não gosto de falar sobre ele, porque ele não ligou para mim, não pediu minha opinião, não me respeitou...

O Khaled também voltou para o Brasil e está casado lá com uma brasileira mais velha que ele, com três filhos de outro, e nenhum dele. Ele também não se importa conosco, essa é a verdade... Mas é assim mesmo, os filhos crescem, escolhem seu caminho, tomam as decisões e nós, os pais, não podemos fazer nada, não é mesmo?

Às vezes penso que se eu estivesse lá, se não tivesse deixado que eles voltassem teria sido melhor. Longe de mim, eles foram fazendo o que quiseram, se sentiram donos do próprio nariz e esqueceram de tudo que eu sempre ensinei, do que sempre valorizei...”

Abdo Latif Mohamad Ahmad (Rede I- 1ª Geração)

A separação não foi só entre pais e filhos, mas também entre marido e mulher, levando de fato a uma impossibilidade de convivência conjugal, pela distância não só espacial e temporal mas de convivência efetiva, cotidiana e cúmplice:

“Eles (os filhos) reconhecem tudo isso o que eu fiz, mas meu marido eu acho que não pensa da mesma forma, não me reconhece como uma boa esposa... Ele não quer falar comigo e quando meus filhos perguntam o que eu fiz ele diz que nada, mas mesmo assim ele se recusa a falar comigo. A última vez que falei com ele por telefone parecíamos dois estranhos...”

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

De outra forma, ausência, separação e reencontro podem dar outros contornos às crises familiares, permitidas justa e possivelmente só pelo retorno ao Líbano:

¹⁵⁰ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração...* op. cit., p. 228.

¹⁵¹ Para Sayad, a ausência é uma falta, no sentido de não estar presente fisicamente, como também no sentido moral de “culpa”. SAYAD, Abdelmalek. “O Retorno...” op. cit., p.18.

"Muitas coisas melhoraram para mim quando vim para cá, isso eu tenho que reconhecer. Além de vencer as drogas, recuperar minha família e refazer minha vida, consegui também resolver minhas diferenças com meu pai. Nós nunca fomos pai e filho queridos, quando ele falava mal de mim eu falava dele e vice-versa. Logo depois de nossa vinda para cá, meu pai também veio e meu irmão falava que um dia iria colocar meu pai e eu para conversarmos, que não estava certo aquilo, mas eu achava que não deveria mexer porque senão iria piorar...

Uma noite eu já estava deitado e meu irmão e meu pai ficaram conversando... Aí meu irmão veio, me acordou e falou: 'vamos conversar'. Eu não queria mas ele insistiu, nisso a família estava toda lá em casa, aí eu falei tudo que tinha que falar, que o culpado de ter acontecido aquilo na minha vida era ele, falei da mulher que ele tinha e ele falou também das coisas que eu tinha feito, fomos desabafando todas as mágoas, tudo o que estava guardado... Aí ele levantou, me mandou levantar e eu levantei, a gente se abraçou e foi um abraço muito diferente...

A partir dessa conversa, resolvemos nossos problemas e foi muito bom, porque as coisas mudaram, hoje ele pensa mais em mim do que nos meus irmãos, ele liga para cá sempre e, quando ele vem, não sei por que, ele é mais do meu lado, e quando ele vai deixa dinheiro para nós, mesmo a gente falando que não precisa..."

Nasser Mohamad Alauan (Rede III- 3ª Geração)

Para a maioria dos retornados verificou-se um processo de reestruturação familiar, que pôde se dar na divisão dos seus membros, na separação de casais, na reconciliação de pais e filhos ou numa ruptura nessa relação e, sobretudo, na reavaliação do projeto familiar que engendrou a migração e idealizou o retorno.

Sayad considera que o processo migratório como um todo provoca alterações das "mais perniciosas" do ponto de vista cultural, no tocante

...ao modo de vida, às maneiras de pensar e agir, aos comportamentos, às práticas cotidianas, às atitudes, etc, e referem-se, em última análise, a tudo que é submetido sob o processo de assimilação, ao que está implicitamente contido no que se reconhece como semelhança e dessemelhança. De um lado e de outro, a emigração e a imigração são suspeitos de subversão e mais ou menos abertamente acusados de alterações culturais.¹⁵²

Não há retorno ao idêntico porque tudo mudou: o país que se deixou, as pessoas que ficaram e as que partiram. Essas mudanças são culturais, pois ainda que se quisesse manter a estrutura cultural de origem e evitar as influências, isso se revelou como tarefa impossível, porque a migração de trabalho tornou-se familiar, porque a duração da

¹⁵² *Idem*, p. 19.

migração estendeu-se além do planejado, porque vivendo na terra dos outros não há como não viver, de alguma forma, como os outros. O que o retorno colocou em evidência foi a crise da família e do projeto familiar no processo migratório.

6.4 O Cotidiano

A temática do cotidiano, como prática fragmentada e múltipla da ação humana, pode se constituir em um complexo e intrincado campo de pesquisa. O cotidiano foi visto mais comumente como espaço de banalidade, de trivialidade, de futilidade, de superficialidade e de reprodutibilidade daquilo que já está dado quase como o domínio da alienação, em oposição aos grandes acontecimentos da História global, do domínio da verdade calcada em uma visão científica e de um saber científico.

Embora o cotidiano possa ser visto como banal ou simples, sua complexidade está na busca de uma lógica para essas ações, que não são meras reproduções do que já está dado. Para Certeau, o cotidiano pode compor uma “pesquisa complexa, porque essas práticas volta e meia exacerbam e desencaminham as lógicas”¹⁵³.

Da mesma forma para Heller,

... a vida cotidiana não está “fora” da história mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social... As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em si”.¹⁵⁴

Ainda segundo Heller, todo homem nasce inserido em sua cotidianidade, pois a vida cotidiana é a vida de todo homem, sem exceção, do intelectual ao operário; do homem inteiro, em todos os aspectos da sua vida, de sua individualidade e de sua personalidade; na vida pública ou na vida privada; do indivíduo que é, ao mesmo tempo, particular e genérico; que só atinge a vida adulta quando é capaz de viver por conta própria sua cotidianidade, quando domina todas as habilidades necessárias para a vida em sociedade, da ação trivial à mais complexa que são, na verdade, a expressão das relações sociais.

Certeau explicita:

¹⁵³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano...* op.cit., p 43.

¹⁵⁴ HELLER, Agnes, op. cit., p. 20.

O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”... É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta “não história”... O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...¹⁵⁵

Esses invisíveis são os elementos da cotidianidade que, segundo Heller, são assimilados dentro de um grupo (família, escola, comunidade), cujo papel é mediar as relações “entre os indivíduos e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores.”¹⁵⁶ No entanto, é necessário extrapolar a experiência do grupo, é necessário também fazer parte de integrações maiores localizadas na sociedade em geral, além do grupo do qual se faz parte, sendo então capaz de viver além daquela dimensão familiar e comunitária.

No caso de quem emigra, imigra, retorna, a experiência desse cotidiano e a capacidade de readaptar-se ou adaptar-se a ele são provas cabais de ser capaz de “ingressar nas fileiras dos adultos”, nas palavras de Heller, pois agora não se trata mais de viver da forma como vivem os indivíduos de um mesmo grupo, entre os iguais e no que é familiar e comum a todos. Trata-se antes de conviver com o outro, como o outro, com aquilo que se tornará comum e fará parte de um novo cotidiano.

Esse cotidiano vem carregado de alternativas, escolhas, oportunidades e possibilidades diante do já instituído, o que nos permite considerar que é a partir das práticas cotidianas que o homem age, realiza transformações em si, nos outros e no espaço que habita. Na vida diária e cotidiana é que se manifestam os desejos e vontades, as necessidades e as novas experiências, cuja tradução é a transformação dessa realidade.

Analisar o cotidiano daqueles que se inserem num novo cotidiano, “diferente”, “estranho”, “esquisito”, é um desafio nos estudos concernentes à migração e ao retorno e, no caso desta pesquisa em particular, a toda experiência que se refira à vida em família, ao relacionamento conjugal, ao cuidado dos filhos, ao dia-a-dia da guerra, às facilidades tecnológicas, do modo de vestir e de se alimentar, à vida em família, do

¹⁵⁵ CERTEAU, Michel de, *op. cit.* p. 31.

¹⁵⁶ HELLER, Agnes, *op. cit.*, p. 19.

relacionamento conjugal, ao cuidado dos filhos, entre tantos outros que marcaram essa experiência de retorno.

É importante compreender o processo de adaptação no momento em que o retorno ocorreu. Os períodos de idas ao Líbano dos colaboradores desta pesquisa coincidiram com as diferentes fases da guerra vivida no país desde a década de 1970 até a década de 1990 e, mesmo para aqueles que não viveram diretamente os conflitos, as suas marcas e os impactos foram percebidos nessa fase inicial de instalação.

Aqueles que viveram o momento da guerra dimensionaram essa experiência em toda a sua complexidade, fundamentalmente do ponto de vista de enfrentar o medo e o terror subjacentes ao fato. Neste caso, não importa ser ou não ser descendente de libaneses, ser homem ou mulher, adulto ou jovem, querer ou não querer estar no país. Portanto, aqui a distinção em relação às redes torna-se desnecessária nesta análise.

Há que se diferenciar, sim, como o fato foi sentido por aqueles que o viveram diretamente, cujo momento de instalação no país coincidiu com a eclosão da guerra, daqueles que viveram as suas conseqüências, já na fase final do conflito.

Os que chegaram na época do início dos conflitos, de 1975 e 1982, fizeram referência ao fato de uma forma bem peculiar, indo de expressões mais corriqueiras como “a guerra estourou” ou “veio a guerra”, como outras mais específicas como “trouxemos a guerra”, “assistimos a guerra”, “chegamos com a guerra”, ou ainda “vivemos a guerra, era nosso destino”. A referência foi genérica, “a guerra”, ou determinantes, “a de 1975”, “a de 1982”, “quando Israel invadiu o Líbano”. O desconhecimento sobre o que era a guerra, a experiência da fuga, a pilhagem, a identificação de quem era o inimigo também estiveram presentes:

“A guerra era muito mais difícil que eu imaginava. Um dia todo mundo fugiu da vila de Haushi el Harimi, parecia uma vila fantasma... Quando as coisas se acalmaram e voltamos para nossa casa, tinham levado tudo, pratos, talheres, copos, roupas e, o pior de tudo, o dinheiro que estávamos juntando e que ficava no guarda-roupa... Quando a gente saiu de casa, foi com a roupa do corpo, não deu para pegar nada. Isso não aconteceu só com a gente, foram mais de cinquenta casas e dizem que os sírios que fizeram isso.”

Ahmad Abdo Latif Ahmad (Rede II- 2ª Geração)

A primeira associação que se fez foi aquela relacionada aos sentimentos despertados pelo conflito: medo, choro, destruição, mortes, provocados pelas bombas, pela presença dos tanques e pelos armamentos nas mãos de inimigos. Insegurança, incertezas, perigo, a ameaça de morte foram as sensações mais presentes rondando as

primeiras experiências desse cotidiano. A guerra foi vista como “uma coisa louca”, “um inferno na Terra”, “a coisa mais horrível do mundo” e, invariavelmente, esteve associada tanto com a permanência no Líbano, apesar dos riscos (“todo mundo foi embora, só nós ficamos”, **Neuza, Rede IV**), como com a interrupção dos planos, havendo a necessidade de retornar ao Brasil:

“Chegamos aqui, veio a guerra, trouxemos a guerra junto, Deus me livre! Sabe o que é o inferno? Tanques de guerra, aviões, todo mundo armado, dava medo mesmo. As minhas filhas falaram: ‘pai, você é doido, trazer a gente para cá nessa guerra?’ Ficamos um ano, assistimos um pouco da guerra e fomos embora... Por causa dela, eu acabei voltando logo em seguida para o Brasil, porque a guerra realmente complicou meus planos. Achei isso ruim, porque trouxe minha família para cá, gastei dinheiro à toa, e se eu não tivesse vindo era melhor.”

Abdul Majid Kadri (Rede I- 1ª Geração)

Para os que não viveram o conflito diretamente, tendo chegado ao Líbano após os intervalos dos conflitos de 1982, essa percepção se fez sentir nas marcas da guerra, na destruição pelo caminho, nos buracos de bala nas paredes, nos prédios destruídos, nos sacos de areia compondo trincheiras, levando a uma conclusão unânime: o pavor, a situação assustadora e, principalmente, o desejo de ir embora:

“Nós viemos bem na época que tinha acabado a guerra, fazia um mês, então tudo ainda lembrava aquela situação, tudo destruído, bombardeado, as marcas por todo lugar... Era tudo atrasado, faltava de tudo, principalmente luz, e isso era uma coisa que a gente não estava acostumado, nunca tinha passado por aquela situação.

Para mim foi mudar radicalmente de um tipo de vida para outro tipo de vida, da cidade para o interior, das facilidades para as dificuldades, do conforto para as privações, porque aqui tudo era mesmo muito diferente e, para piorar, tinha a questão do que a guerra fez com o país.”

Noá Mohamad Abou Jokh (Rede III- 2ª Geração)

Para aqueles que chegaram a meados da década de 1990, quando a guerra se retraía e buscava-se uma solução para os conflitos na região, até culminar em seu término e nas propostas de reconstrução do Líbano, a percepção também não foi diferente nesse primeiro contato com o país. O que mais chamou a atenção foram a destruição, as marcas deixadas pelos bombardeios, a sensação de estar chegando a “um fim de mundo” e a pergunta inevitável: “onde vim parar?”. O desejo de ir “embora no primeiro avião” é decorrente desse primeiro impacto:

"Eu fiquei espantada com o que vi quando nós chegamos ao Líbano... A guerra ainda não tinha acabado completamente, Beirute estava toda bombardeada, tudo estava destruído pelo caminho... Foram umas quatro horas de viagem entre Beirute e Ghazzi e, nesse percurso todo, não tinha nada para se comprar, nenhuma venda, nada, nada... Só as marcas da guerra, muita destruição e uma vida de vilarejo de interior..."

Marlene Vieira Lima (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Com certeza, é em relação ao gênero e à faixa etária, num contexto familiar que dá suporte a essas mudanças, que essas dificuldades cotidianas fazem-se sentir em maior dimensão. O universo da casa, o cuidado dos filhos, a preservação da unidade familiar, a convivência com a família grande passam pela adaptação das mulheres, descendentes ou não, que partiram para o Líbano com uma família conjugal já formada e que, por isso, sofreram os impactos e as dificuldades de conviver com uma estrutura bem diferente daquela à qual estavam acostumadas no Brasil.

Da mesma forma, têm sido elas também as mediadoras desse conflito geracional e familiar, ocupando a linha de frente nesse embate:

"Quando nós chegamos aqui, as minhas filhas choravam dia e noite, e eu chorava junto com elas, porque realmente foi duro aceitar essa mudança, mesmo para mim que sou nascida aqui, imagine então para elas..."

Elas não se conformavam de sair do Brasil, onde nós vivíamos bem em nossa casa, para vir morar na casa do meu sogro. Elas estranharam tudo aqui, coisas como o banheiro, que era aquela fossa direto no chão e nem chuveiro tinha, era banho de caneca. Coitadas! É difícil mesmo para se acostumar com essas coisas... Elas falavam: 'por que você trouxe a gente para cá?' E o que eu poderia responder?

Parecia que eu estava voltando no tempo. Quando eu fui ao Brasil, no começo eu tive que dividir a casa com outras pessoas, e quando eu voltei para cá foi a mesma coisa. Além de trabalhar na roça, onde colhia tomates e pepinos, eu ainda tinha que fazer todo o serviço da casa, cuidei do meu sogro adoentado e da mulher dele, cuidei do meu cunhado, da esposa adoentada dele e dos vários filhos, todos pequenos. Coitada de mim, era sofrimento demais!

Não teve um dia que a gente viveu bem..."

Dbi Mustafá Kadri (Rede I- 1ª Geração)

O impacto diante da nova realidade se faz sentir na experiência cotidiana de viver sem luz elétrica ("era tudo na base do motor, quem tinha ligava..."), sem abastecimento de água, sem comunicação por telefone ("só tinha o rádio amador"), da necessidade de estocar alimento no verão para enfrentar o rigoroso inverno ("aprendi a fazer berinjela, massa de tomate, pepino em conserva, pêssego em calda...", Neide, Rede IV).

Facilidades domésticas também inexistiam: geladeira, máquina de lavar roupa, chuveiro elétrico; aquilo a que se estava “acostumado no Brasil” e que não se encontrava no Líbano nesse momento provocaram as piores reações diante da nova realidade: “eu tive uma imagem muito ruim daqui”, “eu não morri de amores, não me apaixonei por aqui à primeira vista, não tinha como”, “foi um grande choque”, “parecia que eu estava em outro mundo, num outro planeta”.

Essas facilidades foram apontadas como “mordomias”, luxo e conforto dos quais foi necessário abrir mão como, por exemplo, a empregada doméstica tão comum nas casas brasileiras. O serviço doméstico excessivo (cuidado dos filhos, limpeza da casa, cozinhar, lavar e passar) ficava sob responsabilidade exclusiva das mulheres, sendo uma qualidade “dar conta de tudo”.

É necessário adaptar-se também aos novos costumes no tocante aos hábitos de higiene, modo de vestir e alimentação. Se a falta do chuveiro elétrico é uma dificuldade a ser enfrentada, tanto mais difícil é entender os hábitos de higiene que contrastam diretamente com aqueles trazidos do Brasil que, inclusive, podem levar a uma interpretação dúbia:

“A questão do banho aqui é muito diferente, isso eu estranhei neles e eles estranharam em mim. Eu não consigo dormir se não tomar meu banho gostoso, seja verão ou inverno, mas o pessoal aqui lava o corpo um dia sim e outro não, e tem gente que fala para mim que toma banho uma vez por semana no inverno, é uma questão de hábito deles...”

Logo que cheguei aqui eu via as meninas rindo de mim, toda vez que eu tomava banho e saía com o cabelo molhado, e eu não entendia o porquê. Aí elas me explicaram que quando eu tomasse banho, deveria amarrar o cabelo ou pôr um lenço, porque aqui é feio você sair com o cabelo molhado. Sabe o que significa? Que você manteve relações com o seu marido, porque tem que tomar banho e lavar o cabelo quando isso acontece. Aí eu acabei explicando para elas que é uma questão de higiene, que é necessário tomar banho todo dia, principalmente a mulher... Para provocar e confundi-las comecei a tomar banho várias vezes ao dia, e elas começaram a entender que uma coisa não tem nada a ver com a outra...”

Márcia Elisa Fermiano (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

O modo de vestir também foi apontado como experiência cotidiana que provocou estranhamento, que marcou as diferenças e levou à necessidade de adaptação. Certeau afirma que a organização da vida cotidiana se articula em dimensões fundamentais relacionadas ao comportamento, pois é

...(nos) comportamentos, cujo sistema se torna visível no espaço social da rua e que se traduz pelo vestuário, pela aplicação mais ou menos estrita do código de cortesia (saudações, palavras “amistosas”, pedido de “notícias”), o ritmo do andar, o modo como se evita ou ao contrário se valoriza este ou aquele espaço público.¹⁵⁷

Para os descendentes, essa dificuldade já era previamente conhecida ou era uma exigência anterior dos pais na formação dessa geração durante o período migratório, portanto, uma vez no Líbano, essa questão não causou surpresas, o que não significou que o conflito não existiu ou que também não tenha sido necessária a adequação:

“Eu procurei me adaptar no que pude ao modo de vida daqui, já mudei muita coisa para evitar problemas. A questão da roupa, por exemplo, mudei totalmente o meu modo de vestir, porque no Brasil eu usava camiseta sem manga ou de alcinha, mostrava minha barriga, usava calça agarrada demais, tinha até que deitar na cama para conseguir entrar a calça, usava shorts, usava saia curta, usava tudo, não estava nem aí... Aqui não, tive que mudar todo o meu jeito de vestir, porque uso largo, não uso agarrado, tudo comprido, para não falarem por aí que você não presta...

Não foi meu marido que me impôs isso, eu achei melhor mudar e andar como todo mundo que está ao meu redor, não queria ser a atração da cidade. Quero ser uma pessoa como todo mundo, não quero ser apontada na rua, não quero que meu marido sinta vergonha de mim... Então tive que mudar e passar a viver como eles vivem aqui. São essas coisas pequeninhas do dia-a-dia que você tem que aprender como levar, para sua vida ficar mais fácil.”

Iman Houssein Abou Jokh (Rede III- 2ª Geração)

Para as mulheres não-descendentes tratou-se, de fato, de aceitar e assumir uma nova forma de vestir, adequando-se ao ambiente:

“Tive que aprender a viver do jeito deles aqui, em relação a tudo, inclusive em questão das roupas. Lá no Brasil eu usava roupas de alcinha, regatas, bermudas, porque eu era jovem e tinha as pernas bonitas... Meu marido não falava nada, não se importava, mas quando a gente ia mudar para cá ele me avisou que eu iria me vestir do jeito que as irmãs dele se vestiam...

Aí eu cheguei aqui não usei mais bermudas e aposentei as regatas... Agora já não gosto mais nem de mangas curtas, só uso de mangas compridas direto. Não sei por que, mas não me sinto bem, chega uma idade que você não gosta mais, acha que fica feia, que não está adequado. Lá no Brasil é diferente, a mulher fica velha, usa regata, de alça, não está nem aí... Para mim isso não serve mais, eu não quero que eles falem: ‘olha aquela brasileira, olha o que ela está usando...’ Eu gosto de usar roupa bonita mas não que seja escandalosa, porque cada moda tem sua idade...”

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

¹⁵⁷ CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 38.

Certeau reflete sobre essa situação:

...para “continuar sendo usuário do bairro” e gozar do estoque relacional que contém na vizinhança, não convém “dar muito na vista”. Todo desvio explícito, particularmente no vestuário, significa atentar contra a integridade simbólica; esta vai repercutir imediatamente no nível da linguagem em apreciação de ordem ética sobre a qualidade “moral” do usuário. E os termos empregados podem ser extremamente severos: “é uma piranha”, “está gozando a cara da gente”, “está nos esnobando...”. Do ponto de vista do sujeito, a convivência repousa em uma legislação interna que pode resumir-se numa fórmula única: “o que vão pensar de mim?” ou então “o que os vizinhos vão dizer?”¹⁵⁸

Os jovens, tanto do sexo feminino como do sexo masculino, e mesmo homens adultos, também enfrentaram essa dificuldade, mas esforçaram-se por manter hábitos trazidos do Brasil em relação ao modo de vestir, considerados inadequados para os padrões da comunidade (que valoriza o uso de “calça e camisa de manga comprida”, “roupa larga”, “mais formal”, “bem arrumada”, “toda chique”, “sapato”, “salto alto”), como o uso de “bermuda”, “shorts”, “saia curta”, “camisetas regatas”, “calça mais justa”, “blusinha coladas”, “mais esporte”, “sem camiseta”, “chinelo”, “tênis”. Para manter esse modo de vestir muitas vezes foi necessário enfrentar o “estranhamento”, o “falatório”, “não ligar”, e ser visto como “louco”, “xarope”:

“Uma outra coisa que foi um choque para a gente se adaptar foi a questão da roupa, do estilo, do jeito de ser. A gente chegou do Brasil com aquele jeito descontraído, no verão de quase quarenta graus usava chinelo, shorts, sem camiseta, que é normal... Nossa! Todo mundo falava que a gente andava pelado. Pe-la-do!

E quando eu resolvi deixar o cabelo crescer, então, foram comentários de todos os lados... Meu pai também não aceitava, porque ficava todo mundo comentando do meu cabelo, que era absurdo, que isso, que aquilo... Aqui todo mundo dá palpite, quer controlar sua vida, decidir como você deve se comportar, entendeu? Aí eu pensei: ‘vou ter que andar como eles querem?’ Segurei a onda, mantive meu cabelo assim comprido, falaram, falaram e depois foram se acostumando. Se você não se impõe eles tomam conta da sua vida facilmente.”

Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Assim como a roupa, a prática de esportes e o cuidado com o corpo, entre pessoas do sexo feminino ou do sexo masculino, também têm sido fatores que marcaram a diferença e evidenciaram as dificuldades de adaptação desse grupo, procurando-se encontrar forma de superar o problema além de identificá-lo:

¹⁵⁸ *Idem*, p. 50.

"...na questão de praticar esportes, os jovens nem ligam para isso, aqui tem campo de futebol, mas ninguém se interessa em jogar uma partida, montar um campeonato ou só bater uma bolinha no final de semana".

Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

"Aqui as mulheres são paradonas, não se preocupam com nada, casam, têm filhos e só engordam, engordam... O povo daqui não faz exercícios, não se cuida, aqui o que eles mais fazem é comer, beber, fumar e dormir, essa é a vida deles..."

Eu já não, eu me mexo muito, estou sempre me movimentando, por isso ainda meu corpo é magrinho, mesmo com quatro filhos. Até hoje eu jogo vôlei com a minha vizinha em frente de casa, ela me chama e eu vou correndo, não perco uma partida por nada. No Brasil eu jogava muito bem, a-do-ra-va jogar! Mas imagina o que eles não falam de mim! Onde já se viu uma mulher de trinta e seis anos, casada, com filhos, na rua, jogando vôlei com a meninada? Ih, eu nem ligo, se for ligar, não faço nada..."

Noá Mohamad Abou Jokh (Rede III- 3ª Geração)

O que se contesta é a prática do esporte, o cuidado com o corpo, o padrão da mulher magra (ocidental), ou a inadequação dessas atitudes por quem as pratica? Há uma oposição entre valores e atitudes: fumar e ser sedentário ou ser saudável e ativo; manter um corpo magro (mesmo sendo casada e com filhos) ou engordar (porque casou e não mais preocupação com a vaidade); agir de forma inadequada (jogar vôlei e futebol) ou limitar-se aos comportamentos já esperados; e, nestes casos, as questões de gênero ou etária têm a mesma relevância.

As práticas cotidianas também se evidenciam na questão da alimentação. Certeau afirma que as "práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e mais desprezado", cabendo à mulher papel fundamental nestas "artes de nutrir", na "preparação da comida no lar"¹⁵⁹. No invisível das práticas cotidianas, alimentar, nutrir, cozinhar são atribuições femininas, fazem parte de suas tarefas cotidianas e remetem a um mundo maternal com cheiros e sabores de infância.

A alimentação é um dos principais fatores de estranhamento, seja na questão dos ingredientes ("aprendi a cozinhar a comida árabe porque era mais fácil encontrar as coisas", **Expedita, Rede IV**), da forma de cozinhar ("estranharam porque não coloquei o macarrão cabelo de anjo, que é o jeito de preparar o arroz aqui", **Márcia, Rede IV**) ou ainda de se compartilhar o momento da refeição ("a comida era feita para todo mundo",

¹⁵⁹ *Idem*, pp. 211-218, *passim*.

M. Neuza, Rede IV). É necessário aprender (com a sogra, com a cunhada, com a vizinha ou sozinha) a cozinhar (“todos os tipos de comida árabe”, **Célia, Rede IV**), acostumar-se aos novos sabores (“tive que comer a comida deles”, **M. Neuza, Rede IV**), ainda que não se queira (“não queria comer a comida deles”, **Marlene, Rede IV**).

Certeau, em relação às “artes de nutrir”, ainda afirma que:

...cada hábito alimentar compõe um minúsculo cruzamento de histórias. No “invisível cotidiano”, sob o sistema silencioso e repetitivo das tarefas cotidianas feitas como que por hábito, o espírito alheio, numa série de operações executadas maquinalmente cujo encadeamento segue um esboço tradicional dissimulado sob a máscara da evidência primeira, empilha-se de fato esta montagem sutil de gestos, de ritos, de códigos, de ritmos e de opções, de hábitos herdados e de costumes repetidos¹⁶⁰.

Entre recusar e aceitar as novas práticas cotidianas nas tarefas de alimentar e nutrir, a mediação, “um pouco daqui, um pouco de lá”, não importa qual parte seja:

“Em relação à comida a gente mantém um pouco de lá, nós não conseguimos nos adaptar a toda alimentação daqui, então comemos muito arroz, feijão, e bife, que é bem do costume brasileiro. Já o café da manhã é o típico daqui, o pão árabe, coalhada, azeitona, essas coisas, até o pão francês que eu tanto adorava já não como muito.”

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

“Tem coisa que eu gosto mais do lado brasileiro, principalmente na questão da comida. Os árabes de manhã comem todas aquelas comidas, eu não, eu puxo pelo lado brasileiro, pela manhã é o café-com-leite e pão com manteiga, no almoço não pode faltar o arroz e feijão... Praticamente, eu só faço comida brasileira, é o que se come aqui em casa.”

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Algumas dessas diferenças podem até ser lidas como anedóticas, se retiradas de seu contexto e de sua dimensão:

“No começo desse processo de adaptação, uma coisinha banal você quer colocar defeito, para não aceitar essas mudanças. Quer ouvir uma coisa engraçada? Logo que cheguei, fui ao açougue comprar carne, e eu disse que queria contra-filé, e o rapaz tranqüilamente me disse: ‘escolhe aí’, apontando para o boi pendurado, porque eles cortam a carne de comprido, sem diferença nenhuma. Eu nunca tinha visto aquilo! Olhei para o boi de cima a baixo, olhei para o meu marido e fui para fora chorar... Eu pensei comigo: ‘é esse o tipo de vida que vou levar aqui?’

¹⁶⁰ *Idem*, p. 234.

O cara do açougue começou a dar risada e falou: 'por que todo mundo do Brasil é louco assim?' Para eles não interessa o corte, tudo é carne, mas para alguém que está acostumado a ver a carne cortada bonitinha no mercado, tudo embalado, vários tipos de corte, estranha muito. Depois que você acostuma, pronto, o resto é besteira."

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

O que pode parecer "banal", "uma coisa à toa" assume quase ares de tragédia nesses primeiros momentos, quando os modos de vida, tão diferentes, estão em evidência. Não se trata do corte da carne, de ter ou não um produto ou ingrediente, de encontrar aquilo que se espera encontrar, mas antes o enfrentamento de uma outra realidade, de aceitação de uma mudança, desejada ou não, de adequação a novos padrões culturais e, até mesmo, da condição de pertencimento ao lugar.

As dificuldades diante de outro contexto, a experiência cotidiana dificultada pelas questões da guerra e pelas questões climáticas (a necessidade de preparação para o inverno), o fato de estar acostumado a uma situação e deparar-se com outra ("nova", "diferente", "difícil", "complicada", "nada prática") exacerbaram esse primeiro impacto e aumentaram as dificuldades de enfrentar essa situação. Nada era igual ao Brasil, à vida a que se estava acostumada, ao cotidiano certo e previsível.

"Eu cheguei aqui à casa dos meus sogros era noite, estava frio e escuro, e era tudo diferente... Não tinha nada de móveis, não tinha mesa para comer, sofá para sentar ou cama para dormir, era tudo no chão mesmo... Para piorar, as crianças começaram a chorar porque estavam cansadas, com fome e estavam estranhando tudo, o lugar e as pessoas..."

Aí eu fui dar banho nas crianças, e me falaram que o chuveiro tinha que esquentar, acenderam o óleo no banheiro e ficou uma fumaceira, pior que a 'Maria Fumaça!' Eu não consegui entrar, fiquei apavorada e as crianças também, e só choravam... Não tinha luz, não tinha água, não tinha nada das coisas que eu estava acostumada no Brasil, e olha que eu morava numa fazenda do interior do Paraná... Mas a guerra complicava tudo mesmo..."

Até a comida era difícil para conseguir, quem tinha pão em casa podia se considerar muito rico mesmo. Eles comiam aquele pão feito em casa que eu não me acostumava a comer. A minha sogra queria me ensinar a fazer o pão e eu não conseguia aprender, a roupa tinha que ser lavada à mão e eu só sabia usar máquina de lavar... Tudo, tudo era muito difícil!"

Alvira de Vargas (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Mas quando se percebe que a realidade é de fato esta, que a situação é, por ora, irreversível, e viver e se adaptar ao Líbano é a solução, avalia-se que, em relação às comodidades e facilidades, o cotidiano "melhorou um pouco de quando eu cheguei",

“agora todo mundo tem essas coisas, e tem de tudo que existe em outros lugares”, “tudo foi ficando mais normal, mais parecido com a minha vida lá no Brasil”.

Esse aspecto revela mais uma faceta do processo de adaptação ao extrapolar as questões referentes aos papéis sociais de gênero, as questões etárias ou de geração. Do ponto de vista das facilidades domésticas, da organização familiar diante da outra cultura, da necessidade de se adequar às práticas cotidianas, o processo de readaptação e de adaptação dos retornados foi se concretizando à medida que o tempo de permanência se estendeu ao longo dos anos. A migração é ruptura, ainda que se queira negá-la; e o retorno de fato é impossível, porque não há como retornar ao que se deixou para trás.

VII- O RETORNO COMO EXPERIÊNCIA: INSERÇÃO E REINSERÇÃO

Sayad afirma que a problemática do retorno deve ser analisada do ponto de vista da “reinserção dos imigrantes na sua sociedade, sua economia e sua cultura”¹⁶¹. É ainda uma tentativa de

...“reabilitar” os imigrantes, sua cultura de origem (ou o que se considera como tal), sua língua e, podemos acrescentar, como ponto culminante desse paradoxo, todas as iniciativas que se autodenominam “reaculturação”, pois elas permitiriam que eles se reencontrassem a si mesmos, que redescobrissem seu país, sua língua, sua religião, que se reconciliassem com suas tradições, sua cultura, etc.¹⁶²

Com esta perspectiva, analiso neste capítulo a questão da inserção e reinserção dos pontos de vista econômico, educacional, lingüístico, religioso e matrimonial no tocante à árdua tarefa imposta pelo retorno, quaisquer que sejam as gerações nele envolvidas, num projeto familiar, nos momentos de migração e de retorno.

7.1 A Inserção Econômica

Na concepção e idealização do retorno ao país de origem, o migrante planejou adquirir recursos econômicos para a aplicação em seu país, sendo este o fato que justificaria a empreitada migratória e o longo período de ausência. O retorno esteve vinculado diretamente ao alcance de certo sucesso econômico, seja na aquisição de bens, seja no acúmulo de capital para investir em algum negócio, revelando assim também o sucesso do projeto de migrar.

Suposta e teoricamente, uma vez alcançados esses recursos, objetivo da partida, o retorno tornar-se-ia decorrente e concretizado. Esses recursos ou teriam sido enviados durante a experiência migratória, para a construção de casas, aquisição de terras, ou mesmo acumulado e levado pelo próprio imigrante no momento da partida¹⁶³.

¹⁶¹ SAYAD, Abdelmalek. *La double absence: des illusions de l'émigre aux souffrances de l'immigré*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 163.

¹⁶² *Idem*. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 62.

¹⁶³ Hourani e Nadim ponderam que pouco tem se estudado sobre a influência dos emigrantes sobre o Líbano. O envio de recursos para a família pelos imigrantes bem sucedidos tem tido um importante efeito sobre a vida econômica e social do país, pois têm possibilitado às famílias comprar terras para plantio, reconstruir a casa da família na vila com “muros brancos e telhas vermelhas”, ou ainda educar os mais jovens. Da mesma forma, criam-se alianças com políticos libaneses locais para garantir favores a seus familiares ou homenagens no retorno dos imigrantes ao “velho país”. HOURANI, Albert e SHEHADI,

O que se verificou junto à maioria dos colaboradores desta pesquisa é que concretamente não houve o alcance de um sucesso econômico que justificasse uma vida confortável e sem dificuldades no retorno à terra natal, ao menos comparada com as condições existentes e vividas no Brasil. Alguns dos que retornaram apontaram a questão econômica como o motivo que engendrou o retorno. Outros apresentaram essa questão como um dificultador no processo de reinserção ao país, ainda que tenha havido um preparo anterior nesse processo de mudança.

Outros assinalaram o trabalho (ritmos, formas, meios) como facilidade para essa reinserção. Há aqueles que não se acostumaram com as diferenças existentes no Brasil em relação ao Líbano, por isso não adquiriram habilidades econômicas para serem empregadas em sua localidade, e consideraram a vantagem do país de origem em relação ao país de destino:

"A gente aqui é diferente do Brasil, no Brasil se você não trabalha todo dia morre de fome, aqui não, trabalha três meses por ano e dá para o ano inteiro. É diferente, aqui é mais fácil..."

Abdul Ali Kadri (Rede I- 1ª Geração)

Há também aqueles que adquiriram habilidades e recursos econômicos no país de imigração¹⁶⁴ que facilitaram o processo de reinserção à sua comunidade de origem:

"Eu nunca tive medo de enfrentar o desafio, de recomeçar, então vim com a cara e a coragem e ainda com uma boa experiência profissional como marceneiro. Para mim, a marcenaria sempre foi um bom negócio, porque quando eu voltei para cá, o Líbano já estava mais moderno e as pessoas já queriam ter móveis, camas, estantes, armários em suas casas, coisas que antes aqui não tinha, não era costume.

Minha marcenaria fica aqui em Loussi, e eu tenho clientes de todo lugar até de Beirute, então serviço não falta. A maioria dos meus fregueses me procura porque gosta do meu trabalho e da minha experiência de trabalhar com móveis de estilo brasileiro. Eu tenho catálogos prontos e também faço projetos personalizados, então o negócio está indo bem, graças a Deus.

Por isso eu acho que não foi uma dificuldade muito grande me readaptar aqui, me acostumar a viver aqui de novo."

Mohamad Mustapha Abou Arab (Rede I- 1ª Geração)

Nadim. *The Lebanese in the world: a century of emigration*. London: The Centre for Lebanese Studies e IB Tauris & Co Ltd. Publishers, 1992, p. 11.

¹⁶⁴ Também no mesmo capítulo 3, discuto a questão do retorno do ponto de vista do desenvolvimento regional, classificando-o como retorno de inovação e retorno de capital e investimentos.

O retorno se efetivou na inserção econômica no Líbano, rapidamente, sem demora, “logo que voltei”, porque “não se pode parar, não tem como” e ainda porque não se pode “perder tempo”. É necessário tanto para garantir o sustento da família como para evitar que os recursos trazidos fossem desperdiçados desnecessariamente. Com esse empenho de se garantir o trabalho é que se faz “um pouquinho de tudo”, como nos tempos da imigração.

O tipo de trabalho variou entre retomar as atividades na lavoura (ou na “roça”, como dizem os colaboradores), reeditando o modelo anterior à emigração, seja porque a reinserção se deu no âmbito familiar (“trabalhei na roça, ajudando meu pai”), seja porque a falta de opções como recursos econômicos acumulados levou a concluir que essa é a única possibilidade (“comecei a trabalhar aqui na terra, na lavoura mesmo”). A constatação, em alguns casos, é da perspectiva de sustentar a família com essa atividade (“hoje eu só trabalho na roça”) porque a produção de trigo tem sido vendida ao governo, e em outros, que é possível apenas sobreviver porque se planta “tomate, pepino, rabanete e todo tipo de fruta” para a própria subsistência (“rico mesmo não deu para ficar, deu para viver”).

A opção pelas atividades agrícolas foi a menos procurada. Se na imigração procurou-se trabalhar por conta própria e ser o próprio patrão, atitude concretizada na atividade de mascateação pela qual todos os colaboradores passaram no início da jornada no Brasil, da mesma forma, no retorno, buscou-se a reedição desse modelo. Muitos dos colaboradores afirmaram ter “pesquisado” o melhor negócio (“comecei a pesquisar que negócio poderia abrir”, **Ali, Rede I**), e ter ouvido opiniões de amigos e familiares, querendo-se ou não (“o problema é que aqui todo mundo sabe dar opinião”, **Jamil, Rede I**).

Essa reinserção se deu na montagem dos seguintes negócios: borracharia (“porque é serviço leve, rápido e ganha dinheiro”, **Ali, Rede I**), loja (“que vendia de tudo: roupas, armarinhos, utilidades domésticas, de tudo um pouco”, **Fadel, Rede I**), serviço de táxi (“é mais livre”, **Fadel, Rede I**), armazém, marcenaria (“com uma boa experiência profissional”, **Mohamad, Rede I**), barbearia (“retomar uma vida que eu tinha largado”, **Tony, Rede I**), transporte de mercadorias (“comecei vendendo verdura”, **Jamil, Rede I**) e ainda num ramo totalmente oposto a este conjunto, na área de *marketing* (“até hoje continuo trabalhando nessa área”, **Chebib, Rede I**), assim como na aquisição de propriedades para aluguel (“comprei uma casa para investir e recebo aluguel”, **Amin,**

Rede I). Ou se tinha experiência anterior no negócio ou arriscou-se no desconhecido, levando aos tropeços e constante recomeço:

"...Com esse capital e com o que eu consegui vendendo a casa que eu tinha lá, resolvi montar uma loja para trabalhar com os meninos que já estavam ficando moços. Era uma loja que vendia de tudo: roupas, armarinhos, utilidades domésticas, de tudo um pouco. Ficava na fronteira com a Síria, era um ponto bom. No começo deu, dava para tirar um bom dinheiro, mas depois já começou a dar problemas, dívida daqui, dívida de lá, resolvemos vender. Todo o dinheiro que eu trouxe acabou junto com esse negócio. Foi tudo embora...

(...)

Depois que vendi a loja, fiquei trabalhando como taxista, levando as pessoas do Líbano para a Síria, e depois montei essa quitandinha. Eu nunca parei de trabalhar, não consigo. No Brasil fui mascate, e aqui tive loja, táxi e quitanda... De tudo isso o que eu mais gostava de fazer era ser mascate, ir de um lugar para outro, ficar livre. O táxi também é bom porque vai e vem, mas com a loja e a quitanda você já está todo dia no mesmo lugar. Eu trabalho das seis da manhã à meia-noite, todos os dias, no verão ou no inverno, não importa..."

Fadel Mohamad Abou Jokh (Rede I- 1ª Geração)

Muitas vezes as condições econômicas no Líbano foram mais difíceis que as imaginadas, os negócios não alcançaram o sucesso esperado ("começou a dar problemas, dívida daqui, dívida de lá", **Jamil, Rede I**), queimou-se o pouco capital, e o trabalho foi insuficiente para sustentar a família, por isso a ligação mantida com o Brasil tornou-se solução inevitável para contornar o problema. Nesse caso, a manutenção de propriedades no Brasil foi uma garantia de recursos enviados periodicamente, assim como a existência de aposentadoria ("que é pouco, mas ajuda", **Amin, Rede I**):

"A verdade mesmo é que não dá para viver só disso, sustentar a família com o trabalho da borracharia porque a necessidade de pneu aqui não é lá grande coisa. O que ajuda bastante é que eu deixei lá no Brasil uma casa e um salão comercial alugados, e um sobrinho recebe o aluguel e envia para cá. Isso ajuda bastante, porque estou vivendo desse dinheiro que vem do Brasil, se não fosse isso a situação ficava complicada. Por isso que não esqueço o Brasil, nunca esqueço mesmo, porque essa terra sempre me ajudou e continua me ajudando."

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

Aqueles que não mantiveram previamente esses recursos no Brasil, para cá voltaram como forma de solucionar o problema, trabalhando mais um período para acumular o capital necessário numa segunda tentativa de restabelecimento no próprio país. Esse retorno ao Brasil se deu por um curto período e se concretizou com o

acúmulo de capital para o novo restabelecimento. Nesse caso, apresentaram-se três situações:

a. a volta para o Brasil levou a uma nova atividade econômica, embora não intencional a princípio:

"Em 1987 fui novamente ao Brasil, fui pensando em passear e voltar logo. No final, acabei trabalhando mais sete anos, mascateando de novo. Percebi que lá já não dava para ficar muito tempo, porque a vida estava mais cara. Eu gostei de ter voltado para lá, de viver mais um tempo, mas já não dava mais para trabalhar porque eu já não sou jovem, e quando a gente tem idade cansa mais."

Amin Abdoune (Rede I- 1ª Geração)

b. a volta para o Brasil foi intencionalmente planejada como forma de solucionar o problema econômico:

"Outro problema é que aqui não tinha trabalho suficiente para sustentar todo mundo. Fiquei morando aqui por cinco anos, e então resolvi assim: a minha mulher e os filhos ficariam aqui e eu iria de novo para o Brasil trabalhar e mandar o dinheiro para eles viverem aqui. Fiquei oito anos lá, sozinho, e a mulher e os filhos aqui. Todo mundo fazia isso, deixava a mulher e ia embora para o Brasil. Ninguém achava estranho, todo mundo estava acostumado, era assim mesmo..."

Nesses oito anos deu para fazer um pé de meia e voltar a morar aqui no Líbano."

Fadel Mohamad Abou Jokh (Rede I- 1ª Geração)

c. a volta ao Brasil foi decorrente de um ato de desilusão, mas o retorno ao Líbano, num segundo momento, se deu sem que tenha havido uma solução econômica:

"Fiquei com tanta raiva que pensei: quer saber, vou voltar para o Brasil, de onde nunca deveria ter saído. Se no Brasil eu tinha as minhas dificuldades, aqui era bem pior. Sinceramente, eu acho que eu nunca deveria ter saído do Brasil, deveria ter ficado ali, quietinho no meu canto que eu estaria bem melhor hoje, tenho certeza disso.

(...)

Eu fiquei acho que uns dez meses no Brasil trabalhando entre Pontaporã e Campo Grande, vendendo cigarro e uísque que chegavam de contrabando. Mandava dinheiro para a minha mulher que continuava no Líbano com os nossos três filhos. Então a minha mulher começou a falar que ela voltaria para o Brasil,

mas as meninas não queriam voltar... A família metade aqui, metade lá não estava dando certo... E eu vou fazer o quê? Resolvi voltar."

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

A ligação econômica com o Brasil é evidenciada nestas três situações: voltou-se ao Brasil a passeio, mas foi realizado mais um período de trabalho; a volta foi intencionalmente planejada para superar as dificuldades econômicas verificadas no retorno; ou a volta foi decorrente da decepção, do ponto de vista econômico, do retorno. Essa volta ao Brasil também foi temporária, ocorrendo depois que se alcançou o objetivo econômico alcançado ou quando se foi reclamado pela família. De uma forma ou de outra se verificou a manutenção de laços que permitiram o retorno ao Brasil,

Tal ligação com o Brasil como fonte de recursos econômicos, prévia ao retorno ou após sua efetivação, repetiu-se também nas demais redes, em maior ou menor proporção. Na Rede II (2ª Geração) e na Rede IV (Brasileiras não-descendentes) o que se verificou é uma avaliação mais negativa em relação às dificuldades econômicas no Líbano, constatadas como decorrentes de um alto custo de vida ("a vida aqui é muito cara e o serviço não é fácil conseguir"), das dificuldades no trabalho e na impossibilidade de acúmulo de capital ("o trabalho é difícil, o dinheiro é curto"), e ainda em ter que lidar com outra mentalidade ("aqui tudo é na base do fiado"), o que é uma avaliação dissonante com a realizada por colaboradores da Rede I. Há um descompasso entre o Líbano e o Brasil: lá (no Líbano) se gasta mais e se ganha pouco, porque o trabalho é sazonal ("você gasta muito e não volta fácil"); aqui (no Brasil) se há gasto há ganho, simplesmente porque há trabalho que permite que esse capital gire ("você gasta dez reais na rua, mas traz trinta, quarenta reais").

O capital trazido do Brasil no momento do retorno também não foi suficiente para essa reinserção econômica e cultural, seja porque se avaliou mal o real valor desse capital no Líbano ("a gente achou que com o dinheiro que a gente trouxe ia dar para fazer muita coisa", **Emni, Rede II**), ou a avaliação foi equivocada no tipo de trabalho escolhido ("parecia que ia ser uma coisa boa", **Iman, Rede II**). O tipo de trabalho correspondeu, mais uma vez, ao tempo de afastamento da terra natal: para os que viveram na imigração por pouco tempo, a reinserção se deu no tipo de trabalho que se "fazia antes" ("plantação de trigo, criação de vacas"), e para os que viveram mais tempo fora (ou foram criados no Brasil) buscaram-se outras alternativas que não fossem "nada igual ao povo daqui que trabalha com plantação, que pega tudo em dívida e recebe só uma vez por ano" (**Iman, Rede II**).

Essa diferença, entre os modos de vida e os aspectos econômicos e de trabalho, foi assim colocada:

"Quem foi imigrante e voltou para cá, dificilmente se adapta a trabalhar no que o povo daqui trabalha, como mão-de-obra na plantação ou em qualquer outro trabalho braçal. Lá no Brasil eles não foram empregados de ninguém, trabalharam por conta própria, como mascates, comerciantes, proprietários. Meu marido, por exemplo, não se sujeitaria a trabalhar aqui dessa forma, por isso ele já veio com essa idéia e com um pouco de capital para montar o próprio negócio. E não é só ele que pensa assim, não..."

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

Para alguns colaboradores de segunda e terceira gerações que compuseram a Rede III, essa situação não foi tão facilmente atingida, e para se integrarem economicamente sentem a necessidade de realizar trabalhos braçais, sem ter havido experiência anterior, adaptando-se aos horários, ao ritmo de trabalho sazonal, às extensas jornadas diárias, à baixa remuneração pelo dia de trabalho, e até mesmo à falta do trabalho propriamente. Empregaram-se na construção civil ("colocando telhas", "instalando pedras nas fachadas das casas", **Daniel, Rede III**) ou em atividades a ela relacionadas, como em fábricas de vidros e tijolos, adaptando-se ao trabalho "como qualquer pessoa que vive aqui". Houve necessidade, também, de se procurar estabilidade e adquirir benefícios sociais, revelando mais uma faceta dessa reinserção e inserção à realidade do retorno:

"Eu e meus irmãos saímos da fábrica de vidro e fomos trabalhar numa fábrica de tijolos... Eu estou jurando de pés juntos, trabalhava todo dia das três da manhã até umas dez da manhã, ia para casa, tomava um banho, descansava um pouco e voltava a uma da tarde para tirar os tijolos. Era um trabalho muito duro, não ganhava muito, mesmo com os três trabalhando.

(...)

Faz uns treze anos que trabalho de motorista de caminhão, sendo sete na mesma firma, como empregado fixo... Isso é muito bom, porque eu garanto toda a assistência médica para a minha família e para os meus pais. É importante aqui no Líbano você ter esse registro, como se fosse o INPS do Brasil, só assim você é respeitado e bem atendido nos hospitais. Do contrário, ou a pessoa tem que ter muito dinheiro para poder pagar ou ela vai sofrer muito. Graças a Deus que eu consegui isso..."

Ahmad Abdo Latif Ahmad (Rede III- 2ª Geração)

Além de realizar trabalhos braçais, forma possível de inserção econômica para esses jovens, foi preciso também enfrentar o estranhamento e o preconceito por parte

dos libaneses, que não compreendiam que retornados não tenham alcançado o sucesso econômico que se imaginava ser possível em terras estrangeiras:

"Eu comecei a trabalhar como qualquer pessoa que vive aqui, como operário de construção. Primeiro comecei a trabalhar colocando telha e depois aprendi a instalar as pedras nas fachadas das casas, que é uma coisa típica... As duas coisas eu aprendi aqui, fazendo, trabalhando, e me adaptei bem ao serviço, ao horário de trabalho, a tudo...

(...)

Eu me sinto bem tratado no meu trabalho, não posso reclamar disso. Mas que eles acham isso estranho, eles acham... Para os libaneses é estranho que alguém de fora trabalhe como eles, como mão-de-obra. A idéia deles é que quem veio de outro lugar tem grana e não precisa se sujeitar a esse tipo de trabalho... Por mim não me importo de fazer esse trabalho, é como qualquer outro..."

Daniel Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

Essa realidade também se constatou em relação às jovens, que sofreram então um duplo preconceito: por ser mulher e nascida no Brasil:

"Outra coisa que eles implicam é se uma moça brasileira trabalha no Líbano. Hoje as moças nascidas no Líbano já trabalham, têm uma ocupação, mas se é uma brasileira eles acham absurdo que o pai dela tenha vivido a vida inteira fora, foi imigrante e voltou sem capital, a ponto de a filha precisar trabalhar. Eles acham que a vida no Brasil é um paraíso..."

Monira Mohamad Abou Jokh (Rede III- 3ª Geração)

Quando o preconceito foi maior e enfrentar a situação tornou-se difícil, a solução esteve, mais uma vez, na partida:

"Os meus filhos sofreram muito também. Primeiro porque eles não tinham estudo ou profissão para arranjar um emprego por aqui, não sabiam falar muito bem a língua árabe, e não tinham um pai que pudesse ajudá-los (...) Meus filhos não tinham nada disso, então acabaram indo viver na Suécia também.

Meus filhos foram embora porque eles não se adaptaram, sentiam que eles não podiam ser como os rapazes árabes daqui, nunca seriam tratados como iguais, por isso eles tiveram que ir embora... Lá eles trabalham de tudo, de lavar prato, de limpar banheiro, não importa, porque estão ganhando e eles têm condições de crescer. Aqui se eles trabalharem nesse tipo de serviço não vão ganhar e ainda vão sofrer mais preconceito."

Meire Haddad Yachouh (Rede II- 2ª Geração)

Adequar-se a essa situação não foi um fato concreto para todos esses jovens. As poucas oportunidades econômicas oferecidas no Líbano, o esgotamento de recursos

trazidos no momento do retorno, a falta de trabalho ou inserção em serviços braçais levaram esses jovens do sexo masculino a abandonar o país e buscar novas perspectivas de vida, seja no Brasil seja em outros países, como a Venezuela e a Suécia¹⁶⁵. De certa forma, é a reedição do projeto de migração dos pais e a constatação do fracasso do retorno do ponto de vista da inserção econômica. São os pais que se colocaram por eles:

"Os meninos, o Ahmad e o Mohamad, também sofreram muito. Não estudaram e ainda tiveram que trabalhar no que era possível. Eles trabalharam instalando a rede de esgoto, dirigiram caminhão e trator, era um trabalho muito duro, puxado, mas sem futuro nenhum... Quando eles perceberam que isso não ia dar para nada, que ninguém faz a vida desse jeito, resolveram que era melhor procurar outro caminho.

Por isso que eles foram embora daqui. Foram atrás de trabalho, cuidar da vida deles e conseguir coisa melhor. Quando eu recebi a primeira carta que eles me mandaram da Venezuela, eu e as meninas choramos a noite inteira porque eles contavam como estavam largados, sem ninguém para cuidar deles...

Eu não queria que eles fossem embora, ainda mais sozinhos. Eu falei para o meu marido ir com eles, mas ele não quis... Eu pensava: 'coitados, como vão se virar sozinhos, sem ninguém para olhar por eles?' Meu marido falava que não tinha problema, eram homens e tinham que aprender a se virar, porque com todo mundo é assim. Por mim eu teria ido junto para ficar com eles, ajudá-los, mas não deu."

Dibi Mustafá Kadri (Rede I- 1ª Geração)

"Os meninos já estavam crescidos, e como eu na idade deles, pensavam em ir embora daqui para construir a vida deles, trabalhar, juntar dinheiro. Voltaram para o Brasil, ficaram um tempo lá, mas o negócio naquela época era ir para a Venezuela. Lá estava muito bom trabalhar, por volta de 1995, por aí. Todo mundo dizia isso, eles foram atrás também e vivem lá até hoje. Hoje a situação na Venezuela não é tão boa como antes, mas está dando para eles viverem e cuidar da família, agora cada um tem a sua, né? Então tem que se virar."

Fadel Mohamad Aboo Jokh (Rede I- 1ª Geração)

Nas Redes II e IV, onde o discurso parte prioritariamente de mulheres, o que se verificou então foi a busca de uma alternativa econômica mais independente, longe dos padrões agrícolas característicos dos habitantes dessa região. Entre os tipos de trabalho escolhidos pelos maridos ou pelos pais para a inserção econômica dos filhos estão a borracharia, o lava-rápido, o mercado, o serviço de transporte em *van* (escolar e

¹⁶⁵ Além dos países já consolidados como destinos de migração (Brasil, Venezuela, Colômbia, Estados Unidos, Canadá) surgem outras alternativas como Suécia, Romênia, Emirados Árabes e Arábia Saudita. Quaisquer que sejam os destinos escolhidos, a estrutura se mantém a mesma do ponto de vista das redes familiares, como escolha do lugar e apoio na chegada ao novo país.

lotação), o “faz tudo” ou “qualquer tipo de bico” (“serviço de encanamento, de eletricidade, quebra galho em tudo”), distribuição de antenas parabólicas e montagem de computadores, administração de aluguéis, oficina de serralheria, e até exercer profissão como no Brasil (no caso de engenharia). Esse “curinguismo” tornou-se decorrente de habilidades adquiridas no país de imigração que, encontraram na origem, a pertinência de sua aplicação pela limitação de recursos existentes.

É ainda mais importante ressaltar entre esse grupo que, além do trabalho dos maridos, ocorreu a inserção econômica das mulheres que realizam atividades profissionais para auxiliar ou assumir por conta própria a manutenção da vida doméstica. Para tanto, assumiu-se a diferença existente em relação ao papel social das mulheres nascidas no Líbano ou vindas do Brasil, dividido entre o lar e o trabalho, um excluindo o outro:

“...As mulheres que vieram do Brasil, brasileiras ou filhas de árabes, têm uma cabeça mais aberta para ajudar no sustento da família, trabalham, cuidam da casa, dos filhos, dão conta de tudo.

Acho que essa é uma grande diferença que existe com quem é nascido aqui e nunca foi para fora. Quem nasceu aqui o máximo que faz é ser professora ou outra profissão do tipo, mas isso não quer dizer também que trabalhe, solteira ou casada. As mulheres não se sujeitam a trabalhar para alguém, e se for casada, acho que isso é ainda pior.”

Alia Chahine (Rede II- 2ª Geração)

A experiência de trabalho e a formação profissional foram facilitadores desse processo de inserção econômica, seja pela experiência anterior seja pela carência profissional no país, destacando-se a profissão de enfermeira (“eu trabalhava aqui como enfermeira, dava injeção, fazia curativos, porque tinha muita experiência e aqui faltavam profissionais dessa área”, **Alvira, Rede IV**) e a de costureira.

A atividade ligada à costura foi apontada tanto como uma preparação prévia antes da vinda ao Líbano (“eu também fui esperta, porque me preparei antes de vir para cá, aprendi a costurar e comprei uma máquina”, **Widad, Rede II**), era a atividade profissional exercida no Brasil antes até do casamento (“continuei sendo costureira” **M. Luíza, Rede IV**; “trabalhei em fábrica de costura”, **M. Neuza, Rede IV**), como ainda a percepção dessa oportunidade de trabalho possibilitada pelo próprio meio. Mãe e filha assim se expressam:

"Aqui (no Líbano) também começaram a pedir para eu fazer uma coisa e outra, quando vi já tinha uma freguesia e sempre tem uma encomenda para atender. Aí também é bom porque as mulheres vêm aqui e conversam, aprendi umas palavrinhas, e tenho mais amizades agora do que antes de costurar..."

Se eu não costurasse também, acho que ficaria doida, eu sento naquela máquina e distraio minha cabeça, meu pensamento vai longe, longe... Ocupo o meu tempo com a costura, apesar de que aqui não falta serviço, não paro o dia inteiro, eu fico andando nessa casa, tenho galinha e coelho no quintal, ajudo a cuidar das crianças, não dá para parar, tem sempre alguma coisa para fazer.

Helena Chahine (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Fora isso, para manter a casa, minha mãe e eu costuramos. A minha mãe aprendeu a costurar com a mãe dela, e quando ela era solteira chegou a trabalhar em uma fábrica de calças, mas parou quando se casou com meu pai. Quando vim para cá (para o Líbano), percebi que era difícil encontrar alguém para fazer pequenos consertos, trocar um zíper, fazer uma barra, e a minha mãe começou a atender esses pedidos. Aos poucos eu também fui aprendendo, e comecei a modelar e cortar as roupas, enquanto a minha mãe ficava com a costura. Eu gostei da profissão, tenho uma boa freguesia, a maioria das mulheres daqui de Sultan e Loussi costura comigo, e estamos indo bem, vamos levando a vida..."

Alia Chahine (Rede II- 2ª Geração)

Em outras situações, o trabalho veio da criatividade, da informalidade na busca por opções e alternativas a fim de suprir as questões econômicas, concretizando-se quase "por acaso". Surgiram aí outras atividades, muitas vezes uma ligada à outra, como:

a. manicura:

"Em outra ocasião, num casamento, também não consegui uma manicura para arrumar a minha unha e acabei eu mesma dando um jeito e ficou muito melhor que as unhas da minha cunhada que fez o serviço no cabeleireiro e veio com os dedos, e não as unhas, vermelhões! Essa mesma cunhada chegou um dia reclamando que ela não agüentava mais de dor nas unhas dos pés, e não tinha quem fizesse isso para ela. Eu acabei me oferecendo, assim por acaso, para aliviar a dor dela, e ela gostou tanto que deixou todo material, que ela tinha trazido do Brasil: alicate, espátula, lixas, esmalte, tudo, tudo e, cada vez que alguém vinha para cá, ela mandava mais coisas.

Mas quem deu o pontapé para eu começar a trabalhar de verdade foram a Telma e a mãe dela. Eu arrumei as unhas delas por amizade, como um favor pessoal, mas elas começaram a insistir que eu deveria investir nisso, para eu ganhar um dinheirinho. Então aonde a Telma ia, ela dizia para as amigas que eu era uma excelente manicura, e as freguesas começaram a vir, uma a uma. No

começo eu nem sabia quanto cobrar, e foi uma amiga que me deu o valor a partir do serviço que era feito em Zahlé.

No começo a idéia não pegou muito bem, porque aqui não é hábito cuidar das unhas toda semana como no Brasil. Depois a moda pegou e eu tenho freguesas daqui e de outras vilas, que vêm de longe só para arrumar as unhas comigo. Fui pegando cada vez mais prática e o trabalho foi ficando cada vez melhor. Principalmente no verão o trabalho é maior, porque tem muita festa, muito casamento, gente que vem de fora, então eu sento de manhã e só saio da minha cadeira lá pelas dez, onze horas da noite. Aqui não tem concorrência, é uma briga para fazer unha comigo!"

Eni Aparecida de Souza (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

b. venda de doces e salgadinhos brasileiros:

"Como se não bastasse essa história de fazer unha, na época em que nasceu a Aline, eu comecei a fazer sonhos para vender. Eu percebi que quando eu fazia sonho e oferecia para as pessoas todo mundo devorava, não sobrava um. Então tive a idéia de colocar para vender numa mercearia aqui perto, mas o dono achava que não iria sair porque o valor seria alto para o que as pessoas estavam acostumadas. Eu levei uma bandeja para ver se dava certo, e não deu meia hora, lá veio o dono com a bandeja vazia para eu enchê-la de novo. Foi um sucesso total!"

A partir daí coloquei meus doces, brigadeiro, beijinhos e sonho, e também inventei moda de fazer salgadinhos como coxinha, risoles e empadinha. Eu nem tinha placa ou fazia propaganda, porque um foi espalhando para o outro e eu fiz minha freguesia. No começo só eu fazia, mas depois mais gente começou a fazer também. Hoje ainda faço e vendo porque tenho muitos fregueses fiéis, mas não é igual àquele começo.

Agora eu penso em inovar mais um pouco. Quero aprender a fazer chocolate, ovo de páscoa, panetone, outras novidades. Outro dia vi a receita de um pãozinho de batata que o Álvaro deu no "Programa da Claudete Troiano"... Menina, isso dá para vender porque pode congelar a massa ou vender já pronto... Eu tenho muita vontade de fazer bala de coco gelada, recheada com morango, com nozes, com chocolate, como as que me trouxeram do Brasil um dia desses. Nossa, é divina! Tenho a impressão que vai ser a inovação, se eu colocar em um casamento, o negócio estoura!

Ah, eu sou assim mesmo... Quando tem um negócio que não se resolve de um lado eu resolvo do outro, estou sempre buscando coisas novas para fazer e eu acho que sempre dá certo porque quando vou para a cozinha é com amor e carinho tudo o que faço, acho que é por isso que as coisas saem gostosas."

Eni Aparecida de Souza (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

c. loja de roupas brasileiras e também venda de doces e salgadinhos brasileiros:

"...Então nós tivemos a idéia de abrir uma lojinha de roupas brasileiras, porque é uma coisa que tem muita procura, e vem gente de longe atrás das minhas

mercadorias. Foi um bom negócio e uma benção porque distrai e nos dá uma certa independência. Mas esse negócio só é bom no verão, porque as roupas de inverno do Brasil não servem para o frio que faz aqui.

Mas eu não dependo só disso. Uma vez a professora das minhas netas foi fazer uma visita e eu tinha feito uns salgadinhos para servir. Ela achou tudo uma delícia e me perguntou de onde eram. Tive um estalo e falei: 'faço para vender'. Aí começou a fama e o negócio, comecei a fazer de tudo para encomenda: coxinha, empadinha, bolinho de queijo, pastel, cocada, pé-de-moleque, salgados e doces em geral... Nossa, aqui eles ficam doidos com essas coisas, eu nunca conseguia manter o freezer cheio de tanta encomenda que tinha. Uma vez uma senhora, esposa de um político da região, pediu para que eu fizesse quantas coxinhas eu conseguisse, de uma terça-feira, quando ela me ligou, até o domingo, quando ela iria buscar. Fiz duas mil e quatrocentas coxinhas e ganhei oitocentos dólares nessa brincadeira!"

Valda Legut (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

- d. venda de produtos, geralmente de origem brasileira:

"Embora a gente sempre possa contar com essa ajuda dos meus sogros, quando voltei para cá, já vim com outra cabeça. Eu vim com a idéia de não depender tanto deles, de buscar um meio de colaborar com a manutenção da casa, por isso trouxe na minha bagagem produtos que eu já sabia que as pessoas teriam interesse em adquirir aqui: chinelos havaianas, bijuterias, lingerie. E deu certo! Acho que eu sou boa negociante, porque sei calcular os preços, sei oferecer e valorizar as minhas mercadorias, e ainda por cima sou bem falante, faço amizades logo, o que é muito bom para quem quer ser comerciante. Também preciso diversificar os produtos, e quero ter o apoio dos meus sogros para isso."

Sana Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

- e. açougue no padrão brasileiro:

"Nós inovamos o sistema de açougue daqui, que não é como no Brasil. Aqui o boi vai sendo cortado conforme o freguês pede e não como em partes como no Brasil: coxão-mole, acem, picanha, alcatra... Nós trabalhamos no sistema brasileiro e aprendemos sozinhos, consultando os livros, matando o boi, cortando e aprendendo.

No início a gente atendia mais aos brasileiros que sempre estranharam a carne daqui, mas agora até quem nunca foi para lá prefere o nosso tipo de corte. Com esse nosso sistema as pessoas aprendem até cozinhar outras coisas, como estrogonofe, bife, compram pedaços para fazer sanduíche, peça para churrasco... Além de vender a carne, a gente também dá a receita de como fazer ou sugere outra coisa quando não tem a parte que a pessoa quer... A Vanda gosta de assistir aqueles programas do Brasil como "Mais Você" e "Note e Anote" para dar novas sugestões e ver qual é o melhor tipo de carne para

cada receita. O cliente nem precisar vir até a loja, ele pode pedir tudo por encomenda que nós entregamos..."

Nasser Mohamad Alauan (Rede III- 2ª Geração)

Tanto a experiência e o preparo profissional anteriores, como o inusitado, o acaso, a tentativa e o acerto na escolha dessa forma de inserção econômica forma avaliados como decorrentes da necessidade de “fazer alguma coisa útil”, de “ocupar o tempo”, de “não agüentar ficar parada”, de “estar acostumada a trabalhar”, de “ser independente”, de “ter o próprio dinheiro”, de “não querer depender do marido”:

"No começo eu costurava e parava, agora já faz uns seis anos que costuro direto, porque não agüento ficar sem fazer nada... Eu fiquei muito tempo sem trabalhar aqui, mas nunca me acostumei chegar toda hora no meu marido e pedir dinheiro. Você pede mas não é para tudo o que precisa. Sabe o que é você trabalhar, pegar o seu dinheiro e fazer o que você quiser com ele? Disso sentia muita falta."

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

O papel social dos maridos é fundamental para compreender a inserção profissional dessas mulheres, seja em relação à aceitação, à recusa ou à falta de opinião pela própria ausência do cônjuge (separação ou viuvez). Essa aceitação nem sempre foi mostrada explicitamente, mas ficou evidenciado em expressões como naquelas em que se colocou o trabalho feminino como ajuda ou complemento do “orçamento doméstico”, das “despesas da casa”, do “sustento da família”. Em outras afirmações diz-se que a aceitação esteve atrelada ao cumprimento de todas as outras tarefas domésticas, visto tanto como exigência do marido, como também uma qualidade das “mulheres que vieram do Brasil (que) dão conta de tudo”:

"Meu marido não fala nada sobre essas minhas atividades. Não é que ele aceitou, mas também não me proibiu. Eu acho que o homem árabe em geral não aceita que a mulher trabalhe, mas meu marido não tem do que reclamar porque eu estou cuidando da minha casa, dos meus filhos, não está faltando nada, nem roupa lavada e passada, nem comida, nem nada. Além do mais trabalho dentro de casa, acho que ele não aceitaria se eu fosse trabalhar fora. Até já tive proposta para trabalhar em salão grande, e eu não aceitei para não contrariar meu marido. No final das contas, com meu trabalho e todos esses bicos, ajudo a manter a casa e até segurei bem as pontas quando meu marido fechou a oficina e a situação ficou difícil."

Eni Aparecida de Souza (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

As mulheres assumem para si todas as tarefas domésticas, sem contar com o auxílio dos maridos, e ainda realizam atividades remuneradas que contribuem para o orçamento doméstico, de forma parcial ou total, sem se dimensionar essa importância, de forma que esse trabalho foi sempre referenciado como “ajuda”, “complemento” ou “apoio”. Avaliar a própria participação econômica como complemento, mesmo que não seja de fato, pode ser compreendida como uma forma de evitar o que de De Biaggi¹⁶⁶ considera como o rebaixamento do *status* do homem no contexto familiar, de seu papel dominante na qualidade de provedor dos recursos econômicos e materiais.

Da mesma forma, outras mulheres sentiram-se impedidas ou constrangidas em exercer uma atividade econômica, seja pela oposição clara do marido (“aqui meu marido nunca me deixou fazer nada”, **Marlene, Rede IV**) seja pela questão da mentalidade das pessoas (“não posso trabalhar porque já pensam coisas erradas sobre você”, **M. da Penha, Rede IV**), ou ainda por se assumir um papel social já constituído (“eu fico em casa e estou bem cuidando dos filhos e da casa, esse é o papel da mulher aqui”, **Melissa, Rede III**). Tais mulheres, muitas vezes, viveram uma vida economicamente ativa no Brasil e se depararam com outra realidade social no Líbano, difícil de ser aceita e causadora de sentimentos de frustração e falta de perspectivas. Sem a participação econômica da mulher, a família tem enfrentado dificuldades e privações:

“Foi uma situação muito complicada para me acostumar, porque sempre fui independente, sempre tive meu dinheiro e aqui não tem dinheiro nem para o médico, para o dentista ou para a vacinação das crianças...

(...)

Aqui o meu marido nunca me deixou fazer nada, não me deixou trabalhar para ajudar em casa, ele é quem paga tudo, as roupas das crianças, as despesas da casa, tudo, tudo, eu não preciso me preocupar com nada. Eu sempre achei difícil me acostumar a essa situação porque sempre tive meu próprio dinheiro, minha independência, sempre me preocupei em ter economia, manter uma reserva. O dinheiro é muito importante, mexe com as pessoas, se você tem todos passam a gostar de você, se não tem todos te desprezam. Isso é duro de aceitar e conviver.”

Marlene Vieira (Rede IV - Brasileiras não-descendentes)

“...Eu antes sempre trabalhei, e, desde que eu me casei, sou apenas uma dona-de-casa, vivo aqui dentro, quase não saio, não vejo as pessoas. No Brasil é diferente, você não consegue viver assim, te dá a louca e você sai, não quer nem saber. Aqui os homens são difíceis também, eles não aceitam que a mulher

¹⁶⁶ DE BIAGGI, Sylvia Dantas. “Famílias brasileiras em um novo contexto cultural”. In: MARTES, Ana Cristina Braga e FLEISCHER, Soraya. *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. SP: Paz Terra, 2003, p. 177.

trabalhe. Mesmo o meu marido, que é nascido no Brasil, tem essa cabeça. Outro dia eu falei para ele arranjar um emprego para mim na escola e ele ficou todo bravo, porque o povo já iria dizer que ele não quer trabalhar, que não dá conta de sustentar a família."

Michele Alves Cardoso (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

O papel social da mulher é demarcado e limitado ao ambiente familiar e doméstico, independentemente de ter nascido no Brasil ou no Líbano, de ter emigrado ou nunca ter saído do país, de ser cristão ou muçulmano, ainda que se agreguem a essa não-aceitação do exercício do trabalho outras justificativas (preparo profissional e a questão da língua):

"...Eu não trabalho, primeiro porque meu marido não gosta que eu trabalhe para os outros, segundo porque não tenho uma profissão, nem sei falar inglês ou francês, então é mais difícil conseguir um emprego. Aí eu fico em casa e estou bem cuidando dos filhos e da casa, esse é o papel da mulher aqui."

Melissa Jamil Haddad Yachouh (Rede III- 3ª Geração)

Outra questão, apontada pelos colaboradores referiu-se a ligação e a dependência em relação ao Brasil que, no caso desse grupo, se expressou na divisão familiar: mulheres e filhos no Líbano vivendo em torno do ambiente doméstico, maridos no Brasil garantindo o sustento das famílias divididas com os negócios mantidos no país. Nesse aspecto estabelece-se uma das principais dicotomias dividindo os dois países e a vida em cada um deles: o Líbano é visto como o lugar ideal para se viver e criar a família (tarefa feminina) e o Brasil é o lugar por excelência para os negócios, o trabalho e o acúmulo de capital (tarefa masculina).

Em uma outra forma de divisão familiar, os pais (imigrantes libaneses de primeira geração ou descendentes de segunda geração) mantiveram-se no Brasil mantendo os negócios para sustentar tanto os que permaneceram aqui, como dando apoio financeiro aos membros da segunda e terceira gerações, vivendo no Líbano com suas respectivas famílias. Mesmo que tenha ocorrido o casamento, que já tenham os próprios filhos, a dependência econômica das gerações ainda tem se mantido, e sem este apoio, concluiu-se que "não daria para viver", "de jeito nenhum" ou "com dificuldade". Da mesma forma, para alguns trata-se de superar essa dependência, buscando uma autonomia e possibilidades de manutenção, mesmo que seja só um projeto:

"Eu penso diferente. Embora a família do meu marido tenha boas condições financeiras e eu possa levar uma vida tranqüila, o que eu quero é construir uma

vida própria com o meu marido e os meus filhos, e não quero depender para sempre dessa ajuda financeira que nós temos, não acho certo. Quero levantar a minha vida!"

Sana Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Para se viver no Líbano, ter segurança, manter os padrões culturais, criar os filhos foi condição abrir mão da união familiar, porque "não tem como manter uma família com o mínimo de conforto se você não mantiver negócios em outro país" (Aishe, Rede II). Esse negócio geralmente é o comércio ou a administração de propriedades. Sendo uma ou outra é preciso o acompanhamento de perto dessas atividades, justificando-se em alguns casos, então, a ausência e a divisão familiar:

"...O meu marido não mora aqui, ele vem para cá duas vezes por ano e o resto do tempo fica no Brasil, porque os negócios estão lá... Quando alguém vem para cá é preciso ter deixado alguma coisa, uma loja, aluguéis, algum negócio. No começo, o meu marido manteve a loja, depois só imóveis alugados, então tem que estar sempre administrando, de olho em tudo.

Então essa é a vida dele, vai e vem, porque não dá para largar o Brasil definitivamente e viver aqui de algum negócio, não tem condições, porque a economia no Líbano é muito fraca. Viver no Líbano é bom para quem fez o pé-de-meia no Brasil ou em outro lugar, essa é a verdade. Muita gente não consegue vir por causa disso, porque não pode largar o trabalho e vir aqui viver do nada, aqui não tem trabalho. Não dá para desligar do Brasil, o Brasil é mãe..."

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

Escolheu-se o Líbano pela relevância da família e pela necessidade da manutenção de um projeto, que tem suas raízes na manutenção de uma identidade cultural, mas o país não ofereceu as condições econômicas que possibilitassem a permanência de todos os membros familiares de forma definitiva. Para retornar, abriu-se mão da unidade familiar, mas não do trabalho no Brasil. O elo de ligação mantido com o Brasil é econômico e, sem ele, o retorno se concretizaria em fracasso, dificuldades ou desilusão. É como "mãe", que nutre, supre as necessidades, dá condições materiais de existência, que o Brasil é referido pelos colaboradores.

Em alguns casos, a divisão familiar provocada pela questão econômica já é parte do projeto do retorno: o retorno foi planejado de forma que esposas e filhos instalaram-se no Líbano enquanto os maridos, algumas vezes acompanhados dos filhos mais velhos, permaneceriam no Brasil, retornando ao Líbano apenas em curtos períodos no ano. Em outros casos, maridos e filhos foram incentivados por esposas e mães a partirem para o Brasil ou outros destinos visando superar as dificuldades econômicas:

"Eu sei que nessa época a nossa situação econômica estava muito ruim, meu marido trabalhava na roça com as irmãs dele, mas elas não pagavam para ele direito... Começou a faltar leite para os meus filhos, não tinha pão, e a gente não tinha dinheiro para nada... Aí eu falei para o meu marido: "vai para o Brasil, vê o que dá pra fazer por lá, senão nós vamos viver sempre assim nessa situação?" Como iríamos criar nossos filhos?

Só que ao invés de ir para o Brasil, ele resolveu que seria melhor ir para a Venezuela, todo mundo dizia que lá estava melhor para trabalhar e ganhar dinheiro. Ele ficou lá três anos, e mandava dinheiro a cada quatro, cinco meses. Enquanto isso, eu trabalhava aqui como enfermeira, dava injeção, fazia curativos, porque tinha muita experiência e aqui faltavam profissionais dessa área.

Em 1995, o Ibrahim resolveu ir para o Brasil..."

Alvira de Vargas (Rede Iv- Brasileiras não-descendentes)

A vida entre dois mundos levou também à necessidade de ser mais controlado, com menos gastos, sem extravagâncias, porque a fonte dos recursos também tem sido limitada e serve geralmente para manter duas ou mais casas (sobretudo com o casamento dos filhos). Pouco dinheiro e alto custo de vida levaram à conseqüente necessidade de economizar, gastar só por necessidade, ser contido, estabelecer prioridades, evitar frivolidades, pensar no dia de amanhã, viver com o dinheiro contado, abrir mão de conforto e de pequenos prazeres permitidos no Brasil, privar-se de muitas coisas às quais se estava habituado. E isso mais uma vez tem sido tarefa essencialmente feminina:

"Aqui também você tem que aprender a fechar a mão, porque as coisas são muito caras, e a gente vive economizando, não pode gastar por aí sem pensar, gastar por gastar, sem precisar realmente. O gosto da mulher é sair para gastar, mas aqui não pode ser assim, não pode ser extravagante. No Brasil, sábado era sagrado: três pizzas lá em casa, e aqui não dá pra você ficar comendo fora, ir a um restaurante, uma churrascaria. Isso faz uma falta!

Se você tem aquele dinheiro não pode extrapolar, tem que ter tudo controlado, tem que economizar, e juro que eu faço das tripas coração para dar conta de tudo e levar as coisas até que meu marido deposite o dinheiro do mês. Tem que sempre ter uma reserva porque às vezes acontecem coisas que você nem estava esperando, e se você não é prudente fica na mão. Eu nem tiro dinheiro do banco toda hora, porque se ficar na minha mão eu gasto, não sei como, mas gasto.

Eu tenho que pensar também que meu marido tem que dar um duro danado para sustentar três casas: a nossa aqui do Líbano, a que ele mora no Brasil com a Nádia, e a casa do Mohamad que se casou. Quer dizer que o dinheiro vem do mesmo lugar, do mesmo negócio. Eu tenho que pensar nisso também...

Então aqui tem o lado bom e o lado sacrificante para se viver, a gente pesa os dois e vê que vale a pena o sacrifício, porque aqui tem muitas vantagens apesar das dificuldades."

Fátima Zeitoun (Rede II- 2ª Geração)

Os papéis sociais foram mais uma vez demarcados: aos homens, a tarefa de prover os recursos econômicos; às mulheres, o dever de administrá-los de forma controlada e parcimoniosa, estabelecendo prioridades, adequando-se às situações do momento, sabendo o que gastar e como poupar. Mais que uma adaptação econômica, tratou-se de um choque de mentalidade diante de um novo modo de vida e de uma realidade por vezes muito dura, adequando-se ou não a ela:

"...A gente está acostumado a viver bem, comer arroz, feijão, ovo, bife, batata frita, salada todo dia. Aqui não, aqui o custo de vida é alto para isso, então o povo se contenta em comer só arroz. Eles conseguem viver de trigo e azeitona, a gente não consegue. Eles são mais acomodados nesse ponto, não procuram melhorar."

Sana Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

"...Aqui parece uma vida de formiga: trabalha-se muito no verão, quando se tem abundância, e se economiza nessa época de inverno, quando ninguém tem dinheiro para nada. A gente se acostuma com esse novo modo de vida e passa a ser mais controlado nos gastos e nas extravagâncias. Aqui um dia dá pra comer carne, uma semana não dá; um dia dá pra comprar roupa, um mês não dá... Lá você tem vontade de fazer um prato você faz, aqui você faz o prato quando você sente fome... Lá você compra roupa porque está na moda, aqui você compra quando você precisa.

Você se controla mais porque o dinheiro é pouco, e é gostoso esse lado, de ser mais contido, de dar mais valor para as coisas. Aqui eu começo a pensar no que eu vou gastar, que não vai ser fácil ganhar esse dinheiro, é outra forma de pensar... Se eu quiser chupar um sorvete eu vou, mas vou gastar um dinheiro que vai fazer falta no orçamento da minha casa.

Então eu me privo disso, coisa que no Brasil eu nem me preocupava, porque lá tem trabalho o ano todo, no verão ou no inverno, faça chuva ou faça sol... Se não entrou hoje, entra amanhã. Aqui a guerra é para você encontrar dinheiro..."

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

Como os próprios colaboradores apontaram daí decorreu a necessidade de adaptação como um processo constante e contínuo. As dificuldades verificadas não foram pontuais nesse ou naquele aspecto, não foram momentâneas aos primeiros tempos de estabelecimento, não ocorreram sem conflitos e rupturas entre o que já estava consolidado e o que foi necessário reavaliar e reconsiderar. No retorno, as diferenças entre o Brasil e o Líbano, em todas suas dimensões, culturais, sociais, econômicas,

marcaram sempre uma hierarquização de vantagens entre um e outro modo de vida e, nesse “*ranking*”, o Brasil permaneceu à frente. Não há como desconsiderar o impacto que a experiência de vida no Brasil continua tendo para esses colaboradores, e a ruptura provocada pelo retorno tem sido um processo difícil de superação, concreta (pela manutenção econômica) ou em sua dimensão psicológica (pelos laços identitários que se quer continuar mantendo com o Brasil).

Retornando ao Líbano não se quer ou não se pode romper de forma definitiva com o Brasil, pois as marcas, a presença e a necessidade de manutenção de laços com o país têm se mantido fortalecidas, ainda que se queira rompê-las, de uma forma brusca ou menos impactante. De toda forma, constata-se que a permanência da ligação com o Brasil, concreta ou imaginária, tem marcado a experiência do retorno de uma forma contundente e conflituosa.

7.2 A Inserção Escolar

Para a segunda e a terceira gerações que foram para o Líbano na idade entre os sete e os vinte anos de idade, as questões do trabalho e da inserção econômica passaram antes pela questão escolar. Saindo do Brasil em idade que correspondente ao ensino fundamental (iniciando ou finalizando), muitos desses jovens tiveram que enfrentar outra dificuldade de inserção na sociedade libanesa por meio de instituições de ensino.

Como afirma Matos¹⁶⁷, o retorno é uma experiência ainda mais traumática para os descendentes, pois ao se estabelecerem no país (que é novo para eles em todos os sentidos), devem aprender tudo: uma nova língua, uma nova cultura, e mesmo inserir-se num outro sistema de ensino.

Tendo como referência a experiência de vida no Brasil, a primeira constatação foi a impossibilidade da continuidade de estudos apontada como decorrência das diferenças no sistema de ensino entre os dois países, a desclassificação e a matrícula em nível inferior, as dificuldades em relação à língua árabe e à língua inglesa (leitura, escrita e fala), as dificuldades em acompanhar a série, a existência de classes especiais para os que vêm de fora, o pouco preparo ou interesse dos professores em atender esse aluno, a questão dos castigos físicos impostos aos alunos, tudo isso levando à reprovação ou à evasão escolar. Esses colaboradores apontaram, com certo pesar, em

¹⁶⁷ MATOS, Isabel Aires de. “Integração escolar de minorias étnicas e de luso-descendentes em situação de retorno”. *Milenium*. Viseu: Revistas da ISPU, nº 83, out. 97, ano 2, trimestral, paginação irregular.

relação aos estudos que “não deu para continuar”, “não tinha como terminar”, “não ia dar para freqüentar mesmo”, “não deu para ir adiante”.

Alguns disseram que a experiência de ensino não durou mais que alguns meses, chegando a pouco mais de um ano. A necessidade de começar o aprendizado de uma língua da qual não se dominavam os símbolos escritos (“as letras são muito difíceis de reconhecer”), que se tinha dificuldade na pronúncia de alguns fonemas (“para você conseguir pronunciar algumas palavras que também são bem complicadas”) dificultou ou impediu a continuidade dos estudos, para quem “mal sabia o alfabeto” e que, lendo, “parecia que estava na primeira série”.

Matos acentua:

...o grupo minoritário é vítima de uma situação escolar, onde a língua de ensino não é a sua língua materna, mas a da maioria dos alunos. Se a criança não fala e não compreende a língua usada na escola, será forçosamente condenada ao fracasso, principalmente quando a maioria dos alunos conhece bem a língua.¹⁶⁸

Para os que conseguiram ir adiante, alcançando o ensino superior, as dificuldades basicamente se repetiram e o resultado de desistência foi, conseqüentemente, o mesmo. Entre a frustração e a falta de perspectiva, um desses jovens assim se expressou:

“Foi na escola que a coisa ficou mais difícil, porque não dava para acompanhar as aulas, a gente não sabia nem falar, muito menos ler e escrever. Tivemos uma professora que teve um pouco mais de interesse pela gente, e ajudou a mim e ao meu irmão nos ensinando a ler e a escrever do começo, do be-a-bá. Enquanto a turma fazia as lições, ela nos alfabetizava com uma cartilha, e a gente foi pegando aos poucos, não totalmente, mas deu para melhorar a fala, a leitura e a escrita. Tem algumas palavras que a gente não entende ainda, não sabe o que significa, mas dá para se virar, bem melhor agora do que na época em que a gente chegou.

Só que em relação à escola, eu acho que a dificuldade não é só por causa da língua, mas também pelo sistema de ensino que é muito complicado. Aqui se você faz alguma coisa errada, responde para o professor, não sabe fazer a lição, ou qualquer coisa assim, você apanha do professor, é normal. Eu apanhei muito na escola, nossa, eu nunca pensei que ia acontecer isso comigo. No Brasil é impossível isso acontecer, mas aqui é normal, ninguém é contra. Têm pessoas aqui que param de estudar por causa disso, porque eles apanham, se sentem humilhados, se desanimam e deixam de ir para a escola... Eu não aceitei esse sistema, enfrentei os professores, briguei, não me adaptei bem...

¹⁶⁸ *Idem.*

O resultado disso tudo foi que eu não consegui concluir meus estudos por essas duas questões, a língua e a punição que a gente sofria. Eu passava um ano e repetia outro, aceitava e não aceitava o castigo."

Salman Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Aqueles que conseguiram superar essas dificuldades apontaram que o fato de ter ido criança para o Líbano foi um dos facilitadores da adaptação e da possibilidade da continuidade de estudos após o período inicial de aprendizagem da língua, visto como um processo natural, repetindo-se a máxima que "criança aprende rápido e com mais facilidade". Como colocaram dois irmãos com experiências semelhantes, mas resultados diferentes:

"Os estudos, não tive como terminar, porque eu não sabia ler e escrever o árabe e também não tinha fluência no inglês... Cheguei a fazer um curso, mas não me ajudou muito, então nessa parte dos estudos já não deu certo... Para meus irmãos foi mais fácil essa adaptação na escola e eles continuam estudando..."

Daniel Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

"Eu tinha dez anos quando nos mudamos (para o Líbano), e logo comecei a frequentar a escola. Eu tive muita dificuldade de adaptação, primeiro por causa da língua, porque as aulas aqui são dadas tanto em árabe quanto em inglês, tem que saber bem as duas. Inglês eu não sabia quase nada, mas falava um pouco de árabe, meio quebrado, mas falava.

No primeiro ano de escola eu senti que não aprendi muito, parecia que tinha ficado no mesmo lugar. Isso porque tive que fazer um ano de adaptação numa escola que era só para os estrangeiros, a maioria era canadense, venezuelano, colombiano, brasileiro, entendeu, e cada um falava a língua que sabia e o árabe saía do jeito que cada um sabia também...

No começo eu tive muita dificuldade, mas fui aprendendo pouco a pouco, fui dominando mais a língua e acostumando com o sistema de ensino deles. Até que no final desse primeiro ano consegui tirar a nota mais alta em relação a todos os alunos que estudavam no mesmo lugar que eu.

A diretora conversou com a minha mãe e sugeriu que eu mudasse para a escola onde estudam os libaneses nascidos aqui. Ela achava que seria melhor para mim, que eu teria capacidade e vontade de continuar os estudos na escola normal. Aí eu mudei, mas foi difícil no começo, tinha que estudar vinte e quatro horas para alcançar os outros. Mas eu consegui, graças a Deus, acompanho muito bem e hoje já estou no último ano do colegial, que aqui dura quatro anos."

Wafá Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

A perspectiva de profissionalização derivou da possibilidade ou não de escolarização. Para alguns o ensino superior foi uma alternativa viável, decorrência da adequação ao sistema de ensino local, destacando-se a preferência pelos cursos de

engenharia da computação e farmácia. Aqueles que não puderam dar continuidade aos estudos buscaram outras alternativas de inserção profissional, que não exigiram tanta fluência na língua ou conhecimentos acadêmicos, como cursos de nível técnico ou ainda por meio de pequenos negócios (mercado, lava-rápido), e ainda assim a informalidade do ensino e a empregabilidade foram apontados como problemáticos:

"Na época em que eu saí da escola, e mesmo enquanto eu estava servindo o Exército, eu fiz um curso de cabeleireiro, num salão de um senhor aqui de Ghazzi. Eu ia para lá e ficava parado, observando, para aos poucos começar a praticar também, quer dizer, não era um curso de verdade. Meu pai estava me pressionando para eu tomar essa decisão, e a minha mãe, que sempre se preocupou que a gente se formasse em alguma coisa, acabaram me influenciando para que eu aprendesse essa profissão.

No começo eu não queria, mas depois eu fiquei pensando: "o que eu vou fazer da minha vida aqui?," "Que futuro eu tenho?" Eu comecei a pensar que tenho que dar um jeito na minha vida, fazer alguma coisa, porque não dá só pra depender do meu pai. Trabalhar na borracharia com ele não dava, porque o serviço não é tanto assim.

Eu acho que essa atividade é boa, mas aqui não é todo mundo que frequenta o salão mais constantemente. Só quando o cabelo está muito comprido, ou quando tem um feriado religioso, aí é o dia inteiro de trabalho. Aqui em Ghazzi eu já acho mais difícil, em Zahlé ou em Beirute seria mais fácil, não sei, vamos ver...

O que estou pensando é que isso pode me abrir outras oportunidades. Eu estou pensando mais pra frente, em sair daqui com uma profissão e viajar para um outro país onde haja mais oportunidade de trabalho. Já me falaram que no Canadá isso dá uma boa profissão, dá dinheiro. No Brasil mesmo seria possível trabalhar de cabeleireiro. Aqui é difícil uma pessoa fazer a vida. Não tem emprego, não tem oportunidade de construir uma vida melhor, então ou tem que ter dinheiro para ter seu próprio negócio, ou tem que sair para buscar oportunidades. Senão, é trabalhar na lavoura mesmo, como mão-de-obra braçal."

Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Para a mãe, essa dificuldade enfrentada pelos filhos foi identificada em sua total dimensão: o desconhecimento da língua como empecilho para a inserção escolar, discriminação e preconceitos sofridos, problemas de aprendizagem, desinteresse, alto custo do ensino privado e a impossibilidade de arcar com esse investimento, ao mesmo tempo em que se reconheceu a necessidade da continuidade de estudos e de profissionalização:

"Eu tinha muita vontade que meus filhos estudassem, eles não precisam ser doutores, mas que não sejam analfabetos. Tem que saber ler e escrever para se localizarem, é o suficiente, não precisa mais do que isso. Faculdade não dá

para pagar, então minha opção é investir em cursos profissionalizantes, de pedreiro, pintor, mecânico, serviços braçais mesmo. O mais velho está fazendo um curso de cabeleireiro e, no futuro, é torcer para que o pai possa ajudá-lo a montar um salão próprio, porque senão é trabalhar para os outros ganhando sete dólares por dia.

Essa também é a revolta deles. Eles me cobram sempre: qual é o futuro aqui?"

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

Para outra mãe, as dificuldades assinaladas deveriam ser consideradas antes vantagens que demonstraram a seriedade do estudo no Líbano (em oposição à pouca seriedade do Brasil), a rigidez (em oposição às facilidades), a profundidade do currículo (em oposição ao ensino "fraco"). Para acompanhar os estudos, portanto, é fundamental começar desde criança, para ter maior facilidade de acompanhamento:

"A grande vantagem que eu vejo é a formação escolar dos meus filhos, que eu acho que é melhor do que a de lá. Aqui o estudo é para valer mesmo, é bem puxado e tem que se esforçar muito para conseguir acompanhar, por isso que é mais fácil vir para cá quando os filhos são pequenos, porque pegam tudo do começo e conseguem acompanhar naturalmente.

A Nádia, que é a mais velha, acabou ficando só uns quatro meses aqui, não gostou, não se acostumou porque para ela já não tinha o que fazer, não dava para estudar. (...)

Já a Lamia, que veio com o ginásio completo, tentou concluir os estudos aqui, mas não conseguiu, porque ela é muito fraquinha em árabe e não conseguiu acompanhar. Mas ela acabou fazendo curso de inglês e tem o diploma de Michigan dos Estados Unidos, pode até dar aulas (...) A Rima esse ano conclui o ginásio, e está estudando bastante para conseguir porque aqui escola é escola, é para estudar, não tem folga... Os gêmeos estão na segunda série e também estudam para valer."

Fátima Zeitoun (Rede II- 2ª Geração)

Para outra essa vantagem, expressa no bom estudo, é um contra-senso numa perspectiva de possibilidades futuras:

"As escolas são boas, dão uma boa formação, mas depois que se formar vão trabalhar em quê? Não tem campo de trabalho, não tem perspectiva, não tem futuro..."

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A inserção e os resultados de sucesso ou fracasso escolar dependem do fator idade: quanto mais idade tinham os jovens, menos domínio da língua árabe e mais difícil se adaptar ao ambiente escolar e ao sistema educacional; quanto menos idade, mais facilidades para o domínio da língua, a adequação às práticas pedagógicas e o

sucesso na aprendizagem. Além disso, o esforço pessoal, o compromisso com os estudos, a seriedade em relação às práticas escolares foram apontados como receita para a inserção ou não do ponto de vista escolar.

Para os jovens, estudar e alcançar uma profissão não é um sonho, mas uma necessidade de inserção econômica ao país. Para as jovens, estudar e alcançar uma profissão não é uma necessidade econômica, mas antes uma satisfação pessoal, pois a questão da família, do casamento e dos filhos se sobrepõe à questão do trabalho:

"Eu ainda não decidi o que eu vou fazer na faculdade, talvez algo na área de farmácia que eu tenho certo interesse. Eu tenho que pensar também que não posso fazer um curso muito longo, porque quero ter filhos e me dedicar a minha família. Na verdade, fazer faculdade é mais uma satisfação pessoal que intenção de exercer uma profissão. Eu não pretendo trabalhar, a não ser que eu precise, mas prefiro ficar em casa me dedicando à família que quero construir. Eu quero estudar para não ser ignorante, para que possa ajudar meus filhos quando precisarem, para conhecer melhor as coisas da vida.

O estudo é importante porque abre a sua cabeça, as suas idéias, te dá mais informações, mais conhecimento. Eu gosto muito de conversar sobre as coisas que eu aprendi, ter um tipo de conversa inteligente como essa. Aqui não dá para conversar com qualquer pessoa, sobre um assunto diferente, mais sério, eles logo tiram sarro de você, por isso que eu raramente converso dessas coisas com alguém."

Wafá Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

Nesse caso, estudar não é uma etapa para a formação profissional, para o exercício de uma carreira, mas apenas um complemento das atividades domésticas e familiares: uma mãe bem preparada pode auxiliar melhor seus filhos. Para os jovens, uma carreira profissional é etapa para a constituição e manutenção de uma futura família; para as jovens, estudar é uma qualidade a mais entre as determinadas ao mundo feminino (cuidado da casa, marido e filhos). Mais um padrão de papéis sociais reforçados a partir do aspecto educacional.

Outra questão a ser enfrentada pelos jovens do sexo masculino referiu-se ao serviço militar obrigatório realizado no Líbano. Apontado como "o mesmo que em outro lugar do mundo", em relação à idade para o alistamento, duração, treinamento, no entanto, algumas diferenças foram apontadas: "obrigatório mesmo", sem possibilidade de dispensa porque "ninguém escapa"; "tem que se preparar para a guerra mesmo, não é brincadeira", "se acontecer uma guerra você vai ter que combater pela sua terra". É mais uma referência comparativa com a experiência conhecida ou vivenciada no Brasil: a obrigatoriedade de fato (em oposição às dispensas no alistamento brasileiro) e o

treinamento militar para uma guerra que não é improvável de ocorrer (em oposição à guerra como uma possibilidade distante no caso brasileiro).

Além disso, outros aspectos dessa experiência foram destacados, como distância dos quartéis em relação à residência; autonomia e primeira separação da família; experiência positiva; convivência com pessoas de outras origens, de outras religiões e de classes sociais numa situação de igualdade na condição de soldado. Além disso, houve um reconhecimento de ser parte do país: “você serve o Exército libanês, então você é libanês”, marcando uma inserção do ponto de vista da nacionalidade.

Nesta situação, a língua foi apontada também como um grande dificultador de inserção, e seu desconhecimento, motivo para as raríssimas dispensas do serviço militar obrigatório. A língua é um importante para a compreensão das dificuldades de inserção enfrentadas pelos retornados de diferentes gerações, faixas etárias e ascendências.

7.3 A Língua

Kristeva, ao tratar da questão do estrangeiro, vê a língua como um importante fator de superação dessa condição, pois ao não poder falar a língua materna plenamente é necessário compreender e incorporar a língua do outro. Isto pode ter o significado de um emudecimento (“entre duas línguas, o elemento é o silêncio”) ou de uma “ressurreição”¹⁶⁹, uma nova vida concedida a partir do domínio da língua estrangeira.

Da mesma forma, Said aponta que a questão do domínio da língua é um importante aspecto para sentir-se ou não *fora do lugar*, pois ao não dominar a língua local tem-se:

a sensação de tentar sempre traduzir experiências... não apenas num ambiente remoto, mas também numa língua diferente. Cada pessoa vive sua vida em determinada língua; suas experiências, em função disso, são vividas, absorvidas e lembradas nessa língua. A cisão básica de minha vida era entre o árabe, minha língua nativa, e o inglês, língua da minha educação...¹⁷⁰

Certamente a língua é importante fator de inserção do indivíduo em sua comunidade. Dominar a língua é dominar todos os códigos de relacionamento, as formas de tratamento, os modos de pensar e agir. Para os que retornaram ao Líbano, a questão do domínio da língua árabe, idioma oficial do país, e da língua inglesa, idioma obrigatório nas escolas e corriqueiro nas relações sociais da capital e de outras cidades

¹⁶⁹ KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. RJ: Rocco, 1994, pp. 22-23.

¹⁷⁰ SAID, Edward. *Fora do Lugar: memórias*. SP: Cia das Letras, 2004, p. 14.

do país, tem se colocado ora como facilidade ora como dificuldade nesse processo de inserção.

O domínio da língua árabe não foi uma dificuldade para os colaboradores da Rede I (1ª Geração) porquanto esse elemento sempre foi considerado como uma forma de manutenção dos padrões culturais na migração, havendo inclusive a preocupação de transmitir o conhecimento da língua às gerações seguintes.

Em relação aos colaboradores da Rede II (2ª Geração), afirmou-se saber “falar bem o árabe”, que aprenderam “falar desde pequena”, seja “em casa”, “com a família”, “no Brasil”. Entretanto, se reconheceu também que a compreensão auditiva era maior que a fluência na fala (“mais entendia que falava”), problemas relacionados com a pronúncia, erros, trocas de palavra (“meu árabe é pesado, não é fluente”), dificuldades de comunicação (“às vezes não consigo acompanhar uma conversa”), além do desconhecimento na leitura e na escrita.

Há ainda a constatação nessa Rede de um aprimoramento no domínio da língua árabe (“melhorou um pouquinho”, “aprendi a falar melhor o árabe aqui”, “fui me aperfeiçoando”, “procuro aprender cada vez mais”), ao mesmo tempo em que também se reconheceu uma limitação, tanto por não ser um falante nativo (“meu árabe não é igual de quem é nascido aqui”), como também provocada pela manutenção do uso da língua portuguesa (“converso muito em português”, “a maioria aqui fala em português”).

Na Rede III, composta por membros de segunda e terceira gerações, mas com diferença etária em relação à Rede II, também a língua consistiu em uma das dificuldades de adaptação e inserção na comunidade local, vista como um complicador nas relações sociais (“fazer amizades”, “conversar com as pessoas”) e na adaptação à escola, levando à atitudes de preconceito e discriminação:

“Os meus filhos tiveram algumas dificuldades de adaptação, e a primeira delas foi a língua. Eles sabiam um pouco do árabe, entendiam, falavam alguma coisa, mas aquela fluência mesmo, nenhum deles tinha. Eu até coloquei uma professora particular no começo para eles pegarem um pouco da língua e para ajudá-los na escola. Eles foram muito discriminados na escola porque não conseguiam entender muito bem, não conseguiam acompanhar o estudo, não conseguiram fazer amizades, e foram se desinteressando pouco a pouco, um a um, até largarem a escola, infelizmente...”

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

Foi comum a afirmação do pouco domínio da língua (“falava pouco”, “falava quebrado”, “meio quebrado”, “pesado”), seja na conversação, na leitura ou na escrita, pois “mesmo falando o árabe não é aquele árabe de quem fala desde que nasceu”.

Como aponta Matos:

A maioria dos filhos de imigrantes que nasceram e viveram no estrangeiro, sobretudo os que foram socializados através da escola desses países, ainda que tenham frequentado aulas e em casa continuem a falar a língua de origem dos pais (o que nem sempre acontece), têm um conhecimento parcial da língua se comparado com os habitantes do país.¹⁷¹

A convivência diária com os libaneses, o pouco tempo de permanência na escola, aulas particulares, o contato com a televisão, o dia-a-dia foram apontados como formas de superação do problema, ainda que tenha se constatado que a aprendizagem foi limitada, também pela continuidade do uso da língua portuguesa (“convivo muito com brasileiros”), como ainda pela dificuldade de se enfrentar o erro diante da comunidade: “davam risada, gozavam da sua cara”, “tiravam sarro”, “começam a dar risada ou a xingar”. Esse constrangimento pode ser até superado (“não ligava, porque é errando que se aprende”), ou ser um fator de bloqueio para a aprendizagem (“e com isso você erra ainda mais”):

“A língua árabe é muito difícil, você tem que se acostumar a escrever da direita para a esquerda, e as letras são muito difíceis de reconhecer, porque são quase todas iguais, e para você conseguir pronunciar algumas também são bem complicadas. Eu precisei de muito tempo para conseguir ler, foram quase três anos, e mesmo assim foi pouca coisa...”

O árabe não é como o português. Quando você vai falar com uma mulher é um jeito de falar, quando vai falar com um homem é outro. Como eu falo mais com rapazes, quando eu vou falar com as mulheres eu falo com se estivesse falando com um homem, aí elas começam a dar risada ou a xingar, e com isso você erra ainda mais...

No Brasil eu quase não falava nada da língua, não sabia nada mesmo, foi muito difícil para aprender, né... Faz oito anos que eu estou aqui, estudei quatro anos na escola e eu ainda falo o árabe errado, entendeu, ainda não falo o árabe certo, eu falo o árabe quebrado...”

Samir Ahmad El Kadri (Rede III- 3ª Geração)

Kristeva aponta três comportamentos dos nativos (referindo-se aos nascidos no país) em relação aos estrangeiros (os que são de fora) que não dominam ou dominam

¹⁷¹ MATOS, Isabel Aires de. “Integração escolar de minorias étnicas... op.cit., paginação irregular.

pouco a língua nacional: não os corrigem porque não se importam, porque são muitos os erros ou porque acreditam que não conseguirão. Desta forma:

Ninguém corrige os seus erros, para não feri-lo, além do mais eles não acabariam nunca e, afinal, pouco importa. Mesmo assim, exprimem a sua irritação, apesar de tudo. Às vezes, uma sobranceira levantada ou um enfático “como?” fazem-no compreender que “você jamais conseguirá”, que “não vale a pena”, que “pelo menos nisso não somos ingênuos...”¹⁷²

Se essas dificuldades foram apontadas nas redes compostas pela segunda e terceira gerações que, mesmo não tendo um domínio total da língua árabe, ao menos sempre tiveram contato, o que dizer então dos membros da Rede IV, composta de brasileiras não descendentes, cujo contato com a língua ocorreu por causa do casamento com os imigrantes libaneses?

Entre todas as dificuldades de inserção e adaptação, a língua foi considerada, unanimemente, como a principal delas, “a mais difícil”, porque impede a comunicação, os relacionamentos e a realização de tarefas cotidianas, além de ser fator de aceitação na própria comunidade. Antes da ida ao Líbano essa diferença já era reconhecida, pois tendo vivido certo período com os familiares dos cônjuges, essas mulheres haviam sentido, em outras ocasiões, a exclusão provocada pelo não-domínio da língua. Em outros casos, foi essa mesma experiência anterior no Brasil que colocou muitas delas em contato com o idioma (com o marido, sogros, parentes), e ainda que não houvesse o domínio, ao menos era um som familiar, algumas palavras foram aprendidas (“os cumprimentos e os palavrões”) e se tinha a compreensão auditiva (“uma coisa ou outra vai pegando, vai entendendo”).

Ao chegarem ao Líbano, a língua foi, então, uma das dificuldades enfrentadas, tanto por não saber falar “uma palavra sequer” ou de saber muito pouco para viver no país, quanto pela necessidade de aprender a falar o mais rápido possível, ao mesmo tempo em que se reconhecia a dificuldade de aprendizagem (“língua difícil”, “língua complicada”). Sem falar a língua, a comunicação não ocorreu prontamente (“não entendia meu sogro, não entendia minha sogra, não entendia ninguém”) ou limitou-se a um pequeno universo (marido, filhos, conhecidos), procurando-se aqueles que eram brasileiros ou falavam português. Nesse caso podem-se constatar duas situações: se a ida ao Líbano foi pioneira, havia poucas pessoas falando o português, então era necessário “aprender na marra”; se ocorreu num período já com um maior fluxo

¹⁷² KRISTEVA, Júlia. *op.cit.*, p. 23.

estabelecido (“a maioria das vizinhas falavam o português”) então aprender a língua era importante, mas não uma questão de sobrevivência.

Dar o primeiro passo na aprendizagem do idioma e na interação com as pessoas da comunidade foi avaliado também como uma obrigação daqueles que vieram de fora, sendo uma forma de ser aceito e integrado à comunidade como reconhecimento pelo esforço empreendido. Muitas apontaram que “era necessário aprender”, “fiz questão de aprender”, ou para se fazer entender ou para compreender o que os outros falavam, evitando mal-entendidos (“pensava que eles estavam falando mal de mim, porque eu não entendia nada mesmo”).

A aprendizagem foi vista como consequência de um esforço pessoal e individual (“aprendi sozinha, de ouvir, de observar, de prestar atenção nas conversas, aí eu colocava na cabeça”, **Célia, Rede IV**) de se comunicar por gestos (“eu falava fazendo gestos, apontando o que queria”, **Expedita, Rede IV**), de decorar as palavras, de associar os significados (“eles me falavam a palavra em árabe e eu ia gravando tudo”, **M. Neuza, Rede IV**), de buscar o equivalente na língua portuguesa, de aprender o necessário para o cotidiano (“fui aprendendo coisas da casa, como arroz, açúcar, pão, coisas do dia-a-dia”, **Eni, Rede IV**) entre outras soluções. Executar tarefas rotineiras, como ir à feira, ao mercado ou açougue também levou à necessidade de aplicar aquilo que se aprendeu, sobretudo estando sozinha e a comunicação dependendo unicamente de si própria.

O domínio da língua foi ocorrendo “devagar”, “aos poucos”, “soltando a língua”, “tentando”, “acertando e errando”, “melhorando”, “arriscando”, “falando um pouco”, “entendendo uma coisa e outra”, e a conclusão é que, ao menos, foi possível “se virar”, entendendo e fazendo-se entender. Parte dessas mulheres disse compreender bem a língua; muitas declararam saber as palavras, mas não conseguir formar uma oração; e ainda outras afirmaram que preferiam falar apenas o necessário ou quando não havia outro jeito, principalmente porque se sentiam constrangidas pelo uso incorreto da língua, pela exposição diante dos falantes nativos que “corrigem”, “dão risada”, “tiram sarro” e “humilham”.

Algumas dessas mulheres contaram com o apoio dos maridos, outras se apoiaram na aprendizagem dos filhos e dos netos para se fazerem compreender ou aprimorar o uso da língua, e ainda outras contaram com o próprio trabalho, os meios de comunicação, em especial a televisão, para aumentar o contato com a língua. O contato com brasileiros ou com aqueles que falavam o português foi um facilitador da comunicação (“tem muita gente aqui falando o português”, **Valda, Rede IV**) e também, de

certa maneira, um fator de acomodação (“como aqui têm muitos brasileiros não tem como passar apuros”, **Eni, Rede IV**).

A língua pode ser vista tanto como um fator de inclusão como de exclusão, como bem explicou uma das colaboradoras:

“Do árabe eu não sabia nada, não entendia uma palavra sequer, e era muito difícil para aprender... Logo que me casei eu me sentia mal, excluída mesmo, porque quando a gente freqüentava a casa dos parentes do meu marido só se falava em árabe e eu não entendia nada... Mas quando você é nova as coisas entram bem na cabeça, e uma coisa e outra vai pegando, vai entendendo e até se arrisca a falar...”

Neide Maria Paplovskis Pinto (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Com o domínio total ou parcial da língua árabe, a inserção tem ocorrido, mesmo para aqueles que aprenderam pouco a língua, limitando-se a algumas palavras ou expressões mais corriqueiras. Ainda assim, sem aprender a língua, essas pessoas têm conseguido viver no Líbano, pois o uso da língua portuguesa foi mantido pelos que retornaram ou aprendido pelos próprios libaneses que nunca estiveram no Brasil, o que revela mais uma faceta da complexidade do processo de inserção no retorno.

7.4 A Religião

Outro fator fundamental de inserção na sociedade é a religião, ainda mais considerando-se que o Líbano é um país cujos aspectos religiosos não são apenas uma questão de fé, mas igualmente uma questão política. Ser cristão ou ser muçulmano transcende as questões espirituais e determinam aspectos ligados à identidade, à inserção na comunidade, ser aceito ou não em seu interior, bem como vem carregado de uma conotação política e sectária.

Tratando-se de regiões majoritariamente muçulmanas, assim como os membros entrevistados nessa comunidade, foi relevante compreender inicialmente quais aspectos religiosos foram indicados como passíveis de adaptação, ainda mais que um dos motivos identificados para o retorno foi a questão da manutenção de aspectos da cultura árabe, entre os quais está a religião.

É importante ressaltar que os colaboradores da Rede I foram majoritariamente muçulmanos (oito) em relação aos cristãos (três). Para esses colaboradores tratou-se de continuar a praticar a religião, tal como se preservou na imigração e agora entre os seus.

Para as demais redes, entretanto, a inserção na comunidade também ocorreu a partir do viés religioso.

O primeiro aspecto ressaltado por esses colaboradores e reforçado por membros das outras redes, referiu-se à importância que a religião tem no Líbano e no Brasil, pois no primeiro “a religião é levada mais a sério”. Tem-se a concepção de que no Brasil a liberdade religiosa ocorre de fato e não apenas no aspecto legal, pois ser de uma religião ou de outra, frequentar ou não templos religiosos, ter ou não ter religião, são fatos que não interferem no convívio cotidiano e nem são considerados como motivos para segregação ou discriminação, já que “pouco importa a religião da pessoa, cada um pratica o que quer, reza para quem quer, acredita no que quiser” (Tony, Rede I):

“Tem outra coisa aqui que é diferente do Brasil. No Brasil você pode ser muçulmano, pode ser cristão, pode ser druso, pode ser o diabo, tanto faz, não interessa a religião, cada um com a sua religião, cada um que se vire com ela. Eu tenho freguês cristão, muçulmano, não importa, e isso eu aprendi no Brasil. No Brasil, ninguém te pergunta qual é a sua religião...”

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

No Brasil, a religião é vista como prática cultural associado ao exercício da fé e ao mundo espiritual; no Líbano, a religião é fé e prática, mas também questão política, sectarismo, fator de identificação e de identidade, marca de nascimento e pertencimento a uma família, comunidade, vila e região. A experiência vivida no Brasil subverteu essa certeza e, mais uma vez, a cultura brasileira é colocada em posição de vantagem nesse aspecto:

“No Brasil pouco importa a religião da pessoa, cada um pratica o que quer, reza para quem quer, acredita no que quiser. Tanto faz a sua religião no Brasil, ninguém te pergunta qual é a sua religião, porque isso não importa para as pessoas. Quando eu contava para os brasileiros sobre a guerra religiosa de muçulmanos e cristãos no Líbano, todos me falavam assim: “que isso! não existem essas coisas no Brasil”... E é verdade, porque eu sou maronita mas no Brasil frequentei várias igrejas porque todas são consideradas como casa de Deus, então não importam essas coisas.”

Tony Toufic Kassouf (Rede I- 1ª Geração)

Ressaltou-se que além das diferenças evidentes entre cristãos e muçulmanos, existe a segmentação em cada uma dessas religiões, evidenciando-se ainda mais a

complexidade da identidade religiosa no país.¹⁷³ No Brasil ser ortodoxo, maronita ou católico dissolve-se na generalização do termo cristão, sendo um aspecto de inserção na sociedade, enquanto no Líbano essas diferenças são marcadas e determinam desde professar a fé até se relacionar exclusivamente com membros da mesma comunidade religiosa. Duas colaboradoras, cristã e muçulmana, assim se posicionaram:

"A questão da religião também é uma coisa complicada aqui, tem toda a diferença entre os muçulmanos e os cristãos, mas também tem diferença entre os próprios cristãos, como os ortodoxos, os católicos, os maronitas... A minha família é ortodoxa, e só pode se relacionar com outras pessoas ortodoxas, mas no Brasil isso não tinha importância, a gente freqüentava tanto a igreja ortodoxa quanto a católica. Isso eu estranhei muito, mesmo sabendo que era assim."

Melissa Jamil Haddad Yachouh (Rede III- 3ª Geração)

"Um ponto que eu sinto que não tem como você evitar é a questão religiosa. No Brasil ninguém diz: 'oi, eu sou fulana, e minha religião é essa'. Pode até ser que lá as pessoas queiram saber um pouco mais da religião muçulmana porque é diferente e as pessoas têm curiosidade, mas é só isso. Cada um respeita a religião do outro e acabou."

Aqui é diferente, porque a religião está em primeiro lugar, aqui a religião é muito forte. A gente sabe pelo nome da pessoa quem é cristão, quem é muçulmano, pela forma de se vestir, pela cidade onde mora, por tudo, você sabe, a gente não está misturado... Tem uma aldeia aqui perto, chamada Manswra, que tem cristão e muçulmano, mas eles sabem muito bem quem é quem."

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

A religião é vista no Brasil como exercício da fé, a liberdade religiosa é ressaltada, as divisões religiosas relevadas. No Líbano, a religião não é só um aspecto da diversidade cultural, mas tem uma conotação política, está ligada a conflitos e guerra civil e divide a sociedade do ponto de vista da cultura, da região ocupada no país e determina quem é quem. Dizer que se vive em uma determinada região significa dizer a qual religião se pertence.

Demarcadas essas diferenças e reconhecendo-se a importância que a religião tem no processo de inserção no país, ainda assim para os colaboradores descendentes de segunda e terceira gerações (Redes II e III), a prática religiosa é vista como algo "mais simples", "mais fácil" para se adaptar justamente porque havia uma prática anterior no Brasil, determinada pela intenção de manter as práticas culturais na imigração. Ao

¹⁷³ Esse aspecto sobre a diversidade religiosa do Líbano já foi analisado no Capítulo I- LÍBANO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

mesmo tempo ressaltou-se que a manutenção da religião muçulmana numa terra de tradição católica tornou mais distante de se efetivar, pois a diferença já está estabelecida, o que levou também à falta de compreensão e a um constrangimento ou a dificuldades de professá-la plenamente. Para esses colaboradores, no Brasil se “desvia um pouco” da religião, tem o risco de “cair em tentação”, de ser um muçulmano “meio torto” ou não “completo”.

Professar a religião muçulmana no Líbano foi interpretado como um aprimoramento do aprendizado religioso recebido no Brasil, uma prática efetiva e completa, mais fácil porque “todo mundo faz”, “todos são iguais”, “tudo ajuda”, “a convivência facilita”, “não tem como evitar”, tornando-se “completa”, “forte” e ocupando o “primeiro lugar”. Se no Brasil o sentimento era de não se considerar como um muçulmano de fato, no Líbano essas pessoas tornaram-se “mais muçulmanas”. E ainda a religião pôde ser vista como um meio de superação de problemas (no caso das drogas):

“A religião muçulmana me ajudou muito a enfrentar o meu problema e a vencer, porque a fé impede que você faça coisas ruins ou maldades... Eu não sou aquele muçulmano perfeito mas ando correto, da melhor maneira possível.”

Nasser Mohamad Alauan (Rede III- 2ª Geração)

Ao mesmo tempo constatou-se certo grau de preconceito em relação aos que vieram de fora, pois para os libaneses o fato de se ter vivido fora levou a um comportamento inadequado ou corrompido no tocante às práticas religiosas:¹⁷⁴

“...Olha que coisa engraçada que aconteceu no ano que eu vim para cá: na véspera de Natal, eu saí na porta e vi a minha vizinha e gritei 'Feliz Natal!'. No dia seguinte já estavam comentando que eu era católica, porque estava dando feliz natal para as brasileiras... Eu falei, 'meu Deus, como é que pode?’

Até eu conseguir falar que eu sei o Alcorão melhor do que elas, demorou, eles acham que nós no Brasil não sabemos nem falar 'Deus é Grande', eles acham que a gente que é nascida lá não sabe nada religião. Eu sei rezar de lá, não foi aqui que eu aprendi, meus filhos praticam de lá, está demorando para eles entenderem isso. Tem preconceito em relação a quem é brasileiro, nesse aspecto...”

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

¹⁷⁴ Uma jovem argelina, entrevistada por Sayad, aponta esta mesma situação enfrentada por ela e outras jovens em seu retorno da França para a Argélia, no sentido de que a população local quer negar-lhes a dupla origem, desconfiando que dominem o árabe (“na cabecinha dele uma filha de emigrante não sabe falar árabe e menos ainda ler”) ou sejam professantes da religião muçulmana (“somos francesas em tudo e isso não quer dizer que não somos muçulmanas”). SAYAD, Abdelmalek. *A imigração... op. cit.*, pp: 181-191.

Para os que vieram do Brasil, não há porque se estranhar que um muçulmano deseje “Feliz Natal”, que se queira comemorar com festa, da mesma maneira que os praticantes da religião, ou se sinta falta de outras festividades religiosas. Estando no país de migração, esses traços culturais religiosos foram incorporados, sem que se associe a eles a conotação que carregam, pois, de acordo com essa interpretação, a Páscoa, o Natal, o Ano Novo são desvinculados da religião e associados a mais uma das festividades brasileiras:

“Outro dia no Natal eu comentei que no Brasil essa época é tão gostoso, a gente faz ceia, convida os amigos, faz amigo secreto, faz festa de Ano Novo...
Aí ela começou a me criticar falando que é pecado fazer isso, porque a gente é de uma outra religião, mas para mim isso não tem a ver só com a religião, é mais para ficar junto, comer, brincar, ser feliz, não tem nada demais...”

Iman Houssein Abou Jokh (Rede II- 2ª Geração)

Apesar de toda a avaliação positiva quanto aos ganhos do ponto de vista religioso adquiridos na inserção à comunidade, os membros da terceira geração consideraram que o aprendizado e aceitação plena dos dogmas da religião dependeram de estar em contato desde a infância na comunidade (convivência entre os iguais, ensino nas escolas), fatores distantes em país de imigração. Entrando em contato integral com a religião na fase da adolescência, a aceitação “plena” e “completa” não se efetivou, o que tem gerado dúvidas e problemas como:

a. conflito:

“Por exemplo, na questão da religião islâmica, que é algo muito bom, muito completo, uma coisa legal mesmo, tem que aprender desde pequeno para você se acostumar e crescer com ela na sua cabeça. Eu, que aprendi mais profundamente sobre a religião, jovem, não consigo entendê-la completamente, ainda não entrou tudo na minha cabeça, não consigo aceitar todas as coisas que a religião prega.

Eu acho estranho essa coisa de separar meninos e meninas, de ter que ficar bem longe um do outro, não poder namorar, ou mesmo algo mais simples como uma simples amizade ou convivência, sem maldade nenhuma. Por isso aqui as pessoas se casam tão jovem, o rapaz com vinte anos e a menina com quinze, dezesseis anos. Acho que é por falta de opção em poder levar um relacionamento mais adiante sem nenhum problema com a sociedade.

Então eu fico em dúvida se isso é uma questão da religião muçulmana ou da mentalidade, da cultura do povo daqui. Porque eles misturam uma coisa com a outra. Por essas e outras, não me considero cem por cento muçulmano

justamente porque eu só consigo aceitar três quartos da religião, e esse um quarto que me falta é justamente por não concordar com tantas proibições."

Samir Ahmad El Kadri (Rede III- 3ª Geração)

b. discordância:

"No Brasil eu já gostava de ouvir palestras sobre o assunto, e aqui eu pude me aprofundar mais, tanto em questão de conhecimento como em questão de praticar. Na escola tem o ensino religioso, e aprendi muita coisa com o professor que vem nos ensinar, ele é um cara legal à beça, um pouco fechado, mas ele ouve o que tenho para dizer. Eu falo para ele que gosto muita da religião islâmica, sigo tudo, mas tem coisas que eu não concordo nela, por exemplo, sobre a questão da mulher. Eu acho que a religião priva a mulher dos seus direitos. Ele me escuta e não fica com raiva de mim, pelo contrário, ele gosta das minhas conversas."

Wafá Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

No caso da Rede IV, brasileiras não descendentes, a inserção na religião muçulmana adquiriu novas dimensões. A primeira afirmação oscilou entre não praticar nenhuma religião anteriormente, ser católica mas não praticante, ser batizada e criada como católica e sentir-se assim, mesmo não praticando. O casamento com imigrantes libaneses foi o caminho para o contato com a religião muçulmana, ocorrendo a conversão e a efetivação das práticas religiosas desde o Brasil, ainda que de forma limitada.

Com a ida ao Líbano, esse aspecto foi interpretado como facilitador na inserção na comunidade, destacando-se também o papel dos familiares (sogra, cunhada) e dos próprios filhos no aprimoramento da religião. Algumas dessas mulheres destacaram que conviver plenamente com a religião ocorreu "sem dificuldades", sendo a parte "mais fácil" da adaptação ao país:

"Com a religião, por incrível que pareça, não tive muitas dificuldades. Acho isso porque a minha família era católica, mas não era praticante, não freqüentávamos a igreja nem nada. Então não tive problemas em praticar outra religião. No Brasil meu marido já me ensinava algumas coisas da religião, já me ensinou a fazer o jejum, e olha que ele mesmo quase não fazia direito nem lá nem aqui. Eu sempre jejei desde o primeiro ano aqui, com a minha sogra e com os meus filhos quando eles iam crescendo. Rezar aprendi faz uns quatro anos com a minha filha..."

Hoje me considero como uma verdadeira muçulmana..."

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Há divisão entre o sentimento de pertencimento pleno à religião ou não. Algumas mulheres que se consideraram “religiosa”, “verdadeira muçulmana”, “autêntica muçulmana”, em decorrência de um sentimento em relação à religião de admiração, respeito e aceitação:

“Agora a melhor coisa que eu aprendi aqui foi a religião muçulmana. Aconteça o que acontecer em minha vida, isso eu nunca mudo, nunca vou deixar de ser uma muçulmana, porque eu me considero uma autêntica muçulmana, sou praticante de coração e não por obrigação. O islamismo é o caminho certo, já o catolicismo, o budismo, tudo isso aí é o caminho errado. Eu sabia desse caminho antes de me casar, já sabia que tinha o Islã e sempre tive muita admiração.”

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Outras mulheres consideraram viver em conflito relativamente à identidade religiosa. Identificaram a semelhança entre as religiões, a crença em um único Deus (“acho que todas as religiões são iguais, porque Deus é um só”, **Alvira, Rede IV**) e a falta de necessidade de escolher entre uma ou outra crença (“para mim tanto faz a religião”, **Marlene, Rede IV**), mas a incerteza da conversão, das práticas e da fé foi mais percebida entre elas, uma vez que há aquelas que:

- a. aceitaram a fé de maridos e filhos, praticaram a religião, mas não tem se reconhecido como muçulmanas:

“...Eu fui criada como uma pessoa cristã, mas hoje vivo numa vila que é muçulmana, com marido e filhos dessa religião. Eu aprendi e pratico algumas coisas da religião, mas não digo que sou uma pessoa cem por cento muçulmana. Eu faço o jejum do Ramadã, mas não sei rezar, não aprendi e não tive vontade ainda, e nem uso o lenço, acho isso uma coisa boba, ainda mais dizer que se vai para o inferno se não usar. Isso é tolice! Meus filhos são criados como muçulmanos, mas eu não vejo nenhum problema porque eu penso que se Deus é um só, não importa a religião.”

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

- b. procuraram se adequar:

“A questão da religião é uma coisa que ainda não estava resolvida para mim. Eu fui batizada e criada como católica, e ainda me sinto assim, apesar de nunca ter sido praticante. Aqui eu procuro entender a religião muçulmana, mas não entra tudo de uma vez. Eu leio o Alcorão em português, faço o jejum, mas não que eu

seja ou me considere muçulmana, quero ver se me enquadro, só que eu acho que primeiro de tudo tem que gostar da religião por ela mesma, não é porque meu marido é muçulmano eu também tenho que ser. Além disso, eu não vejo diferença entre as religiões porque todas levam para um caminho só, que é o caminho de Deus, Deus somente Ele..."

Eni Aparecida de Souza (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

- c. não souberam avaliar o que são:

"Hoje eu me sinto sem saber de que religião eu sou. Eu gostaria de saber mais sobre a religião muçulmana para poder praticar melhor e ter mais tempo, porque tem que ler, tem que conhecer, tem que saber o que está fazendo, não é amanhã eu colocar um lenço na cabeça e uma roupa comprida sem saber o que estou fazendo. Então eu quero saber o que devo ou não fazer para ser uma muçulmana, porque a gente tem que ter alguma coisa para se apegar..."

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

- d. declararam continuar católicas:

"Eu continuo sendo católica, e não escondo para eles que sou. Quando eles fazem jejum eles me perguntam se eu estou fazendo e eu falo que não, porque eu sou católica. Um dia meu neto chegou a casa e eu estava com o lenço na cabeça por causa do frio, aí ele falou: 'que isso, dona Valda?' Aí eu falei: 'eu não sou mais dona Valda, agora eu sou Jamile, me converti'. Depois ele viu que era só brincadeira, porque nunca pensei em me converter..."

Na verdade nunca fui uma católica praticante, sou católica porque eu fui batizada e casei no catolicismo, e a minha família toda é católica. No Brasil eu só ia à igreja quando era missa de defunto ou festa. Para mim religião é desejar o bem para todo mundo, só isso. Aqui eles levam a religião mais a sério, é muito importante mesmo, é diferente do Brasil.

O meu marido frequenta a mesquita às sextas-feiras e até aprendeu a rezar... Ele foi por curiosidade, para conhecer, acabou gostando muito e se sentindo bem. Ele é bem aceito, todo mundo fica feliz quando ele vai, e se ele não aparecer todo mundo já estranha e pergunta o que aconteceu."

Valda Legut (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Por todas essas constatações, cabe a conclusão de que o fato de ser casadas com muçulmanos, ter filhos que são criados como muçulmanos, e até mesmo compartilhar das práticas religiosas, não faz dessas mulheres muçulmanas de fato. Entre a aceitação e adequação à fé islâmica ou a manutenção da religião católica, a dúvida sobre a identidade religiosa tem permanecido como um ponto latente. O casamento, os filhos, o retorno, a comunidade não foram suficientes para superar o dilema da opção religiosa.

Em todas as redes, entre as práticas religiosas mais apontadas está a realização do jejum obrigatório e das orações diárias (entre os colaboradores de segunda e terceira gerações, mas não para as brasileiras pela questão da língua¹⁷⁵), o conhecimento do Alcorão, a frequência à mesquita, o entendimento dos significados das tradições e festas religiosas e, ainda, no caso das mulheres, o uso do lenço. Sem dúvida, é o aspecto mais polêmico, entre todas as idades, para as que foram para o Líbano solteiras ou casadas, se descendentes ou não.

Os argumentos entre as que adotaram o lenço, as que não decidiram ou ainda estão em dúvidas consistiram praticamente na mesma natureza. A decisão do uso ou não foi avaliada por elas como um “ato espontâneo”, “da própria vontade”, “de coração”, “de livre e espontânea vontade”, decorrente de uma “decisão pessoal”, embora também tenham apontado que o ambiente influenciou nessa decisão, uma vez que o uso é um facilitador na integração à comunidade, evitando constrangimentos (“me sentia mal entre os outros”, “no Líbano querendo ou não, você tem que seguir a religião”, “tudo te induz a usar”, “em função do convívio com as pessoas”). Uma descendente, uma filha de brasileira nascida no Líbano e uma brasileira não descendente assim se posicionaram:

“...O lenço, coloquei aqui, me senti melhor, mais parecida com todo mundo, você não se sente desconfortável e os outros não te estranham.”

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

“Eu acho que a gente acaba usando o lenço para evitar que falem mal da gente. Todas as coisas erradas que acontecem aqui, já começam a falar que foram as brasileiras que fizeram... Na verdade, são as que são nascidas aqui é que aprontam, e as brasileiras levam a fama. Sempre põem a culpa nos outros, eles nunca olham para o nariz deles, preferem dizer que as brasileiras estragaram as árabes aqui...”

Sharifa Ahmad Al Majzoub (Rede III- 3ª Geração)

“As minhas três filhas usam o lenço por vontade própria, a pequena de oito anos colocou primeiro e as outras duas também resolveram usar. Eu não me sinto preparada ainda mas elas se sentiram, o meu marido acha que eu tenho que colocar, mas me deixa à vontade para quando eu quiser fazer isso. Mas eu me sinto meio mal no meio de tanta gente porque todo mundo usa, minhas filhas, minhas cunhadas, mas não estou preparada comigo mesmo ainda...”

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

¹⁷⁵ Embora existam traduções do Alcorão e versões das suratas das orações em português, a reza deve ser feita em árabe, língua da revelação.

Além disso, o apoio ou aceitação por parte de maridos, filhos e familiares facilitou essa decisão, da mesma forma que, muitas vezes, foram as filhas que tomaram primeiro a iniciativa levando suas mães a também aderirem ao uso. O uso do lenço foi considerado também como consequência de uma etapa de amadurecimento (idade, casamento de filhos, nascimento dos netos), de mudança de pensamento e atitudes, expressos sobretudo na modificação de comportamentos e inclusão de outras práticas religiosas (principalmente as orações diárias).

Para aquelas mulheres que ainda não colocaram o lenço (visto também como uma decisão própria e não como imposição) foi justamente por causa da necessidade de mudança de comportamento (modos de vestir, cuidados com a aparência, colocar o lenço em definitivo) que tem se adiado o uso, pois se consideraram ainda “jovens”, “vaidosas”, “não preparadas” para tal atitude. Ao mesmo tempo, há aquelas que transitaram entre “ter vontade”, mas não “ter coragem”, as que consideraram achar o lenço ou uma “coisa bonita” ou uma “coisa boba”, e ainda há aquelas que ponderaram ser essa a única atitude restante para se tornar uma muçulmana completa, temendo-se que o não uso seja punido mais tarde (“e se eu morro sem?”). É interessante comparar duas concepções, tia (2ª geração) e sobrinha (3ª geração):

“Aqui eu jejuo e rezo, pedi para uma pessoa me ensinar os movimentos, e se eu não rezar no horário parece que está faltando alguma coisa... Agora o lenço eu ainda não estou preparada para colocar, já me falaram que o lenço não tira a vaidade de ninguém, mas eu não sei, tenho minhas dúvidas. Eu penso assim: para você colocar o lenço tem que estar muito preparada para não se arrepender, porque não pode colocar e tirar, e se eu coloco o lenço é para mudar até o meu jeito de vestir, não adianta pôr lenço e usar roupa que marque o corpo.

Eu falo para as minhas sobrinhas que já usam o lenço: 'se vocês querem usar eu não sou contra, mas cobrir o cabelo e marcar o resto do corpo é demais!' Eu, por enquanto, não estou preparada para usar o lenço e mudar meu jeito de me vestir... Meu marido não me pressiona para eu usar, embora eu saiba que ele gostaria que eu usasse, e se eu passar a vida toda sem, ele não fala nada, graças a Deus... Essa decisão tem que ser pessoal, confiante, e para Deus, não para os outros, é assim que eu penso.”

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

“De um tempo para cá, a minha convivência na escola com esse professor (de religião) passou a ter muita influência sobre mim, uma influência positiva, claro. E nas nossas conversas ele me falou sobre a necessidade do uso do lenço para a mulher muçulmana. Eu sempre achei que só iria usar o lenço lá pelos quarenta anos ou mais, mas ele conseguiu me mostrar que eu posso conciliar muito bem o uso tradicional do lenço com uma mentalidade mais aberta. Usar o lenço não

significa ser atrasada, e ter uma mentalidade aberta também não significa deixar de lado as obrigações de uma mulher muçulmana. Se eu concilio vida de casada e vida de estudante, por que não posso conciliar modernidade e tradição?

Então agora sou uma mulher casada, vou para a escola, uso o lenço, e sinto que sou respeitada por tudo isso. Ao mesmo tempo, me sinto diferente dos outros e acho que todos os olhares se voltam para mim. 'Caramba, sou tão diferente assim?', fico pensando, enquanto entro na sala. É uma coisa engraçada, porque eu acho que para quem está de fora parece que aqui todo mundo usa o lenço, e não é bem assim. Tem gente que usa obrigado ou influenciado, tem gente que usa por opção, e tem gente que não usa, e todo mundo vive bem dentro da sua escolha.

No meu caso eu decidi pôr o lenço quando achei que era o momento. O meu marido ficou muito surpreso quando falei sobre esse assunto com ele, não acreditou, achou que era brincadeira minha, mas ele viu que era sério e aceitou a minha decisão, não foi nem a favor nem contra, apenas respeitou o que eu tinha decidido.

Mais difícil foi convencer a minha mãe. Antes de colocar o lenço, conversei com ela sobre isso, quis convencê-la a colocar também, enquanto ela queria me convencer do contrário. Ela me disse que ia ser uma coisa estranha a filha usando o lenço e a mãe não... Imagina se o povo não iria falar! Mas eu acho que essa decisão tem que ser de cada um, tem que partir do coração e da cabeça de cada pessoa, não adianta forçar essa situação.

A minha mãe acha que não está preparada para isso e não pôs o lenço, e eu estou usando o lenço porque acho que o momento certo chegou. É questão de cada pessoa, vem de dentro da pessoa, e cada um é cada um. Hoje ela fala que está se acostumando com a idéia, se preparando para isso. Já o meu pai achou ótimo, nossa, aonde chega ele fala que eu coloquei o lenço. Ele sempre incentivou a minha mãe, mas nunca obrigou e está esperando que ela se decida..."

Wafá Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

Dos relatos acima, é importante ainda extrair uma questão fundamental: a opinião masculina em relação ao uso do lenço. Todas as colaboradoras fizeram questão de ressaltar que a opção pelo lenço não dependeu da vontade ou imposição dos maridos ou de outras figuras masculinas, que apenas aquiesceram diante da decisão de colocar ou não o lenço. Apesar disso, algumas mulheres destacaram que se os homens não impuseram o uso, influenciaram nessa decisão (o professor de religião que esclarece sobre a necessidade do uso do lenço), respeitaram (o marido que aceita a decisão), sentiram-se satisfeitos com a decisão tomada (o marido ou o pai que gostou) ou esperam que ela aconteça (o marido gostaria que o lenço fosse colocado).

Apenas um dos colaboradores posicionou-se sobre a questão, mas também destacando o respeito pela decisão tomada, qualquer que seja:

"Duas das minhas filhas decidiram colocar o lenço, e eu não fui contra nem a favor, cada uma tem que saber qual é a sua hora certa. Só orientei que se colocou não pode mais tirar, porque isso não é moda, é regra da religião..."

Nasser Mohamad Alauan (Rede III- 2ª Geração)

Essas mulheres se dividiram entre a inserção à comunidade e a manutenção dos laços com o Brasil e viram o uso do lenço como um componente dessa fronteira cultural, pois para algumas, se estivessem no Brasil não teriam colocado, outras tiraram o lenço ao ir ao Brasil, havendo ainda aquelas que acham que sofreriam preconceito aqui ou que consideraram que o uso também se tornou comum no país:

"Uma coisa muito boa que aprendi aqui foram as coisas da religião, principalmente a importância de usar o lenço. A primeira vez que morei aqui coloquei o lenço, mas quando voltei ao Brasil acabei tirando, e depois vi como fui boba em ter tirado, porque hoje lá todo mundo sabe mais sobre a religião, respeita, até acha bonito, principalmente porque teve aquela novela, *O Clone*, que tratou desse assunto. Mas eu coloquei porque quis e tirei porque quis, ninguém me obrigou."

Fátima Zeitoun (Rede II- 2ª Geração)

Se a família no Líbano foi um apoio nessa decisão, a família no Brasil pode ter reações de estranhamento ou não aceitação dessa atitude. Assim temos:

"A religião muçulmana eu fui aprendendo com meu marido, ele fazia questão de me ensinar. No Brasil eu já jejuava, e aqui aprendi também a rezar e resolvi colocar o lenço já faz uns dez anos... Foi difícil me acostumar no começo, principalmente na época do calor, agora não, eu só tiro quando vou dormir, ou quando não tem ninguém aqui... Minhas irmãs mandam fotos com roupas curtas, mangas cavadas e elas são mais velhas que eu uns dez anos, e eu penso que aquilo não serve mais para mim, porque me acostumei a viver mais desse jeito daqui. Eu tenho uma irmã que é crente e ela acha muito bom que eu tenha a minha fé e viva de acordo com ela..."

Maria Luíza Areias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Hoje me considero como uma verdadeira muçulmana, só falta usar o lenço na cabeça. Eu acho que colocar o lenço é uma coisa muito bonita, tenho vontade de colocar. Só não vou usar agora porque tenho que ir ao Brasil, e acho que sem o lenço é mais fácil... Porque se eu for para o Brasil de lenço, vai ter aquele preconceito das minhas tias, vão falar para que isso, que estou com cara de velha... Depois dessa viagem que pretendo fazer para o Brasil, vou colocar o lenço, já me decidi. Isso é uma coisa minha, ninguém me obriga nem meu marido, nem minha sogra..."

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

A opção pelo lenço marca uma adesão contundente à religião muçulmana, pois levou a uma atitude diferenciada também em relação ao comportamento cotidiano no ambiente doméstico e no ambiente público. O lenço é usado em público e em qualquer lugar em que haja a presença de figuras masculinas; fora do restrito círculo familiar (pais, maridos ou filhos), o lenço é estritamente obrigatório.

A religião é um importante fator de inserção na comunidade, pois significa a adesão plena a suas práticas, a compreensão dos dogmas, dos símbolos, das regras, das prescrições e das restrições, do ponto de vista de ser parte de uma comunidade mais ampla. Aderir à religião é decidir ser reconhecido como membro da comunidade religiosa, reconhecer e ser reconhecido como parte dela.

7.5 Casamento nas Gerações

Para a terceira geração que se estabeleceu no Líbano durante a infância e a adolescência, o casamento tem sido mais uma forma de inserção à comunidade, ocorrendo em curto espaço de tempo de estabelecimento no país (um a quatro anos) e com pouca idade (na faixa etária dos quinze aos vinte e dois anos).

Os motivos apontados para a opção pelo casamento estiveram vinculados a uma forma de estabelecimento no país de maneira mais efetiva (“o casamento era uma boa forma para me manter aqui”, **Soraia, Rede II**), contando com o apoio dos pais (“a minha mãe já queria que eu me casasse com ela”, **Daniel, Rede III**), adequando-se às redes de casamento dentro da própria família ou da mesma vila (“eu me casei com meu primo”, **Melissa, Rede III**) e de acordo com os costumes locais (“se entra um homem em sua casa tem que ser coisa séria, tem que ser casamento, senão você fica mal falada”, **Sana, Rede III**).

Apesar de desejado e muitas vezes ser visto como um dos motivos que engendraram o retorno, o casamento nem sempre é imediatamente aceito pelos pais desses jovens, porque:

a. apontou-se a questão da pouca idade, fato aceito e incentivado na cultura árabe, mas rejeitado, de certa forma, pelos colaboradores de primeira geração, revelando a influência cultural recebida durante a imigração:

"Agora tem coisa que é ironia do destino mesmo. Eu, que criticava as meninas que só pensavam em casar cedo, acabei fazendo o mesmo. Eu reconheço que casar com quinze anos é muito cedo, e continuo achando isso até hoje. Acho até que paguei a língua, porque eu falava para a minha mãe que não queria casar enquanto não acabasse a faculdade, me formasse. E como dizem: cospe para cima que cai na cara.

Os meus pais tentaram impedir que eu levasse essa idéia adiante. Eu cheguei a voltar ao Brasil com a minha mãe, para esfriar esse interesse pelo Kaled, meu marido. Eles não queriam que eu me interessasse por ele, assumisse um compromisso e me casasse sendo tão jovem.

(...)

...Não é que os meus pais não queriam que eu me casasse, eles não tinham nada contra o Kaled, o problema é que eles achavam que eu era muito nova para isso, só tinha quinze anos!

Como já disse, sinceramente, eu também acho isso, mas o interesse apareceu e não teve jeito. Aqui ninguém achou estranho, porque para a sociedade árabe não tem nada demais casar cedo, é normal para eles..."

Wafá Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

b. dependeu das condições materiais para o sustento da futura família e envolveu questões de idade:

"Eles também acabam casando cedo porque não têm outra oportunidade, porque o pai fala assim: 'quando você vai casar?', 'você é adulto!', 'o que você está esperando da vida?', colocam na cabeça do rapaz, ser homem, ser responsável... E é uma criança ainda!

Eu acho absurda essa coisa de casar tão cedo, é o fim do mundo! Como pode um cara casar com uma garota de quinze anos, que não sabe nada da vida, que nem sabe cuidar de uma casa? E o menino, que experiência ele tem?

Eu penso que primeiro tenho que ter uma profissão, comprar a minha casa, comprar o meu carro, ter dinheiro no banco, aí eu penso em casar... Graças a Deus que meu pai não me pressiona para o casamento, quando as pessoas perguntam por que ele não me casa, ele responde que sem casa e sem dinheiro não dá. Pelo menos nisso nós dois falamos a mesma língua."

Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

c. foi uma fuga da monotonia e oportunidade de voltar para o Brasil:

"...Por isso que elas casam cedo, é uma forma de escapar da monotonia.

Eu acho que foi por isso também que minha filha se casou tão cedo, aos dezoito anos. Ela conheceu o marido dela aqui, ele é filho de árabes, nascido no Brasil, por isso tem uma mentalidade mais aberta... Eu não queria que ela casasse tão cedo, muito novinha, mas ela falava que gostava dele, que queria casar...

Para ela foi bom esse casamento, porque ela tinha loucura para voltar para o Brasil e, com o casamento, isso deu certo..."

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

d. foi uma forma de se opor às redes familiares, quase como um ato de rebeldia num contexto possível:

"Eu me casei um ano depois de ter vindo para cá, com dezoito anos... Conheci meu marido quando ele trabalhava na casa dos meus pais, colocando o piso, que é o serviço dele até hoje. Eu mal tive tempo para ter um convívio maior com ele, conhecer, me acostumar... O que eu queria, sinceramente, era casar com ele para sair de casa, sumir, ficar independente dos meus pais. Eu não casei com ele porque eu o amava, estava apaixonada, não foi por isso...

O que mais me atraiu nele é que ele era de outra vila e com isso eu poderia sair daqui, sair da vida que existia aqui, com um cara que não era desse mesmo lugar... E também porque meus pais eram contra o nosso casamento. Aqui o costume é se casar com alguém da mesma vila e, de preferência, da mesma família, primo com primo mesmo, todos fazem questão disso. Quando alguém se casa com alguém de fora, eles dizem que a noiva passou para a outra família, deixou de ser parte da família. É o costume daqui.

Mas eu me casei assim mesmo, contra a vontade deles e acima da vontade deles. Não sei como eu tive coragem, mas sei que resolvi enfrentar os meus pais para tomar pela primeira vez uma decisão em minha vida. E consegui."

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

Além disso, há uma reprodução também dos dilemas enfrentados pela segunda geração em relação às dificuldades conjugais, à oposição dos familiares e à falta de um espaço privado em que se constituem as casas. Neste contexto ganhou peso o papel das famílias grandes em relação à família conjugal, o difícil relacionamento matrimonial e, novamente, a influência cultural trazida do país de imigração moldando uma nova mentalidade e levando a novas atitudes:

"...Foi muito difícil a minha vida de casada, foi mudar totalmente de um modo de vida para outro muito pior. Eu estava acostumada com uma coisa mais democrática, mesmo com toda a rigidez do meu pai, e caí na pior ditadura possível. Aqui a mulher é tratada como uma empregada, você não tem direito a nada, nem de pensar, nem de dar opinião...

Quando eu casei, pensei que ia viver como uma pessoa casada no Brasil, ter minha opinião, mandar na minha casa e conviver com o meu marido. Mas nem casa você tem, mesmo que alugada, porque aqui a maioria do pessoal casa e fica morando com os sogros. Eu morei um ano com eles, e eu sei o quanto sofri, comi o pão que o diabo amassou vivendo no mesmo teto que eles. Aqui você se engana com as pessoas, porque antes de casar é de um jeito e depois que casa é de outro.

Aqui tudo o que você for fazer, tem que pedir permissão para o seu marido, até para fazer uma comprinha, ir à casa de uma prima, conversar com a vizinha... Pedir permissão para o seu pai e sua mãe é diferente do que pedir para alguém da sua idade, como se ele fosse seu pai, seu dono. Aqui você não fala 'eu vou',

você fala 'eu posso?' Acho que isso mata a personalidade da pessoa, acaba com ela...

Eu não sou uma pessoa fácil, reconheço, mas aqui você tem que enfrentar a situação se não quiser ser anulada, se quiser continuar sendo uma pessoa que pensa, que tem o mínimo de liberdade. Se fosse hoje eu não me casaria de jeito nenhum, mas na época eu era boba, ingênua, e não pude contar com a experiência da minha mãe, ela não se preocupou se o casamento seria bom para mim. Se eu não tivesse ficado grávida logo que me casei, teria me divorciado, mas com filho é mais difícil, e você agüenta tudo por eles, pelo menos eu sou assim...

Se a minha filha for se casar eu não deixo que ela passe nem uma parte do que eu passei. Eu vou pensar se aquilo vai ser bom para ela, vou olhar o passado do possível noivo, ver como ele é, e ainda assim se casar e não der certo, separa, não vai ficar sofrendo só para manter um casamento que não presta."

Noá Mohamad Abou Jokh (Rede III- 2ª Geração)

Há que se apontar também o outro lado, daquelas que conseguiram superar as adversidades do conflito familiar, de conquistar o espaço físico da casa e de manter um relacionamento conjugal considerado diferente do padrão local, machista e com pouca participação da mulher. Para justificar essa diferença, temos uma avaliação comum: viveu-se um período da vida fora da região de origem, do interior do Líbano, seja na capital do país ou fora dele, demonstrando o peso que se deu às influências culturais externas.

"Eu posso dizer com muita tranquilidade que me casei com um homem maravilhoso, um cara sensacional, bom, legal... Realmente uma boa pessoa, um ótimo marido e um excelente pai. Eu vivo uma vida boa com ele, ele é muito bom comigo e com as nossas três filhas. Eu acho que ele tem uma cabeça muito boa, muito aberta. Por exemplo, ele não faz questão de ter mais um filho para ver se vem um menino, porque aqui toda casa tem que ter um menino para levar o nome do pai adiante. Ele sempre me diz que prefere dar do bom e do melhor para as meninas, dar estudo, formá-las, não importa que não tem um menino, entendeu como ele é?

Eu acho que ele é diferente dos outros homens daqui por dois motivos. O primeiro é que o pai dele morreu quando ele tinha doze anos, então ele teve que se virar sozinho desde cedo e, como ele não teve um modelo de educação tão rigoroso, como são criadas as crianças aqui, ele é muito carinhoso com as meninas. O segundo motivo é que ele viveu um tempo em Beirute e eu acho que qualquer um que sai daqui do interior e vive em outro lugar tem uma cabeça mais aberta, conhece um pouco mais do mundo.

A maioria das mulheres daqui não leva a vida que eu levo, juro por Deus... Meu marido me ensinou a dirigir, tirou a minha carta de motorista, me trata bem, confia em mim, conversa, troca idéias. Então eu acho que eu sou uma privilegiada. Eu tenho um marido!"

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

"...Eu acho que o meu casamento foi diferente por causa do meu marido, que tem uma cabeça muito aberta. Ele é treze anos mais velho que eu, mas eu nem sinto essa diferença, nos damos muito bem.

O primeiro ponto positivo do nosso relacionamento é que ele sempre me apoiou na questão dos estudos, e nunca colocou como condição que eu parasse de estudar para me casar. Pelo contrário, acho que não teria casamento se eu tivesse que parar de estudar. Não é porque casei que morri, que tenho que parar a minha vida. Isso é o que eles fazem aqui, mas eu não aceito isso para mim e o meu marido sempre me apoiou e continua me apoiando até hoje.

Eu acho que o meu marido pensa dessa forma porque ele também é estudado, sabe o valor do estudo, a importância que isso tem na vida da gente. Acho que se ele não fosse estudado ele não iria aceitar, não iria entender essa necessidade, e aí não iria ter casamento...

Eu considero que a cultura e a mentalidade que ele tem não vieram da criação que teve aqui, mas sim porque ele viajou, viveu sete anos fora, no Canadá onde estudou engenharia eletrônica. Quem saiu, conheceu outras culturas, outros mundos, tem uma cabeça diferente, mais aberta, entende melhor essas questões."

Wafá Ahmad Rajab (Rede III- 3ª Geração)

Nesse sentido, o casamento pode ser visto como mais um fator de inserção à comunidade, seja avaliando os conflitos ou a forma de superá-los. Outra importante questão a ser considerada em relação ao processo de inserção via casamento referiu-se aos filhos desses colaboradores, componentes da terceira e quarta gerações, nascidos no Líbano. Quanto a este tema, mais uma vez foram as mulheres que naturalmente assumiram o discurso, que ora mostra-se conservador ora pretende ser liberal, versando basicamente sobre os mesmos aspectos: diferença de mentalidade e a forma de criação dos filhos, estudo e formação profissional, trabalho e casamento.

Tanto na Rede II quanto na Rede IV, a criação dos filhos foi vista como um fator diferenciador em relação ao Brasil ("aqui é diferente o modo de criar os filhos") e de acordo com os padrões culturais árabes ("do jeito deles"). Essa criação foi vista como vantajosa porque implica respeito aos pais, aos valores tradicionais da família, expressos como atitudes de respeito, obediência, permanência dos filhos no ambiente familiar, manutenção dos laços e da hierarquia, na qual cabe aos pais mandar e aos filhos obedecer. Muitas vezes esse discurso veio acompanhado de um tom conservador, machista, e por vezes moralista em relação à mulher.

Interessante notar que foram as colaboradoras não-descendentes que melhor verbalizaram esse pensamento. Primeiro apontaram a "fraqueza" feminina:

"...eu oriento minhas filhas a se valorizarem mais, não se assanharem com os meninos, porque aqui como tem mais meninas que meninos parecem abelhas no mel, eu juro, é uma pouca vergonha.

Quando as meninas vão para a escola, eu falo para não conversar com nenhum dos moços, porque se eu ou o irmão delas pegá-las, elas apanham. Dentro da escola, os inspetores tomam conta e as classes são separadas, então fica mais fácil controlar.

Eu acho bom ter esse controle, porque a mulher tem uma mentalidade muito fraca e os árabes são mais aproveitadores que as outras raças... Você sabe, a mulher é fogo, e eu tenho três mulheres em casa... Muitos casos de namoro em escola começam com o cara mandando recadinho para ela, eles já fogem da escola e são obrigados a casar porque fizeram bobagem... Depois não dá certo, separam, porque as meninas são novas, não têm experiência de vida. No Brasil eu acho até que essa questão seria pior porque lá é difícil de segurar, um dos motivos de eu não voltar para o Brasil é esse..."

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Depois assinalaram a forma de criação no Líbano como possibilidade de superar essa fraqueza humana da alma feminina:

"Aqui também é muito bom para criar os filhos, o sistema de educação é muito bom, principalmente para as meninas. Aqui eles valorizam que a menina se case virgem e eu acho isso bonito pra caramba, quero isso para as minhas filhas também."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras-não descendentes)

"No Líbano as meninas são criadas de uma forma mais recatada, porque é mais fácil controlar, censurar... Na verdade, a gente deu mais liberdade com essas novelas, esses beijos, mas só para as mais velhas. Meu marido fala para eu sentar com as meninas e conversar, explicar as coisas de mulher para elas, mas eu acho que é errado, não é hora ainda, tudo tem sua época..."

Vanda Luiz (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Mesmo se reconhecendo tal vantagem para a criação dos filhos, sobretudo das filhas, pretendeu-se também a busca de uma mediação entre a manutenção dos costumes e sua flexibilização:

"...eu acho que aqui é um bom lugar para criar os filhos. Para mim, a minha filha será criada como as crianças daqui, como uma libanesa, com os costumes, a religião e a cultura daqui. Mas eu acho que também dá para ser um pouco mais moderno, sem tantas proibições, sem abusos, com limite para tudo. Eu quero que a minha filha tenha os costumes daqui, mas com uma cabeça brasileira, uma cabeça flexível..."

Michele Alves Cardoso (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Há uma preocupação ainda em se diferenciar de outras mães, de origem libanesa, destacando-se o relacionamento além do papel de mãe, como amiga, companheira e confidente, levando às relações de apoio e cumplicidade, superando o preconceito em relação às mulheres e as suas supostas fraquezas.

Mãe e filha se complementaram:

"Eu sempre procurei criar meus filhos da melhor forma possível, principalmente como uma amiga, mais do que uma mãe... Eles têm liberdade de conversar comigo de tudo, de amizade, paquera, namoradinhos, faço questão que eles tragam os amigos para ficar aqui dentro de casa, conversando, deixo todo mundo bem à vontade, sirvo chá, café, essas coisas... Eu prefiro que eles façam tudo na minha frente do que por trás, escondido... As mães árabes são muito fechadas, não confiam nos filhos, não são amigas, vivem em outro tempo..."

Maria Luíza Areias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

"Ela é mais que uma mãe para mim, ela é uma verdadeira amiga, posso conversar de tudo com ela, posso contar o que estou sentindo, o que estou pensando, posso ter amigos e trazê-los para minha casa, sem nenhum problema... Se vejo um moço bonito, quando gosto de alguém, se estou interessada em algum rapaz, posso falar dessas coisas para ela livremente, ela não me censura..."

Meus amigos percebem que minha mãe é uma mãe muito diferente da deles, por isso eles gostam mais de vir aqui do que ir em outro lugar, porque acham minha mãe legal, uma pessoa aberta... Os filhos aqui não têm uma mãe assim como a minha, com as mães árabes não dá para ter uma conversa normal... Com as mães árabes não dá para contar que você gosta desse cara, que você tem amigos... As mães brasileiras dão mais liberdade para se conversar sobre esses assuntos... Todas minhas amigas gostam de conversar com a minha mãe, contam para ela os segredos, pedem conselhos, falam para ela que gostam de tal cara, falam normal desses assuntos, coisa que elas não fazem com a própria mãe...

As mães árabes são assim porque elas estão vivendo em outro tempo, não saem, não sabem falar como amigas, se vão amigos às casas delas, as mães sempre estão fazendo alguma coisa, não descansam, é muito difícil aqui as mães árabes aceitarem que as filhas tenham amigas, não entendem essa coisa de amizade...

Para mim é uma grande vantagem minha mãe ser brasileira... Com certeza é uma vantagem, porque não tem nada escondido dela, qualquer coisa que eu comento, ela me fala faz isso, não faz isso, me dá conselhos, me ensina...

Por isso que eu sempre digo: eu tenho a melhor mãe do mundo inteiro e graças a Deus que a minha mãe é brasileira!"

Sharifa Ahmad Al Majzoub (Rede III- 3ª Geração)

Este é um dos aspectos que aproximaram as mulheres da Rede IV das colaboradoras da Rede III, marcando também uma mudança do papel das mães ao longo

das gerações: de um distanciamento para maior proximidade; de uma posição hierárquica de respeito para uma posição de igualdade; do papel de mãe para o de amiga; da posição coercitiva e controladora para uma postura mais democrática e dialogada. Uma colaboradora assim avaliou essa diferença:

"Eu acho que eu sou uma mãe de verdade para elas, amiga, companheira. Eu não sou careta, pode ter amigo à vontade, pode convidar rapazes para vir em casa, pode paquerar, porque isso é bom, é saudável e não tem nada de mais. O meu marido concorda comigo, aceita, mas também a gente não pode ligar para o que os outros falam, senão você vai prender suas filhas dentro de casa. As mães daqui não são assim, proíbem tudo, vigiam o tempo todo, não conversam, não trocam idéias. Daí o que acontece? Elas fazem tudo escondido, tudo escondidinho...

Eu levo as minhas filhas para passear, para o cinema, brinco, converso, dou risada, ensino, aconselho. Eu faço um papel de mãe de verdade mesmo, eu sou diferente das mães daqui. Eu não sou do jeito delas, entendeu?"

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

De acordo com os padrões culturais da comunidade, os papéis sociais foram previamente determinados a partir da questão do sexo: para os meninos a preocupação centrou-se no incentivo aos estudos, na formação profissional, na responsabilidade da manutenção da família e da casa; para as meninas, a preocupação esteve na busca e concretização de um casamento. Essa constatação pode ser vista como resignação ("As meninas são criadas para ser dona-de-casa, mãe e esposa, e os meninos para ser o homem da casa", **Alia, Rede II**). ou indignação ("Aqui o homem pode tudo e a mulher não pode nada!", **Penha, Rede IV**).

De uma forma ou de outra, reproduziram-se e reforçaram-se os mesmos padrões e dilemas vividos por essas colaboradoras, embora haja uma preocupação em amenizar essa dicotomia ou justificá-la como um facilitador na inserção à comunidade. Não se contestaram ou se enfrentaram esses padrões, que foram identificados, reconhecidos, percebidos como limitadores e, ainda assim, deveriam ser os modelos seguidos, como forma de ser aceito na comunidade, de viver "como todos vivem":

"Aqui é muito complicado para criar os filhos porque a mentalidade ainda é muito machista, tudo é voltado mais para os homens, tudo favorece mais a eles. A mulher não tem opinião, não tem o lugar dela, é muito oprimida, está sempre em segundo lugar e é criada para o casamento e para a criação dos filhos.

Eu não quero criar minha filha de uma forma diferente das meninas daqui, porque não adianta fazer diferente, ela vai estar num lugar que não é assim. Eu quero que ela estude, incentivo para que ela vá até onde der, mas eu sei que um

dia ela vai casar, ter a casa dela e os filhos, então eu tenho que prepará-la para isso... Agora, para o menino eu digo que ele vai ter que estudar, se formar e se preparar para manter uma família, porque as responsabilidades recairão sobre ele. Eu falo se ele quer ficar igual ao pai, viver como vivemos ou se ele quer ser mais do que isso, então terá que estudar e se esforçar muito. Falando assim, pode até parecer que eu sou quadrada, retrógrada, mas não é isso: sou realista..."

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

O casamento para as jovens, além de ser compreendido como forma de inserção, também tem se traduzido como fuga da monotonia ou uma forma de sair do Líbano, rumo ao Brasil ou outros destinos:

"O menino ainda tem um pouco mais de liberdade, pode sair com os amigos porque é homem, mas para as meninas é mais difícil, não podem sair, passear, é só da casa para a escola todo dia, todo dia! Por isso que elas casam cedo, é uma forma de escapar da monotonia.

Eu acho que foi por isso também que minha filha se casou tão cedo, aos dezoito anos. Ela conheceu o marido dela aqui, ele é filho de árabes, nascido no Brasil, por isso tem uma mentalidade mais aberta... Eu não queria que ela casasse tão cedo, muito novinha, mas ela falava que gostava dele, que queria casar...

Para ela foi bom esse casamento, porque ela tinha loucura para voltar para o Brasil e, com o casamento, isso deu certo... Então eu acho que agora ela está vivendo lá tudo o que ficou adormecido aqui... Para mim foi duro aceitar a perda da minha filha e amiga, mas o marido é muito bom, os sogros dela são pessoas maravilhosas, então eu fico tranqüila mesmo ela estando longe de mim... Eu acho que ela está mais feliz lá do que aqui..."

Maria da Penha Alves (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Embora possa parecer que só as mulheres sofram com a questão do futuro predestinado do casamento, aos meninos a tarefa não tem sido menos fácil, pois estudo e profissão devem levar à capacidade de suprir materialmente uma família e o casamento também é o destino para o qual caminham, mas com uma responsabilidade ainda maior, que é de ser a parte provedora do acordo nupcial. Dessa maneira, os papéis sociais devem ser cumpridos da forma como foram estabelecidos dentro da comunidade: para as meninas, o ambiente doméstico, casamento e filhos; para os meninos, o ambiente externo trabalho e sustento da família. Não há porque subverter essa ordem que é a do lugar onde se vive.

Para as meninas, o casamento é visto como "uma forma de acertar a vida" e deve ser concretizado preferencialmente com "pretendentes ricos". Por isso, para os meninos, é importante ter condições materiais para alcançar um casamento:

"Se meu marido e eu sofremos muito, acho que quem mais sofreu foram meus filhos, mais os meninos que as meninas. Para as meninas eu acho que de certa forma foi mais fácil, porque elas puderam contar com o casamento para acertar a vida delas...

(...)

A minha filha mais nova sofreu muito também, porque eu não podia dar para ela o que as primas delas tinham, então tinha sempre aquela diferença social. Quando surgiu um bom pretendente para ela aos dezoito anos, ela aceitou porque pensou com a cabeça e não com o coração, porque ela viu que aqui não tinha futuro. Com o casamento, pelo menos, ela ia ter uma condição de vida melhor... Em vinte dias ela conheceu o marido, casou e foi embora para a Suécia.

(...)

Os meus filhos sofreram muito também... aqui eles também dificilmente conseguiriam se casar e formar uma família, porque nenhuma moça no Líbano iria aceitar se casar com um pretendente sem condições. A mentalidade do libanês é assim: se você gosta de uma moça, você tem que ter casa, carro, emprego, dinheiro para casar. Meus filhos não tinham nada disso, então acabaram indo viver na Suécia também."

Meire Haddad Yachouh (Rede II- 2ª Geração)

Não reunir essas condições é um problema verificado, tornando-se tarefa a ser alcançada que permita sua concretização. Não reunir essas condições leva a um adiamento:

"Eu não penso em me casar já, acho que só mais para frente, porque eu tenho que pensar no futuro, me estabilizar, ter condições para isso. Não é só casar e pronto, tem que pensar bem para depois não sofrer, entendeu?"

Samir Ahmad El Kadri (Rede III- 3ª Geração)

Demarcados os papéis, é preciso adaptar-se a eles e não se opor; podem-se incentivar alguns avanços, mas nada que signifique conflito, oposição ou rupturas. Pode-se avançar um pouco, "ir até onde der", e parar quando não há outra alternativa, chegando onde todos devem chegar, ao destino final que é o casamento. Visto como única opção, o casamento tornou-se destino inexorável para as jovens filhas que não tem podido romper as redes das quais as mães e todas as mulheres ao longo dessas gerações estiveram ligadas.

O estudo para as mulheres pode ser incentivado, mas existe um limite que é dar continuidade a ele até o momento em que o casamento ocorra. Concluir os estudos, ter uma profissão não é uma obrigação para as meninas, é apenas um diferencial que pode, inclusive, se traduzir como um fator que permitirá um casamento melhor e mais vantajoso:

"Eu sempre me preocupei com que meus filhos estudassem e se formassem, mas o Ali parou de estudar e resolveu trabalhar com o pai. A minha filha mais velha já está na faculdade, e os outros também estão estudando. Nesse ponto eu e meu marido concordamos: o estudo é o mais importante, porque uma pessoa estudada todo mundo dá mais valor.

Mesmo para ter um bom casamento é bom ser estudada, porque um cara que não tem nada ele não vai chegar numa menina estudada. Já uma menina que não tem estudo, não tem nada, só pensa em casar e qualquer um pode pedi-la em casamento que ela aceita. Como minhas filhas estão estudando, querem se formar, vão ter condições de fazer um casamento melhor...

Eu falo para elas que não adianta se casar logo com o primeiro que aparecer, tem que esperar por um cara bom, com um padrão de vida bom, é o que a gente pretende para elas. Tem que esperar e escolher bem, depois não dá certo, briga e separa, fica feio... Aqui é um tal de casa e separa que eu nunca vi...

A minha filha já teve muitos pretendentes, mas nem eu nem meu marido concordamos, porque se o cara não tem casa, não tem como se manter, como quer casar?"

Maria Neuza Farias (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Esse valor atribuído a partir dos estudos é a garantia de um bom casamento. Para casar bem, não basta ter as qualidades já esperadas (boa mãe, boa esposa, boa dona-de-casa) mas superá-las. Ser estudada significa ter um diferencial, ter mais valor, mais qualidades para conseguir um bom pretendente e efetivar um casamento mais vantajoso, do ponto de vista econômico e das melhores relações na comunidade. Havendo muitas mulheres, o que significa mais concorrência, se estudadas estarão na frente e com melhores possibilidades de escolha.

Para a Rede III, o estudo não é visto como uma etapa até se chegar ao casamento, mas pode ser por meio do estudo e da formação profissional que se alcançam liberdade, condições de sobrevivência e manutenção sem depender do casamento como apoio:

"O que eu acho importante dar para os filhos é a educação, por isso quero que eles estudem o máximo que puder... Eu acho isso o mais importante de tudo, porque elas podem não encontrar um bom marido, mas com estudo sempre pode ter uma profissão e um emprego, sem depender de ninguém. Aqui o pensamento é diferente, porque os pais acham que as moças não têm que estudar porque vão casar, então tem que se preparar para ser boa dona-de-casa e uma pessoa religiosa..."

Nasser Mohamad Alauan (Rede III- 2ª Geração)

É na Rede III justamente que ocorreu um fator diferenciador em relação ao casamento e ao estudo, separando um do outro. Oferecer aos filhos oportunidades de

estudo, permitir ir além da perspectiva do casamento foi a identificação de uma frustração própria que pode ser superada com o projeto futuro para os filhos:

"Eu quero poder oferecer para os meus filhos uma boa escola, que eles tenham oportunidade de fazer uma faculdade, ter uma profissão, ser alguém na vida, ter uma estrutura boa. Para mim a prioridade é a educação deles, sem dúvida, porque eu perdi essa oportunidade e meu marido não soube aproveitar a dele. Eu tinha essa vontade de estudar e me formar, a minha mãe também tinha essa vontade, mas quando os pais não conseguem realizar algo jogam essa esperança nos filhos. Só espero que com os meus isso se concretize e não fique só no sonho."

Sana Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Essas mães e mulheres avaliam seu papel social, de ter cumprido ou não a função de boas esposas e boas mães, de ter uma tarefa a ser alcançada quase como uma missão, messiânica e divina, como cabe às mães. "Tarefa", "obrigação", "dever", "papel", "parte", "compromisso" foram a forma como essas mães e mulheres se determinam em relação a sua atuação na criação dos filhos e na preocupação em garantir-lhes o futuro. Os filhos foram sempre a "preocupação", o "motivo", o fator que justificou a ida ao país, a permanência e as provações e sofrimentos pelos quais se tem passado:

"Eu só continuo morando aqui até que as minhas filhas se casem, aí minha missão estará cumprida, fiz minha parte, minha obrigação de mãe. Se Deus quiser, quando elas casarem eu vou para o Brasil morar lá, agora enquanto elas não casarem e tiverem seus maridos eu não saio daqui... Eu não me preocupo em deixá-las aqui quando se casarem, elas não vão sofrer o que eu sofri porque elas são árabes, têm pai, têm avô e avó, têm tios e tias... Elas são dessa terra."

Célia Maria da Silva (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

É por meio do casamento que se mantém o projeto familiar, reavaliado, rearticulado e negociado nas mais diferentes perspectivas (papéis sociais, criação dos filhos, escolha dos parceiros), que se verifica a dimensão da efetivação do retorno (o casamento como permanência no Líbano ou novos deslocamentos), que se reforçam laços familiares ou criam-se novas redes de relações. O casamento é sobremaneira a possibilidade de manutenção das estruturas culturais colocadas em risco durante o período da ausência da imigração, e ao encerrar um ciclo geracional, pode ainda ser visto como o ponto final do processo de inserção social a comunidade ao longo das gerações.